

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA –
DOUTORADO**

VERA LÚCIA MEMBRIVE CASAGRANDE

**A SABEDORIA DA CRUZ DE
CRISTO NA PÓS-MODERNIDADE**

CURITIBA

2018

VERA LÚCIA MEMBRIVE CASAGRANDE

**A SABEDORIA DA CRUZ DE
CRISTO
NA PÓS-MODERNIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia. Área de concentração e Exegese e Teologia Bíblica, do Centro de Teologia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso.

CURITIBA

2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

C334s 2019	Casagrande, Vera Lúcia Membrive A sabedoria da cruz de Cristo na pós-modernidade / Vera Lúcia Membrive Casagrande ; orientador: Vicente Artuso. – 2019. 295 f. ; 30 cm
	Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019 Bibliografia: f. 266-295
	1. Teologia. 2. Cristianismo. 3. Sabedoria. 4. Jesus Cristo – Crucificação. 5. Civilização moderna – Séc. XXI. I. Artuso, Vicente. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.
	CDD 20. ed. – 230

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº. 11
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE
VERA LÚCIA MEMBRIVE CASAGRANDE

Aos vinte e sete dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, às quatorze horas reuniu-se na sala 8 de pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso , Cesar Bueno de Lima, Luiz José Dietrich, José Neivaldo de Souza e Adilson dos Santos, para examinar a tese da candidata Vera Lúcia Membrive Casagrande, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Doutorado, no primeiro semestre de dois mil e quatorze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. A doutoranda apresentou a Tese intitulada: "A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO NA PÓS MODERNIDADE." A Candidata fez uma exposição sumária da Tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa. A Candidata foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 00 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Vicente Artuso Vicente Artuso
Presidente/Orientador


Prof. Dr. Luiz José Dietrich Luiz José Dietrich
Convidado Interno

Prof. Dr. Cesar Bueno de Lima Cesar Bueno de Lima
Convidado Interno

Prof. Dr. José Neivaldo, de Souza José Neivaldo de Souza
Convidado Interno

Prof. Dr. Adilson dos Santos Adilson dos Santos
Convidado Externo

Alex Villas Boas
CIENTE
Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



**A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO
NA PÓS-MODERNIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia. Área de concentração e Exegese e Teologia Bíblica, do Centro de Teologia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Teologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor 1
Instituição 1

Professor 2
Instituição 2

Professor 3
Instituição 3

Professor 4
Instituição 4

Professor 5
Instituição 5

Curitiba, 27 de fevereiro de 2018.

Dedico a Deus Trindade e a minha família, ao meu querido esposo Rubens, aos meus lindos filhos: Lyssa e Lucas. Eles que “sustentaram meus braços” quando estava cansada, deram-me abrigo nas batalhas, secaram minhas lágrimas quando estava em pranto. E oraram por mim para que eu pudesse ouvir a voz do Senhor e nunca desistir. Vocês são os melhores parceiros que uma doutoranda poderia ter. Essa tese é nossa, marido, filha e filho. Valeu família.

AGRADECIMENTOS

A Deus a quem sirvo, por ter me presenteado com seu Filho Jesus, como meu Salvador. Sem o seu amor e misericórdia, nada do que faço seria possível.

A Jesus, por ter morrido na cruz por amor a mim e por toda a humanidade. Agradeço pelo meu encontro pessoal com o Ressuscitado. Experiência maravilhosa que mudou o meu viver. Graças às Suas chagas, eu fui curada.

Ao Espírito Santo, pela sua efusão, que resultou num derramamento profundo de dons sobre mim. Agradeço igualmente pela sua presença viva em minha vida.

Agradeço à Imaculada, minha mãe e mestra.

Agradeço a minha mamãe, por todo o carinho.

Agradeço a você, Rubens Casagrande, meu esposo, parceiro, amigo e intercessor; um exemplo de homem e de pai; um modelo de carinho, ternura, atenção, cuidado e zelo. Obrigada pela coragem de me acompanhar nesse projeto; obrigada pela entrega, pela simplicidade, pela fé, pelo companheirismo, pela garra e competência com que enfrentou os problemas. Quero viver contigo assim, até o fim.

Ouvi muitas vezes estas perguntas: “Mãezinha, você terminou a tese?”; “Falta muito?”; “Quantas páginas faltam?”; Obrigada, filha e filho, pelo carinho, amor e paciência.

Agradeço a minha família, que esteve tão presente e que, neste tempo, de forma tão especial, amou-me e compreendeu-me.

A toda a minha Comunidade, Sagrada Família. Obrigado por suas orações.

Ao Prof. Dr. Frei Vicente Artuso, meu orientador, que me incentivou e, prontamente, aceitou acompanhar este trabalho e a mim dedicou o tempo necessário para as devidas correções. Obrigado por todo incentivo na minha caminhada.

Ao Prof. Dr. Frei Clodovis Boff, pelas suas brilhantes aulas, repletas de sabedoria.

Aos professores, pela dedicação e compreensão no decorrer do curso.

Ao Prof. Dr. Adilson dos Santos, por sua presença constante, fiel e amiga, por sua paciência em questionar e revisar as correções gramaticais. Deus lhe pague!

Aos meus colegas de sala, que caminharam comigo até a finalização do curso e, também, àqueles que não o concluíram, por algum motivo.

Cantem meus lábios a luta
que sobre a cruz se travou;
cantem o nobre triunfo
que no madeiro alcançou
o Redentor do Universo
quando por nós se imolou.

O Criador teve pena
do primitivo casal,
que foi ferido de morte,
comendo o fruto fatal,
e marcou logo outra árvore,
para curar-nos do mal.

Tal ordem foi exigida
na obra da salvação:
cai o inimigo no laço
de sua própria invenção.
Do próprio lenho da morte
Deus fez nascer redenção.

Na plenitude dos tempos,
a hora santa chegou e,
pelo Pai enviado,
nasceu do mundo o autor;
e duma Virgem no seio
a nossa carne tornou.

Seis lustros tendo passado,
cumpriu a sua missão.
Só para ela nascido,
livre se entrega à Paixão.
Na cruz se eleva o Cordeiro,
como perfeita oblação.

(LITURGIAS DAS HORAS II
2000, p. 358)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é buscar a linguagem da Sabedoria da Cruz de Cristo para o sujeito pós-moderno. A nossa atenção se concentrará mais particularmente no cristão pós-moderno. Em termos teológicos, a perspectiva paulina se fará presente neste estudo. Conforme atestam as Escrituras, Paulo usa a “linguagem da cruz”, que é força de Deus que salva os homens em todos os tempos. Num primeiro momento, refletiremos sobre a sociedade atual. O gênero humano encontra-se, hoje, em nova fase de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao mundo inteiro. Vivemos em uma sociedade líquida, na qual não existem pontos fixos, valores incontestáveis, tudo parece flutuante. O tempo líquido permite o instantâneo e o temporário, a vulnerabilidade e a fluidez, tornando o indivíduo incapaz de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações sociais e os laços humanos. Uma vez que as relações se tornam líquidas, enfraquece-se a solidariedade e estimula-se a insensibilidade em relação ao outro. Sobre essa base, num segundo momento, faremos memória do Crucificado, que insere no coração do mundo violento, dilacerado e sem sentido, outra maneira de existir e a torna fonte de vida, para que o mundo novo possa realizar-se plenamente. Não se trata de fuga do mundo violento, mas de sublinhar o caráter de envio do Crucificado, que procede da gratuidade. Ressaltaremos, num terceiro momento, a urgência do anúncio da Sabedoria da Cruz de Cristo, que nos remete, sobretudo, à imitação do Outro, que não é senão doação perpétua. Num quarto momento, buscaremos o modelo do Apóstolo Paulo, que, para conter o escândalo racional da comunidade de Corinto, faz o percurso das vias divinas e apresenta a Sabedoria da Cruz de Cristo, uma vez que ela fornece o antídoto necessário para o mundo caído e pecador e se abre a uma nova maneira de ser, na qual se dá a humanização do humano. Esperamos, com esta pesquisa, oferecer ao cristão pós-moderno a linguagem da Cruz de Cristo que é o princípio divino, como meio de superação, capaz de saná-lo e dar sentido à vida.

Palavras-chave: Sabedoria. Cruz. Cristo. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The purpose of this research is to seek the Wisdom of Christ's Cross language for the postmodern man. Our attention will focus more particularly on the postmodern Christian. In theological terms, the Pauline perspective will be present in this study. As the scripture attests, Paul uses the "language of the cross," which is God's strength that saves men at all times. In a first moment, we will reflect upon the current society. Mankind is today in a new phase of its history, in which deep and rapid changes gradually extend to the whole world. We live in a liquid society, in which there are no fixed points, undeniable values, everything seems floating. Liquid time allows instantaneous and temporary, vulnerability and fluidity, making the individual unable to maintain the same identity for a long time, which reinforces a temporary and fragile state of social relations and human bonds. Once relationships become liquid, solidarity is weakened and insensitivity toward the other is stimulated. On this basis, in a second moment, we will remember the Crucified, who inserts in the heart of the violent, torn and senseless world another way of existing and makes it a source of life, so that the new world can be fulfilled. It is not a question of escaping from the violent world, but of emphasizing the character of the sending of the Crucified, which proceeds from gratuitousness. We shall emphasize, in a third moment, the urgency of the proclamation of the Wisdom of Christ's Cross, which above all, refers us to the imitation of the Other, which is nothing but perpetual giving. In a fourth moment, we will look for the model of the Apostle Paul, who, in order to refrain the rational scandal of the community of Corinth, makes the journey of the divine ways and presents the Wisdom of Christ's Cross, since it provides the necessary antidote for the fallen and sinner world, and opens itself to a new way of being, in which humanization of the human being takes place. We hope, with this research, to offer the postmodern Christian the language of the Cross of Christ which is the divine principle, as a means of overcoming, capable of healing them and giving meaning to life.

Key words: Wisdom. Cross. Christ. Posmodernity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAp. Documento de Aparecida
DCE Encíclica de Bento XVI *Deus Caritas est*
DH Denzinger-Hunerman
DV Constituição Dogmática *Dei Verbum*
SS Carta Encíclica de Bento XVI *Spe Salvi*
CV Carta Encíclica de Bento XVI *Caritas In Veritate*
SD Carta Apostólica de João Paulo II *Salvifici Doloris*
RH Carta Encíclica de João Paulo II *Redemptor Hominis*
CA Carta Apostólica de João Paulo II *Centesimus Annus*
GS Constituição Pastoral de Paulo VI *Gaudium Et Spes*
LS Carta Encíclica do Papa Francisco *Laudato Si*
EG Exortação do Papa Francisco *Evangelii Gaudium*
CaIC: Catecismo da Igreja Católica
LF Carta Encíclica *Lumen Fidei*

Obras patrísticas e medievais

De Trin. De Trinitate (Santo Agostinho)
S. Th. Suma Teológica (Santo Tomás de Aquino)
As abreviações bíblicas seguem a tradução da CNBB.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O MUNDO PÓS-MODERNO	21
2.1 A ORIGEM DO TERMO PÓS-MODERNO	33
2.2 AS CARACTERÍSTICAS DA PÓS-MODERNIDADE	35
2.3 A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE	41
2.4 O NIILISMO NO MUNDO PÓS-MODERNO	46
2.5 A PERDA DE SENTIDO DA VIDA NA PÓS-MODERNIDADE	50
2.6 A CONQUISTA DA AUTONOMIA POR PARTE DO SUJEITO PÓS-MODERNO	54
3 A SABEDORIA DIVINA	64
3.1 O CONCEITO DE SABEDORIA	64
3.1.1 A Sabedoria no Antigo Testamento	66
3.1.2 A Sabedoria no Novo Testamento	72
3.1.3 A Sabedoria como Dom	80
3.2 CRISTO: A SABEDORIA PERSONIFICADA NO CRUCIFICADO	84
3.3 JESUS MORRE PELO OUTRO	112
3.4 JESUS CURADOR DA VIDA	116
3.5 JESUS DEFENSOR DOS POBRES	120
3.6 A SABEDORIA DE DEUS É A <i>KENÓSIS</i>	126
4 A SABEDORIA DA CRUZ: PODER E SABEDORIA EM JESUS CONFORME 1COR 1,17-25	132
4.1 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE DE CORINTO	137
4.2 OS CONFLITOS DA COMUNIDADE	141
4.3 CONTEXTO HISTÓRICO DA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS	142
4.3.1 Contrastes Sociais de Corinto: Religião e Cultura	145
4.4 ANÁLISE DE 1COR 1,17-25: PREGAÇÃO DO CRISTO CRUCIFICADO	148
4.4.1 Tradução Literal	149
4.4.2 Análise Literária	151
4.4.3 Delimitação e Divisão do Texto	151
4.4.4 Contexto Literário	152

4.4.5 Análise Linguístico-Sintática.....	155
4.4.6 Análise Estilístico-Literária	162
4.4.6.1 <i>Composição: A Estrutura Retórica</i>	162
4.4.6.2 <i>Análise Discursiva</i>	165
4.4.6.3 <i>Elementos Estilísticos</i>	168
4.5 ANÁLISE TEOLÓGICA.....	171
4.5.1 As Divisões: Uma Questão Teológica	172
4.5.2 Tema: A Cruz de Cristo	174
4.5.3 O Elogio à Sabedoria Divina por meio das Controvérsias e Perguntas Retóricas	178
4.5.4 A Cruz como Elemento de Unidade e Gratuidade	184
4.5.5 Raízes Vetero-Testamentárias da Teologia da Cruz e Sabedoria.....	187
4.5.6 A Sabedoria Divina Revelada pelo Espírito Santo	188
5 A SOCIEDADE PÓS-MODERNA ILUMINADA PELA SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO.....	191
5.1 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO DERRAMA LUZ SOBRE O SOFRIMENTO HUMANO...197	
5.1.1 O Sofrimento em Paulo	208
5.2 JESUS CRUCIFICADO É O RESSUSCITADO.....	212
5.3 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO É A RAZÃO DA FÉ CRISTÃ.....	223
5.4 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO TRAZ DE VOLTA A ESPERANÇA.....	230
5.5 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO REDIMIU NO AMOR A HUMANIDADE PÓS-MODERNA.....	233
5.6 O ENCONTRO COM A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO GERA NOVAS CRIATURAS EM TODOS OS TEMPOS.....	243
5.7 ANÚNCIO DA SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO NA PÓS-MODERNIDADE	247
5.8 GESTO MESSIÂNICO NO MUNDO PÓS-MODERNO	252
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	257
REFERÊNCIAS.....	266

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo buscar a linguagem da Sabedoria da Cruz de Cristo para o sujeito pós-moderno. Com efeito, a nossa atenção se concentrará mais particularmente no cristão pós-moderno. Nesse sentido, apresentaremos alguns aspectos do sujeito pós-moderno que se fazem presente na pós-modernidade e que dão suporte à nossa pesquisa. Em termos teológicos, a perspectiva paulina se fará presente neste estudo. Conforme atestam as Escrituras, Paulo usa a “linguagem da cruz”¹, que é força de Deus que salva os homens e as mulheres em todos os tempos – portanto, incluindo o tempo pós-moderno. Elegem-se como objeto de estudo da presente tese temas como: Sabedoria, Cruz, Cristo e pós-modernidade.

Diante do mundo de hoje, chamado pós-moderno, os intelectuais declaram que não existem verdades absolutas, que a moral é relativa, que o amor é líquido² e que Deus morreu. E o fazem em nome de toda a sociedade, do chamado sujeito pós-moderno de hoje³. Se o sujeito moderno era a criatura humana da razão, o pós-moderno é a criatura humana do desejo. Quem está, agora, no comando não é a subjetividade racional, mas a emocional⁴. O sujeito pós-moderno vive no mundo sem finalidades e sem sentidos transcendentais, optou pela finitude e não se abre ao infinito.

Como transformar as cruces da pós-modernidade em poder de Deus? O cristão pós-moderno precisa de uma linguagem adequada, de fé, esperança e amor. Como encontrar o sentido da vida no dia a dia para enfrentar a cruz? Para aqueles que creem, a cruz é uma superação à luz da fé. Ela se transforma em poder e Sabedoria de Deus. Se a pessoa que é crucificada pelo sofrimento crer em Deus terá sentido na vida, terá força para superá-lo, da mesma maneira que Cristo fez a experiência da *Kénosis*. Uma vez que o cristão pós-moderno não gosta da linguagem do sacrifício, esta lhe parece uma linguagem estranha. Essa linguagem é paradoxal:

¹ Cf. 1Cor 1,1.

² BAUMANN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

³ BOFF, CLodovis. **O livro do sentido**. Volume I. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014. p. 476.

⁴ Ibid., p. 477.

de um lado, configura-se enquanto escândalo para os judeus; para os gregos, loucura; porém, para os que creem, tem outro significado, ou seja, significa Sabedoria de Deus.

Por que essa linguagem da Sabedoria da Cruz ainda é tão alheia ao mundo do cristão? É possível ser cristão e pós-moderno? Sabemos que muitos se suicidam, se drogam e já perderam o sentido da vida. Será que poderiam encontrar luz na Sabedoria da Cruz? Como transformar as cruces do dia a dia em fonte de espiritualidade de forma que a vida adquira um significado novo? Como apresentar a mensagem da Sabedoria da Cruz como fonte de salvação? Nós temos que encontrar um caminho cristão dentro da pós-modernidade. Cremos que o cristão pós-moderno pode se fortalecer mesmo no sofrimento, buscando superação à luz da cruz, fonte de Sabedoria.

Ao mesmo tempo em que o sujeito pós-moderno despreza a cruz e anuncia a morte de Deus, constata-se que as religiões se proliferam e crescem, procurando atender a busca de respostas ao sofrimento que o homem e a mulher vivenciam no seu momento de cruz. O problema precisa de um parecer teológico⁵ e buscaremos responder com um discurso que integre a sabedoria da pós-modernidade com a Sabedoria da Cruz de Cristo, apesar de seus contrates. A questão que se coloca é a seguinte: como integrar no projeto de salvação o cristão pós-moderno? Como a sociedade pós-moderna poderá ser iluminada pela Sabedoria da Cruz de Cristo para transformar a mística do pós-moderno, que não quer saber da mística da cruz?

Nossa tese pretende buscar, dentro da perspectiva paulina, inspiração para abirmos uma janela e lançarmos um olhar panorâmico sobre a pós-modernidade e apresentarmos um caminho de superação do niilismo ao cristão pós-moderno, através da Sabedoria da Cruz de Cristo. Trata-se de uma proposta assentada sobre a expectativa de que a Cruz é de fato uma resposta suficiente e, com a sua Sabedoria, oferece espaço de transcendência, de reencontro com o sentido da vida, consigo mesmo e, conseqüentemente, com Deus.

O objetivo desta tese é apresentar a “Sabedoria da Cruz de Cristo ao cristão pós-moderno como meio de superação, capaz de sanar e dar sentido à vida”. Buscaremos mostrar a abertura salvadora que a gratuidade divina pode oferecer. Para

⁵ “O objetivo da teologia é que nos preocupa de forma última. Só são teológicas aquelas proposições que tratam de seu objetivo na medida em que se tornam questões de preocupação última para nós” (TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 20).

que este estudo seja elaborado, apresentaremos o método⁶ de pesquisa por nós utilizado na tentativa de integrar elementos constitutivos da teologia. Usaremos a “Teoria do Método Teológico”⁷, do professor Clodovis Boff. Método que tem prioridade em vista do nosso objetivo de analisar o tema, buscando elementos como: a fé, a Escritura, a prática, o magistério, a linguagem e a razão⁸. Será adotada a pesquisa exploratória bibliográfica⁹. Segundo Macedo, a pesquisa bibliográfica “é a busca de informações bibliográficas, seleção de pesquisa e uma espécie de varredura do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto”¹⁰.

Para o estudo do texto bíblico, a metodologia utilizada será a exegese. O termo deriva do grego *exeges*, que significa “descrição ou narração” e ainda “explicação e interpretação”¹¹. Trata-se de sentido adotado para se referir à exegese bíblica: “Exegese é, pois o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos”¹². O método de exegese e interpretação utilizado nesta pesquisa será o método histórico-crítico, indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos. A Pontifícia Comissão Bíblica documenta a Interpretação da Bíblia na Igreja e aponta os princípios fundamentais do método-crítico em sua forma clássica e afirma: “É evidentemente necessário que o próprio exegeta perceba nos textos a palavra divina, e isto não lhe é possível senão se o seu trabalho intelectual for alimentado por um impulso de vida espiritual”¹³.

Este projeto insere-se na linha de pesquisa de Teologia e Evangelização, no Projeto de Pesquisa Bíblia e Pastoral, visando apresentar a “Sabedoria da Cruz de Cristo na pós-modernidade”. Para alcançar os objetivos da análise, o delineamento da pesquisa inclui, metodologicamente, quatro partes complementares de modo a atingir os objetivos propostos. No primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, faremos

⁶ Definição de método: “Esquema normativo de operações, suscetíveis de serem reproduzidas, ligadas entre si e que produzem resultados acumulativos e progressivos”. LONERGAN, Bernard. *Pour une méthode en théologie*. Nova York: Herder and Herder, 1972, p. 16-19.

⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

⁸ *Ibid.*, p. 19.

⁹ De acordo com Gil, a pesquisa pode ser exploratória, descritiva ou explicativa. A pesquisa bibliográfica é aquela que se desenvolve a partir de material já elaborado e publicado, como livros de leitura corrente ou de referência e publicações periódicas (jornais e revistas e impressos diversos). GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

¹⁰ MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica*: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo: Loyola, 1994.

¹¹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*: manual de Metodologia. 3. ed. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 11.

¹² *Ibid.*, p. 11.

¹³ BENTO XVI. Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 44.

uma breve apresentação com enfoque no mundo de hoje, chamado pós-moderno, ou seja, partindo do declínio da modernidade e o conseqüente nascimento da pós-modernidade. O objetivo, neste momento, é identificar as características da pós-modernidade. Refletiremos sobre o desenvolvimento de demandas sociais que têm influenciado substancialmente o modo de vida e o comportamento humano.

Abordaremos a religião na pós-modernidade, período marcado por grandes transformações no campo sócio-cultural acompanhado pelo desenvolvimento econômico e tecnológico. No bojo dessas transformações, está a crise de valores e verdades, principalmente no “campo da religião”. Identificar-se-á o niilismo, a situação do sujeito pós-moderno que caracteriza a ausência de Deus. Apresentaremos o drama humano sobre o sentido da vida, diante das grandes transformações de produção e consumo que abalaram o modo de vida moderno. Concluiremos, abordando o sujeito pós-moderno que traz a conquista da autonomia, uma vez que o pecado entrou no mundo através da desobediência humana.

A segunda parte da pesquisa visa apontar o Inefável, abrindo o caminho não pela sabedoria dos discursos, mas pelo misterioso poder da Sabedoria da Cruz de Cristo, escondido no mundo. É do próprio interior humano, na face do Mistério, que brota o que estava oculto. Cristo crucificado morre pela causa do Reino, pela salvação da humanidade. A cruz, portanto, é a exibição da Sabedoria de Deus aos olhos humanos. Apresentaremos Jesus que morre pelo outro. Ele se dá como alimento, oferenda gratuita. Ele não se limita em aliviar o sofrimento dos enfermos e endemoniados, mas deu a sua atividade curadora uma interpretação transcendente, visto que, nela, vislumbram-se sinais de um mundo novo. Posteriormente, será apresentado o Deus sofredor e crucificado que se tornou o Deus dos pobres e abandonados. Finalizaremos, apresentando ao cristão pós-moderno a manifestação da humildade de Deus, e, de maneira especial, em Jesus crucificado, a *Kénosis*.

Na terceira parte desta tese, abordaremos a Sabedoria da Cruz de Cristo em 1Cor 1,17-25, que é revelada à comunidade de Corinto. Nesta parte, também será efetivado um breve levantamento do contexto histórico de Corinto trazendo elementos do contexto político, religioso e social, afim de discernir o tipo de situação que o Apóstolo Paulo enfrentou nesta cidade. Serão destacados os conflitos enfrentados por essa comunidade e quais os direcionamentos dados por Paulo. Veremos a cruz, que passa a ter um primado fundamental na história da humanidade a partir do Apóstolo

Paulo. Ela representa o ponto principal de sua teologia e funciona como meio pelo qual a salvação é concedida a toda a criatura.

Procurar-se-á, em seguida, fazer uma análise de 1Cor 1,17-25. Inicialmente, visando efetivar uma exegese do *corpus* essencial de nossa pesquisa, o texto paulino será abordado na sua fonte mais original, isto é, na língua grega. Posteriormente, será empregada a tradução literal que, conforme Uwe Wegner (1998, p. 28), deverá ser o primeiro passo do método exegético. Serão preservadas as características originais de estilo, métrica e gramática, de tal maneira que se manterá o mais fiel possível ao texto original, transpondo palavra por palavra, na tentativa de apresentá-lo num português pertinente, ou seja que, de fato, consiga reproduzir, da melhor maneira possível, as construções gramaticais, a ordem das palavras e a forma da língua original.

Apresentaremos também uma análise linguístico-sintática, com o objetivo de identificar as expressões mais utilizadas na perícopes selecionada, apontando a presença do vocabulário teológico, destacando o objetivo da nossa pesquisa, que será mostrar a Sabedoria na experiência de Cristo crucificado. Em seguida, será realizada uma análise literária, destacando-se elementos como: o estilo, a forma, o conteúdo, a integridade e a coesão. Nossa atenção se fixará na delimitação literária e na estrutura literária do texto. Posteriormente, será apresentada uma análise estilístico-literária, destacando: a estrutura retórica e a análise discursiva; finalizaremos com uma análise teológica, pondo em relevo alguns assuntos que merecem destaque: as divisões, uma questão teológica; o tema central que guia todo o discurso dos vv. 17-25, que é o da Cruz de Cristo; o elogio à Sabedoria Divina por meio das controvérsias e perguntas retóricas e a cruz como elemento de unidade e gratuidade.

Trilhado o caminho acima, na quarta e última parte, seguiremos a proposta do Apóstolo Paulo, que propõe a escandalosa cruz de Cristo aos coríntios. Veremos a pessoa que é crucificada pelo sofrimento: se ela crer em Deus, terá sentido na vida, terá força para superá-lo, da mesma maneira que Cristo fez a experiência da *Kénosis*. Observa-se-á a ressurreição como evento fundador da fé cristã. Apontar-se-á a Sabedoria da Cruz de Cristo, que traz inspirações às potências de experiência da subjetividade, através do dinamismo da gratuidade, para vivenciar a redenção no coração da história violenta da humanidade e adaptar as faculdades do homem e da

mulher às “virtudes teologais”¹⁴ de modo a participarem da natureza divina: fé, esperança e caridade. A vida teologal proposta não é a negação do mundo, mas, pelo contrário, sua transfiguração. E, assim, vai-se abrindo, também, de maneira paulatina, um espaço inovador para expressar a imaginação escatológica suscitada pela experiência do Crucificado que vive nas vítimas de hoje, que anelam construir um mundo para além da violência, do ressentimento e da exclusão.

Destacaremos também os surpreendentes efeitos produzidos nas pessoas, em virtude da mudança do coração e do novo espírito. A vida ressurrecta indica, de modo contundente, que a experiência divina no espírito e no corpo dos filhos de Deus os levam a amar a Verdade. Finalizaremos este capítulo refletindo sobre a seguinte questão: como podemos construir a comunidade messiânica em meio a crise da modernidade? A promessa nos foi feita. Ela não é só a terra, trata-se de uma leitura subjetiva, de um espaço que representa o messiânico, que deverá ser construído, que obriga e religa a presença do outro em mim. A solução não está dada, temos que construir a história. Não depende só do Divino, mas acontece a partir da saída de mim mesmo em direção ao encontro do outro.

A originalidade desta tese reside na reflexão sobre a pertinência/possibilidade da Sabedoria da Cruz de Cristo ser uma luz – libertação e sentido para os cristãos no mundo pós-moderno. Trata-se de um mundo marcado pela ideologia do individualismo e do consumismo, na qual cada um está voltado para si mesmo, em busca de seu próprio interesse, permeado pelos vestígios do niilismo. Este período é também denominado de tempo líquido, que permite o instantâneo e o temporário, a vulnerabilidade e a fluidez, tornando o cristão incapaz de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações sociais e os laços humanos. Uma vez que as relações se tornam líquidas, enfraquece-se a solidariedade e estimula-se a insensibilidade em relação ao outro. Faremos a memória do Crucificado, que insere no coração do mundo violento, dilacerado e sem sentido, outra maneira de existir e a torna fonte de vida, para que o mundo novo possa realizar-se plenamente. Não se trata de fuga do mundo violento, mas de sublinhar o caráter de envio do Crucificado, que procede da gratuidade. Fundamentaremos a nossa tese tendo como base a Sabedoria da Cruz de Cristo na Carta de Primeiro Corinto 1,17-25. Propomos a seguir o modelo do Apóstolo Paulo que, para conter o escândalo

¹⁴ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1993. n. 1993.

racional da comunidade de Corinto, faz o percurso das vias divinas e apresenta a Sabedoria da Cruz de Cristo, uma vez que ela fornece o antídoto necessário para o mundo caído e pecador e se abre a uma nova maneira de ser, na qual se dá a humanização do humano. Oferecemos ao cristão pós-moderno a linguagem da Cruz de Cristo que é o princípio divino, como meio de superação, capaz de saná-los e dar sentido a vida.

Esta convicção teológica cria a oportunidade para declarar a tese doutoral: a razão teológica só cumpre a sua tarefa quando, esforçando-se para dar as razões da fé, coloca em prática o título deste trabalho: A Sabedoria da Cruz de Cristo na Pós-modernidade. A experiência com o Crucificado Ressuscitado abre a comunicação com Deus, seguindo um itinerário permanente do conhecimento humano. Jesus torna-se, assim, tanto o critério pelo qual Deus cria e desenvolve a jornada humana em seu anseio pela libertação quanto o guia confiável de sua jornada de significado. Sua ação de salvar com um ato de amor é agora o único meio de acesso da paternidade divina. Assim sendo, através do Crucificado Ressuscitado, a sabedoria humana pode acessar a Sabedoria Divina. Em vista disso, com a exaltação do Messias crucificado, inicia-se um novo mundo, como resposta comunicativa do Pai à humanidade. A morte de Jesus na cruz mudou a história da humanidade, no sentido escatológico, porém, a história, na sua contemporiedade, cabe a nós construirmos.

O caminho proposto no hoje pós-moderno, logo, é o mesmo que Paulo e os outros apóstolos fizeram, ou seja, eles rastrearam os passos de Cristo, o Filho obediente. Seguir o Crucificado significa doação e entrega, e isso inclui a renúncia e o compromisso como projeto paradoxal ao mundo. O projeto de Jesus inclui a renúncia de si e a ida ao encontro do outro, do tudo eu para o nada eu, o exercício da compaixão, “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12,31). Desse modo, a proposta evangélica é a solidariedade, é sair de si e fazer o outro feliz. Para isso, portanto, faz-se necessária uma entrega de si mesmo e o acolhimento da cruz, que é o seguimento por amor. Jesus saiu de si mesmo e foi ao encontro do outro, essa é a *Kénosis*. O cristão é chamado a fazer o mesmo caminho do Mestre, um caminho sujeito ao sofrimento e até mesmo à perseguição: aí está a mística da cruz. A Sabedoria (saborear) vai dar significado à vida do cristão e este vai descobrir nova luz, vai ver que a vida tem sentido na solidariedade, no amor. A cruz é o compromisso do dia a dia assumido com amor. Ajudar o Crucificado a carregar a cruz e caminhar enfrentando os desafios, isto é Sabedoria.

Esperamos que, ao final deste percurso, fique clara a proposta da nossa tese: “Apresentar a Sabedoria da Cruz de Cristo ao cristão pós-moderno como meio de superação, capaz de sanar e dar sentido à vida”. Para fazer reacender a fé cristã, fazendo memória do Crucificado, que foi escândalo e loucura no seu tempo, e o continua sendo, no hoje, no cenário pós-moderno, nesse solo fértil da racionalidade. Tal proposta se concretiza mediante o modelo do Apóstolo Paulo que, para conter o escândalo racional da comunidade de Corinto, faz o percurso da via divina e apresenta a Sabedoria da Cruz de Cristo.

Sabemos que, “quanto mais se abrem as fronteiras do desconhecido, tanto mais se alarga o campo a explorar”¹⁵, pois o tema possui uma reserva de sentido a ser descoberto. É com um espírito de busca paciente que desejamos realizar este estudo, para haurir do tema sua riqueza literária e teológica e oferecê-la aos leitores da atualidade. Trata-se, não obstante, de um desafio irrenunciável para todo o que se crê consciente de anunciar sua fé no meio da cidade, em cada época da história da humanidade. Embora ciente de que essa tarefa é extremamente difícil, como nos diz Santo Agostinho: “*Terra difficultatis et sudoris nimii* (região difícil e de muito suor)”¹⁶, nos arriscaremos, com muita precaução, mas o faremos por acreditar que a Sabedoria da Cruz de Cristo nos leva às interpelações bastante intensificadas na atualidade.

Através deste estudo, buscaremos peças de uma obra de arte que só terá seu fim quando tiver descoberto o “Ícone por excelência, a saber, a Sabedoria divina, a mesma que inspirou os profetas e os justos desde Abel, a mesma que se fez carne em Jesus de Nazaré, o revelador de Deus escondido, mas acessível por meio da gratuidade”¹⁷ e de sua entrega na cruz por amar a pessoa humana, ultrapassando, assim, todos os limites humanos. Para aqueles que creem, a cruz constitui poder e Sabedoria.

¹⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994. n. 12.

¹⁶ AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984. X, 16,25.

¹⁷ ÁLVAREZ, Carlos Mendonza. **O Deus escondido da pós-modernidade**. São Paulo: Realizações, 2011, p. 27.

2 O MUNDO PÓS-MODERNO

Na primeira parte desta tese, concentraremos-nos nos seguintes pontos: o mundo pós-moderno; a origem do tema pós-moderno; as suas características; a religião na pós-modernidade; o niilismo no mundo pós-moderno; a perda de sentido da vida no período pós-moderno; a conquista da autonomia por parte do sujeito pós-moderno. Fiel a esta intenção, o tema da pós-modernidade¹⁸ constitui uma voz legítima que temos que ouvir para fazer teologia. Uma vez que a nossa pesquisa se desenrola no campo do debate sobre a pós-modernidade, torna-se obrigatório investigar a natureza pós-moderna. Sua compreensão constitui atualmente uma chave para a humanização do sujeito pós-moderno. Sabemos que, de tempos em tempos, a sociedade passa por mudanças em sua estrutura social, política, religiosa, no campo das artes, bem como em suas instituições, tendo que se reorganizar a fim de adequar-se à nova visão do mundo¹⁹.

Ora, é a partir desse processo que nasce uma mudança de época, um mundo novo, uma nova sociedade, ainda que trazendo elementos ou marcas de tradição anterior. Como temos observado, tranquilamente, afirma-se que a humanidade não vive mais na Idade Antiga²⁰ ou na Idade Média²¹. Vivemos uma nova fase da história, embora haja dúvidas acerca de se viver, hoje, na modernidade ou apenas no prolongamento dela, a pós-modernidade. De certa forma, o que caracteriza uma mudança de época é a transição de paradigmas socialmente aceitos dentro de certa normalidade para novos paradigmas, que abrirão novos horizontes, delinearão novos perfis e inspirarão novos ideais. A *Gadium et Spes*, ao ressaltar sobre a Igreja no mundo atual, destaca que:

¹⁸ Quando nos referimos ao termo pós-modernidade não o fazemos como produto final de uma aferição conceitual, mas como nomenclatura que abarca variados termos e conceitos componentes ao atual universo hodierno em análise. Embora os eruditos discordem quanto a que me teria cunhado o referido termo pela primeira vez, existe um consenso de que tenha aparecido por volta da década de trinta. Charles Jenckes, um respeitoso proponente do pós-modernismo, afirma que a gênese do conceito acha-se na obra do escritor espanhol Frederico de Onis. Em sua antologia de **La poesía española e hispano-americana** (193), Onis parece ter introduzido o termo para se referir a uma reação dentro do modernismo. GRENZ, Stanley James. **Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida, 2008, p. 31.

¹⁹ DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993, p. 78.

²⁰ Período da história que se estende do advento das escritas formais (4000 a 3500 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).

²¹ Período da história que é tradicionalmente entendido como o que vai da queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) à queda do Império Romano do Oriente, ou de Constantinopla (1453 d.C.).

O gênero humano encontra-se hoje em uma nova fase de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem e por sua atividade criadora e atinge o próprio homem, seus desejos individuais e coletivos, seu modo de pensar e agir tanto em relação às coisas quanto em relação aos homens²².

Na atualidade, o termo discutido é aplicado nas questões relativas às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes, especialmente no estilo arquitetônico, na literatura ou na teoria social. “Desde 1950”²³, este período é designado de pós-moderno. Ele também nasce com a chegada do computador dos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E vai se tornando ainda mais maduro com a moda, no cinema, na música e pela tecnologia, visando um bombardeio de informações, serviços e diversões através da internet. Nos dias atuais, de acordo com Santos, a fábrica, suja, feia, tornou-se o templo moderno; o shopping, com suas luzes e cores, passou a ser o altar da pós-modernidade²⁴.

O prefixo “pós”, de acordo com Featherstone²⁵, “significa aquilo que vem depois, um corte ou ruptura com o moderno, que é definido de contraposição a ele”. Segue o autor dizendo que o “termo pós-modernismo está baseado fortemente em uma negação do moderno, um abandono, uma ruptura ou mudança para longe dos traços definidores do moderno, com a ênfase firme no sentido de afastamento em relação ao moderno”²⁶. A noção de pós-modernidade reúne uma rede de conceitos e modelos de pensamento em “pós”. Segundo Leonardo Boff, a “pós-modernidade participa de todos os (pós-*histoire*, pós-estruturalismo, pós-socialismo, pós-marxismo, pós-cristianismo, etc.)”²⁷. A pós-modernidade coloca-se também em relação ao feminismo, à ecologia, ao meio ambiente, à religião, à planificação, ao espaço, ao marketing, à administração, etc.

O conceito de pós-moderno é designado pela sociologia histórica enquanto condição sócio-cultural e estética prevalente no capitalismo após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades

²² CONSTITUIÇÃO Pastoral. *Gadium et Spes* - sobre a Igreja no mundo atual. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2002, n. 206.

²³ SANTOS, F. Jair. *O que é pós-moderno*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 7.

²⁴ Ibid., pp. 8-10.

²⁵ FEATHERSTONE, Mike. “*In Pursuit of the Posimodem*”, in *theory Culture and Society*, S (2-3), junho de 1988, p. 197. Tradução nossa.

²⁶ Ibid., p. 197.

²⁷ BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000, p. 18.

ocidentais no final do século XX, com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo através de esquemas totalizantes²⁸. O uso do termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e à sua pertinência. Em sua origem, o pós-modernismo significava a perda da historicidade e o fim da grande narrativa, o que, no campo, estético significou o fim de uma tradição de mudança e ruptura, o apagamento da fronteira entre alta “cultura”²⁹ e cultura de massa e a prática da apropriação e da citação de obras do passado.

Pós-modernidade é o estado ou condição de ser pós-moderno. Ela é definida como um período ou condição largamente identificado com a Revolução Industrial³⁰, a crença no progresso e nos ideais do “Iluminismo”³¹. Em Filosofia e na Teoria Crítica, pós-modernidade refere-se ao estado ou condição da sociedade depois da modernidade - uma condição histórica que marca o fim da modernidade. Essa concepção é assumida pelos filósofos Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard³².

²⁸ MENASSE, Robert. **EL mayor error histórico há sido la “Historia”**. In Humboldt 117 (1996), p. 17. Sobre essa questão, ver também. VATTIMO, Gianni. **El fin del sentido emancipador de la historia**. Barcelona: Gedisa, 1986.

²⁹ “A cultura é realização humana (*a human achievement*). Distinguimo-la da natureza observados os traços de intencionalidade e do esforço humanos. Assim, por exemplo, um rio é natureza, já um canal é cultura [...], a cultura é obra da mente e das mãos dos homens”. NIEBUHR, H. Richard. **O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 179.

³⁰ COSTARD, Larissa. **A “utopia estético-política da arte”**: a arte como parte da estratégia revolucionária na obra de Mario Pedrosa. Niterói, UFF, 2010.

³¹ A ideia iluminista tinha como objetivo o uso do acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. Se estendia ao domínio científico da natureza, prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa natureza humana. O pensamento iluminista, de acordo com Cassirer (CASSIRER, Ernst. **The philosophy of Enlightenment. Princeton**. Nova Jersey, 1951), abraçou a ideia do progresso e buscou a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões. Ele destaca a fala de Alexander Pope de que “o estudo próprio da humanidade é o homem”. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana. Observa Habermas (HABERMAS, Jürgen. **Modernity. An Unfinished Project. In: Foster, Hal (Org). Postmodern Culture**. Londres e Sidney, 1985; O século XX, aponta Horkheimer, com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki, certamente deitou por terra esse otimismo (HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. **The dialectic of Enlightenment**. Nova York, 1972). Bernstein alega que a sombra da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stalin ocultam por trás da racionalidade iluminista a lógica de dominação e opressão. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos, o que no final só poderia levar a uma tenebrosa condição de autodomação (BERNSTEIN, Richard J. **Habermas and modernity**, Oxford, 1985). As esperanças do iluminismo são soterradas na lama de Hiroshima e se dissolvem nos fornos de Dachau.

³² LIUDVIK, Caio. **Filosofia da insurreição**. Revista Cult, ed. 170.

Sobre a pós-modernidade, constatamos algumas indagações. Alguns pensadores se recusam a designar o mundo de hoje de “pós-moderno” diante do distanciamento do moderno. Pairam algumas perguntas: O que se observa é algum rompimento com a modernidade ou apenas um prolongamento? Qual é a sua abrangência? As posições são variadas diante deste problema. Há os críticos que se manifestam com inteira rejeição em relação ao nome e ao conceito. O filósofo alemão Jürgen Habermas relaciona o conceito de pós-modernidade às tendências políticas e culturais neoconservadoras, determinadas a combater os ideais iluministas, em “projeto inacabado da modernidade”, em “modernidade tardia”³³. Para o autor, o que torna inverídico o projeto da modernidade é atribuir o pós a uma realidade ainda em construção.

O antropólogo e filósofo Bruno Latour³⁴ procura demonstrar que, paradoxalmente, jamais fomos modernos, o que coloca em crise o conceito de modernidade e, por consequência, rejeita as pretensões pós-modernas. Terry Eagleton³⁵ estabelece uma crítica radical a todos os aspectos do pós-moderno. Anthony Giddens, em vez de pós-moderno, fala em “modernidade radicalizada” ou “extremizada”³⁶, não vê nenhuma ruptura ou descontinuidade que justifique um “pós” para além do momento.

Outros autores acreditam que o pós-modernismo veio para ficar, embora estejam longe de um consenso sobre as suas características. O francês Jean-François Lyotard defende que a modernidade terminou no final do século XX e, apesar de ter definido um período subsequente a modernidade, a nomeia de “condição pós-moderna”³⁷ - caracterizada pelo fim das “grandes narrativas” totalizantes, fundadas na crença no progresso e nos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade. Lyotard ainda argumenta que várias metanarrativas de progresso, tais como a ciência positivista, o marxismo e o estruturalismo foram extintos como métodos de alcançar progresso.

Gianni Vattimo acredita que a chamada pós-modernidade começou quando se perdeu a crença na existência de uma linearidade na história do progresso, “quando

³³ HABERMAS, Jürgen. *Modernity – an Incomplete Project*. In: Foster, Hal (Org). *Postmodern Culture*. Londres e Sidney, 1985.

³⁴ LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo, 2014.

³⁵ EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

³⁶ GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

³⁷ LYOTARD, François-Jean. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

o povo das ex-colônias começou a se revoltar com a ideia de ser somente fases anteriores do desenvolvimento representado pela civilização europeia”³⁸. Para ele, a modernidade já se extinguiu. Segundo o autor:

Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não podemos mais falar da história como algo de unitário e quando morre o mito do Progresso. É a emergência desses ideais que seria responsável por toda uma onda de comportamentos e de atitudes irracionais e desencantados em relação à política e pelo crescimento do ceticismo face aos valores fundamentais da modernidade. Estaríamos dando Adeus à modernidade, à Razão (Feyerabend). Quem acredita ainda que "tudo o que é real é racional, tudo o que é racional é real" (Hegel). Que esperança podemos depositar no projeto da Razão emancipada, quando sabemos que o financeiro submetido ao jogo cego do mercado? Como pode o homem ser feliz no interior da lógica do sistema, onde só tem valor o que funciona segundo previsões, onde seus desejos, suas paixões, necessidades e aspirações passam a ser racionalmente administrados e manipulados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao papel de simples consumidor.

O crítico marxista norte-americano Frederic Jameson identifica a pós-modernidade como fenômeno social e designa essa nova fase do capitalismo de “capitalismo tardio”³⁹ - um estágio do capitalismo posterior ao capitalismo financeiro, caracterizado pelo trabalho e capital altamente móveis. Michel Maffesoli⁴⁰ assume a expressão “pós-modernidade” como legítima e adequada para caracterizar a sociedade contemporânea. Ressalta que é um equívoco dizer que a ideologia acabou, mas que se transformou em relatos específicos. Ele destaca como peça fundamental na constituição do sujeito a questão do tempo e espaço (ou “presentismo”), o retorno ao local e a questão da imagem. Steven Connor⁴¹ toma o pós-modernismo e faz um amplo inventário da sua presença dentro da arquitetura, na TV, em vídeos, filmes, na literatura e na cultura popular.

A segunda metade do século XX assistiu a um processo sem precedentes de mudanças na história do pensamento e da técnica. Ao lado da aceleração avassaladora nas tecnologias de comunicação, de artes, de materiais e de genética, ocorreram mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade e suas

³⁸ VATTIMO, Gianni. **A fragilidade da razão**. Pensiero debole e nihilismo hermenêutico em Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a. (Filosofia, 191), p. 30.

³⁹ JAMESON, Frederic. **A virada Cultural** – reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁴⁰ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

⁴¹ CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. Introdução às Teorias do Contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

instituições. De modo geral, as críticas apontam para as raízes da maioria dos conceitos sobre a humanidade e seus aspectos, constituídas no século XV e consolidadas no século XVIII. A modernidade surgida nesse período é criticada em seus pilares fundamentais, como a crença na verdade alcançável pela razão e na linearidade histórica rumo ao progresso. Neste momento, vale lembrar que mesmo os que rejeitam o termo pós-moderno não deixam de convir que há algo novo na modernidade, tanto assim que sentem a necessidade de adjetivá-la. Ora ela é apresentada como “modernidade líquida”⁴², conforme o sociólogo polonês Zygmunt Baumann; ora como “modernidade radical”⁴³, segundo Giddens; ora ainda como neo-modernidade, de acordo com Rouanet⁴⁴.

Baumann elege questões como emancipação, individualidade, tempo e espaço, trabalho e comunidade. Conforme dito, ele usa a expressão “modernidade líquida”⁴⁵. Uma realidade ambígua, multiforme, na qual, como na clássica expressão do manifesto comunista, tudo o que é sólido se desmancha no ar. A posição de Baumann é crítica no que diz respeito às relações sociais atuais. Trata-se de começar com uma categorização nova: a modernidade líquida e a modernidade sólida. Uma que representa o novo mundo, a pós-modernidade, e a outra que define a modernidade, a sociedade industrial, a sociedade da guerra-fria.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky prefere a denominação “hipermodernidade”⁴⁶, que se coloca como superação do próprio pós-moderno. Segundo Lipovetsky, os tempos atuais são “modernos”, com uma exacerbação de certas características das sociedades modernas, que se baseia em três lógicas fundamentais: “o individualismo, o consumismo e a tecnociência”⁴⁷. Para o autor, o universo hipermoderno é aquele que dedicou toda a sua extensão aos três conceitos e que causou a queda dos antigos limites deste universo mercante, técnico e democrático. A modernidade, com a filosofia das Luzes e o cientismo do século XIX, estabeleceu uma ruptura com a maneira de olhar o futuro que, até então, era a

⁴² BAUMAN, 2001.

⁴³ GIDDENS, 1991.

⁴⁴ ROUANET, Paulo Sérgio. **A Verdade e a Ilusão do Pós-Moderno**. Revista do Brasil, v. 2, n. 5 p. 28-53.

⁴⁵ BAUMANN, 2001.

⁴⁶ LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

⁴⁷ Entrevista a LIPOVETSKY, Gilles Lipovetsky, Carla Ganito e Ana Fabíola Maurício * Gilles Lipovetsky, filósofo e professor da Universidade de Grenoble. Disponível em: ><http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/09.-Entrevista-a-Lipovetsky.pdf>> acesso em: 20-07-2016.

antevisão da felicidade e o fim dos sofrimentos. A modernidade apostou no cidadão, no voto democrático, no parlamentarismo, no pluralismo. Esta modernidade foi confrontada com a emancipação do indivíduo, quando nasceu o consumo de massas e o hedonismo, algo que ocorreu na segunda metade do século XX.

O individualismo libertou-se de normas tradicionais, estabeleceu-se com base na sedução e no narcisismo no novo patamar que Lipovetsky designa por hiperconsumo e hipermodernidade. Nas palavras do autor, trata-se de “um consumo que absorve e integra as partes cada vez maiores da vida social, que funciona cada vez menos segundo o modelo de confrontos simbólicos e que se ordena em função de fins e critérios individuais e segundo uma lógica emotiva e hedonista que faz com que cada um consuma primeiro por prazer mais do que para rivalizar com o outro”⁴⁸. Segundo o estudioso, estes indivíduos são mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, mais críticos e mais superficiais. Diversas pesquisas destacam a adultização das crianças, que resulta no encurtamento da infância. Outros indivíduos vivem inquietos e atemorizados, sentem-se detentores da felicidade privada recomendada por múltiplos altifalantes: os meios de comunicação social, a moda, a constelação das comunicações comerciais. E buscam a felicidade, como? Numa atmosfera de lógica consumista onde prevalecem: o princípio do livre serviço, o cálculo utilitarista, a superficialidade das relações, tudo dentro de uma lógica de descarte do passado. Mas cabe, aqui, uma advertência: o consumo não reina por todo o lado. Os indivíduos não estão reduzidos ao papel de consumidores e o consumo não é em si próprio o fator determinante da homogeneização social. O fundamental a reter será que o indivíduo se sente mais dono e senhor da sua vida. Os meios de comunicação social adaptam-se à lógica da moda, inscrevem-se no registro do espetacular e do superficial.

Jameson, por sua vez, destaca as marcas da pós-modernidade diante das grandes transformações de produção e consumo, que abalaram o modo de vida moderno, caracterizando-o como um “capitalismo avançado, ou tardio, ou pós-industrial”⁴⁹. A tecnociência responsável pelo grande avanço das novas tecnologias, dos meios de comunicação de massa, da informática, da eletrônica, que provoca o aumento do consumo, é denominada por Toffler como: “sociedade das utilizações”⁵⁰.

⁴⁸ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien: “**Os Tempos Hipermodernos**”. Edições 70, 2011.

⁴⁹ JAMESON, 2004.

⁵⁰ TOFFLER, Alvin. **O choque futuro**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1970.

Nela, tudo passa ser descartável, vazio, volúvel, desenraizado. Ali está a fisionomia do sujeito pós-moderno, feita à imagem e semelhança dos objetos que consome.

Baudrillard assinala um rosto sem sujeito⁵¹. O sujeito que outrora foi uma imensa descoberta da modernidade, agora agoniza. O autor afirma que estamos na sociedade dos objetos. O mundo se transformou em um espetáculo mercadológico e midiático que faz desaparecer o sujeito humano, que acaba se tornando um ator, em peça de teatro manipuladora chamada mídia. Para Baudrillard, na era da tela total, acontece a segunda morte de Deus.

Lyotard⁵² alerta que as grandes narrativas sobre a razão moderna estão em crise, em vias de desaparecer, carregando com elas as narrativas religiosas. O discurso científico que as embasa é questionável e falível. Além disso, elas evidenciam um modo de pensar que desconsidera que o processo civilizatório não exclui a barbárie. Para Lyotard, *Auschwitz* “é o crime que inaugura a pós-modernidade”⁵³. O mundo assistiu ao quase extermínio do povo judeu⁵⁴. No pensamento de Santos, o pós-modernismo nasceu de uma maneira simbólica às 8 horas e 15 minutos do dia seis de agosto de 1945, com a explosão da bomba atômica, em Hiroshima. Nesse momento, a modernidade encerrou seu capítulo no livro da história ao superar seu poder criador pela sua força destruidora⁵⁵.

⁵¹ BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Lisboa: Relógio D' Água, 1991.

⁵² Lyotard anuncia a impossibilidade de continuar crendo em metanarrativas (A queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da Guerra Fria foram exemplos vivos do declínio das narrativas mestras). Lyotard observou que as grandes narrativas mestras estavam ancoradas no discurso científico e que esse não podia ser considerado suficiente para explicar e justificar os fenômenos sociais, pois ele não garantia bem-estar social e revelava-se um método. A ciência era apenas uma narrativa entre outra que embasava o processo de conhecimento. Metanarrativa é definida por Lyotard como uma grande narrativa com função de legitimação. Legitimação da vida como um todo, incluindo todas as ações e a cultura que aí se desenvolvem (Ex: liberdade universal, socialismo etc). LYOTARD, 1993, p. 33s.

⁵³ LYOTARD, 1993. No início da Segunda Guerra Mundial, em 1940, a Alemanha comandada por Adolf Hitler, construiu três campos de concentração e trinta e nove campos auxiliares. Os campos de concentração de Auschwitz e Birkenau foram construídos em território polonês, ocupado pelos alemães, próximo da capital polonesa Cracóvia. Tornaram-se símbolos do holocausto, serviam de extermínio de inimigos e grupos indesejáveis da sociedade. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005189>> Acesso em: 15 mar. 2017.

⁵⁴ Para o rabino Skorka, a questão da morte de 6 milhões de judeus é que os judeus não morreram por razões políticas, não faziam parte de um exército em combate. Nenhuma dessas razões teria sido justificável e também seria abominável, mas na Shoá tratou-se de exterminar um povo por mera condição de povo, por sua cultura, por sua fé. Talvez, os assassinos tenham pretendido desafiar o Deus de Israel. Talvez, por isso o massacre foi denominado Holocausto (holo, que significa “sacrifício”, e causto, que quer dizer “fogo”: sacrifício que vai ao fogo). Quem lhe deu esse nome provavelmente considerou esse crime um sacrifício do povo de Israel às divindades pagãs erigidas pelo nazismo. Em hebraico denomina-se Shoá, um termo bíblico que significa “devastação”, para que fique claro do que se tratou. Foi uma devastação dos humanos executada por humanos. BERGOGLIO, Jorge Mario; SKORKA, Abraham. **Sobre o céu e terra**. São Paulo: Paralela, 2013, p. 143.

⁵⁵ SANTOS, F. Jair. **O que é pós-moderno**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 20.

Diante de enfoques tão diversos efetivados por teóricos distintos, cremos que os autores contribuem para ampliar a nossa visão em relação ao tema, a complexidade do mundo atual, e delinear algumas conclusões e perceber que as mais diversas perspectivas se constituem exatamente nisto: não são verdades totais e absolutas. Elas são verdades-perspectivas, que evidenciam o que somos capazes de construir hoje. São verdades “limitadas, frágeis, temporárias, permanentemente criadas e recriadas, que possibilitam, por isso mesmo, o enfraquecimento de nossa constituição subjetiva e nos ajudam a construir estratégias de luta no processo de afirmação criativa da vida”⁵⁶. Por tais razões, entre a rejeição total e admissão pura e simples, julgamos plausível assumir uma posição intermediária que liga os opostos. É sobretudo importante assinalar que não podemos falar de uma era pós-moderna em total ruptura com as estruturas da modernidade, uma vez que o sistema que a sustenta ainda está em vigor: o capitalismo, o sistema de acúmulo de riqueza e bens. Embora se lhe atribua um “neo” (neoliberalismo) e até haja quem já admita um “pós-neoliberalismo”⁵⁷.

Embora a inteligência humana participe da luz do intelecto divino e, segundo a *Gaundium et Spes*, constitua uma das expressões mais perfeitas da dignidade humana e de sua superioridade sobre o universo⁵⁸, nesse tempo, temos que reconhecer, aplaudir e apontar as conquistas alcançadas pelo engenho humano através da história, os avanços positivos e sustentáveis e, ao mesmo tempo, recuperar os valores da cultura pós-moderna, porque “ciência e tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu”⁵⁹. Ao se apreciar os valores depositados pelo Criador no seio da humanidade, constata-se que muitos males que limitavam e afligiam as pessoas foram eliminados e curados pelas novas tecnologias. Os campos da medicina, engenharia e comunicações alcançaram grandes sucessos. Não podemos ignorar que a tecnologia bem orientada pode produzir coisas valiosas. Entretanto, não podemos ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outros avanços da ciência também nos dão

⁵⁶ ESPERANDIO, Mary Rute G. **Para entender pós-Modernidade**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007, p. 45.

⁵⁷ SADER, Emir e GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo II**. Que Estado para que democracia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁵⁸ GS, n.15. Cf. PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 277.

⁵⁹ JOÃO PAULO II. **Discurso aos representantes da ciência, da cultura e dos estudos superiores na Universidade das Nações Unidas, em Hiroshima** (25 de fevereiro de 1981).

grande poder e, de maneira especial, àqueles que detêm o conhecimento e o domínio econômico sobre a humanidade. A humanidade nunca deteve tanto poder como neste mundo pós-moderno, embora saibamos que o poder não constitui garantia de segurança, de paz, de bem-estar e de plenitude de valores. Nada traz garantia se o poder não for bem utilizado, nos alerta Papa Francisco:

Basta lembrar as bombas atômicas lançadas em pleno século XX, bem como a grande exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo, o comunismo e outros regimes totalitários e que serviu para o extermínio de milhões de pessoas, sem esquecer que hoje a guerra dispõe de instrumentos cada vez mais mortíferos. Nas mãos de quem está e pode chegar a estar tanto poder? É tremendamente arriscado que resida em uma pequena parte da humanidade⁶⁰.

Vale ratificar que, há mais de meio século, os cientistas destacaram a atual crise ecológica. Após a catástrofe de Chernobyl, em 26 de abril de 1986, o chamado à ação foi ainda mais urgente. Na visão do cientista alemão Weizsacker, dirigindo-se à sociedade mundial: “O tempo urge (*Die Zeit Drangt*)”⁶¹. Illich nos alerta que a gestão dos desequilíbrios fica sempre para mais tarde: “os desequilíbrios um dia cobram a fatura e, nos últimos tempos, as cobranças chegam em série”⁶².

Como se pode observar, não faltam conhecimentos científicos, “dispomos de novos e quase divinos poderes de controle sobre a natureza, mas um conjunto de valores míopes no manejo desses poderes”⁶³. É bem verdade que vivemos num tempo de meios quase perfeitos e de fins muito confusos. Bergson faz uma descrição da nossa era: “Neste corpo, desmesuradamente crescido, a alma continua o que era, pequena demais para preenchê-lo, fraca demais para dirigi-lo. Daí o vazio entre ele e ela [...]. O corpo crescido espera um suplemento de alma”⁶⁴. Seremos lembrados na história, de acordo com Ruskin, “como a geração mais cruel em proporção à sua sensibilidade, e menos sábia em proporção à sua ciência”⁶⁵. No pensamento de Kant,

⁶⁰ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica **Laudato Si** – Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 104.

⁶¹ WEIZSACKER, Carl Friedrich von. **Le Temps Press**. Paris: Cerf, 1987. Tradução nossa.

⁶² Esprit (Août-septembre 2010) Actualité d'Ivan Illich. (Tradução Érico Nogueira). “**A Actualité d'Ivan Illich**”, Esprit, ago.-set. 2010. Disponível em: <http://www.esprit.presse.fr/archive/review/detail.php?code=2010-8/9>. Acesso em novembro de 2016. Tradução nossa.

⁶³ GIANETTI, A. Eduardo. **Dicionário das citações**. São Paulo: Companhia das letras. 2008, p. 348: afirmação de 1983.

⁶⁴ BERGSON, Henri. **Les deux sources de la morale et de la religion**. 164. ed. Paris: PUF, 1967, p. 330 (orig. fr. 1932). Tradução nossa.

⁶⁵ GIANETTI, op. cit., p. 350: afirmação de 1872.

“o homem moderno diz-se civilizado e cultivado, mas é moralmente imaturo”⁶⁶. Na administração das coisas externas, superamos todas as eras, porém, para Toynbee, “o bem estar social de hoje não coincide com o bem estar espiritual, de tal modo que o primeiro está levando ao amortecimento da vitalidade e do sentido da vida em geral”⁶⁷.

Segundo o teólogo Álvarez, a humanidade está prestes a naufragar:

Mas o naufrágio da arca da civilização ocidental, herdado das grandes tradições humanistas, evocadas a cima, deu lugar, no final do século XX, ao nihilismo pós-moderno, que não cessa de proclamar o fim do mundo como o único horizonte de vida que nos resta. Aliás, esse naufrágio é evocado com frequência pelo fundamentalismo religioso como exemplo e prova tangível do egoísmo narcisista predominante. Em consequência, ele proclama com ardor a necessidade de invocar ao Deus salvador para resgatar a humanidade da tempestade desencadeada em que ela está prestes a se afogar com toda a criação. Nestes tempos de diversos clamores, é momento oportuno para não ceder à devastação que acompanha a destruição do sonho moderno, nem à ilusão de um resgate milagroso. Quando as águas se encontram mais agitadas, é necessário apelar para a calma a fim de vislumbrar uma rota segura que permita sobreviver, utilizando os instrumentos que nos permitirão não sucumbir ao pânico diante do abismo e do naufrágio⁶⁸.

De nossa parte, situamos nossa reflexão na fronteira entre o olhar crítico diante dos excessos da modernidade ilustrada, reconhecemos suas irrenunciáveis aquisições e, ao mesmo tempo, o desafio de pensar o mistério de Deus no meio dos escombros dos sonhos de onipotência⁶⁹. Sabemos que parte do problema também reside em outros aspectos, tais como os ritualismos, os sacramentalismos, os contratemunhos e etc. A teologia, por sua vez, se dirige às ciências humanas, e faz um chamado à razão e lança um salva-vidas indispensável para não ceder ao pânico. Vale admitir que ainda existem possibilidades para a sabedoria humana encontrar a ocasião propícia, apesar de tudo, para uma “segunda navegação”⁷⁰.

Parece que a humanidade não deixou espaço para a Sabedoria da Cruz de Cristo. Para o anúncio do Evangelho. Com efeito, a *Gaudium et Spes* n. 15 nos alerta

⁶⁶ GIANETTI, op. cit., p, 348: afirmação de 1784.

⁶⁷ TOYNBEE, Arnold; IKEDA, Daisaku. **Escolha a vida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, pp. 104-105.

⁶⁸ ÁLVAREZ, 2011, p. 250.

⁶⁹ Para a leitura. Cf. GEFFRÉ, Claude. **La Modernité: um Défi pour le Christianisme et l'Islam**. Chemins du Dialogue, v. X, n. 18. Paris, 2001, p. 25.

⁷⁰ Cf. VERGAUWEN, Guido. **Wenn Die Arche Schiffbruch Erleidt. La Tâche de l'Université Face aux Limites du Savoir. Universitas**, n. 12. Friburg, dez. 2007, p. 39. Ver também, algumas linhas de orientação e ação, na qual Papa Francisco busca delinear para ajudar a humanidade a sair da espiral de autadestruição, onde estamos afundando, cf. LS. n. 163.

que realmente o futuro do mundo corre sério risco se, de fato, não surgirem pessoas sábias. A Sagrada Escritura nos ensina: “Assim endireitaram-se as veredas dos habitantes da terra [...] e pela Sabedoria foram salvos” (Sb 9,18). A ciência fala do penúltimo e a Sabedoria fala do último. A Sabedoria de Deus é o saber dos valores Supremos, Absolutos. Por tais razões, toda a vida humana pode ser iluminada pela Sabedoria.

Reconhecemos que os pressupostos da pós-modernidade, diante de certas consequências, atingiu também a vida cristã. Muitos quase esqueceram este dom inestimável da Sabedoria, que é o anúncio do Evangelho. Acabaram perdendo o sentido da cruz de Cristo e assumiram uma religião sem compromisso, sem espírito de sacrifício e doação para testemunhar o amor cristão. Ficaram com uma religião descompromissada com a da vida humana. Com base em tais constatações, nesta tese, nossa atenção recairá de forma particular sobre os cristãos pós-modernos.

Em síntese, trata-se, não obstante, de um desafio irrenunciável para todo o cristão que se crê consciente de anunciar sua fé no meio da cidade, em cada época da história da humanidade, diante de tantos fragmentos, constata-se a relevância do tema escolhido para a presente pesquisa: “A Sabedoria da Cruz de Cristo na pós-modernidade”⁷¹. Paulo transforma a Sabedoria no escândalo em uma Sabedoria que causa a derrota dos sábios e se opõe a toda sabedoria conhecida: ela, portanto, é loucura⁷². O Apóstolo transforma sua vida em experiência de cruz, transforma o sofrimento em Sabedoria. Paulo usa em Corinto a linguagem da cruz, que é força de Deus e Sabedoria aos homens e mulheres de todos os tempos. Abre-se para a comunidade de Corinto, e também para os cristãos pós-modernos, uma nova possibilidade. Paulo supera o conflito diante da fraqueza e da frustração, não quer mais saber da sabedoria do mundo, mas do Cristo Crucificado. A superação do Apóstolo gera uma nova fonte de espiritualidade: “A Sabedoria da Cruz”⁷³. Como o cristão pós-moderno pode dirigir esses desafios dando novo significado? Como que o mundo de hoje pode reconhecer na vida dos cristãos a Sabedoria? Vão julgar que a cruz ainda hoje é loucura? Como falar ao cristão pós-moderno sobre a Sabedoria da Cruz de Cristo como forma de um novo significado em sua vida?

⁷¹ CASAGRANDE, Vera Lúcia Membrive. **O meu Redentor esta vivo**. Arapongas: Sagrada Família, 2014.

⁷² LACOSTE Jean Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 1560.

⁷³ Cf. 1Cor 1,17-18.

2.1 A ORIGEM DO TERMO PÓS-MODERNO

Qual é a origem do termo pós-moderno? Um historiador marxista, Perry Anderson, conhecido pelos seus estudos dos fenômenos culturais e políticos contemporâneos, sob o título *As Origens da Pós-Modernidade*⁷⁴, afirma que o termo pós-moderno foi cunhado pela primeira vez por Frederico de Onís⁷⁵, na década de 1930. Ao filósofo francês Jean-François Lyotard, com a publicação de *A Condição Pós-Moderna*⁷⁶ (1979), coube a expansão do uso do conceito. Pós-moderno nascia, então, como forma de caracterizar um novo estilo dentro do modernismo. Sabe-se, no entanto, que o termo não obteve, a princípio, grande êxito.

Vale observar que Perry Anderson, ao ser convidado para fazer a apresentação do livro de Jameson, intitulado *Pós-Modernismo*⁷⁷, terminou escrevendo o seu próprio livro, o já citado *As origens da pós-modernidade*⁷⁸, constituindo, assim, uma espécie de introdução ao conceito. Nele, diz que o modernismo era tomado por imagens de máquinas e indústrias, enquanto que o pós-modernismo é usualmente tomado por “máquinas de imagens”⁷⁹ da televisão, do computador, da internet e dos *shoppings centers*. A modernidade era marcada pela excessiva confiança na razão, pelas grandes narrativas utópicas de transformação social e pelo desejo de aplicação mecânica de teorias abstratas à realidade.

O historiador britânico Arnold Joseph Toynbee, em 1954, vinte anos depois, chamou o oitavo volume de sua obra *Study of History*, de “idade pós-moderna”. O autor destaca que o início do período da pós-modernidade se dá em torno de 1875, período destacado como tempo de guerras: à guerra Franco-Prussiana (1870-1871), seguiram-se a primeira e a segunda guerra mundial, tumultos e revoluções sociais. O período pós-moderno podia ser caracterizado como um tempo de confusão, marcado pelo colapso do racionalismo e do *éthos* do iluminismo. O mundo, ao se confrontar com a possibilidade de uma terceira guerra nuclear, na visão de Toynbee, faz com

⁷⁴ ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 9-10.

⁷⁵ Ibid., p. 9-10.

⁷⁶ LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 1979.

⁷⁷ JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo. Ática, 2004.

⁷⁸ ANDERSON, op. cit.

⁷⁹ Ibid., p. 105.

que o termo civilização perca o sentido. Ele alega que somente uma fé sincrética poderia garantir o futuro do planeta⁸⁰.

Anderson alega que a expressão pós-moderno, no sentido pejorativo, nasceu em 1960, com Harry Levin, e serviu como inspiração para as ideias de Toynbee. A expressão surge novamente em 1960, desta vez com Leslie Fiedler, tendo como característica uma geração mais jovem, numa nova literatura em oposição ao modernismo. O termo pós-modernismo só foi difundido a partir dos anos de 1970⁸¹. Mário Pedrosa, grande crítico brasileiro, foi um dos primeiros a utilizá-lo. Em importante artigo sobre a arte de Hélio Oiticica, publicado no *Correio da Manhã* de 26 de junho de 1966, Pedrosa afirmava:

Hoje, em que chegamos ao fim do que se chamou de arte moderna (...), os critérios de juízo para apreciação já não são os mesmos (...) fundada na experiência do cubismo. Estamos agora em outro ciclo, que não é mais puramente artístico, mas cultural, radicalmente diferente do anterior e iniciado, digamos, pela pop art. A esse novo ciclo de vocação antiarte chamaria de arte pós-moderna⁸².

De acordo com Hassan, o termo pós-moderno foi aplicado à cultura em geral, na publicidade e os *mass media*⁸³. Já Lyotard, ao tratar do pós-moderno, afirma que existem dois momentos históricos que o antecede. Nesse sentido, teríamos três fases distintas: (1) a época das luzes, período em que se crê numa verdade, na qual se expressa pelos relatos que evocam a libertação histórica simultânea da liberdade e da razão; (2) a época moderna, a partir do positivismo do século XIX, em que a verdade é definida como real; (3) a época pós-moderna, em que a verdade dos diferentes jogos de linguagem adquire um estatuto plural. Na visão de Lyotard, a pós-modernidade seria niilista e sustentaria que não existe verdade objetiva tanto quanto não existe unidade do sujeito⁸⁴.

Resumindo, o termo pós-modernidade, apesar de sua ambiguidade, designa: a passagem, no domínio estético, da abstração e da evocação da verdade subjetiva

⁸⁰ TOYNBEE, Arnold. *A Study of History*. Vol. I-VI. Londres, 1947. MAIER, S. Postmoderne. HWP 7, 1989.

⁸¹ ANDERSON, 1999, p. 19.

⁸² PEDROSA, Mario. *Correio da Manhã*, de 26 de junho de 1966.

⁸³ HASSAN, Ihab. *The Question of Postmodernism*. In: H. Garvin (sob a dir. de), *Romanticism, Modernism, Postmodernism*. Toronto, 1980. pp. 117-126; GUARDINI, R. *Das Ende der Neuzeit: Ein Versuch zur Orientierung*. Basileia, 1950.

⁸⁴ LYOTARD, Jean-François. *Defining the Postmodern. Complexity and the Sublime. Response to Kenneth Frampton, Brief Reflections on Popular Culture*. In: L. Appignanesi (sob a dir. de), *Postmodernism: ICA Documents*. Londres, 1989.

ao uso irônico de modos mais antigos de narração e de representação; a combinação de procedimentos de vanguarda e de manipulação comercial de imagens; a passagem do domínio filosófico, de uma teoria do conhecimento que supõe que haja um sujeito e um objeto reconhecíveis a uma filosofia do evento⁸⁵.

2.2 AS CARACTERÍSTICAS DA PÓS-MODERNIDADE

Para alcançar o objetivo de nossa tese, faz-se necessário, pertinente e relevante apresentarmos algumas características da sociedade pós-moderna. A mesma se caracteriza pelas ações de seus sujeitos que seguem a cartilha das ideologias materialistas, o capitalismo e a globalização: o ter acima do ser, gerando uma exclusão global, que funciona para um grupo, mas não para todos; o hedonismo, o prazer acima de tudo, a busca constante de sensações excitantes, sem vínculos; a permissividade, tudo é bom desde que me sinta bem; o relativismo, não há nada absoluto, nada totalmente bom ou mau e as verdades são oscilantes; o consumismo, vive-se para consumir, há uma contínua substituição de tudo: coisas, pessoas, relações, etc; o niilismo, viver a liberdade total é o ideal maior, paixão pelo nada e pelo vazio. Todos esses elementos “colocam em evidência novos processos de produção de subjetividade, conseqüentemente um novo modo de ser e estar no mundo”⁸⁶. Diante das transformações em curso no mundo atual, Dreiffus afirma que, certamente, a primeira sensação que experimentamos é a da perplexidade⁸⁷.

Substituindo progressivamente os discursos filosóficos e teológicos, no mundo de hoje, a ciência passa a ocupar a posição estratégica de produção e de agenciamento da verdade. A razão científica torna-se a marca própria do ser humano, a qual lhe confere soberania e autonomia não somente diante da natureza, mas também do mundo divino. Diante disso, de acordo com Dreiffuss, a tecnologia se transforma no instrumento por excelência do exercício da sabedoria humana, uma vez que a técnica verifica, na prática, a verdade formulada pela razão científica, isto é, por seu impacto e pelas transformações que possibilita na natureza e na sociedade⁸⁸.

⁸⁵ LACOSTE, Jean-Yves. Paixão. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1412.

⁸⁶ ESPERANDIO, 2007, p. 45.

⁸⁷ DREIFUSS, René Armand. **A época das perplexidades - Mundialização, globalização e planetarização: novos desafios**. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁸⁸ BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 2006. p. 41.

As características da pós-modernidade podem ser resumidas em alguns pontos: propensão a se deixar dominar pela imaginação das mídias eletrônicas; colonização do seu universo pelos mercados (econômico, político, cultural e social); celebração do consumo como expressão pessoal; pluralidade cultural; polarização social devido aos distanciamentos acrescidos pelos rendimentos; falências das metanarrativas emancipadoras como aquelas propostas pela Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

Vivemos o tempo das novidades, o novo coordena e altera tudo. Se for novo, é moda, é bom, é pós-moderno. Vale o novo, um novo produto mais eficaz, um novo alimento. É um tempo de mudança, de crise, de morrer o tradicional, de abandonar o velho e abraçar o novo, de quebrar paradigmas e estabelecer novas formas de vida e valores. É tempo de ser diferente, de inventar diferenças e de conviver pacificamente com o diferente.

Na visão de Enrique Rojas, surge um novo tipo de sujeito pós-moderno: “*el hombre light*”⁸⁹ (o homem *light*), caracterizado pelo fato de tudo estar sem calorias, sem gosto, sem sabor. Rojas afirma que o homem moderno é sumamente vulnerável. Sofre de uma grande solidão, e deixou para trás os valores transcendentais. Busca o prazer e o bem estar a qualquer preço, além do dinheiro. Tudo lhe é descartável, inclusive as pessoas, e busca o imediato, a satisfação rápida; é um sujeito individualista. O individualista torna-se um alvo fácil, configurando aquilo que Debord chama de sociedade de consumo ostentatório e do espetáculo, com a busca do prazer incessante e a obsessão pela imagem perfeita, de corpos e almas, tudo isso reforçado pelas ilusões farmacológicas para regular o mal-estar⁹⁰.

Na sociedade do consumo, produzem-se imagens do corpo sarado e consome-se também toda a parafernália disponível no mercado para mediar a realização: as academias, as indústrias farmacêuticas; a medicina estética etc. Atribuindo valores mágicos para as dietas, os efeitos da produção desses ideais, assim como as ofertas para corrigir ou incrementar tais imagens, geram patologias como: depressão, anorexia, bulimia, compulsões de consumo, de alimentação, síndrome do pânico, etc⁹¹. Hoje, faz-se presente um *marketing* intenso para o uso dos

⁸⁹ ROJAS, Enrique. *El hombre light*: uma vida sin valores. Madrid: Temas de Hoy, 1996.

⁹⁰ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁹¹ BIRMAN, Joel. *Dor e sofrimento num mundo sem mediação*. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial-rj/download/5c-Birman-02230503-port.pdf>. Acesso em 25-01-2016.

fármacos, os recursos dos antidepressivos, provocando a “supermedicalização da sociedade”⁹². Diante de tantas terapias, Bento XVI nos diz: “a alma se sente abandonada, embora no meio de tantas terapias para o corpo e para o psíquico, gera sofrimento”⁹³.

De acordo com Debord⁹⁴, a ênfase que o mundo moderno/pós-moderno dá à imagem provoca um deslizamento do ‘ter’ para o ‘parecer’, no qual a mercadoria (descartável) consumida tem um lugar preponderante e é exaltada de forma significativa. Neste período, crescem os *shoppings*, os hotéis, os condomínios e novos prédios são cápsulas autônomas de vivência. Vale o extraforte, o superdoce, o minúsculo, o gigantesco. Vale o extra, o super, o superextra, o macro.

Outra característica da pós-modernidade é a “cultura narcisista”⁹⁵. Essa cultura revela uma crescente insegurança perante a complexidade da vida e uma desesperança em tentar entender ou modificar a sociedade; tudo isto mascarado com o nome de crescimento pessoal. O historiador Lasch⁹⁶ afirma que “o homem contemporâneo volta-se para novos cultos e terapias, não para libertar-se das obsessões, mas para encontrar sentido e finalidade na vida, encontrar algo pelo que viver, abraçar, precisamente uma obsessão”. Esta fachada de expansão e desenvolvimento pessoal esconde uma ansiosa busca por segurança ancorada no eu, último refúgio depois da perda da importância das instituições e do enfraquecimento do sentido de tempo histórico. Na cultura do narcisismo, segundo a visão de Birman⁹⁷, as insuficiências não podem existir, já que essas desqualificam a subjetividade, que deve ser autosuficiente. Esse processo da cultura pós-moderna leva a humanidade a um esfriamento do afeto; até mesmo entre os cristãos pode-se vislumbrar tal fato, despertando, assim, o desejo pela individualidade. O ser humano sofre por falta de relacionamentos de qualidade, profundos e duradouros. A humanidade vai além da objetividade, vai ao encontro de uma descrença normativa ou qualquer espécie de ordenamento.

⁹² CROSSETTE, Barbara. “País rico se medica em excesso, diz ONU”, em FSP, 22 de fevereiro de 2001, p. A13, falando da preocupante “medicação”.

⁹³ BENTO XVII. Carta Encíclica. **Caritas In Veritate**. Do sumo Pontífice aos bispos, e aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 76.

⁹⁴ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁹⁵ LASCH, Watson Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução por Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p. 132.

⁹⁶ LASCH, 1983, p. 132.

⁹⁷ BIRMAN, 2006. pp. 191-192.

Na descrição de Baumann⁹⁸, vivemos uma modernidade líquida, a sociedade das relações fluídas, das relações frágeis. Nessa sociedade, a fixidez de uma amizade em que ambas as partes matariam e morreriam pela outra já não existe mais. Não se trata mais de uma sociedade em que os indivíduos sabem o seu destino desde o nascimento. Agora, estamos imersos em um espaço social onde, teoricamente, fazemos escolha pelo nosso futuro, optamos pelo nosso destino, somos responsáveis pelo nosso fracasso. Não é mais necessário ser asiático para ser um legítimo budista, basta comprar os livros certos e assistir as aulas certas. Ninguém é, e sim está.

Na pós-modernidade, há o predomínio do instantâneo, da perda de fronteiras, gerando a ideia de que o mundo está cada vez menor através do avanço da tecnologia. Estamos diante de um mundo virtual, imagem, som e texto em uma velocidade instantânea. Podemos ainda destacar, neste contexto, um processo de estetização generalizado. De acordo com Bulhões, encontramos esta estetização desde o cotidiano até na política, podendo ser mais facilmente identificada na publicidade. Ela é capaz de transformar qualquer tipo de produto em protótipo de beleza de uma forma de vida ideal. Dentro da publicidade que cobre milhares de imagens, não existem pessoas feias ou com defeitos, nem pobreza ou sujeira. O mundo encontrou, nesta ótica, o perfeito. A própria guerra passou a ser estética, em sua forma televisiva. Nenhuma imagem mais choca o mundo⁹⁹.

A publicidade manipula desejos, cria novas imagens e signos, promove a sedução, eventos como espetáculos, valorizando o que a mídia dá ao transitório da vida. As telecomunicações possibilitam imagens vistas em todas as partes do planeta, facilitando a mercadificação de coisas e gostos. A preferência, muitas vezes, incide mais sobre a imagem do que o objeto, a cópia do que o original, o simulacro (a reprodução técnica) do que o real.

As testemunhas da pós-modernidade são: as novas tecnologias, os computadores, os celulares, os satélites, as *Nets* redes, os códigos de barras, os cartões magnéticos¹⁰⁰, a clonagem, o implante de órgão, as próteses e órgãos artificiais – que engendram uma geração de seres em estados artificiais, colocando

⁹⁸ BAUMANN, 2001.

⁹⁹ BULHÕES, Maria Amélia. **Identidade, uma memória enfrentada**. In: SOUSA, Edson Luiz André (Org.). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

¹⁰⁰ MARIANO, Neto Belarmino. **Geografia: textos, contextos e pretextos para o planejamento ambiental**. Guarabira: São Paulo, 2003, p. 35.

em xeque a originalidade ou naturalidade do humano¹⁰¹ -, a era digital, o *chip*, as senhas, os bancos 24 horas.

É interessante notar que, no campo urbano, houve uma verdadeira mudança. Trocou-se o meio ambiente por um enclausuramento urbano, a cidade é vendida aos pedaços porque nela há caos, (des) ordem: padrões de diferentes graus de complexidade: o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico predominam. Ninguém está seguro, pois rondam os fantasmas da ameaça nuclear, do desastre ecológico, do terrorismo, da crise econômica, das neuroses urbanas, da insegurança, que gera o medo, nutrido pelo sistema da violência¹⁰². O medo se espalha como uma malha infinita e as tecnologias de proteção individual e vigilância aumentam em disparada. Os meios de comunicação têm um papel privilegiado, pois transmitem os objetos do medo de forma mais rápida e brusca que o próprio objeto, vide a Al-Qaeda após o dia 11 de setembro. É na televisão que os programas jornalísticos banalizam os medos e, ao mesmo tempo, fazem vibrar o alarme da violência local e da violência global.

Vivemos em uma sociedade onde, ontem, estávamos no topo da hierarquia, mas, hoje, estamos de volta à base; onde, ontem, tínhamos empregos, mas, hoje podemos não ter mais e é normal não ficarmos no mesmo. A sociedade atual não garante a manutenção do sujeito em sua posição social, não garante seu sustento e também não garante sua integridade física: “A inflação galopante, desemprego maciço e uma distribuição desigual da renda e da riqueza passaram a ser características estruturais da maioria das economias nacionais”¹⁰³.

Neste período, temos presenciado patologias sociais: no corpo, a doença; na mente, a loucura; na natureza, a catástrofe; na economia, a queda das bolsas; na paixão, a morte; no computador, o vírus, na política, a corrupção. O sujeito pós-moderno vive uma experiência de contradição cultural, pois, de um lado, tem-se a priorização da autonomia, da pretensão, e, por outro, a depressão, sintoma do mal-estar neste começo de milênio. O sintoma neurótico provém justamente das resistências de um eu que não dispõe de recursos significantes para enfrentar seu sofrimento: “Por conta da resistência, do desconhecimento que esta produz, o

¹⁰¹ SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do Ciborgue** – as vertigens do pós-humano. Belo horizonte: Autêntica, 2000. p. 14.

¹⁰² BRIGHENTI, Agenor. **A missão evangelizadora no contexto atual**. Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25.

¹⁰³ FRITJOF, Capra. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 14.

sofrimento recusado lança sobre o eu uma sombra muito maior do que sua dimensão verdadeira”¹⁰⁴.

As informações e a preocupação com a saúde da natureza são colocadas em xeque ou em cheque; no Brasil, já existe uma nova indústria parecida com a da seca. É a Indústria do meio ambiente; recursos destinados à proteção das florestas, dos rios e dos animais são desviados pelo o poder público, pelas ONG’s e organismos privados. Os jovens pós-modernos, descreve Libanio, trazem algumas características próprias: “Melancolia, desejo, impossibilidade, acomodação”¹⁰⁵. Segue o autor: “Envolvem-se com a droga, frequentam companheiros fúteis, sofrem um vazio existencial profundo. Invade-lhes a náusea da vida. Fossa mais fossa. Olhos fundos. Rosto triste, sem expressão”¹⁰⁶.

Não há como negar, nos dias atuais, é lindo ver o mundo digital, mas todos nós precisamos vigiar para que ele nunca deixe de ser humano e pessoal:

Afinal fomos nós que criamos a tecnologia para servir a raça humana. Mas tem coisas que ela não pode e não deve mudar. Amigos não podem ser feitos só pela internet. Nem amizades, nem laços de família mantidos por e-mail, e mensagens curtas. Não é GPS que vai guiar sua vida, nem o waze ensinar o seu filho qual o melhor caminho a tomar na hora da tormenta. Afinal não é o wifi que mantém nossa conexão com aquelas coisas inexplicáveis divinas, que só a raça humana tem a senha¹⁰⁷.

O mundo pós-moderno, afinal, apresenta-se com certa fragilidade, quebradiço, com superficialidade, sem consciência, sem encanto. Na visão de Harvey, ele se apresenta com “rachaduras no espelho”¹⁰⁸; na de Bauman, “resta ver o tempo da pós-modernidade e a autocompreensão humana”¹⁰⁹ para concluir a liquidez. Portanto, algumas características marcam esse “tempo pascal, uma passagem, não necessariamente para uma terra prometida”¹¹⁰.

¹⁰⁴ KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: companhia das Letras, 2002, p. 80.

¹⁰⁵ LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004, p. 112.

¹⁰⁶ LIBANIO, 2004, p. 112.

¹⁰⁷ O comercial do banco Itaú para as comemorações de fim de ano de 2016 vem com uma linda mensagem para se fazer pensar sobre como as coisas andam nos dias atuais. Escrito por Andreia Verrone.

¹⁰⁸ HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 323.

¹⁰⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 8.

¹¹⁰ BRIGHENTI, 2006, p. 22.

Afinal, vivemos numa época em que muitos de nós já não se ofendem mais com a crescente quebra das inibições morais. A corrupção da consciência enche o ar de um odor pungente. O bem e o mal, que antes eram tão distintos como o dia e a noite, tornaram-se uma névoa confusa. Mas, essa confusão vem do homem. Deus não se cala. Ele foi silenciado. Os profetas não falam do Deus oculto, mas do Deus que se esconde¹¹¹. Santo Agostinho alerta: “Ai de quem sabe tudo das coisas deste mundo e Te ignora; e, ao contrário, feliz de quem as ignora, mas conhece a Ti”¹¹². É bem verdade que só Deus, com amor gratuito revelado na Cruz de Cristo, pode resolver o sujeito moderno. A “razão não pode esgotar o mistério de amor que a cruz representa, mas a cruz pode dar à razão a resposta última que esta procura”¹¹³. A cruz, portanto, não tem intenção de abolir a razão, mas a converte e a ressuscita, “obrigando-o a abrir-se à universidade da verdade de que é portadora”¹¹⁴.

2.3 A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

O período da pós-modernidade, marcado por grandes transformações no campo sócio-político-cultural, acompanhado pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, moldou uma nova forma da pessoa humana lidar consigo mesma e com o mundo em que vive. Trata-se de um período marcado pela forte e ágil disseminação de informações, transmitidas pelos meios de comunicação que tiveram seu “boom” em vista do desenvolvimento tecnológico. No bojo dessas transformações, está a crise de valores e verdades¹¹⁵, principalmente no “campo da religião”¹¹⁶, que, anteriormente, estavam solidificados e fortemente estabelecidos no seio da sociedade, de tal modo que qualquer afronta no intuito de abalar a estrutura firmada era severamente combatido.

O que podemos observar claramente no papel exercido pelas religiões, sobretudo cristãs, durante este período que antecede a pós-modernidade, em que a ética e a moral estavam, seja teórica ou moralmente, vinculadas às instituições

¹¹¹ Cf. Is 65.

¹¹² AGOSTINHO, 1984, V, 4, 7.

¹¹³ JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*. Sobre o sentido cristão do sofrimento humano. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1988, n. 23.

¹¹⁴ *Ibid.*, n. 23.

¹¹⁵ “Sem a *Veritas prima*, como podem as outras verdades ser verdadeiras?” BOFF, Clodovis, 2014, p. 98.

¹¹⁶ MARDONES, José Maria. *Para comprender las nuevas formas de la religión*. Navarra: Verbo Divino, 1994, pp. 151-163.

religiosas, é “uma autonomia dos sujeitos em relação às instituições, havendo um deslocamento das decisões e matéria religiosa para a esfera da subjetividade”¹¹⁷. Esta crise instaurada no seio da modernidade acaba por retirar a estabilidade de instituições religiosas e sociais, antes reguladoras de tradições e costumes, abrindo caminho para a disseminação de uma nova cosmovisão aliada ao surgimento de novas crenças e movimentos espiritualistas que buscam suprir as necessidades individuais que passam a existir por conta das incertezas causadas pelas transformações sociais.

Diante deste cenário definido como sendo o "pós-moderno", surgem fatores que contribuem para o estabelecimento das características atribuídas à sociedade atual, bem como os costumes e valores agregados pela estrutura social vigente. No âmbito destas agregações, por assim dizer, uma nova ética e moral é moldada para atender aos anseios da sociedade que vive a pós-modernidade. Ela é percebida como um conjunto de condições socioculturais que culminaram na derrocada do projeto da modernidade, que consistia na expectativa de que, através do desenvolvimento das ciências, as forças naturais seriam controladas, bem como se alcançaria uma total compreensão do mundo e do eu. Uma vez que se tem o desejo de ruptura com as trevas da tradição, acreditava-se que tudo seria passível de investigação e resposta, revelando uma confiança na inteligência humana e na razão universal. Parece-nos que a razão tem a intenção de dessacralizar o conhecimento e a organização social com fins de libertar os seres humanos das amarras da ignorância e das opressões oriundas dos laços religiosos, éticos, familiares e agrários.

O progresso da sociedade e a felicidade individual eram vistos como metas desejadas e possíveis¹¹⁸. Ao observarmos retrospectivamente com o nosso olhar, que é o pós-moderno, parece que os modernos não aceitaram as determinações religiosas e clericais, trazendo para o controle dos seres humanos toda a determinação da vida individual, o bom funcionamento das instituições sociais e o domínio sobre a natureza. Sob a égide do progresso e da organização, bem como a crença na educação, os indivíduos seriam cada vez mais capazes de dominarem seus próprios destinos. O ser humano agora se vê órfão da tradição e dos grandes sistemas de sentido

¹¹⁷ BRIGHENTI, 2006, p. 26.

¹¹⁸ HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

modernos. A solidão e o desamparo pós-modernos demonstram que lidar com a indeterminação e a heterogeneidade traz uma grande dose de sofrimento.

A crise da pós-modernidade tem sua fonte na experiência da ineficácia humana posta sob acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições. Hoje, a experiência religiosa é cada vez menos fator de sentido do mundo, de identidade, de enraizamento, e cada vez mais se tem buscado resposta à angústia¹¹⁹. A busca do bem estar imediato tem levado o sujeito pós-moderno a colocar a religião a seu serviço. A experiência religiosa entrou no circuito de mercado, transformando-se num bem de consumo mais rentável do capitalismo¹²⁰. Podemos perceber, neste período, o retorno do religioso, porém, isso não quer dizer necessariamente uma volta ao Sagrado.

Na busca de tais espaços alternativos, o sujeito religioso pós-moderno se vê num trânsito religioso, numa busca incessante do sentido perdido, transitando de uma religião a outra. A religiosidade não perde a força na pós-modernidade. Em vez de desaparecer do cenário, a religiosidade, neste período multiplica-se em várias expressões religiosas, institucionais ou não. As formas religiosas e credices consideradas totalmente ultrapassadas e infantis retornam com força, porém com novas roupagens: o esotérico, seitas, cultos, filosofias orientais, yoga, e etc., num verdadeiro misticismo eclético, onde se vive livremente a preferência religiosa e o “suave consumismo religioso”¹²¹. Pelas ruas, bairros, nas cidades grandes e pequenas, observam-se ritos, imagens, igrejas de diferentes credos. É muito comum ver em uma única família credos variados. O sujeito pós-moderno vive a religião “à la carte”, de tipo “self-service”¹²², numa mistura de vários aspectos que mais interessam e satisfazem as exigências e necessidades momentâneas.

Diante deste quadro, podemos dizer que, na pós-modernidade, tanto Deus quanto a humanidade foram substituídos pelo senhor deste mundo: o mercado. Diante dele, tanto Deus quanto a humanidade se transformam em mercadoria. De acordo com Libanio:

¹¹⁹ TEIXEIRA, M. Douglas. **Igrejas, seitas e agências. Aspectos de um ecumenismo popular.** Diógenes 1982, pp. 5-26.

¹²⁰ RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso.** A transmissão de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma economia. Mokron Books, 2000.

¹²¹ MARDONDES, José Maria. **Neoliberalismo y religión.** Pamplona, Espanhola: Verbo Divino, 1998, p. 30. Tradução nossa.

¹²² BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: crer ou consumir? **Revista Vida Pastoral**, jul./ago. 2000, p. 4.

O niilismo atinge o campo da religião. O axioma que o consagra soa: toda a religião é verdadeira... No concreto da vida, acontece com a geração jovem pós-moderna uma privatização e individualização da religião a modo de kit religioso preparado com as práticas religiosas oferecidas no gigantesco supermercado de religiões da pós-modernidade. Presencia-se um pot-pourri religioso com ingredientes cristãos, orientais, africanos, indígenas, esotéricos, evangélicos, etc¹²³.

Nesta dimensão, tudo é relativo; o ser humano não serve a Deus, mas serve-se de Deus para realizar seus desejos. Por isso, sua fidelidade a uma única Igreja ou a uma única crença lhe é prejudicial e insuficiente. O resultado disso é uma oferta religiosa grande e variada e uma fé superficial e sem consistência. Benedetti observa que essa efervescência religiosa no interior de uma modernidade em crise fica cada vez mais clara como radicalização da secularização¹²⁴.

Nesse novo mundo, o sujeito, por ter alcançado sua maioridade, já não mais precisa de Deus e O lança cada vez mais para a margem da existência, com sérias consequências éticas para o próprio ser humano, envolvido, agora, pelas religiões de consumo. A secularização alcançou seu auge nas últimas décadas do século XX. Hoje, aderir a um determinado grupo religioso significa sentir-se parte integrante do primeiro mundo, significa pertencer à contemporaneidade. Uma pergunta, no entanto, impõe-se a fazer: como fica a religião nessa sociedade? Para muitos, ela não é mais uma abóbada sagrada que apresenta e garante estruturas de significação uniforme e válida para toda uma sociedade. Deixa de ser a única produtora de sentido. Na verdade, não há mais hegemonia para nenhum setor, inclusive o religioso. Nasce uma religiosidade extremamente antropocentralizada. Esta é a grande mudança de paradigma.

Entende-se por religiosidade a dimensão mais profunda da totalidade da vida humana. É a busca da abertura ao transcendente, àquilo ou Àquele que ultrapassa a superfície da vida, é o sentido radical da existência. Religiosidade é a abertura para a busca de sentido, para a busca de radicalidade. Para Gruen, “a religiosidade é atitude dinâmica de abertura do homem ao sentido fundamental da sua existência, seja qual for o modo como é percebido este sentido [...], está a raiz da vida humana na sua totalidade”¹²⁵.

¹²³ LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 65.

¹²⁴ BENEDETTI, Luiz Roberto. **Quand un tissu social se déchire**. In: H. A. M. Mullre & D. Villepelet, *Risquer la foi dans nos sociétés. Églises d'Amérique latine et s'Europe em dialogue*, cit., p. 29.

¹²⁵ GRUEN, WOLFANG. **O ensino religioso na escola**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 75.

Os conceitos de religiosidade e religião precisam ser compreendidos, uma vez que a religião carrega já algo de institucionalizado, o que não existe no fenômeno da religiosidade. Dois elementos básicos são apontados por Libanio para a definição de religião: a tradição e a comunidade. Na tradição, a religião é um dispositivo ideológico, prático, simbólico, pelo qual se constitui, alimenta e se desenvolve o sentido individual e coletivo de pertença a uma linha particular de crença. A comunidade é o conjunto de fiéis do passado, presente e futuro que legitima a crença-tradição¹²⁶.

Na visão do teólogo Hans Küng, a religião é o instituído e a religiosidade o instituinte. Toda a religião precisa ser vivificada pela religiosidade. Ela manifesta o lado objetivo e social da experiência religiosa, corresponde às exigências de objetividade, de sociabilidade, de historicidade do homo *religiosus*. Religião é a realização sócio-individual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende e ao seu mundo, ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade. É a realização de uma relação do homem com uma realidade verdadeira e suprema, seja ela compreendida da maneira que for (Deus, o Absoluto, Nirvana, Shûnyatâ, Tao). Tradição e comunidade são dimensões básicas para todas as grandes religiões: doutrina, costumes e ritos são suas funções básicas; transcendência (para cima e para dentro, no espaço e/ou no tempo, como salvação, iluminação ou libertação) é sua preocupação básica¹²⁷.

Qual a relação entre religião e religiosidade? A religião seria a resposta e a religiosidade a pergunta. Quando a religião não tem mais nenhum chão significativo na vida das pessoas e das sociedades, torna-se inadequada e tende a desaparecer, ou ser substituída por algo significativo. A religião é uma dimensão antropológica, estrutural do ser humano. Por isso, sempre haverá religiões que buscam responder a esta dimensão: “A religião responde à religiosidade, a religiosidade pede e provoca religiões”¹²⁸.

Há experiências religiosas que são de Deus, mas também podem não sê-lo. Há, igualmente, experiências de Deus que são religiosas, mas igualmente podem não sê-lo. Há, inclusive, vivências patológicas da experiência religiosa. A psicologia e a sociologia religiosas contribuíram grandemente para detectar e purificar estas

¹²⁶ LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 90.

¹²⁷ KÜNG, Hans. **Introdução: o debate sobre o conceito de religião**. Concilium, 1986, n. 202, p. 08.

¹²⁸ LIBÂNIO, 2000, p. 101.

experiências de algum caráter patológico que sempre é possível em qualquer dimensão da pessoa.

Em síntese: ao mesmo tempo em que o sujeito pós-moderno despreza a cruz e anuncia a morte de Deus, constata-se que as religiões proliferam e crescem procurando atender a busca de reposta para o sofrimento que o homem e a mulher vivenciam no seu momento de cruz. Diante disso, apresentamos à razão humana a Sabedoria da Cruz de Cristo no oposto de tudo o que o ser desumanizado busca e tenta alcançar como divino. A Sabedoria da Cruz de Cristo não o aprova, mas destrói o deus arrogante e prepotente, infeliz e orgulhoso. Ela nos devolve nossa humanidade desprezada e abandonada. A Sabedoria da Cruz de Cristo “gera um conflito de interesse entre o Deus que se fez homem e o homem que quer ser como Deus”¹²⁹. Essa sabedoria segue Moltmann, “destrói a destruição do homem. Aliena o alienado. Assim, leva o ser desumano à humanidade”¹³⁰. Se o ser humano vê Deus no Cristo crucificado e crê, ele será livre do seu desejo de domínio e poder sobre os outros, será totalmente liberto de todo o seu interesse de conhecimento por autodeificação. Tal conhecimento mata seus deuses e destrói sua suposta divindade. Ele coloca o ser humano em posição franca com Deus e com o próximo.

2.4 O NIILISMO NO MUNDO PÓS-MODERNO

O que seria o niilismo? Niilismo significa, na acepção positiva, a destruição filosófica de qualquer pressuposto; na negativa, ao contrário, a destruição das evidências e das certezas do senso comum por parte da especulação idealista. A própria expressão niilismo já declara seus propósitos, pois vem do latim *nihil*, que significa nada¹³¹, falta de valores. Concebe a existência humana como desprovida de qualquer sentido. Consultando-se o dicionário da língua portuguesa, verifica-se que o termo niilismo significa: redução a nada, aniquilamento, descrença absoluta¹³². Esta linha filosófica influi nas mais distintas áreas do conhecimento humano: da literatura e da arte às ciências humanas e sociais, passando pelas esferas da ética e da moral.

¹²⁹ MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 102.

¹³⁰ Ibid., p. 102.

¹³¹ SANTOS, 1986, p. 72.

¹³² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

O niilismo exalta radicalmente a concepção materialista e positivista, retirando do âmbito do estado, da religião e da família todo o poder, a capacidade de reger os passos do sujeito pós-moderno. Os valores tradicionais depreciam-se e os “princípios e critérios absolutos dissolvem-se. Tudo é sacudido, posto radicalmente em discussão. A superfície, antes congelada, das verdades e dos valores tradicionais está despedaçada e torna-se difícil prosseguir no caminho, avistar um ancoradouro”¹³³. O niilismo seria a destruição de todo e qualquer fundamento, inclusive de Deus, não para colocar outro no lugar, mas para destruí-lo peremptoriamente. Niilismo designa concretamente: a vida perdeu a graça, viver não vale a pena, a existência seria absurda¹³⁴. Trata-se de algo existencial. O niilismo é o resultado da modernidade triunfante, devido à sua opção imanentista.

O niilismo teve, na história, quatro sentidos fundamentais: filosófico, político, literário e existencial. O niilismo filosófico configura-se enquanto doutrina segundo a qual nada existe de absoluto. O sentido político apresenta que só será possível o progresso da sociedade após a destruição do que socialmente existe. O sentido literário adota, em seu âmbito, a dialética de superar os cânones literários vigentes para recriar novos. E, por fim, o niilismo existencial: a crise de sentido e a busca de sentido para a existência.

O termo niilismo foi usado primeiramente em 1793, pelo alemão Anacharsis Cloots, um dos líderes da descristianização. Em 1796, D. Jenisch fez o primeiro uso especificamente filosófico de niilismo. Porém, foi, contudo, Friedrich Heinrich Jacobi, em 1799, quem deu a esse termo um uso mais intenso, sempre contra o idealismo¹³⁵. Essa corrente filosófica do niilismo foi popularizada primeiramente no século XIX, na Rússia, governada pelos czares, como reação intelectual russa, normalmente socialista e anarquista, à lentidão dos czares em promover as desejadas reformas democráticas. Posteriormente, o escritor russo Ivan Turgueniev recorreu a este conceito em seu romance, na obra *Pais e Filhos*. Mas, será com Dostoievski que o termo niilismo obterá expressão e força, passando a ser considerado como um problema e uma marca do mundo moderno. Em 1880, Dostoievski, no livro *Irmãos Karamazov*¹³⁶, cria a personagem Ivan, niilista, que, em certa passagem, diz: “Se

¹³³ PECORARO, Rosano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jze, 2007.

¹³⁴ BOFF, 2014, p. 67.

¹³⁵ FERRATER. Mora José. *In Niilismo. Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.

¹³⁶ **Os Irmãos Karamázov**, obra de 1879, é uma das mais importantes da Literatura e consagrou Dostoiévski, como maior escritor russo. Sua história é rico material para análises sociais e filosóficas.

Deus não existe, tudo é permitido”. Com essa sentença, tem-se o início da história do niilismo contemporâneo.

É neste contexto cultural e político que Nietzsche começou a falar em niilismo. O ser humano vislumbra livrar-se do tempo e tornar-se infinito, mergulhando em uma ilusão no afã de alcançar o eterno. É um período em que ocorre a ascensão dos valores morais. Aparece Nietzsche com o esgotamento do ideal ascético, com a vontade de poder de ação e destruição¹³⁷. Neste período, renega-se a ilusão da eternidade.

Não morreu o Deus natural em Nietzsche, mas morreu o Deus enquanto ideia, como crença. Na visão de Clodovis Boff, morrendo Deus, morre todo o mundo transcendente, isto é, o religioso, com seus mistérios, como a providência e a eternidade; o mundo moral, com seus valores, como o bem, a justiça, o amor ao próximo; e o mundo da metafísica, com suas ideias transcendentais, tais como a verdade, a unidade, a finalidade¹³⁸. O filósofo sabe que o ser humano será tentado a provar o céu com substitutos do velho Deus morto. Buscará produzir outras imagens, divinizando algumas realidades mundanas¹³⁹.

As teses fundamentais de Nietzsche sobre o advento do niilismo, sobre “Deus morto” e sobre o movimento do homem para uma revolução sem precedentes [...] são de uma inquietante profundidade; elas arrancam qualquer fundamento de um mundo tranquilo. A tese que “Deus morreu” é, na sua dimensão, de uma irresistível seriedade do ponto de vista existencial. Ela, no entanto, assume, conforme for interpretada, um sentido radicalmente diferente. Quem se deixa fascinar esteticamente pela sua grandeza dramática ainda não foi verdadeiramente tocado por ela: Quem tira somente a conclusão lapidar que Deus não existe, cai num banal ateísmo, no qual Nietzsche não pensa.

As interpretações da morte de Deus em Nietzsche¹⁴⁰ são muitas. Em geral, os autores da pós-modernidade têm uma interpretação bastante benévola sobre o ateísmo nietzscheano. Há diversos fragmentos do próprio Nietzsche que podem levar

¹³⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 315.

¹³⁸ BOFF, 2014, p. 272.

¹³⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. [Trad. Delfim Santos Filho]. Lisboa: Guimarães, 1996.

¹⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. [Trad. de Antônio Carlos Braga]. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal, 45), n. 125.

a esta conclusão. A morte de Deus pode ser interpretada pela via *negationis*, ou seja, nega-se em Deus o que ele não é. Vattimo acentua em todas as suas obras quase como um estribilho que o Deus que Nietzsche diz que morreu foi o Deus da moral¹⁴¹. Consideramos Nietzsche um pensador unitário, que destrói para recriar, que assume o niilismo para poder chegar à sua superação, que diz não a representações do divino e a atitudes religiosas e vitais decadentes e niilistas para abrir o caminho para uma mais radical e sagrada afirmação da vida e do divino, que constitui uma misteriosa e interlocutória dimensão.

A morte de Deus leva à descoberta da falácia de um cristianismo dobrado sobre o manto de um espiritualismo moralista, enraizado na forma de astúcia que é a fé na sua pretensão de justificar a realidade no jogo da ilusão esotérica e na desrealização trágica. A fé é o modo por excelência de fugir de uma realidade que faz sofrer muito. Certamente que a forma de o cristianismo enfrentar o problema do mal, da dor, do sofrimento, do sentido da vida, da contingência, deve ter influenciado muito os filósofos e pensadores da segunda metade do século XIX, dentre eles Marx, Nietzsche, Comte, Freud. As ideias religiosas são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos.

Consequência da morte de Deus, a experiência é o niilismo. O desmoronamento dos valores antigos, tudo parece vazio. O ser humano se sente privado de qualquer referência. Não nos causa estranheza que nos advertam de que Deus morreu, enquanto metáfora axiológica do absoluto. O ser humano não tem, pois, um ponto de referência, um fundamento; o sujeito se encontra sem nada e sem ninguém. Tudo é relativo, como o próprio ser humano, que se move agora só em função de si mesmo. Se Deus morreu, o ser humano está só, mas também está livre. Sua referência é ele próprio e suas necessidades lhe remetem exclusivamente a si mesmo.

Nietzsche lança aos quatro cantos do mundo, a notícia da morte de Deus. É bem verdade que o Deus cristão sabe o que é a morte e, Ele sendo Deus, permite que as criaturas humanas, assim como ressalta Bonhoeffer, “o expulsem da vida”¹⁴². Na visão de Bonhoeffer, é uma experiência do autêntico Deus cristão que é um Deus

¹⁴¹ VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade**. Por um cristianismo não religioso. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004, p. 09.

¹⁴² BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. 252.

frágil, sem poder, que se deixa pendurar pelo mundo em uma cruz, que se deixa jogar fora do mundo e, assim, sustenta o mundo, sofre com ele e o salva; e exatamente deste modo, e só deste modo, está entre nós¹⁴³.

Com a secularização, o mundo moderno, emancipado, autônomo e livre, adquiriu espaço crescente. No entanto, a ausência de Deus pode ser a grande oportunidade de descobrir a face do Deus de Jesus, que está ausente como poder, porém presente como fraqueza, amor e misericórdia, como quem realmente é, e amadurecer assim uma fé purificada de falsa religião que rebaixe Deus à categoria de deus “*ex machina*”¹⁴⁴, fé despojada e gratuita que faz sua experiência na Cruz de Cristo. Somente uma fé que corresponda com esta divindade será, de acordo com Bonhoeffer, capaz de enfrentar o desafio do ateísmo moderno¹⁴⁵. Pode-se ousar dizer que, com uma admirável sabedoria e lucidez, Bonhoeffer soube alcançar este desafio para a fé no Deus cristão - embora esta descoberta o levasse ao cárcere, isto é, na fraqueza e no sofrimento. Sua execução, no campo de extermínio de Flossenbürg, na alta Bavieira, na madrugada de nove de abril de 1945, cortou sua reflexão, deixou-a em fragmentos.

2.5 A PERDA DE SENTIDO DA VIDA NA PÓS-MODERNIDADE

O drama humano sobre o sentido da vida tem se intensificado. Muitos sujeitos pós-modernos alegam ter perdido o “sentido da vida”¹⁴⁶, perderam a finalidade da vida. Nessa linha de análise, não deixam de ter razão os que ressaltam, assim como Harbermas, que a pós-modernidade é ainda a modernidade gerando e parindo as crises¹⁴⁷. Diante das grandes transformações de produção e consumo que abalaram o modo de vida moderno, a Igreja nos alerta: “Viver na obscuridade, sem a verdade acerca das questões últimas, é um mal (que está) muitas vezes na origem de sofrimentos e de escravidões dramáticas”¹⁴⁸.

¹⁴³ Ibid., p. 228.

¹⁴⁴ “Deus ex machina significa: um deus por meio de máquina. Expediente da tragédia grega (e romana) para solucionar casos complicados”. www.dicionariodelatim.com.br

¹⁴⁵ BONHOEFFER, 1968, p. 228.

¹⁴⁶ BRUGGER, Walter. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: EPU, 1962, p. 472-473.

¹⁴⁷ HARBERMAS, 1985, p. 3-15.

¹⁴⁸ **CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ**. Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização. 3 de dezembro de 2007, n. 7. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc-concfaith-doc-20071203-nota-evangelizzazione-po.html>. Acesso em 11 de maio de 2015.

Sêneca sinaliza que, para viver bem, é necessário ter um objetivo que anime e dirija a vida:

Tenhamos diante dos olhos o fim que é o bem soberano, de modo que a ele tenham nossos esforços e se orientem todos os nossos atos e todas as nossas palavras, assim como ao marinheiro é necessária uma estrela que lhe dirija a navegação. Sem um propósito, a vida fica sem rumo (*vita sine proposito vaga est*)¹⁴⁹.

Em todos os tempos, estão as grandes perguntas existenciais a respeito do sentido da vida: De onde vim? Vivi antes? Nasci? Vou morrer? Para onde vou? Reencarnarei? Ressuscitarei? Fim de tudo? Para quê? Por que? O que faço e devo fazer no breve tempo entre o nascimento e a morte? Que valor tem a vida? Vale a pena viver? O mistério sempre supera todas as respostas e persiste. As religiões tentam estabelecer diálogos com todos estes mistérios e procuram dar uma resposta de fé a eles. Esse questionamento exige atitude dinâmica de abertura da pessoa ao sentido radical da existência e constitui a “dimensão de profundidade” ou “religiosa” do ser humano, sua “religiosidade”. Não se trata, esclarece Paul Tillich, de “mais uma” atitude ou função: a religiosidade é a mais profunda de todas as funções da vida humana; ou melhor, da vida humana como totalidade. Essa abertura ao sentido radical da existência humana será, por isso mesmo, abertura ao que nos transcende de modo absoluto. Esse é o ideal. Na realidade, Tillich lamenta como tragédia dos nossos tempos a perda em grande escala dessa dimensão na sociedade. Daí o título de um precioso livro seu, *A dimensão perdida*¹⁵⁰.

O valor diz respeito a toda realidade, tudo tem valor. O valor está em tudo: “Quanto mais densidade ontológica tem um ser, mais valor tem e, portanto, mais sentido. Se é assim, Deus, portanto, sendo Ser subsistente, não tem propriamente sentido: Ele “é” eminentemente o Sentido”¹⁵¹. O valor de cada ser simplesmente por que ele é único. Deus é o Sentido dos sentidos. Porém, de maneira positiva, em si mesmo, podemos dizer: tudo tem um devido valor, seja em menor ou maior grau. O valor de cada ser simplesmente por que ele é único, tem e traz uma contribuição étnica para a imensa teia da vida. Podemos convencionar que as infinitas e sempre diversas

¹⁴⁹ SÊNECA, L. Annaei. **Cartas a Lucílio**. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 2 ed. Livro XV, 95, 46.

¹⁵⁰ TILLICK, Paul. **La dimensión perdida: indigência y csperanz**. Desclée, 1970. Original Alemão, 1962.

¹⁵¹ BOFF, 2014, p. 20.

formas de vida podem ser um reflexo da infinita grandeza do amor de Deus. Se a modernidade perdeu essa visão, nos alerta Clodovis Boff: “depois de ter perdido os olhos da fé, perdeu os olhos da inteligência metafísica, para fixar apenas na física das coisas. Perdendo o senso do ser, perdeu também o senso do bem e do valor, e assim perdeu o sentido”¹⁵². Segue o autor alegando que o esquecimento do ser trouxe como consequência uma total desvalorização dos entes. Como “postura existencial, o niilismo consiste efetivamente em desonrar a existência em sua espessura ontológica, não reconhecendo sua verdade e sua excelência”¹⁵³. Isso fez com que se abrisse todo o caminho de violência sobre o ser, assim como toda a natureza que tem recebido todo o tipo de agressão e destruição em nome do materialismo e da busca do consumismo.

No pensamento de Ricoeur, há um “progresso da racionalidade e um retrocesso do sentido. Desenvolvemos uma inteligência dos meios [...], mas, ao mesmo tempo, assistimos a uma espécie de esfumaçamento ou dissolução dos fins”¹⁵⁴. A modernidade nos oferece um espetáculo com: violência brutal das armas e dos meios de destruição de massa, violência sutil da propaganda e da manipulação de informação, violência cega do terrorismo, violência silenciosa e universal das injustiças nas relações políticas, sociais e econômicas entre indivíduos, grupos e nações: e ao termo desses e de outros caminhos da violência, o esgar insensato da ‘morte moderna’¹⁵⁵.

Os valores assentados na modernidade são: o lucro, o sexo, a técnica, a mídia e etc. Valores considerados vazios, pobres e sem sentido. A perda do sentido traz como consequência lesões profundas à dignidade humana, como muitas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor ficam sem solução, o que frequentemente leva o ser humano ao desespero. A consciência como santuário de Deus foi atingida pela cultura do niilismo no pós-modernismo, onde não se sabe mais o certo e o errado, vale tudo, pode-se tudo, nada mais limita o indivíduo e seus caprichos instintivos ou não, nada mais tem sentido.

¹⁵² Ibid., p. 20.

¹⁵³ Ibid., p. 21.

¹⁵⁴ PENÁ, Juan L. R. de la. *La Pascua de la creación*: escatologia. 3. ed. Madri: BAC/Manuales. 2000, p. 10. n. 20. Tradução nossa.

¹⁵⁵ LIMA VAZ, Henrique, C. *Escritos da filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola. 2002, p. 174.

O sentido não é o fim, mas a direção, o rumo a ser seguido. O fim tem de estar no caminho. A questão não é o fim pelo fim, no fim. Mas discutir e procurar realizar nosso fim nos contextos atuais, na nossa sociedade, cidade, bairro e comunidade, aqui e agora. Buscando uma finalidade de vida digna e justa, construída e verificada já nas relações que performam nosso cotidiano.

É ter para onde ir, é ter um caminho ético e espiritual, é ter um projeto fundamental, consiste em ter um lugar seguro para chegar, uma meta a alcançar. O fim na “verdade não é o sentido, mas dá o sentido”¹⁵⁶. Sem fim, não podemos chegar a nenhum lugar, não temos direção. Por exemplo, quando se lança a pergunta: Qual é o sentido da vida? Logo se pensa no fim, exatamente porque a vida tem uma finalidade. Nos escritos de Paul Claudel, encontramos algo que nos ajuda a iluminar as trevas e desfazer os emaranhados de nós que estão sobre os sentidos do homem e da mulher pós-modernos: “Fostes Tu, ó meu Deus, que me escreveste de alto a baixo, e eu sou legível”¹⁵⁷.

Ao contrapor a verdade revelada na Cruz e o algoz do niilismo contemporâneo, a teologia de Bruno Forte defende a necessidade iminente da recuperação da beleza da verdade e do bem. Para o autor, a Cruz expressa a tensão entre o Todo e o fragmento, bem como a vitória do Todo a assumir e conferir dignidade ao fragmento. Exalta a oferta do Crucificado como evento por excelência dotado de beleza capaz de salvar o mundo. Beleza a enaltecer o humano, pois o assume mediante a encarnação (e não a concorrer com ele) e o redime por meio da Cruz. A via da beleza possibilita a redescoberta do horizonte perdido¹⁵⁸.

É possível dizer que o futuro da salvação nunca está pronto por antecipação de maneira a-histórica, de forma que pudéssemos nos entregar a ele com fatalismo ou despreocupação. Ao contrário, há um caminho a percorrer e que vai ganhando forma, de maneira que só o poderemos encontrá-lo se o procurarmos. A teologia cristã responde por Deus no mundo e pelo mundo em Deus, ela reconhece que o mundo pós-moderno não é só trevas, mas busca despertar todos os sentidos para a manhã vindoura, o que significa fazer coro a Paulo: “A noite avançou e o dia se aproxima”¹⁵⁹.

¹⁵⁶ BOFF, 2014, p. 25.

¹⁵⁷ GESCHÉ, Adolphe A. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003, p.107.

¹⁵⁸ FORTE, Bruno. **La bellezza: una via per l'unità? Studi ecumenici**, Veneza, n. 26, p. 13-26, 2008. p. 15.

¹⁵⁹ Rm 13,12.

A teologia parte da própria ótica de Deus, enquanto comunicado, aos seres humanos, através da Revelação acolhida pela fé e feito iluminação pneumática. Constituída única entre todos os saberes, o saber da fé e a razão de Deus é a Sabedoria absoluta¹⁶⁰. Na pós-modernidade, ela tem intensificado no campo da *fides*, afirmando que o mundo não é o último sentido do real, e destacando que o Reino de Deus cumpriu a sua promessa, realizada em Deus e não na vontade humana. A Sabedoria da Cruz de Cristo se apresenta como alternativa e traz resposta à angústia mais profunda do ser humano. A esperança é pré-condição para o movimento transcendental.

2.6 A CONQUISTA DA AUTONOMIA POR PARTE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Deus criou todo o ser humano livre, imprimindo-lhe a “sua imagem e sua semelhança”¹⁶¹. Logo, a humanidade é vocacionada à liberdade e convidada a ouvir o apelo do seu Criador, na inclinação e aspiração da sua natureza para o bem, mais ainda na Palavra da revelação, que foi anunciada de uma maneira perfeita em Cristo. Dessa maneira: “Ele recebe, a revelação de que Deus o criou livre, para que ele pudesse, por graça, entrar em amizade com Ele e comungar de sua vida”¹⁶². Toda a criatura humana em Cristo é chamada a entrar em comunhão com Deus. Antes de tudo, vale lembrar que a criatura humana não tem a sua origem na sua própria ação individual ou coletiva, mas no dom de Deus que o criou. Na realidade, é de Deus e com relação a Ele que a liberdade humana adquire sentido e consistência.

A constituição *Gaudium Et Spes* ressalta que muitos dos nossos contemporâneos “parecem temer que a íntima ligação entre a atividade humana e a religião constitua um obstáculo para a autonomia dos homens, das sociedades ou das

¹⁶⁰ BOFF, op. cit., p. 49.

¹⁶¹ Gn 1,26. Tem-se, então, uma antropologia teológica que salvaguarda um conceito integral do homem: originado em Deus, identificado como parceiro de Deus na *creatio* continua, imbuído de caráter social, de responsabilidade, de liberdade e transcendência. Com este conceito, é possível afirmar a dignidade da pessoa humana, tão relevante para salvaguardar a essência do homem no que se refere mundo contemporâneo. PASSOS, João Décio e Sanchez, Wagner Lopes (coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 398.

¹⁶² RATZINGER, Joseph. **Libertatis Conscientia. Sobre a Liberdade Cristã e a Libertação**, 22 de março de 1986. N. 28. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_fr_eedom-liberation_po.htm> Acesso em 19-07-2016.

ciências”¹⁶³. A *Gaudium Et Spes* não elimina o conhecimento produzido pela ciência, porém reconhece, teologicamente, a soberania de Deus e sua liberdade para agir no interior da criação em que repousa, sendo sua presença santificação e benção. Segue a Constituição:

Se por autonomia das realidades terrenas se entende de que as coisas e as próprias coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente legítimo exigir autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente de acordo com a vontade do Criador. Pois, em virtude do próprio fato da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias, que o homem deve respeitar, reconhecendo os métodos peculiares de cada ciência e arte. Por esta razão, a investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo de um modo verdadeiramente científico e segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus. Antes, quem se esforça com humildade e constância por perscrutar os segredos da natureza, é, mesmo quando disso não tem consciência, como que conduzido pela mão de Deus, o qual sustenta as coisas e as faz ser o que são. Seja permitido, por isso, deplorar certas atitudes de espírito que não faltaram entre os mesmos cristãos, por não reconhecerem suficientemente a legítima autonomia da ciência e que, pelas disputas e controvérsias a que deram origem, levaram muitos espíritos a pensar que a fé e a ciência eram incompatíveis¹⁶⁴.

Cumpra observar que a liberdade do homem e da mulher é finita e falível. Seus desejos podem voltar-se para um bem aparente: optando por um falso bem, ele falta à vocação da sua liberdade. O homem, por seu livre arbítrio, dispõe de si mesmo, realizando, dessa forma, a sua vocação régia de filho de Deus: “Pelo serviço de Deus, ele reina”¹⁶⁵. A autêntica liberdade é serviço e justiça, enquanto, ao contrário, a escolha da desobediência e do mal é escravidão e pecado¹⁶⁶.

Deus concede a participação livremente da sua providência a todos os homens e mulheres, confiando-lhes a responsabilidade de “submeter-se a terra e dominá-la”¹⁶⁷. Deus concede, assim, à humanidade a inteligência e a liberdade para completar a obra da sua criação, aperfeiçoando-lhe a harmonia para o bem deles e

¹⁶³ PAPA PAULO VI. *Gaudium Et Spes*. (7 de dezembro de 1965). Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. > Acesso em 30-08-2016. Cap. II. n. 36.

¹⁶⁴ GS, cap. II. n. 36.

¹⁶⁵ JOÃO PAULO II. *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html.> Acesso em 19-07-2016.

¹⁶⁶ Rm 6,6; 7,23.

¹⁶⁷ Gn 1,26-28.

dos outros. Os mesmos podem entrar no plano divino e serem “cooperadores de Deus”¹⁶⁸ e do seu Reino¹⁶⁹. Eis uma verdade inseparável da fé em Deus Criador. Deus age em todo o agir das suas criaturas. E é a causa primeira que opera nas causas segundas e através delas: “Pois é Deus quem opera em vós o querer e operar, segundo a sua vontade”¹⁷⁰. Longe de diminuir a dignidade da criatura, esta verdade a realça. Tirada do nada pelo poder, Sabedoria de Deus, a criatura não pode nada se for cortada da sua origem, pois a criatura sem o seu Criador não subsiste; muito menos pode atingir o seu fim último sem a ajuda da graça.

Deus chama a pessoa humana para a liberdade. Em cada vida humana, é viva a vontade de ser livre. No anseio da liberdade humana, esconde-se a tentação de renegar a sua própria natureza. Na medida em que deseja tudo querer e tudo poder, esquecendo-se, assim, de que é finito e criado, ele pretende ser um deus. “Sereis como Deus” (Gn 3,5). Essa palavra da serpente manifesta a essência da tentação do pecado, ela comporta a perversão do sentido da sua própria liberdade. Tal é a natureza profunda do pecado: a humanidade separa-se da verdade, impondo-lhe a sua vontade.

Desde o princípio da criação do universo¹⁷¹, o pecado entrou através da desobediência¹⁷² e a cobiça humana tem desafiado a Sabedoria Divina, “seja através da arrogância da civilização que anseia conquistar o céu, seja pelo cinismo de outra civilização que está obcecado pela conquista da terra”¹⁷³. Essa inclinação da humanidade em relação ao pecado teve continuidade em toda a terra, entre todos os povos, independente de raça, cultura ou classe social, eras ou gerações.

Embora tenha sido por um ato de vontade, a criatura humana não quis só desobedecer, mas, inclusive, optou por ter uma existência à margem da Lei Divina. Não era somente um esfriamento com relação ao amor de Deus. Muitos fizeram opção por um destino autônomo e soberano, concebendo uma existência mais livre, como se Deus lhes parecesse um obstáculo para alcançar a liberdade. Assentou-se sobre a humanidade o que ela havia escolhido. As suas vontades foram se afastando de Deus e trouxeram, como consequência, o rompimento da unidade da criatura humana

¹⁶⁸ 1Cor 3,9; 1Ts 3,2.

¹⁶⁹ Cl 4,11.

¹⁷⁰ Fl 2,13.

¹⁷¹ Cf. Lc 11,50.

¹⁷² JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Centesimus Annus*. São Paulo: Paulinas, 1991, n. 25, § 3.

¹⁷³ ÁLVAREZ, 2011, p. 25.

com o seu Criador. Essa desobediência acabou ofuscando a capacidade de conhecer a Verdade. A inteligência humana ficou deformada, obscurecida pelas mesmas razões que justificou seu caminho, sua libertação. A vontade impôs à inteligência sua decisão.

Para o Apóstolo Paulo, a causa do pecado está exatamente aí: “Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria tornaram-se tolos”¹⁷⁴. Em decorrência disso, os olhos da mente deixaram de ver com clareza e a razão se tornou, aos poucos, prisioneira de si mesma. A mesma prática de Adão tem se perpetuado por parte da humanidade e, exatamente por isso, ela sofre o que ele sofreu. O mesmo gesto atrevido da desobediência, que se origina ao arrancar o fruto da árvore da vida, repete-se por toda a história da humanidade, conforme está escrito: “Não há nenhum justo, nem sequer um”¹⁷⁵.

Como vimos, o pecado sempre esteve presente na história da humanidade¹⁷⁶. A modernidade produziu uma sociedade edênica, impulsionada pela confiança na ciência, na tecnologia e no progresso, fruto do primado da razão, desembocando num antropocentrismo. De uma forma ou de outra, colocam-se ex-habitantes do Éden diante do desnudamento final: a morte não virá como opção, mas “pode chegar vazia de sentido”¹⁷⁷.

Do ponto de vista teológico, Queiruga¹⁷⁸ destaca que, a partir dessa mudança paradigmática, por exemplo, o ser humano passou a ser o agente central – ativo - de promoção de sua salvação e Deus tornou-se agente passivo em todo esse processo. Segue o autor afirmando que “a modernidade não é um bloco monolítico, senão um processo por demais complexo em que intervêm muitos elementos. E, obviamente, nem tudo o que nela aconteceu é verdadeiro e aceitável”¹⁷⁹. O século XX trouxe sinais visíveis, de acordo com Brighenti, de que o ser humano “é capaz de um mal maior do que tudo o que mostraram os séculos anteriores, de uma vontade de destruição capaz de atingir a natureza e, com ela, a vida humana e seu ecossistema”¹⁸⁰. Segue o autor

¹⁷⁴ Rm 1,21-22.

¹⁷⁵ Rm 3,10.

¹⁷⁶ JOÃO PAULO II. **Exortação pós-sinodal sobre a Reconciliação e a Penitência na missão da Igreja de hoje**. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁷⁷ BAUMAN, 2000, p. 64-75.

¹⁷⁸ QUEIRUGA, André Torres. **Um Deus para hoje**. São Paulo: Paulus, 1998. p.17.

¹⁷⁹ Ibid., p. 17.

¹⁸⁰ BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa. As novas perguntas, novas respostas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 50.

ressaltando que “não restou mais que a técnica. Não que ela seja forçosamente ruim, mas ela é incapaz de produzir um mundo novo”¹⁸¹.

Os pós-modernos, destaca Ángel Castiñeira, trazem a conquista da autonomia¹⁸², a norma da lei que é o “eu”, senhor de si e da história. Na subjetividade moderna, conhecer o mundo é dominá-lo, com o holocausto. O ser humano chega a ser tão autônomo que elimina o outro. Seguindo essa intuição, o teólogo mexicano Álvarez apresenta a subjetividade moderna como “sonho e onipotência infantil”¹⁸³. O acontecimento Auschwitz torna-se prova incontestável de que a razão humana não garante o progresso da civilização nem é capaz de produzir mais justiça ou mais felicidade. Ela buscou substituir, Deus o princípio do juízo moral. Ela, por si só, explica e avalia as condutas. O ser humano agora se vê órfão da tradição e dos grandes sistemas de sentidos modernos. Passa ser autônomo da realidade e se constitui dominador absoluto; desmorona-se a própria base da sua existência. A este propósito, a encíclica *Centesimus Annus* aponta que, “em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substituiu-se a Deus e, assim, acaba por provocar a revolta da natureza, que ele tiraniza do que governa”¹⁸⁴.

O sujeito moderno expulsou Deus para se afirmar em si mesmo. Chegamos ao “nihilismo”¹⁸⁵, caracterizado pela subjetividade, a paixão pelo nada e a descrença em qualquer fundamentação religiosa para a existência humana. Numa indiferença assustadora, alega que temos que sobreviver, não sabe se há transcendência, não há valores, não há sentido. Vivemos em uma sociedade sem limites, conforme nos apresenta Brighenti: “criou-se uma cultura de morte, em que não há mais nada a destruir do que o próprio mundo”¹⁸⁶. Verificou-se uma mudança radical de paradigma, a razão humana substitui a fé que antes se assentava soberanamente sobre o trono da História. Se, na sociedade tradicional, valia o que passava pela tradição, na sociedade moderna, não há qualquer validade fora da razão. A razão humana é a nova cosmovisão. O ser humano passa a ser o centro e, por ser assim, passa a ser o construtor do seu mundo, do seu próprio destino, de sua própria sociedade, inclusive

¹⁸¹ Ibid., p. 50.

¹⁸² CASTIÑEIRA, Ángel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 137-138.

¹⁸³ ÁLVAREZ, 2011, p. 72.

¹⁸⁴ CA 1991, n. 37.

¹⁸⁵ LANCEROS Patxi, ORTIZ-OSÉS, Andrés. **Diccionario de Hermeneutica**. In: *Nihilismo*. Universidad de Deusto Colección, 2004. pp. 576-578. Tradução nossa.

¹⁸⁶ BRIGHENTI, 2004, p. 49.

de sua própria salvação. Precisamos partir de uma nova convenção a respeito do que queremos ser como humanos, que tipo de humanos queremos ser? Somos possibilidades abertas para o mal e para o bem.

É possível verificar um notável excesso de antropocentrismo neste período. Diante da liberdade humana, corremos o risco de um antropocentrismo desordenado, nos alerta Papa Francisco na carta encíclica “*Laudato si*”:

Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social¹⁸⁷.

No mundo de hoje, chamado pós-moderno, os intelectuais declaram que não existem verdades absolutas, que a moral é relativa, que o amor é líquido¹⁸⁸ e que (estereótipo obrigatório) Deus morreu. E o fazem em nome de toda a sociedade, do chamado homem de hoje¹⁸⁹. Se o sujeito moderno era o homem e a mulher da razão, o pós-moderno é o homem e a mulher do desejo. Quem está agora no comando não é a subjetividade racional, mas a emocional¹⁹⁰. O sujeito pós-moderno vive no mundo sem finalidades e sem sentidos transcendentais, optou pela finitude e não se abre ao infinito.

É impossível não se dar conta de que, neste mundo pós-moderno, os cristãos ainda se opõem à Sabedoria da Cruz. A palavra cruz parece causar mal-estar ao sujeito pós-moderno, o qual, graças a todo o desenvolvimento tecnológico e científico - nunca visto antes na história – tornou-se senhor da terra, subjugou-a e a dominou¹⁹¹. Nesta vocação de dominar a terra, submetendo-se ao seu serviço pelo trabalho, pode-se reconhecer um traço da imagem de Deus. Mas, a intervenção humana não é criadora, ela depara-se com uma natureza material que, como ela, tem a sua origem em Deus Criador e da qual o homem foi constituído “nobre e sábio guardião”¹⁹². As

¹⁸⁷ LS, 2015. n. 22.

¹⁸⁸ BAUMANN, 2001.

¹⁸⁹ BOFF, 2014, p. 476.

¹⁹⁰ BOFF, 2014, p. 477.

¹⁹¹ Cf. Gn 2,28.

¹⁹² RH, 1979, n. 15.

transformações obtiveram grandes progressos nas ciências empíricas, nas técnicas e nas artes liberais e alcançou grandes sucessos, sobretudo na investigação e na conquista do mundo material. Esse domínio sobre a terra apresenta sombras e desequilíbrios profundos. O problema do sujeito pós-moderno não é mais conviver com deuses e demônios, ressalta Moltmann, “mas como ele vai sobreviver à bomba e destruição do equilíbrio natural. Ele hominiza a natureza cada vez mais e a domina. Por isso, sua questão vital é a humanização deste mundo hominizado”¹⁹³. Seu maior problema é a busca constante da humanidade do seu próprio mundo.

Como temos observado, o ser humano tem deixado de ser criatura e, segundo Touraine, é ele mesmo “que define seus papéis e condutas para o bom funcionamento da sociedade”¹⁹⁴. O resultado obtido é um sujeito vulnerável, enfraquecido, deprimido, exposto, fragilizado, buscando na prática do consumo o preenchimento de sua dependência de reconhecimento do outro. A pergunta “qual é o sentido da vida?”¹⁹⁵ tem avançado em todas as classes sociais como algo assustador. O sujeito pós-moderno vive uma crise existencial. Ele nega o sofrimento e busca o sentido da vida no conceito do prazer. Diante deste mundo desencantado¹⁹⁶, impregnado pela cultura hedonista, correndo-se o risco de aniquilamento, “produzido pelos colapsos das grandes histórias e pela crise de credibilidade das grandes instituições modernas (família, universidade, estado, Igreja)”¹⁹⁷, o sujeito contemporâneo criou uma prática de cuidado de si desvinculado do cuidado do outro, configurando, assim, um estilo de vida voltado para si mesmo, sujeito aos colapsos do holocausto. Como escreveu e plasmou numa gravura o grande dramaturgo espanhol Francisco de Quevedo: “Os

¹⁹³ MOLTSMANN, 2011, p. 124.

¹⁹⁴ TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma. Para compreender o mundo hoje**. [Trad. Gentil Avelino Titton]. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 24.

¹⁹⁵ Vaz afirma: “descobrir o sentido na floresta dos sentidos possíveis é, pois, a tarefa por excelência do ser humano enquanto portador do lógos, pois só a ele, aberto constitutivamente ao ser e à verdade, é oferecido o supremo risco de enunciar o sentido verdadeiro e, assim, de interpretar as razões do ser em razões do seu próprio viver”. VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 167.

¹⁹⁶ Um mundo encantado, podemos chamá-lo de uma sensação de autorrealização, de exaltação de felicidade. Quanto maior e mais vivo o ideal da vida, mais satisfação dá ao coração e mais encanto confere à vida. O mundo moderno foi chamado por Weber de um mundo desencantado, justamente porque perdeu o sentido que caracterizava o mundo religioso pré-moderno. É bem verdade que um mundo sem sentido é um mundo desencantado, um mundo com sentido é um mundo encantado. O sentido da vida traz a graça, a beleza o esplendor, o colorido da vida, o sabor dando o gosto ao viver. PIERUCCI, Antônio F. **O Desencantamento do mundo**. Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003. “O desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma quebrar o encanto” (p. 7).

¹⁹⁷ ÁLVAREZ, 2011, p. 27.

sonhos da razão produzem monstros”¹⁹⁸. Na comunidade cristã, sou levado a ver o outro que está com fome, com sede, doente, preso, etc., e a fazer dele meu irmão/irmã, integrando-o numa comunidade de vida digna, justa e solidária. Eu e o outro é uma só comunidade.

Diante do grande crescimento tecnológico, o homem e a mulher pós-moderno tem uma técnica de posse, de domínio e de transformação: “não foi educado para o reto uso do poder”¹⁹⁹, correndo sério risco de fazer mau uso dele. A sua “liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal. Neste sentido, ele está nu, exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para controlá-lo”²⁰⁰. Se, hoje, não tem mais o nazismo, as ideologias absolutistas, os totalitarismos, tem-se o terrorismo, o genocídio lento, sutil, suave, imperceptível, que começa na consciência do homem e da mulher pós-modernos. O papa Bento XVI ressalta: “o poder do homem cresceu de modo anormal. O que não cresceu, porém, na mesma medida foi seu potencial ético”²⁰¹.

No mundo de hoje, a humanidade constantemente é ameaçada por uma guerra nuclear, mas não é o único perigo. Corremos riscos com as construções de usinas nucleares que ameaçam extinguir a vida em nosso planeta; os meteorologistas já falam de um véu nebuloso de poluição atmosférica que afeta todo o planeta; a nossa saúde também está ameaçada pela água e pelos alimentos, contaminados por uma grande variedade de produtos químicos tóxicos, aditivos alimentares sintéticos, pesticidas, agrotóxicos, plásticos²⁰². Tornou-se claro que nossa tecnologia está perturbando seriamente e pode estar destruindo os sistemas ecológicos dos quais depende a nossa existência.

A sabedoria do mundo pós-moderno, lamentavelmente, não consegue unir a humanidade para combater males como: a guerra, a miséria, a fome e as doenças. E, num âmbito mais pessoal, a angústia e a inquietude. Esta ruptura de comunhão tem

¹⁹⁸ Trata-se de uma famosa expressão do grande dramaturgo espanhol do século XVII Francisco Quevedo, que inspirou o grande pintor Francisco de Goya, no período do romantismo, numa pintura com o mesmo título em 1797. No primeiro esboço, Goya escreveu de próprio punho: “Fiquei adormecido, depois: que desembaraçava a alma se viu ociosa sem a tarefa dos sentidos exteriores, investiu-me desta maneira a comédia seguinte: e assim a recitaram minhas potências às escuras, sendo eu para minhas fantasias, auditório e teatro” (apud. Eleonor Sayre, “*Goya and the Spirit of Enlightenment*”. In: *Catalogue. Boston, Museum of Fine Arts*, 1989, p. 110).

¹⁹⁹ GUARDINI, Romano. *Das Ende der Neuzeit: Ein Versuch zur Orientierung*. Basileia, 1950, p. 87.

²⁰⁰ LS, 2015, n. 105. Tradução nossa.

²⁰¹ BENTO XVI. *Luz do mundo*. Uma conversa com *Peter Seewald*, São Paulo, Paulinas, 2011. p. 64.

²⁰² FRITJOF, Capra. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 12.

levado a humanidade a se distanciar de Deus, de si mesma, do outro e do mundo. Exatamente por causa do pecado, ato da liberdade humana, o ser humano passa a se situar “fora do círculo curativo de vida e da relação com Deus”²⁰³. Isso leva a humanidade a reforçar as estruturas geradoras do pecado. O pecado desorienta toda o ser humano, que, por si só, já não consegue encontrar o caminho do bem. A criatura humana está sempre diante da alternativa de escutar Deus ou escutar a serpente.

O mundo atual, acostumado com a velocidade da internet e com as avalanches de informações, imagens e impressões por segundo, parece ter perdido a sensibilidade para saborear a presença das mensagens da Sabedoria da Cruz nos acontecimentos da vida. A sociedade pós-moderna está impregnada pela cultura do prazer e do consumismo, o que nos leva a entender que vive uma crise existencial, pois chegou ao limite da vulnerabilidade da existência humana, isto é, ao niilismo: “Como a roda, a internet apenas facilita o caminho. Mas não nos aponta um destino”²⁰⁴. O problema precisa de um parecer teológico e buscaremos responder com um discurso que integre a sabedoria da pós-modernidade com a Sabedoria da Cruz de Cristo, apesar dos contrastes.

Buscaremos, dentro da perspectiva paulina, inspiração para abriremos uma janela e lançarmos um olhar panorâmico sobre a pós-modernidade. É sabido que o Apóstolo Paulo usa a linguagem da Cruz na comunidade de Corinto em sua experiência no anúncio do Evangelho. Ele a trata enquanto expressão de loucura e contradição para o mundo acostumado com vitórias e grandes conquistas. Paulo coloca como critério não a sabedoria das palavras, mas a Sabedoria da Cruz, como verdade e força de Deus que salva a humanidade em todos os tempos. E, em todos os tempos, está contemplado também o tempo pós-moderno. O nosso tempo precisa de tal Sabedoria para que a vida pós-moderna adquira um significado novo e, mesmo no sofrimento, a cruz se torne fonte de sabedoria e a humanidade se humanize. A Sabedoria da Cruz, por sua vez, não destrói a sabedoria da razão natural. Compõe-se com ela: assume-a, purifica-a e eleva-a.

Esta tese tem como escopo fundamental apresentar a Sabedoria da Cruz de Cristo como um caminho de superação para os pós-modernos, capaz de curá-los da crise existencial. Considerando que a Cruz de Cristo é a fonte mais plena de amor

²⁰³ BAUMGARTNER, Isidor. *Psicología Pastoral. Introducción a la praxis de la pastoral curativa*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997, p. 250. Tradução nossa.

²⁰⁴ CONY, Carlos Heitor. “**A internet e a roda**”, em a Folha de São Paulo, 20 de maio de 2010, p. A2.

dada por Deus à humanidade, deduz-se que Ela constitui resposta suficiente e, com a sua sabedoria, oferece espaço de transcendência, de reencontro com o sentido da vida, consigo mesma e conseqüentemente com Deus.

3 A SABEDORIA DIVINA

Alguns aspectos devem ser considerados para delinear com mais objetividade o conteúdo desta pesquisa, uma vez que a sabedoria humana tem demonstrado sua fraqueza e sua irrelevância para com o verdadeiro destino humano; ela tem se esquecido da fonte originária de toda a sabedoria, que é Deus, e está manifestada na pessoa de Jesus Cristo.

O objetivo deste capítulo é apontar o Inefável como resposta, abrindo o caminho não pela sabedoria dos discursos, mas pelo misterioso poder da Sabedoria da Cruz de Cristo, escondido no mundo. É do próprio interior humano, na face do Mistério, que brota o que estava oculto. Cristo crucificado morre pela, pela salvação da humanidade. A cruz, portanto, é a exibição da Sabedoria de Deus aos olhos humanos. É da Cruz de Cristo que emana a seiva viva que cria e recria pontes sobre o nada. O Tudo que quase se esvai no nada do *intellectus* frágil.

Segundo a pré-compreensão cristã, Deus exerce o seu dom mais decisivo à vida humana: dar-se aos seus filhos como a condição de possibilidade da vida, aniquilando as trevas da sabedoria humana. Por isso, o mistério do Deus escondido está aberto para que cada geração, e de maneira especial neste tempo pós-moderno, viva em Deus e descubra nele o código de seu próprio mistério, a sua Sabedoria. A Sabedoria é na verdade a arte de viver bem na modernidade, é a atitude diante dos desafios da história, é a superação. Esta base teológica ajuda a compreender o terceiro capítulo dessa tese: como Paulo transforma a cruz em Sabedoria?

3.1 O CONCEITO DE SABEDORIA

Buscando o sentido da Sabedoria, neste tempo fragmentado, apresentamos uma abordagem do conceito de sabedoria. Consultando-se o dicionário da língua portuguesa, é possível constatar que o termo sabedoria apresenta a seguinte definição: como sabedor + ia, grande conhecimento, qualidade do sábio, saber, ciência²⁰⁵. No Antigo Testamento, a sabedoria, no hebraico, tem seu vocabulário bastante diversificado:

²⁰⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 1868, Sabedoria: 1) Grande conhecimento, erudição, saber, ciência: Sua obra bem revela a sua sabedoria. 2) Qualidade do sábio: A sabedoria de suas palavras convenceu-me. 3)

O *hakam*, sábio (138 x), é dotado de s., *hokemah* (153 x), *tevounah* (42x) ou *binah* (36 x): penetração, discernimento, *da'at*: conhecimento (com Deus por objeto em Is 11,9; Os 4,1-6; Sb 2,13 etc). *Sakal*, e outras formas aparentadas, como *sakal(hi)*, de sentido mais incerto (Gn 3,6; Is 52,13; Dn 11,33; 12,10 – 58x), evocam luz, expansão, sucesso. A s. age por conselho ou desígnio (*'eçah*: 88 x), por cálculo (*mahashavah*), transmite-se pela educação (*mousar*: 50 x) e tem relação com o segredo (*sod*: 21 x), com o mistério (aram. *Raz*: Dn 9,9)²⁰⁶.

O *Dicionário de Paulo e suas Cartas* apresenta os equivalentes que constituem o campo semântico da palavra “sabedoria”: o que é entendido, discernimento, inteligência, planejamento cuidadoso, modo de pensar, perspectiva, capacidade de entender e avaliar, inteligência²⁰⁷. Segue o autor:

Sabedoria (Hebr. *hoqmâ, hākām*; gr. *sophia, sophos*) inclui *synesis* (o que é entendido, discernimento, inteligência); *phronēsis* (planejamento cuidadoso, modo de pensar, perspectiva, capacidade de entender, sabedoria), *epistēmē* (capacidade de entender e avaliar, inteligência, entendimento), *gnōsis* (informações, familiaridade, o conteúdo do que é conhecido, conhecimento, percepção, entendimento), *aisthēsis* (capacidade de perceber claramente e, portanto, de entender), *boulē* (plano, intenção, propósito), *paideia* (instrução com a intenção de formar hábitos adequados de comportamento, treinamento de acordo com regras apropriadas de conduta e comportamento, disciplina), com outras palavras que aparecem em estreita relação sintática com ‘sabedoria’, como ‘ensinamento’ (*didaskō/didachē/didaskalia, katēchēō, noutheteō, paradidomi, paralambanō, paradosis*), ‘prudência’ (*sōphrosinē, sophos*) ‘plano’ (*thelō/thelēma, protithemai/prothesis, gnomē*), ‘conselhos’ (*symbouleuō, paraineio, symbouleuo, paraineo, symbibazo*), ‘percepção’ (figurativa: *horaō/ ophthalmos; noeō, syniēmi/synesis*) e ‘sucesso’ (*euodoomai, teleō/teleioō, plēroō, plērophoreō, ōpheleō*)²⁰⁸.

A sabedoria, no grego “*sofia*” (sofia), é o que detém o sábio, em grego “*sofós*” (σοφός). Desta palavra, derivam várias outras, como, por exemplo, φιλοσοφία - “amor à sabedoria” (filos/sofia)²⁰⁹. Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, para descrever a sabedoria prática, ou a habilidade para agir de maneira acertada, usa o termo “*Phrōnesis*”²¹⁰. Trata-se de um conceito diferente de “inteligência” ou de “esperteza”.

Prudência, moderação, temperança, sensatez, reflexão: Os sofrimentos deram-me grande sabedoria. 4) Conhecimento justo das coisas; razão: Minerva, a deusa da sabedoria. 5) Ciência (2), segundo a concepção dos antigos: Os egípcios eram notáveis por sua sabedoria. 6) Maç. Uma das três colunas simbólicas que sustentam uma loja (4). (Cf. beleza (5) e força (19)). 7) Conhecimento inspirado das coisas divinas e humanas: Um dos sete dons do Espírito Santo é a sabedoria. 8). Bras. Pop. Qualidade de sabido (4); esperteza, astúcia, manha.

²⁰⁶ LACOSTE, 2014. p. 1560.

²⁰⁷ HAWTHORNE, 2008, p. 1117-1118.

²⁰⁸ Ibid., p. 1117-1118.

²⁰⁹ **O NOVO TESTAMENTO NO GREGO**: com introdução em português e dicionário grego-português. 4. ed. Ver. Berueri-SP: Sociedade Bíblica, 2009, p. 941.

²¹⁰ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. 5 ed. São Paulo: Martin Claret, 2011. Livro VI, cap. 5, § 10.

Mesmo para *Sophia* há conceitos diferentes: muitos fazem distinção entre a "sabedoria humana" e a "Sabedoria Divina" (teosofia). Como sabedoria humana, ela representa a capacidade que ajuda o homem e a sociedade a identificar seus erros e a corrigi-los. Já como Sabedoria Divina, ela desempenha o papel de aprofundar os conhecimentos humanos e elaborar as versões do Divino, bem como questões semelhantes.

Santo Agostinho destaca que a “ciência de Deus é sua sabedoria; e sua sabedoria é a sua essência ou substância”²¹¹. A Sabedoria é chamada por Santo Agostinho: o conhecimento das coisas divinas. Para São Tomás, a doutrina Sagrada trata muito propriamente de Deus enquanto causa suprema; a saber, não somente do que se pode saber por intermédio das criaturas, e que os filósofos alcançaram, “pois o que se pode conhecer de Deus é para eles manifesto” (Rm 1,19). Pois só Deus conhece a si mesmo, o que é comunicado aos outros é por revelação. Assim, a Sagrada Doutrina merece o nome por excelência de Sabedoria²¹².

3.1.1 A Sabedoria no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, à medida que o povo de Israel vai tendo contato com *lahweh*, a Sabedoria vai mostrando sua face. Primeiro, Israel teve experiência do Deus do Êxodo em sua história, para depois reconhecê-lo como criador de todas as coisas. Vale mencionar que o Egito e a Mesopotâmia tinham deuses que eram adorados por causa de sua sabedoria, tendo eles função de aconselhar seus adeptos. Os gregos exaltavam a visão, por isso seus deuses traziam imagens visualmente belas, chegavam a afirmar que, de acordo com Heráclito, no fragmento 101, “os olhos são melhores testemunhas que os ouvidos”²¹³. Porém, o Deus de Israel é o Deus verdadeiramente sábio, Ele se manifesta na criação²¹⁴. Ele não se manifesta com conceitos acabados vindos de um mundo paralelo, mas a sua revelação é um ato pessoal de um Deus que se dá à humanidade, como uma manifestação, uma epifania que só a consciência humana, criada à imagem de Deus, pode reter e comunicar²¹⁵.

²¹¹ AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1984. Livro XV, cap. 13, n. 22b.

²¹² AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Teologia –Deus –Trindade. V. 1. Parte I – Q 1-43. A. 6. São Paulo: Loyola, 2001.

²¹³ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1965, p. LXXIV.

²¹⁴ Cf. Pr 3,19; Jó 38,39; Ecl 42,15-43; 33s.

²¹⁵ GEFFRÉ, Claude. **Livre et parole de Dieu dans chacune des religions monothéistes**. In: RICHARD-MOLARD, Georges (dir.). *Colloque sur le Dieu unique...*, p. 33.. Cf. também: GEFFRÉ,

Os judeus não representavam visivelmente o seu Deus, por ser um Deus “profundamente oculto”²¹⁶. Segundo Martin Buber, Deus, na verdade, era invisível. Ele só podia ser ouvido, tampouco “não se pode falar Dele, mas falar com Ele. Ele não é um objeto de observação ou culto; Ele só pode ser encontrado, e sua presença que a cada vez é única e insubstituível. Ele é um Tu atemporal, um Tu eterno”²¹⁷. Cumpre observar que Ele não é simplesmente o autor de verdades geométricas e da ordem dos elementos; mas o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó; ele é um Deus de amor e consolo, um Deus que preenche a alma e o coração de quem Ele possui; é um Deus que faz a humanidade sentir sua miséria interior e Sua infinita misericórdia... Tudo que é perceptível não mostra nem a total ausência, nem uma presença manifesta do divino, mas a presença de Deus que se esconde. Tudo traz essa característica²¹⁸. Deus, na verdade, por definição, não cabe na natureza, nem nas nossas teologias.

Deus é o Inefável: “daquilo que não se pode falar, deve-se calar”²¹⁹. Um silêncio frente ao mistério. Tal é a condição humana face ao Inefável, porque o Inefável se mostra e não se diz. É indizível, sem exposição, sem expressão, inexistente no plano dos entes. Segundo Leonardo Boff, é a transparência de todas as coisas²²⁰. Por isso, sempre há algo de suspeito na afirmação do Inefável, pois como falar do silêncio? Como nomear o Inefável que é refratário a toda afirmação descritiva? Se é inexprimível, como exprimi-lo? Nesse sentido, pode-se dizer, conforme Dionísio Areopagita, que “nenhuma razão, nem nenhuma inteligência o esgota. Qualquer coisa que se diga dele, ele permanece indizível; de qualquer maneira que o compreenda, ele permanece incognoscível”²²¹. Sempre há um grau de incerteza, de insegurança, de opção, de aposta, de fé e de espera no amor e na misericórdia de Deus. Nomear

Claude. Esquisse d'une théologie de la Révélation. In: Paul Ricoeur et al. La Révélation. Bruxelles, Fac. Univ. de Saint-Louis, pp. 171—205, 1977. p. 175.

²¹⁶ PASCAL, Blaise. *Über dier Religion (Pensées)*, ed. E Wasmuth, 1946, nº 556, p. 254s. Tradução nossa.

²¹⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1965, p. LXXIV.

²¹⁸ PASCAL, Blaise. *Über dier Religion (Pensées)*, ed. E Wasmuth, 1946, nº 556, p. 254s.

²¹⁹ DUMÉRY, Henry. *Ineffable*. In: Encyclopaedia Universalis en ligne, 2012. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/ineffable/>>. Acesso em: 27/03/2016. Tradução nossa.

²²⁰ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.

²²¹ SAINT DENYS L'AREOPAGITE. *Lettres de Saint Denys L'Aréopagite. Les oeuvres complètes de (pseudo) saint Denis l'Aréopagite, Théologie (XII)*. Disponível em: <<http://docteurangelique.free.fr>>. Acesso em: 14/01/2016. p. 2. Tradução nossa.

o Inefável só é possível trabalhando com as palavras além da denotação. Deve-se fazer o mergulho conotativo que deixa capturar o sentido do amor:

Em Tua presença, a calma. Como em um banho de sol, entrego-me e Tu guias-me às antecâmaras que são apenas luz. Tudo é tão puro, tão transparente que o olhar não apreende. A eternidade aflora, doce mas extrema; nela, o presente fica suspenso em um Sopro. Tua paz fortalece-me e a alegria espalha-se. Pensamentos atravessam-me, como nuvens que deslizam, minhas ideias se dissolvem e se precipitam em chuva. Mas, quando Te contemplo, frequentemente meu corpo é minha bússola e já não me desvio mais. Então, Tu emerges em mim segundo o teu gosto²²².

Nesse processo, sem dúvida, faz-se necessário preservar a liberdade e a verdade com integridade, para que seja possível avançar para um horizonte ainda mais deslumbrante do Inefável. Desse lugar privilegiado, descobre-se que o ser humano só é humano de verdade quando é livre. Isso deveria nos tornar menos arrogantes, mais humildes, mais atentos a diversidade, mais sensíveis aos outros, mais solidários e mais humanos. A história, portanto, é a oportunidade da humanização humana em Deus e da divinização de Deus no ser humano. Scheler afirma: “uma ordem de amor, porque o amor ama e vislumbra no amar sempre algo mais do que aquilo que ele tem nas mãos ou possui”²²³. Contudo, esta falta não é ausência. É apenas a confissão do limite da “consciência humana”²²⁴ face ao Deus sem limites. Deste modo, a insuperável distância entre o ser humano e Deus, que a linguagem teológica apenas consegue apaziguar, só pode ser completada pelo amor a Deus. Como se lê na poesia de *Angelus Silesius*: “Eu não estou fora de Deus, Deus não está fora de mim; eu sou a sua luz viva e sua resplandecência, e ele é o meu ornamento”²²⁵. É essa interlocução privilegiada e única, como direito espiritual de todo ser humano, que é uma vocação que o ser humano carrega no seu espírito para se descobrir na experiência da vida, a Sabedoria.

Deus é o amor fundacional de todas as coisas. O amor não está fora do nosso alcance e é base experimental para as projeções. Esta condição o coloca fora do

²²² CENTRE DE MYSTIQUE CHRETIENNE. Texto anônimo. Disponível em: <http://www.cmchr.net/En-Ta-Presence.html>. Acesso em: 16/03/2016. Tradução nossa.

²²³ SCHELER, Max. *Ordo amores*. 3a ed. Madrid: Caparrós, 2008. p. 49. Tradução nossa.

²²⁴ A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do ser. PAULO VI. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. (7 de dezembro de 1965). Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em 30-08-2016. Cap. II. n. 16.

²²⁵ SILESIUS, Angelus, apud GEFFRÉ, Claude. *Passion de l'homme passion de Dieu*. Paris: Cerf, 1991. p. 127. Tradução nossa.

alcance dos sentidos humanos, porém é oculto por condição *sine qua non* de sua divindade e não porque queira valer-se de ser misterioso. Deus acopla-se à base da inteligência humana e, neste lugar inacessível à predição descritiva da ciência pura, constitui-se na possibilidade da razão interpretar o mundo. Contudo, Ele é absolutamente disponível ao amor. Deus é a inteligência da razão e a sua luz cotidiana. Assim como o sol, que ilumina a tudo e nada pode iluminá-lo. Esta condição abre um abismo intransponível entre Deus e o ser humano, que só a fé pode superar, celebrando o invisível como eternamente disponível. Deus como o amor absoluto, no qual não é hoje sombra de mal ou de egoísmo, mas de realização de tudo em todos (1Cor 15,28).

Dentro dessa busca, situamos também a manifestação de Deus, presente na sua Palavra revelada. À medida que a Sabedoria inspirada se revela, vai exprimindo um *pensamento* que nutre o povo de Israel. A Sabedoria, para Israel, terá como fundamento a Lei Divina, que fará dele o único povo sábio e inteligente²²⁶. Não é de se admirar que o povo de Israel despertasse a admiração dos outros povos vizinhos. O livro do Eclesiástico chega mesmo a identificar a Sabedoria do Altíssimo²²⁷ estabelecendo a sua morada em Israel sob a forma de lei²²⁸. É somente nos escritos pós-exílicos que se dirá que Deus é sábio possuindo uma sabedoria transcendente, que o homem vê atuando na criação, mas que é incapaz de perscrutar²²⁹. A Sabedoria já se faz presente, é algo real, pré-existente. Na origem de tudo o que existe está uma “Sabedoria fina, penetrante e comovente, que faz crescer no mundo: estrutura, vida, conhecimento, ciência, sabedoria!”²³⁰. O autor sagrado do Livro da Sabedoria enumera as características do Espírito Divino que a Sabedoria possui como próprias e que já informam sobre sua natureza:

Nela há um espírito inteligente e santo, único, múltiplo, sutil, dinâmico, penetrante, puro, imaculado, lícido, invulnerável, amigo do bem, agudo, incoercível, benfazejo, amigo dos homens, firme, seguro, sereno, tudo podendo, tudo abrangendo, que penetra todos os espíritos inteligentes, puros, os mais sutis. Ela é um eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é um reflexo da luz eterna²³¹.

²²⁶ Cf. Dt 4,6; 4,5-8. RAD, Gerhard **von. Wisdom in Israel**. Nashville: Abingdon, 1972.

²²⁷ Cf. Ecl 24,23s.

²²⁸ Cf. Ecl 24,8.

²²⁹ Cf. Jó 28; 38-39; Ecl 1,1-10; 16,24; 39,12s; 42,15 - 43,33.

²³⁰ O NOVO CATECISMO. **A Fé para adultos**. São Paulo: Heder, 1969, p. 55.

²³¹ Sb 6, 22-23; 25-26. Contam-se 21 atributos, e esse número, 3 x 7, parece intencional para significar uma perfeição eminente.

No texto apócrifo de Enoque:

A Sabedoria não encontrou um lugar na terra onde pudesse habitar; sua habitação. A Sabedoria retornou ao seu lugar e assentou-se, mas ela não obteve habitação. A Sabedoria retornou ao seu lugar e assentou-se no meio dos anjos. Mas a iniquidade saiu depois do seu retorno, a qual de má vontade encontrou uma habitação e residiu entre eles como chuva no deserto, e como o orvalho na terra seca²³².

Na doutrina de Bem Sirac, na tradição veterotestamentária, o temor do Senhor é o princípio da Sabedoria²³³, tem a sua origem antes de todos os tempos e se manifesta em toda a história da humanidade²³⁴ com obras de poder. Isso não significa que a criatura deva ter medo do seu Criador, mas à sublimidade de Deus, que desperta reverência e humildade quando é percebida pelo homem e pela mulher. O temor a Deus leva a criatura a abandonar o pecado. O temor e o amor descrevem os dois lados da presença de Deus: “distância e proximidade, sublimidade e intimidade, transcendência e imanência”²³⁵.

Os textos sapienciais exaltam a Sabedoria acima dos bens mais valiosos²³⁶. Ela “é identificada com o Espírito do Senhor e transforma-se num princípio interno da vida física e moral”²³⁷. Devido aos valores que lhe foram dados, sobretudo pelos gregos, a Sabedoria se destaca²³⁸ como: a saúde, a beleza, a luz do dia, imortal. Ela partilha do trono de Deus, tudo sabe e compreende. Todavia, a fonte da Sabedoria é a Palavra de Deus, seus caminhos são as leis eternas:

Toda sabedoria vem do Senhor, ela está junto dele desde sempre. A areia do mar, os pingos da chuva, os dias da eternidade, quem os poderá contar? A altura do céu, a amplitude da terra, a profundidade do abismo, quem as poderá explorar? Antes de todas essas coisas foi criada a Sabedoria, e a inteligência prudente existe desde sempre. A quem foi revelada a raiz da sabedoria? Seus recursos, quem os conhece? Só um é sábio, sumamente terrível quando se assenta em seu trono: é o Senhor. Ele a criou, a viu, a enumerou e a difundiu em todas as suas obras, em toda a sua carne segundo sua generosidade, e a doou aos que o amam²³⁹.

²³² **CENTRE DE MYSTIQUE CHRETIENNE**. Texto anônimo. Disponível em: <<http://www.cmchr.net/En-Ta-Presence.html>>. Acesso em: 16/03/2016. Tradução nossa.

²³³ Cf. Pr 9,10; Jó 28,28.

²³⁴ Cf. Jó 14,14-15.

²³⁵ MOLTSMANN, Jürgen. **Ciência e sabedoria**: um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007, p. 196.

²³⁶ Cf. Jó 28,15-19; Pr 3,14-15; 8,10-11

²³⁷ BROWN, 2007, p. 1011

²³⁸ Cf. Sb 7, 10; Eclo 1,18b; 30,14; Eclo 26,16-17; Sb 8; Ecl 11,7; Sb 8,17. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Antigo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2007.

²³⁹ A quem foi mostrada a Sabedoria? Ecl 1,1-10.

A Sabedoria Divina seguiu agindo desde princípio na história. Ela se fez presente desde história de Adão a Moisés²⁴⁰. A Sabedoria Divina protegeu o povo de Deus, levantou os caídos, deu poder ao homem de tudo dominar. A Sabedoria salva a terra submersa na culpa do pecado, dirige o justo, confunde os maliciosos, reconhece o justo e o guarda sem mancha diante de Deus. Ela livra das provações os seus fiéis e lhes dá a conhecer as coisas santas, assim como revelou a Jacó, em Gênesis 28,13-15.

A Sabedoria de Deus prosseguiu dando êxito às tarefas do justo, recompensando os seus trabalhos, assistindo-o contra o opressor e guardando-o do inimigo, defendendo-o e ensinando-o que a “piedade é mais forte do que tudo”²⁴¹. Por meio de sábios e num ambiente sapiencial, Israel faz uma leitura do seu passado histórico, perscrutando a Sabedoria de Deus em ação na vida das grandes personagens de outrora, libertando a nação de opressores. Através de Moisés, a Sabedoria de Deus se manifestou com milagres e prodígios frente ao faraó. Ela guiou o povo de Israel, durante o dia, servindo-lhes “de sombra e à noite de luz de astros”²⁴². A Sabedoria abriu a boca dos mudos²⁴³ e fez o mar se abrir e tragar os egípcios. Ela é sempre dom de Deus²⁴⁴, seu ápice, é a compreensão de suas ações. Ela consiste na observação da lei, daí que o conhecimento da lei é a verdadeira Sabedoria. Essa Sabedoria Divina guia a vida, é o segredo para o sucesso e a felicidade²⁴⁵.

A apresentação da Sabedoria como um ser distinto de Deus e do ser humano, que age por si, ou seja, como uma pessoa, mais do que qualquer outra coisa ou aspectos quer, sobretudo, realçar a preciosidade e autenticidade dessa mesma Sabedoria. É bem verdade que temos, aqui, algo que ultrapassará os limites da simples personificação literária, mas que ainda não chega verdadeiramente ao conceito de *hipóstases*. Essa foi a Sabedoria que comandou tudo já na criação e é ela que conduz os acontecimentos da história. Essa “verdadeira sabedoria, de origem

²⁴⁰ Cf. Sb 10. Leitura do comentário do livro da Sabedoria. BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A. MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo Antigo Testamento**.

²⁴¹ Cf. Sb 10,11. Cf. LACOSTE, 2014. p. 1560 - 1563.

²⁴² Sb 10,16.

²⁴³ Cf. Sb. 10,21.

²⁴⁴ Cf. Pr 2,6; Eclo 1,1.

²⁴⁵ Cf. Eclo 4,11-20; 6,18-33; 14,20; 15,8. Cf. McKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1983. p.p. 813 – 816; CRENSHAW, James L. **Old Testament wisdom**. Atlanta: John Knox, 1981.

celeste, procurando pousada entre os homens e percorrendo o universo, estabeleceu morada em Israel (Ecl 24)”²⁴⁶.

A Sabedoria se define como o saber das realidades supremas, ou seja, das finalidades, valores e sentidos últimos. É também o saber das realidades ordinárias, mas só enquanto iluminadas por aquele saber primeiro e superior, como se vê nos livros sapienciais. Ela é o destino humano, a sorte dos justos e dos maus. A Sabedoria é hábito sobrenatural que, unido estreitamente à virtude da caridade, julga retamente as coisas sobrenaturais nas últimas causas, graças ao auxílio especial do Espírito Santo, que no-lo faz saborear com certa naturalidade. A Sabedoria inclui todas as ciências²⁴⁷. Ela é a maior virtude espiritual.

Em síntese, mediante a aplicação da inteligência e da reflexão, a Sabedoria de Deus acaba por constituir a legítima democracia dos excluídos, dos pobres, estrangeiros e doentes. Recuperando e atualizando tanto o patrimônio peculiar de Israel, enquanto povo da aliança, quanto a sua experiência humana mais vasta, comum a outros povos da região do Médio Oriente, essa teologia sobre a Sabedoria prepara já o ambiente, embora guardando o seu mistério, que o Novo Testamento irá, em parte, desvendar.

3.1.2 A Sabedoria no Novo Testamento

A doutrina sobre a Sabedoria, apresentada no Antigo Testamento²⁴⁸, presente na criação, contida nas leis, já não está acessível exclusivamente na Torá, mas será retomada pelo Novo Testamento, que realizará um processo novo e decisivo ao aplicá-la à pessoa de Jesus Cristo²⁴⁹. Deus envia o seu próprio Filho. O Filho é a Sabedoria do Pai, embora essa sabedoria pessoal estivesse de maneira oculta em Deus governando o universo desde princípio, presente na direção de toda a história da humanidade, manifestando-se indiretamente na Lei e no ensinamento dos sábios. É preciso frisar que a Sabedoria, agora, se revela em Jesus. Como resultado, “todos

²⁴⁶ CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. Santo André: Academia Cristã, 2012, p. 208.

²⁴⁷ LÉON-DUFOUR, 1972, p. 918.

²⁴⁸ Novo Testamento a) Vocabulário – Menos diversificado para a s. (sophia, s.: 51x; phronimos, “sensato”: 14 x e teremos aparentados) do que para seus contrários. Sintagmas: “s. de Deus”: Lc 11,49; Rm 11,33; 1Cor 1,25; “Cristo Jesus [...] tornando s. etc.”: 1Cor 1,30. LACOSTE, 2014, p. 1562.

²⁴⁹ GESE, Hartmut. **Die Weisheit, der Menschensohn und die Urprünge der Christologie als consequente Entfaltung der biblischen Theologie**. SEA 39, 1979, 77-114.

os textos sapienciais do Antigo Testamento assumem Nele seu alcance definitivo”²⁵⁰. A Sabedoria manifestada outrora na lei dos profetas, regente da história, Deus a envia e instala em Jerusalém.

Na vida de Jesus, o Deus onto-teológico da teologia judaica libertou-se do altar que os judeus lhe deram e, na sua liberdade passou a habitar de novo a sua liberdade e facear-se na fé daquele que o invoca. Deus deixou de ser o Senhor para ser Pai. Convém recordar: “Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorar em espírito e em verdade” (João 4,24). Poucos contemporâneos de Jesus tiveram condições de ouvir estas palavras. Ele rompeu com a ideia do judaísmo oficial de que crer em Deus é invocar continuamente a imagem que se construiu no passado. Jesus ensina como ensinar, isto é, a amar o amor que possibilita amar. Isto não é mais um nome, uma religião, uma igreja, mas é o caminho, a verdade e a vida, é o sentido.

Portanto, em Jesus, está a encarnação da *Sophia* (Sofia) eterna. Jesus é a verdadeira *Sophia*. Jesus é a Sabedoria de Deus encarnada, o Verbo se fez carne²⁵¹. Gregório de Nissa nos fornece uma notável interpretação: “o invisível se manifestou em carne, veio para remir os cativos, sendo ele mesmo o adquiridor, e sendo Ele mesmo o preço”²⁵². Ele se tornará a manifestação suprema de Deus no seio da humanidade²⁵³. O Antigo Testamento conhecia os temas da Palavra e da sabedoria existindo em Deus, antes do mundo²⁵⁴, por quem tudo foi criado; como a Sabedoria, Cristo participa da criação e conservação do mundo e da proteção de Israel²⁵⁵. Em Cristo, a Sabedoria encontra a plenitude.

O prólogo joanino revela que o verbo estava em Deus. Preexistente²⁵⁶, Ele veio ao mundo, por quem tudo foi criado, enviado pelo Pai, para realizar uma missão: a

²⁵⁰ LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 922.

²⁵¹ Cf. Jo 1,14. BARRET, Charles Kingsley. **The Gospel According to St. John**. S.P.C.K. Londres, 1965. p. 130; BLANK, Josef. **El Evangelio Segun San Juan**. Barcelona: Herder 104 - 27; SCHANACKENBURG, R. **El Evangelio Segun San Juan**. Barcelona: Herder, 1980; BOISMARD, E. **El Prólogo de San Juan**. Madri: Fax, 1967; FEUILLET, A. **El prólogo del cuarto Evangelio**. Comentario exegético-pastoral. Madri: San Pablo, 1971.

²⁵² NISSA GREGÓRIO. **Patrística. A criação do homem/A alma e a ressurreição/ A grande Catequese**. São Paulo: Paulus, 2011. (Ver Hom. Vii, sobre Cantares de Salomão).

²⁵³ Cf. Jo 1,1. Para Orígenes tratava-se da Sabedoria Divina, e essa Sabedoria é Cristo (BAC. Patrologia. Joannem IV. pp. 19-20).

²⁵⁴ Cf. Jo 8,22; Sb 7,22.

²⁵⁵ Cf. Cl 1,16-17; 1Cor 10,4; Sb 10,17.

²⁵⁶ Cf. Jo 13,3; 16,28; 1,1-2; 8,24; 10,30. No prólogo de São João, Jesus como Palavra eterna e temporal do Pai. Cf. PIKAZA, Xavier O.; SILANES Nereo. **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus: 1998, p. 538.

salvação. Ele é, pois, o único meio de salvação para todos²⁵⁷. Pode-se dizer, como no primeiro século, que Deus é Emanuel: “Deus conosco”. Deus como amor. Este acontecimento notável possibilita a toda a criatura humana o acesso à pátria trinitária porque, no Cristo, Deus é a sua própria mediação²⁵⁸. Deus salva a humanidade do fechamento radical aos limites da matéria. Desde então, a criação tende para a sua consumação, porque a revelação ilumina de sentido tanto o seu começo quanto o seu fim. Pode-se dizer que o espetáculo final da recepção divina à sua criação ainda está por vir. Isso reafirma o sentido último da revelação em si mesma: abrir à criação o horizonte da eternidade, na medida em que Deus é o mistério deste mundo e daquele que está vindo. Assim sendo, a manifestação “não ilumina a si mesma, mas as trevas”²⁵⁹. Que luz é esta? “Que me clareia e que fere o meu coração sem ofender? Que me faz tremer e abrasar! Tremo, porque sou diferente dela, abraso-me enquanto com ela me pareço”²⁶⁰.

O Cristo encarnado é a Verdade sobre todas as verdades e que santifica as Escrituras. De acordo com São Tomás, foi para manifestar a Verdade que a Divina Sabedoria, depois de ter revestido a nossa carne humana²⁶¹, declara ter vindo a este mundo: “Nasci e vim para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37). Por isso, o mistério do Deus escondido está aberto para que cada geração viva em Deus e descubra nele o código de seu próprio mistério. Por tais razões, se o ser humano renasce para esta Verdade que se doa e que se vela, capacita-se para avançar na sua própria humanização, porque a Verdade não é apenas o que se tem, é principalmente aquilo que está vindo no futuro do ser humano. A Verdade que vem é a mãe de todas as esperanças e de todas as verdades. Deus é espírito e, como tal, é percebido mais integralmente pela razão humana quando brota como luz na ação, na pele, na emoção, no sentimento, nos olhos e na palavra de seus filhos. Através da Sabedoria de Deus é que o mundo inteiro pode ser potencialmente salvo.

²⁵⁷ Jesus é o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). “Sem o Caminho, não pode haver avanço; sem a Verdade não pode haver conhecimento; sem a Vida, não pode haver a vida. Eu sou o Caminho que deveis procurar; eu sou a Verdade na qual deveis crer; e eu sou a Vida, na qual deveis pôr as vossas esperanças” (KEMPIS, Tomás. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Paumape, 1979, III. 56).

²⁵⁸ JÜNGEL, Eberhard. *Dieu mystère du monde. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre théisme et athéisme*. Tome 2. Paris: Cerf, 1983. p. 251.

²⁵⁹ TILLIETTE, Xavier. *La révélation de l'Essence. Notes sur la philosophie de Michel Henry*. In: **BRETON, S. et al. Manifestation et Révélation**. Paris: Beauchesne, 1976. p. 216. Tradução nossa.

²⁶⁰ AGOSTINHO, 1984. Cap. XI 9,1.

²⁶¹ AQUINO, Tomás. *Suma Teológica. Súmula contra os gentios* (Summa Contra Gentiles). Da coleção os pensadores. L. I-IV. Cap. I. São Paulo: Loyola, 2001.

Jesus convida também os homens ao banquete dizendo: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,35). A fome e a sede são símbolos aptos para os anseios espirituais, pois essas são experiências comuns a todos os seres humanos. O homem reconhece instintivamente o que significam essas condições. Os aldeões galileus estavam bem familiarizados com tais condições e costumavam passar longas horas de trabalho árduo, a fim de satisfazerem a essas necessidades básicas. Jesus salientou o fato de que é necessário que os homens sintam fome e sede dos valores espirituais, e, mais especialmente ainda, que devem querer diligentemente a vida eterna. Somente Cristo conhece os mistérios de Deus e os revela aos homens²⁶². A palavra de Deus não regressa senão antes de ter produzido fruto²⁶³. Assim dito, ao término da missão, Ele volta para o Pai²⁶⁴.

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus enquanto aquele que crescia em “sabedoria, estatura e graça”²⁶⁵. Jesus, aos doze anos, se encontra entre os doutores no templo em Jerusalém, ouvindo-os e interrogando-os, e “todos que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas”²⁶⁶. O próprio Jesus promete dar “eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer”²⁶⁷. Em Lucas 7,35, a sabedoria foi justificada por suas obras. Assim, Jesus foi enviado à Terra para aí revelar os segredos dos decretos divinos, da mesma forma que a sabedoria²⁶⁸.

Mateus também apresenta citações sobre a sabedoria e Jesus. Ele era a personificação da Sabedoria de Deus, maior do que qualquer outro homem, incluindo “Salomão”²⁶⁹, cujo nome, até hoje, é símbolo de sabedoria. O próprio Jesus descreveu sua missão de revelar os segredos de Deus à humanidade. Se, por um lado, muitos homens e mulheres o rejeitaram, por outro, foi aceito pelos pobres, iletrados, pequeninos e por seus discípulos. Assim, ainda que escondidos dos sábios, dos fariseus e dos doutores²⁷⁰, tais segredos não estão ocultos para aqueles que creem e para os que se iniciaram na Verdade de Deus. Jesus também se apresenta como o

²⁶² Cf. Jo 3,11-12; 31,32; Mt 11,25-27.

²⁶³ Cf. Is 55,10-11; Pr 8,22-36, Ecl 24,3-32; Sb 9,9-12.

²⁶⁴ Cf. Jo 1,18; 7,21; 12,35; 13,3; 16,5; 17,11-13; 20,17.

²⁶⁵ Cf. Lc 2,52.

²⁶⁶ Lc 2,47.

²⁶⁷ Lc 21,15.

²⁶⁸ Cf. Lc 11,49; Pr 9,1.

²⁶⁹ Mt 12,42.

²⁷⁰ Cf. Mt 13,11.

mestre de fardo leve²⁷¹. Esses atributos, na verdade, transcendem o que se espera de um sábio. Aquele que tem um coração aberto recebe a verdade, que se destina, além dos tesouros da Antiga Aliança, à perfeição da nova e eterna Aliança²⁷².

No *corpus* paulino, a palavra sabedoria aparece vinte e seis vezes. É só aqui que Cristo é claramente chamado de *Sophia* (1Cor 1,24-30)²⁷³. Paulo destaca a sabedoria do mundo que não reconheceu o Deus vivo²⁷⁴, e, assim, atingiu o mais alto grau de sua loucura quando crucificaram o Senhor da glória²⁷⁵. Para o Apóstolo, a “sabedoria dos homens” (1Cor 2,5), a “sabedoria deste mundo”, sabedoria “dos príncipes deste mundo” (1Cor 2,6), é mera “sabedoria humana” (1Cor 2,13). Por esse motivo, Deus condenou esta sabedoria dos sábios,²⁷⁶ que não vem do alto, antes, é “terrestre, animal, diabólica”²⁷⁷. Para envergonhá-la, Ele chega ao resultado de salvar o mundo pela loucura da cruz²⁷⁸. Portanto, na realidade, a aparente fraqueza de Deus é demonstração de seu poder.

Paulo escreve aos Colossenses e diz que, em Cristo, acham-se escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência²⁷⁹: “Paulo transfere a Cristo os atributos da sabedoria que falam da existência e natureza dela”²⁸⁰. Cristo se tornou para nós “sabedoria, justiça, santificação e redenção” (1Cor 1,30). Na cruz de Jesus e de todos os crucificados em Nome de Deus e do Império está a Sabedoria e não nos crucificadores. Neste versículo, nos é ensinado que o próprio Cristo é a personificação da Sabedoria Divina. Cristo é a imagem do Deus invisível (Sb 7,26)²⁸¹. Ele reflete na sua natureza humana visível, a imagem do Deus invisível (cf. Rm 8,29), como homem criado por Deus (Gn 1,26), mas também como a Sabedoria. Platão identifica esta imagem com o mundo; Filon, com o Logos; Paulo, com Jesus (cf. 2Cor 4,4). O Cristo preexistente despojou-se, tornou-se humano (FL 2,6-11). O Filho do Homem

²⁷¹ Cf. Mt 11,28ss.

²⁷² Cf. Mt 5,17-20.

²⁷³ HAWTHORNE, 2008, p. 1120.

²⁷⁴ Cf. Ro 1,21s; 1 Cor 1,21.

²⁷⁵ Cf. 1Cor 2,8.

²⁷⁶ Cf. 1Cor 1,19s; 3,15. COZELMANN, Hans. *Paulus und die Weisheit*, NTS 12, pp. 231-244.

²⁷⁷ Tg 3,15.

²⁷⁸ Cf. 1Cor 1,17-25.

²⁷⁹ Cf. Cl 2,1-3.

²⁸⁰ HAWTHORNE, 2008, p. 1121.

²⁸¹ FÍLON DE ALEXANDRIA. Leg. All. 1,43.

encarnado recebe características da Sabedoria preexistente, institui na Terra o domínio régio de Deus²⁸².

Ao longo da história, a humanidade necessita de um especial auxílio da Sabedoria. Paulo revela que Deus envia o seu Filho ao mundo (Gl 4,4-5; Rm 8,3-4) para salvá-lo. Essa ideia do envio é comparada ao tema sapiencial da Sabedoria preexistente que Deus enviou, do trono de sua glória²⁸³. No livro da Sabedoria 9,10, vemos o autor que, dos “altos céus”, envia a Sabedoria, manda-a do seu trono de glória, para que assista as criaturas. Nessa linha de análise, a concessão da Sabedoria se correlaciona com o envio do Espírito Santo (cf. Sb 9,17). A Sabedoria habita em Deus antes da criação (cf. Sb 9,10)²⁸⁴.

O Apóstolo destaca que Cristo é o Primogênito de toda a plenitude (Cl 1,5-19); em Israel, Ele é preeminência e consagração (Ex 13,11-16). O termo primogênito exprime um primado de excelência na ordem da criação, da mesma forma que a Sabedoria foi poder criativo de Deus no mundo (Pr 8,27-30; Sr 1,4; 43,26)²⁸⁵. Desse modo, o plano divino da salvação é o Cristo crucificado. Ele é a verdadeira medida e a expressão culminante da Sabedoria e poder de Deus.

O Filho é a manifestação de Deus na criação. Por tais razões, não se pode perder de vista os atributos da Sabedoria personificada em Cristo. Ele goza de precedência, de posição e existência sobre a criação, é a presença efetiva do poder divino de criação e é a manifestação perfeita dos atributos e das atividades de Deus. É Ele que proporciona à humanidade os benefícios prometidos pela Sabedoria Divina. Tudo quanto os homens podem conhecer acerca da verdadeira Sabedoria, precisam conhecê-la em Cristo; pois, para os homens, Cristo é a Sabedoria de Deus.

Paulo transferiu para Cristo, ao descrever sua obra, também funções da sabedoria. Ele o fez quando confessou que Jesus Cristo é o Senhor pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos (1Cor 8,6). Um só Deus, o Pai, de quem tudo vem e para quem nós vamos; um só Senhor Jesus Cristo, por quem tudo vem à existência e por meio do qual nós vamos para o Pai. Cumpre observar que o Apóstolo declara que

²⁸² SCHIMANOWSKI, Gottfried. *Weisheit und Messias*. WUNT 2/17, Tübingen, J.C. B. Mohr: 1985; HAMERTON-KELLY, R. G. Pre-existence, Wisdom, and the Son of Man. SNTSMS 21, Cambridge, University Press, 1973.

²⁸³ SCHEIZER, Eduard. “*Zum religionsgeschichtlichen Hintergrund der Sendungsformel* Gal 4,4f., Röm 8,3f., Joh 3.16f., 1Joh 4,9. In: Beiträge zur theologie des neuen Testaments. Zürrick/Zwingli, 1970, pp. 83-89.

²⁸⁴ BEAUCHAMP, Paul. *Le salut corporel des justes et la conclusion du livre de la Sagesse*, Bib 45, 1964, 491-526.

²⁸⁵ FILON DE ALEXANDRIA. Ver. Div. Her. 189, 199; Fug. 112.

Cristo é o mediador da criação, e também da salvação, como uma nova criação. Não se pode perder de vista que a sabedoria sapiencial judaica descrevia a Sabedoria Divina como mediadora da criação (cf. Pr 7,27-30; Sb 7,12-22; 9,9; 14-2).

No livro da Sabedoria 10,17-18; 11,4, foi identificada, na coluna de nuvem que guiou os israelitas no deserto, a Sabedoria. Ela foi proteção contra o calor do dia e luz na escuridão da noite (Ex 14,30). O filósofo hebreu, Fílon de Alexandria, compara o rochedo onde eles bebiam água no deserto à *sophia*²⁸⁶. A interpretação espiritual de pão e água como dons de sabedoria também é sapiencial (Pr 9,1-6; Sr 15,3). Paulo exorta aos coríntios: “eles bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo” (1Cor 10,4). Essa rocha simbolizava o Cristo preexistente a toda criatura²⁸⁷, que agia na história de Israel. A Sabedoria exercia a função de mediadora da criação e “mestre de obras” (Pr 8,27-30; Sr 1,4; 24,9; 43,26) e conduzia os homens e as mulheres a Deus (Pr 8,31-36)²⁸⁸. O Apóstolo, ao escrever aos Colossenses, remete a Cristo a criação, 1,16: “Tudo foi criado por ele e para ele” e “tudo nele se mantém” (Cl 1,17). Cristo é o *pleroma*²⁸⁹, a presença cósmica, toda a plenitude reside Nele. Tudo o que Deus quer é nos comunicar de si mesmo em Cristo para nos introduzir e nos aperfeiçoar Nele. O termo grego estaria, então, muito próximo de *pneuma* (Espírito). Cristo é, bem verdade, a meta da criação e também da história²⁹⁰.

A Sabedoria, que vem habitar a Terra (Ecl 24,7.8.10; Br 3,38; Jo 1,14), é, ao mesmo tempo, considerada como a moradia de Deus, habitada e repleta dos dons messiânicos que ela comunica a seus discípulos (Pr 8,12-2). O objetivo da Lei, e também da Sabedoria, é a submissão à vontade de Deus. Ambas se resumem no conceito de temor do Senhor. O autor do Livro do Eclesiástico, Ben Sirac, mestre sapiencial, integra a Sabedoria na corrente legalista (Ecl 15,1; 17,11; 19,20; 21,11),

²⁸⁶ FÍLON DE ALEXANDRIA. Det. Pot. Ins. 22s. 115-118.

²⁸⁷ DUNN, James G. *Christology in the Making*. Philadelphia, Westminster, 1980.

²⁸⁸ FÍLON DE ALEXANDRIA. Ver. Div. Her. 189, 199; Fug. 112; Quaest.in Gen. 2,118.

²⁸⁹ Paulo usa a plenitude (pleroma) com gradações diferentes de sentido, no sentido passivo, “o que é completado ou preenchido” (como objeto), e no sentido ativo, “o que completa ou preenche” (como sujeito). 1- Totalidade de espaço. 2- Totalidade de quantidade. 3- Totalidade da lei. 4- Cumprimento dos tempos. 5- Plenitude da essência. HARWTHORNE, 2008. p. 981.

²⁹⁰ SCHNABEL, Eckard. J. *Law and Wisdom from Bem Sira to Paul*. WUNT 2/16, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1985; WINDISCH, Hans. Die göttliche Weisheit der Juden und die paulinische Christologie. In: Neutestamentliche Studien, Festschrift G. Heinrici. A. Deissmann, Hans Windisch (orgs.). Leipzig, Hinrichs, 1914. pp. 220-234.

une o amor da Sabedoria ao da Lei²⁹¹. Cumpre observar que Paulo descreve a Lei a partir de Cristo: a Lei está sujeita ao domínio de Cristo (Gl 6,2; 1Cor 9,21; Rm 3,27). A Lei de Cristo é a Lei do Espírito da vida (Rm 8,2) que comunica a vida do Cristo. É uma lei interior, ela inspirou a vida do próprio Cristo. Submeter-se a ela é deixar-se conformar ao Cristo por seu Espírito. É o que Paulo fez (1Cor 9,2) e ensinou (Fl 2,5-8), uma vez que, para o Apóstolo, Deus estava oculto. Agora, foi revelado no Evangelho de Jesus Cristo²⁹².

Como remate, é importante destacar Santo Agostinho, que afirma: “a nossa ciência e nossa sabedoria é igualmente Cristo. É Ele que implanta em nós a fé nas realidades temporais e também na verdade das realidades eternas. É por Ele que caminhamos até Ele”²⁹³. Unidos a Cristo, é que temos acesso à Sabedoria divina. A Sabedoria encontrada em Cristo é a plenitude. Cristo é “Sabedoria de Deus”²⁹⁴, um tesouro que está acima dos bens mais preciosos²⁹⁵. Vale ressaltar que ela mesma é um dom de Deus e, assim sendo, é exatamente ela que distribui todos os bens:²⁹⁶ quem a encontra ganha vida e felicidade²⁹⁷, tem segurança, honra, glória, riqueza, justiça e todas as virtudes. É natural que o ser humano corra para alcançá-la e se esforce para tê-la como esposa ideal²⁹⁸. Ela prepara os amigos de Deus²⁹⁹. A intimidade com a Sabedoria não se diferencia da amizade com Deus. Cumpre observar, todavia, que, quando o Novo Testamento identifica a Sabedoria com Cristo, Filho e Palavra de Deus, revela-se plenamente que os seres humanos, unidos a Cristo, participam da Sabedoria divina e essa última os leva a uma profunda intimidade com Deus³⁰⁰. A Sabedoria de Deus é o oculto que manifesta o seu amor na cruz do Cristo.

²⁹¹ SCHANABEL, Eckhard J. *Law and Wisdom from Bem Sira to Paul*. WUNT 2/16, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1985.

²⁹² Cf. 1Cor 2,6-14; Ef 3,4-11; Cl 1,26-27; Rm 16,26; 2Tm 1,9-11; Tt 1,2-3.

²⁹³ AGOSTINHO, 1984. p. 432.

²⁹⁴ 1Cor 1,24.30.

²⁹⁵ Cf. Sb 7,7-14.

²⁹⁶ Cf. Pr 8,21; Sb 7,11.

²⁹⁷ Cf. Pr 3,13-18; 8,32-36; 3,21-26; 4,8s; 8,18ss; Sb 8,7. Para leitura. LACOSTE, 2014. p. 1560.

²⁹⁸ Cf. Sb 8,2.

²⁹⁹ Cf. Sb 7,27s. Como Abraão (Is 41,8; 2Cr 20,7; Tg 2,23) e Moisés (Ex 33,11).

³⁰⁰ LÉON-DUFOUR, 1972, p. 920.

3.1.3 A Sabedoria como Dom

A Sabedoria é o dom real, o mais sublime de todos. É ela que fixa o olhar em Deus e leva a alma a desejar um aspecto trinitário. O Doutor angélico contempla-a com as seguintes palavras: "A Sabedoria opera segundo uma simpatia-afinidade-união com Deus, segundo uma suave experiência"³⁰¹. A Sabedoria concede às almas um instinto divino, segundo o qual a alma, com finalidade, alegria e satisfação pode crescer na contemplação e no amor de Deus. Segundo São Tomás, o dom é um hábito infuso que aperfeiçoa a caridade, em virtude do qual a alma se torna cada vez mais dócil à ação do Espírito Santo e, assim, à contemplação das coisas divinas³⁰².

A Sabedoria é um dom que invocamos "do alto", dá alegria, e, para São Tomás, identifica-se com o próprio Cristo. São Tomás sente profundamente a urgente necessidade de "renovar a teologia com a assimilação do saber humano de seu tempo para colocá-lo a serviço da fé, procurando uma solução mais adequada ao problema da relação entre razão e fé, entre saber revelado e verdade da razão, entre teologia e ciência humana"³⁰³. Para isso, segundo o Doutor Angélico, "a flor da vida espiritual"³⁰⁴ é a sabedoria, para a qual o Espírito Santo faz maturar a ciência humana. Segue o autor afirmando que, entre os muitos pareceres pronunciados por diversos autores acerca da sabedoria, ou seja, relativamente à questão sobre o que venha a ser a verdadeira Sabedoria, uma indicação singularmente sólida foi oferecida pelo Apóstolo Paulo (1Cor 1,24-30), o qual afirma que Cristo é o poder de Deus e a Sabedoria de Deus, e sempre por obra de Deus se torna para nós Sabedoria.

A Sabedoria é apenas um fio condutor que liga os seres humanos ao reino da imortalidade e da verdade. A Sabedoria não é um saber qualquer, mas um saber referente ao essencial às causas e fins últimos do ser; é uma consideração e apreciação das coisas terrenas à luz da eternidade, um saber que dá provas de fecundidade, pelo fato de assinalar a todas as coisas o lugar que lhes corresponde na ordenação hierárquica do universo. Nessa linha de análise, São Tomás distingue três graus de sabedoria: Primeiro, é a inteligência modeladora da vida; segundo, meditação filosófica, principalmente da metafísica, e, em nível mais elevado, encontra-se a

³⁰¹ AQUINO, Tomás. *Summa Teológica*. Sent. II-II. Q. 45, 2. São Paulo: Loyola, 2005.

³⁰² *Ibid.*, 2005.

³⁰³ LIVI, Antonio. *Tommaso d'Aquino. Il futuro del pensiero cristiano*. Milano, 1997, p. 81.

³⁰⁴ Sobre esse tema, cf. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio*, 14 de setembro de 1998. São Paulo: Vozes, 1998, n. 44.

sabedoria procedente da fé e da ciência teológica, a qual ordena todas as coisas no conjunto do mundo sobrenatural que abarca céu e terra; o terceiro grau é a sabedoria como dom do Espírito Santo; com ela, o ser humano que ama a Deus já não compreende só pelo próprio esforço o que é reto, mas sim à luz da divina inspiração: "experimentando o divino", sente que faz uma só coisa com ele e esquadrinha, com amorosa alegria, a ordem que Deus quer que reine em todas as coisas³⁰⁵.

As realidades invisíveis e inefáveis do mundo divino são conhecidas e estão dentro de cada infinita natureza humana. Elas despertam o desejo no coração do homem, através da caridade, de ir à busca do Amado. A caridade é a mais perfeita união com o Deus Trindade, fonte de amor. Nesse sentido, deve-se dizer que o dom da sabedoria dilata o exercício da caridade, preparando-a, já desde esta terra, para a visão de Deus, que, na plenitude do céu, será perfeitamente satisfatória. É exatamente por isso que o dom da sabedoria está em íntima relação com o dom do entendimento: este, com efeito, ilumina a inteligência do coração e lhe fornece o objeto para amar e contemplar: o amor de Deus.

O Dom da Sabedoria é sublime e se experimenta por conhecimento superior aos demais. Ele produz certeza plena, "mediante uma íntima união com as coisas divinas. A sabedoria tem o seu princípio no amor, mas a sua essência reside no conhecimento das coisas amadas"³⁰⁶. O sábio, na verdade, não é aquele que tem um conhecimento intelectual de Deus, mas aquele que vive as coisas de Deus. Não é o que diz de Deus, mas aquele que O contempla. A sabedoria é desejo, gosto de Deus e de sua Palavra. Ela julga todas as coisas à luz do amor e a Ele tudo reconduz.

Com a Sabedoria, a alma, espontaneamente, mais do que amar, sente-se amada, porque o amor, como a oração, torna-se mais facilmente dócil à ação do Espírito Santo. A Sabedoria leva à contemplação e a um imenso desejo de ver Deus – ainda que, somente na pátria celestial, tenhamos a perfeita contemplação, que é o amor consumado na plenitude. Temos, através do Espírito Santo como penhor e antecipação aqui na terra, a possibilidade de gozar de Deus.

São Boaventura nos diz que, da mesma maneira que ninguém pode chegar à sabedoria sem a graça, a justiça e a ciência, assim também ninguém chega à contemplação sem meditação assídua, vida santa e oração fervorosa. É sabido que a

³⁰⁵ AQUINO, Tomás. (**Summa Contra Gentiles**). Da coleção os pensadores. L. I – IV. Cap. IV. São Paulo: Loyola, 2001.

³⁰⁶ AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Sent. III, p. 35, 2,1. São Paulo: Loyola, 2001.

graça é o fundamento da vontade e da perspicuidade da razão. Devemos, antes de tudo, orar e buscar a santificação e levar o nosso espírito à procura da verdade. Dessa maneira, subiremos gradualmente até a celeste Sião, onde se vê Deus na sua grandeza e na sua glória³⁰⁷.

Paulo ora pela comunidade de Éfeso³⁰⁸, pedindo a Sabedoria: “Rogo ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê um espírito de sabedoria que vos revele o conhecimento dele”. A contemplação é um estado contínuo de imersão na realidade do coração de Deus. Essa imersão acontece em nós diariamente, a Sabedoria no-la faz transfigurar. O ser humano que chegou à contemplação, atento à vida do Espírito em si, encontrou também o modo sábio de viver o seu dia-a-dia, transformando-o com apreciável carga de amor. O coração do contemplativo é um universo em expansão voltado para o coração de Deus, para o qual sobe, e para o coração do outro, para o qual desce. A raiz de tudo é o amor.

Na lição inaugural em Paris, entre 3 de março e 17 de junho de 1256, São Tomás assim expressa: certamente, ninguém pode pretender possuir por si mesmo e por próprio mérito as atitudes suficientes para exercitar tal ministério; embora isto se possa esperar de Deus: não porque sejamos capazes de pensar em algo proveniente como de nós mesmos, porque a nossa capacidade vem de Deus (2Cor 3,5). Mas, para obtê-la de Deus, é necessário pedir: se a algum de vós falta sabedoria, pedi-a a Deus que a todos dá generosamente e sem recriminações, e lhe será dada (Tg 1,5). São Tomás faz essa oração pedindo a Sabedoria: “Concede-me, Senhor meu Deus, uma inteligência que Te conheça, uma vontade que Te busque, uma sabedoria que Te encontre, uma vida que Te agrade, uma perseverança que Te espere com confiança e uma confiança que te possua enfim”³⁰⁹.

É necessário desejar a Sabedoria e tomá-la como esposa, pedi-la a Deus, como Salomão, porque, sem ela, não se pode entrar no coração ardente de Deus e sentir o sopro do seu amor. A Sabedoria é a coordenação de todos os nossos conhecimentos pelas causas altíssimas das coisas. Na ordem sobrenatural dos dons,

³⁰⁷ BOAVENTURA, São. *Itinerarium Mentis in Deum*. Trad. Jerônimo Jerkovic. In: De BONI, Luis Alberto, org. **Obras escolhidas de São Boaventura**. Edição Bilingue (Português/Latim). Porto Alegre: EST, SULINA E UCS, 1983, cap. I § 8.

³⁰⁸ Ef 1,17.

³⁰⁹ AQUINO, Tomás. *Oração de São Tomás de Aquino pedindo a sabedoria*. Disponível em: <http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?num=2744>. Acesso em: 16/03/2016.

o dom de Sabedoria abarca todos os conhecimentos sobrenaturais e os coordena na Causa suprema, no Princípio Altíssimo em Deus.

Esse dom tem uma incalculável riqueza, opera de maneira bem visível coisas que ultrapassam muito as possibilidades da natureza inteira e confirma as verdades que superam as forças do intelecto humano. Para São Tomás, são exemplos as curas maravilhosas de enfermos, a ressurreição de mortos, as alterações impressionantes dos corpos celestes e, o que é mais admirável, a inspiração do espírito dos homens³¹⁰. Uma vez que, “menosprezando as realidades visíveis, só se desejem os bens invisíveis, eis certamente o maior milagre e a obra evidente da inspiração de Deus”³¹¹.

O Apóstolo Paulo assegura que o homem espiritual julga todas as coisas e as julga porque recebeu o Espírito Santo: “O Espírito perscruta todas as coisas, até as profundezas de Deus”³¹². Desse ponto de vista, as regras divinas se tornam para nós a pessoa de Jesus Cristo, o que ele disse e fez. Na prática, trata-se do seu Evangelho, que deve ser assumido pelo cristão como critério e norma de juízo.

Para concluir, o Espírito da Sabedoria dá-nos o gosto pelas coisas retas, faz-nos assumir o Evangelho como norma, medida, juízo para avaliar retamente as coisas. Dá-nos gosto pela Palavra, faz-nos viver as bem-aventuranças, o significado da cruz, a suprema lei do desapego, da mortificação, da pobreza e etc. A Sabedoria faz o Evangelho entrar em nossa vida de maneira suave, espontânea. Aos olhos da sabedoria do mundo, o Evangelho é tolo, loucura; o mistério de Cristo, sua Palavra e sua cruz são realidade sem significado e valor. Mas, a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. Jesus, em seu Evangelho, define como homem verdadeiramente sábio aquele que constrói sua casa na rocha: “Assim, todo aquele que ouve essas minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha”³¹³. No livro dos Provérbios, vemos a Sabedoria a convidar para a sua mesa³¹⁴; a ameaçar quem a rejeita, porque a vida ou a morte do homem depende da sua capacidade de acolher ou de rejeitar a

³¹⁰ AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Súmula contra os gentios (Summa Contra Gentiles). Da coleção os pensadores. L. I-IV. Cap. VI. São Paulo: Loyola, 2001.

³¹¹ Ibid., . L. I – IV. Cap. VI.

³¹² Cf. 1Cor 2,10.

³¹³ Mt 7,24-25.

³¹⁴ Cf. Pr 9,1-6

Sabedoria³¹⁵. Ela pertence à esfera de Deus, só Ele a possui verdadeiramente e pode enviá-la como companheira e amiga da humanidade. É por isso que o Eclesiástico e o autor do Livro da Sabedoria se dirigem a Deus em atitude de oração, pedindo o dom da Sabedoria³¹⁶.

3.2 CRISTO: A SABEDORIA PERSONIFICADA NO CRUCIFICADO

O Crucificado foi escândalo e loucura no seu tempo³¹⁷ e continua sendo hoje, neste tempo pós-moderno, neste solo fértil da racionalidade, permeado pelos vestígios do niilismo; o que se tem evidenciado diante do aspecto perverso da razão moderna são seus frutos amargos da vontade de domínio. Geraram grandes traumatismos históricos como já vimos: Auschwitz, Hiroshima, as torres gêmeas e outros. Diante desse quadro, busca-se situar-se, no coração desta racionalidade, elementos da fé cristã em termos significativos para essa mesma racionalidade.

É preciso sublinhar que, em Jesus, está o eterno convite de Deus para a humanização da humanidade, como aquele que viveu plenamente o amor até o dom da própria vida. Ele é o protótipo humano proposto pelo Pai aos seres humanos de boa vontade. Sua divindade não nega a sua humanidade, mas a confirma, na medida em que recebeu, por sua própria iniciativa, os contornos de humanidade. É isto que permite compreender a morte na cruz daquele que é imortal, a presença localizada e histórica daquele que é onipresente e a-histórico e a ressurreição, pelo Espírito, daquele que é a Vida. Jesus Cristo é a norma *normans* à qual sempre se deve voltar para transcender os contornos históricos da forma *Christi* na vida de seus filhos, porque o que dele se afirmar e viver não o esgota.

Exatamente por isso, a Cruz de Cristo não pode ser compreendida senão como uma doação da vida divina à criação inteira, que se instaura na ordem da gratuidade, doação fundacional de sentido e mediação da salvação que, em termos cristãos, se denomina *ágape*. Ato de esperança considerado possível para toda a humanidade em todos os tempos, incluindo pós-moderno. Trata-se de pôr em marcha

³¹⁵ Cf. Pr 8,25-36.

³¹⁶ Cf. Sb 8,21; Eclo 39,5-6.

³¹⁷ Cf. REINMUTH, Eckart. *Narratio und argumentatio – zur Auslegung der Jesus-Christus-Geschichte im Ersten Korintherbrief*. In ZThK 92 (1995): pp. 24s; LUZ, U. *Theologia Crucis als Milite der Theologie im Neuen Testament*. EVT 34, 1974. pp. 116-141; McGRATH, A. E. *Luther's Theology of the Cross*. Oxford: Blackwell, 1985; Morris, L. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Eerdmans: Grand Rapids, 1955.

a lógica da cruz para recuperar sua identidade esquecida neste tempo, uma vez que a cruz é precisamente o caminho que nos conduz à Sabedoria de Deus. O Cristo crucificado é a personificação do plano divino de salvação, a verdadeira medida e a expressão culminante da Sabedoria e do poder de Deus³¹⁸. Assim dito, a mensagem do Evangelho é “Sabedoria de Deus”³¹⁹, Sabedoria Divina oriunda do Criador cujo plano de salvação outrora oculto tornou-se realidade pela crucifixão³²⁰.

Nesse processo, certamente, buscaremos reacender a fé cristã. Sobre essa base, fazemos memória do Crucificado³²¹, que insere no coração do mundo violento, dilacerado e sem sentido, outra maneira de existir, e a torna fonte de vida, para que o mundo novo possa realizar-se plenamente. Não se trata de fuga do mundo violento, mas de sublinhar seu caráter de envio: habitar o mundo com uma força nova, a partir de um verdadeiro poder do não poder, que procede da gratuidade, porque do amor. Em plena era moderna tardia, de acordo com Mendonza Álvarez, “estamos plenamente conscientes do fracasso histórico do cristianismo – e de sua visão secularizada, que é o Iluminismo”³²². Hoje, mais que nunca, torna-se urgente o anúncio da Sabedoria da Cruz de Cristo, que nos remete, sobretudo, à imitação do Outro, que não é senão doação perpétua.

Percorreremos de maneira significativa alguns dados sobre Jesus, necessários para que possamos dar sequência à elaboração do discurso teológico. Não será, aqui, reconstruída, cientificamente, a história de Jesus na Galileia dos anos trinta, mas buscar-se-á recuperar uma aproximação de sua pessoa aos seres humanos de hoje, convencido de que, Nele, encerra-se a melhor notícia que eles poderiam ouvir nos tempos atuais. Haja vista que Jesus é o Caminho completo porque o soldo da vida; Nele está a garantia do trajeto para todos os viajantes.

No tempo de Jesus, na Galileia, era muito importante, para identificar a pessoa, saber sua naturalidade, a que grupo familiar pertencia. No hebraico, o nome original de Jesus é “*Yeshua*”, que significa “salvar”³²³. Por ser um nome comum

³¹⁸ Cf. 1Cor 1,24. DUNN, James G. *Christology, in the Making*. Philadelphia: Westminster, 1980.

³¹⁹ 1Cor 2,7.

³²⁰ 1Cor 2,8.

³²¹ HENGEL, Martin. *Crucifixion in the Ancient World and the Folly of the Message of the Cross*. Philadelphia: Fortress, 1977.

³²² ÁLVAREZ, 2011, p. 232.

³²³ No Antigo Testamento o conceito de salvação é expresso predominantemente com o termo hebraico *yêshua'ah* (em grego, *soteria*) ou com os sinônimos que significam: ajuda, felicidade, bem-estar, libertação, vitória, doadas por Deus em favor do homem (PIKAZA, Xavier; SILANES NEREO. *Dicionário Teológico o Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 817.

naquela época, era preciso acrescentar algo mais para que pudesse ser identificado. No seu povoado, ele era chamado de *Yeshua bar Yosef*, “Jesus, filho de José”, em outros lugares, chamavam-no *Yeshua há-nostri*, “Jesus de Nazaré”. Jesus era filho de um artesão, provinha de Nazaré, sob o Império de Roma. Não possuía cidadania romana, e era membro de um povo subjugado. Ao olhar do Império, Jesus é simplesmente um Galileu insignificante. Ele nunca se aventurou pelas rotas do domínio do Império. Seus pés sempre estiveram às margens da Galileia e dos caminhos que levavam à cidade santa de Jerusalém³²⁴.

Os povos subjugados não deviam esquecer-se de que estavam sob o Império de Roma. Quando um povo era conquistado após uma violenta e sangrenta guerra, a vitória era celebrada solenemente. O general vitorioso percorria as ruas de Roma, com os generais derrotados e acorrentados, com seus despojos, antes de serem executados. Deveria ficar visível o poder militar dos vencedores e a humilhação dos vencidos. As glórias destas conquistas ficavam fixas nas inscrições dos edifícios, nas moedas, na literatura, nos arcos do triunfo erguidos em todo o Império. Junto às estátuas dos deuses tradicionais, erigia-se a estátua do imperador, presente no templo e nos espaços públicos, e o povo era convocado a prestar culto como seu verdadeiro senhor. Todavia, o meio mais eficaz para submetê-los era utilizar o castigo e o terror. Roma não permitia nenhum sinal de fraqueza diante dos levantes ou de rebeliões³²⁵. A prática de “crucifixão”³²⁶, as degoladas em massa, a captura de

³²⁴ PAGOLA. 2007, p. 29-30-31.

³²⁵ PAGOLA, Antonio J. **Jesus aproximação histórica**. 2ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011. p. 32.

³²⁶ A pena da crucifixão, método cruel de suplício e de execução popular. Essa pena provém do Oriente, sobretudo dos povos persas. Conforme atesta Born, “[...] é de origem fenícia, os persas estaqueavam como também os babilônicos e os assírios”. BORN, Adrianus Van Den (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 336). Os gregos não recorriam muito à crucifixão, porém ela era muito usada pelos cartagineses e romanos (Para os romanos, a crucifixão era símbolo de desprezo, aplicada a classes inferiores, contra os escravos e os inimigos a quem, de alguma maneira, queriam punir pelo cometimento de crimes atrozes, como assassinio, furto grave, traição e rebelião. Sua finalidade principal era mostrar força contra o inimigo e controlar tropas que se manifestassem de forma contrária ao regime e resistissem à sua autoridade. Era uma arma de punição, colocada em lugar de destaque aberto, para causar certo terror e temor, tornando possível o controle social em larga escala. A crucifixão era um castigo por demais severo na época e era considerada penalidade suprema). Josefo a chama de “[...] a mais desgraçada das mortes” (apud SLOYAN, 2006, p. 22). Quanto aos cidadãos romanos, esses eram imunes ao suplício da crucifixão. Todavia, se cometessem atos de traição, assassinato, roubo, pirataria, deserção e etc. e renunciassem à proteção da cidadania, podiam ser crucificados, mas remotos foram os casos. Disse Cícero: “O que quer que seja a cruz, ela deve ficar longe dos corpos dos cidadãos de Roma, e também dos seus pensamentos, seus olhos e ouvidos” (apud MOLTSMANN, 2011, 53). Cumpre lembrar que Paulo, quando preso no pátio do templo, esclarece ao centurião ser ele cidadão romano, e, como tal, merecia que não lhe fosse infligida nenhuma punição sem antes passar por um julgamento apropriado. Lê-se nos Atos dos Apóstolos que até mesmo o tribuno teve receio “ao reconhecer que era um cidadão romano” (At 22,29).

escravos, os incêndios das aldeias e os massacres das cidades não tinham outro propósito senão aterrorizar as pessoas, para obter lealdade dos povos.

Foram dezenas de milhares de judeus na Judéia que os romanos crucificaram. O responsável pelas crucifixões na Paletisna era, geralmente, o governador romano. A crucifixão era a pena romana predileta para pessoas escravas e insurgentes³²⁷. Quintino Varo, governador da Síria, tomou sob seu comando duas legiões, a cavalaria, recrutou outras tropas auxiliares de vassallos da região e marchou para Jerusalém, onde neutralizou uma rebelião, tendo crucificado, de uma só vez, dois mil suspeitos de rebeldia³²⁸. No subsequente cerco de Jerusalém, o general romano Tito crucificou cerca de quinhentos refugiados da cidade por dia, e, às vezes, mais, até que não houvesse espaço suficiente para as cruzes fora dos muros da cidade³²⁹. Josefo também registra que Antíoco Epifanes crucificou os hebreus que haviam se recusado a obedecer aos seus decretos sobre a helenização³³⁰, bem como Alexandre Janeu, um dos sucessores dos macabeus, crucificou oitocentos dos seus adversários fariseus. A brutal intervenção de Roma foi sempre lembrada. Tais histórias foram contadas e os judeus fazem memória delas. É muito provável que Jesus as tenha ouvido desde criança. Portanto, Ele sabia muito bem do que estava falando quando, mais tarde, descrevia os romanos como “chefes das nações” que governam os povos como “senhores absolutos” e os “oprimem com seu poder”³³¹.

Jesus não dedicou sua vida a estudar a Torá. No entanto, se consagrou totalmente ao que Ele chamava de “Reino de Deus”³³². No começo de sua vida pública, faz a irrupção escatológica de Deus na história, declarando a chegada do Reino presente em sua própria pessoa³³³, realizando, assim, o projeto do Pai, que indica a sua presença salvadora sobre a terra, e leva à sua consumação pela força do Espírito Santo. Em Jesus, Deus chega para todos como salvador³³⁴, não como juiz. Sua vida itinerante pelos povoados da Galileia e seu entorno serão o melhor símbolo da chegada de Deus, que, como Pai, vem inaugurar uma vida mais digna para todos

³²⁷ HENGEL, Martin. **Crucifixion**. Londres: 1977.

³²⁸ JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. In: _____. Antiquidades judaicas, Livro XVII, cap. 12, n. 752. 15. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

³²⁹ Ibid., In: _____. Guerra dos Judeus contra os Romanos, Livro V, cap. 28, n. 418. 15^a.

³³⁰ Ibid., In: _____. Antiquidades judaicas, Livro XII, cap. 7, n. 465.

³³¹ Cf. Mc 10,42-44.

³³² PAGOLA, 2011. p. 83.

³³³ Cf. Lc 11,20.

³³⁴ CARDEDAL, Olegario González de. **Jesucristo Redentor del hombre**. Esbozo de una soteriología crítica, em Semanas de estudios trinitarios, XVIII: Cristo, Redentor del hombre: Salamanca: 1989. P. 313-396.

os seus filhos. Jesus oferece gratuitamente a todos a salvação. Ele mesmo percorre as aldeias convidando todos a entrar no Reino de Deus que já está se irrompendo em suas vidas.

Deus não vem para destruir a pessoa humana, mas o mal que está na raiz de tudo. Ao que parece, Jesus comunica sua própria experiência ao revelar: “Vi Satanás cair do céu como um raio”³³⁵. De alguma maneira, vai se tornando realidade aquilo que já se esperava em alguns ambientes: “Então o reino dele desaparecerá através de toda a Sua criação, e então Satanás não mais existirá, e a tristeza partirá com ele”³³⁶. Sem dúvida, o inimigo a ser combatido é Satanás. Deus não vem para destruir os romanos nem aniquilar os pecadores. Ele vem para libertar a todos do poder último do mal. Esse combate acontece constantemente, é real e concreto na história humana. Jesus é um antimal, procura destruir tudo o que causa dano à criatura.

Jesus se preocupa em libertar as pessoas de tudo aquilo que as desumaniza e as faz sofrer. Nas aldeias, à margem da Galileia, Ele encontra o povo mais pobre e deserdado, despojado de seu direito de desfrutar da terra doada por Deus; o Israel mais enfermo e maltratado pelos poderosos. Jesus trabalha com grande ardor no projeto da implantação do Reino de Deus que tinha como objetivo principal a justiça e a compaixão aos excluídos e rejeitados, correndo sério risco ao se expor na busca de uma vida em abundância para a pessoa humana. Seria impossível se solidarizar com os outros sem sofrer a reação dos poderosos. Ele anuncia a boa notícia: a justiça de Deus aos marginalizados; aos enfermos, a cura; aos endemoninhados, a libertação; aos pobres, a dignidade; e, aos pecadores, o perdão dos pecados. Jesus não fala da ira de Deus como anunciou “João Batista”³³⁷, nem tampouco tomou posição a favor dos judeus e contra os gentios, ou a favor dos pecadores contra os justos. Ele toma posição contra o mal e a favor dos que sofrem. Seu reinado não é imposto pela força das armas a nenhuma criatura, mas o introduz através do amor e da misericórdia e enche a criação inteira com “sua compaixão”³³⁸. Isto posto, “Jesus é o rosto da

³³⁵ Lc 10,18. Satanás é uma palavra hebraica que significa adversário. Também é chamado de diabo, que significa acusador ou caluniador, e também Belzebu ou Baalzebu, que significa senhor das moscas, uma referência ao deus Ecom (ver II Reis 1:1-6,16).

³³⁶ Evangelhos Apócrifos – Assunção de Moisés. Disponível em <<https://docs.google.com/document/edit>>. Acesso em 13/05/2016.

³³⁷ Lc 3,7.

³³⁸ Jesus destaca em suas parábolas a “compaixão” como o traço principal de Deus (Lc 15,11-31; Mt 18,18-35; 20,1-16). Por outro lado, de acordo com os evangelhos, a compaixão é o caracteriza o comportamento de Jesus diante dos que sofrem (Mc 1,41; 6,34; 15,32; 20,34; Lc 7,13). Emprega-se sempre também um verbo muito expressivo, *splanchnizomai*, que significa literalmente que “tremem as entranhas” de Jesus (e de Deus). Ao ver as pessoas sofrendo.

misericórdia do Pai”³³⁹. É somente essa misericórdia, acolhida de maneira responsável por todos, que pode destruir Satanás, personificação desse mundo hostil que trabalha contra Deus e contra o ser humano³⁴⁰.

O Deus que chega através de Jesus é um Deus que “faz nascer o seu sol igualmente sobre os maus e bons e cair chuva sobre os justos e injustos”³⁴¹. Deus não reserva seu amor somente para a raça eleita de Israel, pois ama a todos. A bondade de Deus é sem limites. Os setores mais fanáticos das autoridades religiosas dos judeus se escandalizavam porque, para Jesus, a prioridade era a vida e não a religião. Ele provocou também escândalo e inimizade dos doutores da Lei ao se tornar amigo dos pecadores e publicanos. Como Jesus se atreve a comer com os pecadores? Relacionar-se com as mulheres de má fama? Sem dúvida, é um gesto provocador, buscado intencionalmente. Jesus não faz acepção de pessoas. No reino de Deus, tudo será diferente: a misericórdia substituirá a santidade. O reino de Deus é uma mesa aberta na qual todos podem se assentar, inclusive o pecador. Só ficam excluídos aqueles que não se refugiam em sua misericórdia.

Como viver neste tempo novo criado pela irrupção salvadora de Deus? A preocupação de Jesus é outra: como responder ao Pai, que já está atuando? Deus está oferecendo seu amor compassivo a todos, sem olhar os méritos de ninguém. É preciso entrar no projeto de Deus. É necessária uma resposta pessoal. As mulheres, as prostitutas, os pobres, os enfermos, os impuros, os pecadores e os publicanos o entendiam e o acolhiam. Para eles, Jesus era a melhor notícia. É bem verdade que isso acabou provocando reação nos setores mais rígidos de seu tempo, o que acabou gerando perseguição. A sua conduta os irritava e acabou se tornando uma grande ameaça. De alguma forma, seu empenho em anunciar uma inversão e seu programa concreto para acolher o reino de Deus e sua justiça era um desafio ao sistema. Alguns fariseus avisaram a Jesus: “Sai e retira-te daqui, por que Herodes quer matar-te”³⁴².

Muito provavelmente, nesta ocasião, não tiveram uma atitude hostil, mas apresentavam a Jesus um sincero conselho. É possível que, nesta altura do ministério de Jesus, este já tivesse despertado em Herodes um sentimento de receio, da mesma

³³⁹ FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Bispo de Roma servo dos servos de Deus. 11 de Dezembro de abril de 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc-concfaith-doc-20071203-nota-evangelizzazione-po.html>. Acesso em 13 maio de 2016.

³⁴⁰ PAGOLA, 2011, p. 126.

³⁴¹ Mt 5,45.

³⁴² Lc 13,31.

forma que havia temido a João Batista. Diante da popularidade de Jesus, muitos queriam fazer dele um rei, o que, naturalmente, teria significado o fim do domínio de Herodes. Para o governador, não é muito tranquilizador ouvir falar de um império, embora o chame de Deus. Embora o seu reino não buscasse poder nem tampouco riqueza e honra, mas a justiça e a compaixão necessariamente para os excluídos e humilhados do Império romano, para as autoridades políticas e religiosas, isto significava certa ameaça.

Jesus não era ingênuo. Ele sabia o perigo que estava correndo se continuasse com seu propósito de implantação do reino. Seu objetivo não era o suicídio, nem martírio, muito menos o próprio sofrimento e o sofrimento do outro. A perseguição e o martírio só foram aceitos por Ele por fidelidade ao projeto de amor do Pai. Ele jamais correu atrás da morte nem tampouco das ameaças, porém, permaneceu firme em sua mensagem. Jesus poderia ter evitado a morte, bastaria “calar-se e não insistir naquilo que podia irritar no templo ou no palácio do prefeito romano”³⁴³. Jesus se entrega de maneira incondicional ao projeto do Pai, que traz como consequência lógica o encontro com a cruz³⁴⁴.

O próprio Jesus não interpreta sua morte partindo de uma perspectiva sacrificial. Portanto, Ele não elabora nenhuma teoria sobre sua morte. Vale lembrar que Ele mesmo não faz nenhuma menção de sua morte ao sacrifício de expiação oferecido ao Pai. Não era a sua linguagem. Nunca havia vinculado o reino de Deus às práticas cultuais do templo; nunca havia entendido seu serviço ao projeto de Deus como sacrifício cultual. Cumpre observar que Jesus não trazia em sua imaginação

³⁴³ PAGOLA, 2011, p. 417 - 418.

³⁴⁴ Consultando-se o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, é possível constatar que o termo “cruz” apresenta a seguinte definição: “1) Antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que amarravam ou pregavam os condenados à morte. 2) O madeiro em que foi pregado Jesus Cristo. 3) A paixão e morte de Cristo. 4) Símbolo da redenção para os cristãos (FERREIRA, 2010, p. 618). O termo corresponde ao grego “σταυρός (*stauros*), estaca, cruz; σταυρώω (*stauroō*), pendurar numa cruz, crucificar; ανασταυρώω (*anastauroō*), crucificar; συσταυρώω (*systauroō*), crucificar com; κρεμάννυμι (*kremannymi*), enforcar” (COENEN, 2000, p. 477). O termo *stauros* pode ainda significar uma estaca, em muitos momentos com pontas, na qual eram empalados os condenados publicamente para que pudessem ser mostrados como sinal de vergonha, sendo este um castigo adicional. O castigo poderia vir em forma de enforcamento. *Stauros* podia também ter o significado de um instrumento de suplício. De acordo com o Dicionário de Paulo e suas cartas, excluindo-se os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, o apóstolo Paulo apresenta-se como o responsável por todos os empregos, exceto dois, do verbo crucificar (*stauroo*: 1Cor 1,13-23; 2,2-8; 2Cor 13,4; Gl 3,1; 5,24; 6,14; Rm 6,6; Gl 2,19) e do substantivo cruz (*stauros*: 1Cor 1,17-18; Gl 5,11; 6,12-14; Ef 2,8; 3,18; Cl 1,20; 2,14) (HAWTHORNE, 2008, p. 353). É possível que a cruz tivesse uma viga atravessada para completar a sua forma, a haste transversal, “chamada pelos latinos de patibulum” (FABRIS, 1988, p. 274). As fontes não permitem concluir sobre a forma exata da cruz, se de fato “era a cruz immissa + ou a cruz commissa T” (COENEN, 2000, p. 558). LÉON-DUFOR, Xavier. *Passion* (Récits de la), DBS 6, 1960. pp. 1419-1492.

que seu Pai, sendo Deus, lhe pediria sua morte e sua destruição para que sua honra, ofendida pelo pecado, enfim, fosse restaurada, e, assim como consequência, Ele pudesse perdoar os seres humanos. Em nenhum momento, Jesus oferece sua vida como imolação ao Pai para obter dele qualquer socorro para a humanidade. O Pai não necessita que ninguém seja destruído em sua honra. O amor que Ele tem por seus filhos e filhas é gratuito, seu perdão é incondicional³⁴⁵. O seu amor é anterior a tudo. Jesus entendeu sua morte³⁴⁶ como sempre entendeu sua vida: um serviço ao reino de Deus em favor de todos; viveu acolhendo, abençoando, oferecendo o perdão gratuito e a salvação de Deus. Vai à cruz como aquele que serve. Para Jesus, não é mais necessário sacrificar o outro, mas é preciso escolher a oferenda de si mesmo, sem vontade de vingança, para, assim então, abrir da vida uma porta no mundo do ódio que separa a humanidade e receber o dom da vida eterna na ordem da gratuidade.

A causa histórica da morte de Jesus, de acordo com o pensamento de Rubio, foi o fechamento da humanidade, que não aceitou a proposta do Reino de Deus³⁴⁷. Alguns judeus que, não reconhecendo o Deus feito homem³⁴⁸ e vendo nele um homem que se faz Deus, julgaram-no blasfemador³⁴⁹. Desta maneira, só restou para Jesus a rejeição e a cruz. Ele foi vítima da justiça romana, depois de um longo julgamento, de ter passado uma noite escura de angústia e agonia, sofrido diversos maus tratos, vivenciado uma experiência de abandono por parte de seus discípulos e de fracasso, debaixo do escárnio dos soldados e da multidão curiosa que o seguira, além de uma dor física tremenda, no percurso do horto das Oliveiras ao Calvário. A cruz foi seu

³⁴⁵ PAGOLA, 2011, p. 419.

³⁴⁶ Jesus de Nazaré foi condenado a morte durante o reinado de Tibério pelo governador da Judéia, Pôncio Pilatos, provavelmente “no ano 30 d.C.” (SLOYAN, Gerard S. **Por que Jesus morreu?** São Paulo: Paulinas, 2006, p. 19), em Jerusalém. Para o historiador Flávio Josefo, Jesus era um homem sábio, simples, muito admirável em suas obras, instruía na verdade e muitos judeus bem como gentios o seguiam (JOSEFO, 2009. Antiquidades Judaicas, Livro VII, cap. 4, n. 772). O autor afirma que “os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem” (JOSEFO, 2009, Antiquidades Judaicas, Livro VII, cap. 4, n. 772). Como se observa, o Império Romano reservava para si, mesmo em suas províncias como a Judéia e outras, o direito de impor a pena de morte. Quanto aos judeus, sabe-se que tinham de recorrer ao governador para obter a confirmação e a execução da sentença por eles pronunciada. Numerosas fontes bíblicas atestam a crucifixão de Jesus de Nazaré sob Pôncio Pilatos. Jesus perante Pilatos na narração de Lucas 23,13-25; Lucas 23,1-7; Atos dos Apóstolos 3,13; na narração de Mateus: 27,1-2; 27,11-25; na narração de Marcos 15,1-39; na narração de João 19,1-16.

³⁴⁷ RUBIO, Afonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 86.

³⁴⁸ Cf. Jo 1,14.

³⁴⁹ Jo 10,33.

instrumento de martírio³⁵⁰ e também o lugar mais alto da revelação do seu amor pela humanidade.

No momento em que Jesus se encontra diante de Pilatos, a Sagrada Escritura narra: “Quando os chefes dos sacerdotes e os guardas o viram, gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o!”³⁵¹. É aplicada a Jesus uma frase muito simples presente nos Salmos: “Me odeiam sem motivo”³⁵². Essa frase exprime a natureza essencial da hostilidade contra a vítima: injustificada. De acordo com René Girard, “a multidão não tem qualquer motivo verdadeiramente pessoal para atribuir culpas à vítima selecionada ou a qualquer outro indivíduo. Não tem qualquer razão de queixa legítima ou mesmo ilegítima”³⁵³. No mecanismo vitimário, os perseguidores acreditam estar fazendo o bem, pensam estar agindo pela justiça e pela verdade, acham que estão salvando sua comunidade. É bem verdade que, em uma sociedade sujeita, muitas vezes, à anarquia, “as vítimas sucumbem a uma voracidade de perseguição que pode saciar-se à custa de pouco importa quem”³⁵⁴. Ninguém se preocupa com a culpa ou com a inocência da vítima, o que acaba acentuando a expressão “sem motivo”, descrevendo, assim, uma verdadeira matilha humana. Além disso, a vítima-inocente sofre com a acusação, manipulação de ser responsável pela situação em que se encontra, culpada pela própria situação.

O que está em jogo, na verdade, é a mentira de Satanás quando um grupo julga necessário matar para sobreviver. Acusamos um para que o outro fique em paz. Só temos duas alternativas: ou imitamos a Cristo ou imitamos a Satanás. Geralmente, o grupo precisa sacrificar uma vítima: aquela na qual a rivalidade se instala. O problema é “histórico”³⁵⁵ e antropológico. A vítima é sacrificada, uma vez que “a

³⁵⁰ FITZMYER, Joseph A. *Crucifixion in Ancient Palestine, Quamran Literature, and the New Testament*. In: *Advance the Gospel: New Testament Essays*. New York: Crossroad, 1981; HENGEL, Martin. *Crocifissione ed espiazione*, Paideia, Brescia 1988. HENGEL, Martin. *Mors turpissima crucis in der antiken welt und die Torheit des Wortes vom Kreuz*. Tubinga: Mohr, 1976, 125-184.

³⁵¹ Evangelho segundo São João 19,6. Essas palavras indicam, com muita clareza, o grande ódio que aquelas pessoas tinham de Jesus. Poderiam ter pedido a condenação judaica pelo apedrejamento. Porém, solicitaram a ativa participação de Roma na morte de Cristo, e segundo o horrendo modo romano da crucifixão.

³⁵² Prece de um justo perseguido: Salmo 35,19.

³⁵³ GIRARD, René. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Grasses e Fasquelle, 1999, p. 162.

³⁵⁴ *Ibid.*, p. 162.

³⁵⁵ O pecado rompe com a harmonia na qual vivia a humanidade e se desencadeia uma verdadeira escala de violência nos primeiros capítulos do primeiro livro da Sagrada Escritura. Na mensagem veterotestamentaria, a vida humana está profundamente marcada por luzes e sombras, por aspectos positivos e por outros negativos. Os primeiros capítulos do livro de Gênesis nos revelam que Israel, geograficamente, se encontra num espaço onde a violência é muito intensa. Por tais razões, esta realidade marca com força sua mensagem bíblica, não sendo possível separar na mensagem

violência não é inata ao homem, sim que é filha da cultura e da história”³⁵⁶. Todas as culturas sacrificam sua vítima. Graças a essa vítima, podemos sobreviver: “Satanás é também mestre da cultura humana”³⁵⁷. As religiões estão abraçadas a um sacrifício. É bem verdade que a reprodução se dá como espiral. Todos têm participado para eliminar alguém. É necessário reconhecer que, neste campo, somos testemunhas de autênticas tragédias humanas. Nós conhecemos a sociedade cainítica. O que há por trás das mortes violentas em nosso mundo? No tempo atual, chamado pós-moderno, a humanidade continua sofrendo deste mesmo mal. Vemos uma cultura de morte que não se manifesta só nos atentados pontuais contra a vida humana nascida ou não nascida, mas, também, e, sobretudo, na tendência de eliminar o outro.

Em quase todos os mitos antigos, a vítima era derrotada e o carrasco sempre era o vencedor. Jesus é, de fato, vítima do mesmo tipo de injustiça, condenado injustamente. Ele alterou o sentido da vitória e derrotou a violência: “Inaugurou um novo gênero de vitória, que não consiste em fazer vítimas, mas sim em fazer-se vítima. *Victor quia victima!* Vencedor porque vítima, assim Agostinho define o Jesus da cruz”³⁵⁸. Desse modo, partindo da perspectiva do cristianismo, a leitura se faz a partir da vítima e não a partir dos verdugos. Não é uma leitura sacrificial. O cristianismo não é sacrificial, mas superação. Além do sacrifício, Jesus, na cruz, desmascara o mecanismo vitimário e seu caráter e dá a possibilidade de troca que vai depender dos verdugos e das vítimas sem ressentimentos. Porque a vítima ressentida que espera

veterotestamentaria o contexto cultural e seus condicionamentos (GAFO, p. 107). Todos produzem vítima, no processo vitimário. Girard apresenta: Caim e Abel (GIRARD, 1999, p. 110). Que oferenda apresentar a Deus? Sabemos que Abel apresentou o cordeiro, enquanto Caim os frutos da terra. Caim era de uma cultura sedentária. Porém Abel era um caçador primitivo. Embora os dois desejassem agradar a Deus, somente a oferenda de Abe foi aceita. Caim, então, mata o seu irmão. Mesmo depois da morte do seu irmão, Deus manda proteger Caim e coloca nele uma marca para que ninguém o mate. Caim e Abel representam a dialética dos irmãos que se matam.

³⁵⁶ FROMM, Eric. **Anatomía de la destructividad humana**. Madrid, 1980, pp. 176-179. Tradução nossa.

³⁵⁷ GIRARD, 1999, p. 115. Girard desenvolve a teoria mimética, faz uma leitura antropológica do processo de rivalidade que gera sacrifícios para a estabilidade de um grupo. Assim, as vítimas são aquelas pessoas, a maioria das vezes as mais vulneráveis e frágeis, que são sacrificadas em prol da suposta paz do grupo. Assim, por exemplo, o contágio mimético estabelecido por uma turba contra uma vítima acusada de algum delito funciona como um *pharmakon* para aliviar o ressentimento focalizando-o num bode expiatório. Em diálogo crítico com René Girard, Jean Pierre Dupuy propôs, em princípios do século XXI, o conceito de “vítimas sistêmicas” para designar as massas que são sacrificadas em prol da globalidade do mercado e invisibilizadas como dejetos de uma sociedade moldada pela cobiça. DUPUY, Jean Pierre; DEGUY, Michel (orgs.). GIRARD, Girard. **Et le Problème du Mal**. Paris: Grasset, 1982.

³⁵⁸ CANTALAMESSA, Ranieiro. **Quem busca Jesus sem a cruz encontrará a cruz sem Jesus**. Disponível em: <<http://www.zenit.org>>article-16053?l=portuguese. Sexta-feira, 7 set. 2007. Acesso em: 5 set. 2010.

uma vingança é um verdugo em potencial. A paciência dos mártires supõe a “perseguição dos tiranos. A extensão do ódio do carrasco é um ato de amor, na paciência da vítima que sofre por amor a Deus. O terrível é que um será o carrasco e outro a vítima, um ganhará o céu e o outro o inferno. Mas cada um escolhe seu papel na vida”³⁵⁹.

De acordo com o Evangelho de Lucas, capítulo 23, a morte de Jesus acalma a multidão. Além Dele, estavam presentes os revoltosos coletivos ou assassinos coletivos cujas ações Pilatos temia. Por isso, o mesmo dá ordem de sentenciar Jesus, permitindo um sacrifício com vítima humana, para que fosse impedida uma revolta. O evangelista continua narrando que, nesse dia, “Herodes e Pilatos ficaram amigos entre si, pois antes eram inimigos”³⁶⁰. Ambos não têm consciência de que toda a sua reconciliação se fundamenta na crucifixão de Jesus³⁶¹.

A conduta adotada pelas autoridades religiosas de Jerusalém em relação a Jesus não foi unânime. Alguns, como o fariseu Nicodemos³⁶² ou o ilustre José de Arimatéia³⁶³, e outros judeus, creram em Jesus. Quando o evangelista João cita os judeus³⁶⁴ como responsáveis pela morte de Jesus não podemos tomar uma postura racista e generalizarmos todo o povo de Israel, mesmo porque o próprio Jesus e também João eram judeus. O evangelista Mateus, por sua vez, retira a culpa dos romanos e a coloca sobre os líderes judaicos. Conforme se lê, na ocasião da crucifixão, o povo respondeu: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27,25).

E, ainda, como se não bastasse, toda a comunidade primitiva era formada por israelitas. Porém, para Bento XVI, o termo usado por João se refere à aristocracia do templo³⁶⁵. Isso é muito claro em João 7,50-52. Conforme atesta Bortolini, não é o povo o responsável pela morte de Jesus, mas “as lideranças religiosas sim, pois rejeitam o humano e a vida”³⁶⁶. De modo muito oportuno, no Concílio Vaticano II, a Igreja declarou:

³⁵⁹ FORTEA, José A. **Svmmā Daemoniaca - Tratado de demonologia e manual de exorcistas**. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, p. 303.

³⁶⁰ Lc 23,12.

³⁶¹ GIRARD, 1999, p. 167 - 168.

³⁶² Jo 7,9.

³⁶³ Jo 19,38.

³⁶⁴ Jo 19,15.

³⁶⁵ BENTO XVI. **Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2011, p. 171 – 172.

³⁶⁶ BORTOLINI, José. **Como ler o Evangelho de João**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1994, p. 173.

Aquilo que se perpetrou na sua Paixão não pode indistintamente ser imputado a todos os judeus que viviam então, nem aos de hoje. Os judeus não devem ser apresentados nem como condenados por Deus, nem como amaldiçoados, como se isto decorresse das Sagradas Escrituras³⁶⁷.

Cumprido observar que Paulo vai além e diz que não só os judeus mataram Jesus³⁶⁸, mas que também os senhores deste mundo o crucificaram³⁶⁹. Para Girard, as forças demoníacas acostumadas a desencadear o mecanismo vitimário pregaram Jesus na cruz. Elas esperavam que o mecanismo funcionasse de modo favorável aos seus próprios interesses e, definitivamente, ficassem livres de Jesus e de sua Palavra³⁷⁰. Levando em conta que os nossos pecados atingem o corpo de Cristo, o magistério da Igreja não hesita em imputar aos cristãos a responsabilidade mais grave na crucifixão de Jesus ressaltando que foram todos os pecadores: “como tais os autores e como que os instrumentos de todos os sofrimentos por que passou o Divino Redentor”³⁷¹. Conforme se lê no *Catecismo da Igreja Católica*:

Devemos considerar como culpados desta falta horrível os que continuam a reincidir em pecados. Já que são os nossos crimes que arrastaram Nosso Senhor Jesus Cristo ao suplício da cruz, com certeza os que mergulham nas desordens e no mal de “sua parte crucificaram de novo o Filho de Deus e o expõem às injúrias” (Hb 6,6). E é imperioso reconhecer que o nosso próprio crime, neste caso, é maior do que o dos judeus. Pois estes, como testemunha o Apóstolo, “se tivessem conhecido o Rei da glória, nunca, nunca o teriam crucificado” (1Cor 2,8). Nós, porém, fazemos profissão de conhecê-lo. E quando o negamos pelos nossos atos, de certo modo levantamos contra Ele as nossas mãos homicidas. Os demônios, então não o crucificaram; és tu que com eles o crucificastes e continuas a crucificá-lo, deleitando-te nos vícios e nos pecados³⁷².

Para o evangelista Marcos, cujo Evangelho é o escrito mais antigo dos sinóticos³⁷³, foi por instigação dos judeus, isto é, do círculo das autoridades

³⁶⁷ JOÃO PAULO II, Papa. Declaração: *Nostra aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, n. 4. São Paulo: Paulus, 2001.

³⁶⁸ 1Ts 2,14s.

³⁶⁹ Cf. Cor 2,8.

³⁷⁰ GIRARD, 1999, p. 185 - 186.

³⁷¹ CATECHISMUS Romanus. Ex Decreto Concilii Tridentini Ad Parochos. N. 11.

³⁷² CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Vozes, 1993. n. 598.

³⁷³ Para o evangelista São Marcos, o tema essencial é a manifestação do Messias crucificado. Por um lado, mostra em Jesus o Filho de Deus reconhecido como tal pelo Pai (1,11; 9,7), pelos demônios (1,24; 3,11; 5,7) e até pelos homens (15,39), o Messias que reivindica para si uma condição divina (14,62), superior aos anjos (13,32), atribui a si o poder de perdoar os pecados (2,10), prova seu poder e sua missão por meio de milagres (1,31; 4,41; etc.) exorcismos (1,27; 2,23s; etc.). Mas, por outro lado, sublinha fortemente seu aparente fracasso junto aos homens: ludíbrio ou escândalo do povo (5,40; 6,2s), hostilidade dos chefes judeus (2,1-3,6 etc.), incompreensão dos próprios discípulos (4,13),

sacerdotais, que Jesus foi preso, julgado e entregue para ser condenado à morte pelo próprio Sinédrio, que representava o povo judeu junto às autoridades romanas. Assim sendo, as autoridades religiosas do povo judeu, sob acusação de blasfêmia, resolveram eliminá-lo³⁷⁴. O Sinédrio tinha uma liberdade de ação. Desde que estivesse de acordo com a política geral de Roma, tinha como função dirigir a vida política dos judeus, pronunciar e executar a pena – ainda que, segundo os historiadores, não conseguisse chegar a um acordo a este respeito: “Com notáveis nuances, as narrativas evangélicas parecem indicar que o possuía, mas que a autorização do governo era necessária para a execução da pena”³⁷⁵.

Os chefes dos judeus sentenciaram Jesus. Para Caifás³⁷⁶, era necessário sacrificá-lo a fim de preservar a nação do pretense perigo político que Jesus fazia correr: no desígnio divino, Jesus devia morrer para a salvação do mundo³⁷⁷. Caifás manifesta, em seu pronunciamento, a sua razão política e o efeito do bode

oposições que conduzem todas à ignomínia da cruz. É esse escândalo o que mais importa explicar, não só contrapondo-lhe o triunfo final da ressurreição, mas mostrando que assim devia suceder segundo os misteriosos desígnios de Deus. Era necessário que Cristo sofresse para resgatar os homens (10,45; 14,24), a prisão de Jesus foi por instigação dos judeus, por parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos (14,43); estava anunciado pelas Escrituras (9,22; 14,21; 14,49) e o próprio Jesus proclamou esse caminho de humildade e de sofrimento para si mesmo (8,31; 9,31; 10,33s) e para os seus (8,34s; 9,35; 10,15; 13,9-13). Todavia, a expectativa judaica de um Messias guerreiro e vitorioso estava pouco disposta a admitir essa solução de dor e abnegação; por isso, a fim de evitar um entusiasmo intempestivo e ilusório, Jesus cerca de silêncio seus milagres (5, 43; etc.), e sua pessoa (7,24; 9-30); ao título de Messias (8,29s), por demais carregado de glória humana, preferiu aquele outro, mais humilde e misterioso, de Filho do Homem (2,10; etc.; cf. Mt8,20). É a isso que se deu o nome de segredo messiânico (MC 1,34); mas se é verdade que Marcos faz dele uma tese essencial de seu evangelho, não é que ele o tenha criado posteriormente; é a realidade profunda da carreira dolorosa de Jesus que ele compreende e nos expõe à luz da fé, definitivamente robustecida pelo triunfo da Páscoa (A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985, pp. 1832-1833).

³⁷⁴ Cf. Mt 26,57-66.

³⁷⁵ A BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994, p. 1913.

³⁷⁶ Segundo Pagola, quando Pilatos chega à Judéia, Caifás já se encontrava como sumo sacerdote instalado pelo prefeito anterior, Valério Grato. Fora mantido por Pilatos e ambos destituídos no ano de (36/37 d.C.). Vale lembrar que os sumos sacerdotes eram escolhidos pelo prefeito por causa de sua disponibilidade em colaborar com Roma e não por causa de sua piedade religiosa. Tudo indica que ambos se apoiavam a ponto de levantar rumores que havia certa cumplicidade entre Pilatos e Caifás e de maneira especial na situação do problema de Jesus (PAGOLA, 2011, p. 457). Seguramente, Caifás era um homem forte em Jerusalém. Na função de sumo sacerdote, governava o templo da cidade santa e tinha a máxima autoridade sobre o povo de Israel disperso sobre todo Império. Morava no Sinédrio e representava todo o povo de Israel perante Roma. Casou-se com a filha de Anás, tornando-se, assim, a família sacerdotal mais poderosa de Jerusalém (PAGOLA, 2011, p. 447). Nenhum outro sumo sacerdote do século I manteve-se tanto tempo no cargo de suas funções como Caifás (em exercício de 18 a 37 d.C.) (JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. Pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus, 1983, p. 270).

³⁷⁷ Cf. Jo 11,50-51. O sacrifício designa o processo de falsa resolução que faz crescer a espiral de violência como “mentira de Satã”. O argumento de Caifás - “é melhor que morra em lugar de todos” (Jo 18,14), é desmascarado pela teoria mimética como uma falsa justificação da violência que surge da rivalidade. GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

expiatório³⁷⁸ que se constitui na origem dos sacrifícios judaicos: “Ele é o sacrificador por excelência, aquele que faz morrer vítimas para salvar os vivos”³⁷⁹. É assim que se levanta a cruz. Embora a expressão bode expiatório não se faça presente no Novo Testamento, nos Evangelhos, dispõe de outra expressão que a substitui: o Cordeiro de Deus, que se ofereceu e carregou sobre si as nossas iniquidades, as nossas dores, os nossos sofrimentos, as nossas enfermidades e os pecados de toda a humanidade³⁸⁰. Jesus se aproxima de todos os bodes expiatórios do Antigo Testamento, de todos os profetas assassinados. Ele é a pedra rejeitada pelos construtores que se tornará a pedra angular³⁸¹.

Jesus paga um preço altíssimo em função da liberdade humana concedida à criatura, criada a sua imagem e semelhança³⁸². Deus quis fazer-Se “impotente”³⁸³. Ele se coloca diante do juízo do homem, diante do tribunal romano para ser interrogado. Pilatos Lhe pergunta: “Então, tu és rei?”³⁸⁴. E Jesus responde: “Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade”³⁸⁵. E Pilatos ainda pergunta a

³⁷⁸ A necessidade da expiação surgiu da ameaça de que os pecados de Israel (cf. Lv 16,30), caso não fossem expiados, pudessem atrair sobre os israelitas a ira de Deus (cf. Rm 1,18; Cl 3,16; 1Ts 2,16). O propósito do dia da expiação era prover um sacrifício amplo e ilimitado por todos os pecados que, porventura, não tivessem sido expiados pelos sacrifícios oferecidos no decorrer do ano que findava. Dessa forma, o povo seria purificado dos seus pecados, a ira de Deus se afastaria de seus domínios e este manteria a sua comunhão com o Senhor (Lv 16,30-34; Hb 9,7). O fato de Deus querer salvar o seu povo, perdoar seus pecados e reconciliá-los consigo mesmo, fez com que Ele provesse um meio de salvação ao aceitar a morte de um animal inocente em seu lugar. O dia da expiação (heb. yom hakkipurím) era o dia mais importante do ano judaico. Nesse dia, o sumo sacerdote vestia o traje sagrado, uma simples túnica e, de início, preparava-se através de um banho cerimonial com água. A esse respeito, basta conferir Levítico 16 e Números 29,7. O sacerdote tomava um carneiro como holocausto pela comunidade e prosseguia com o ritual, sacrificando um novilho pelos seus próprios pecados. Entre dois bodes, a sorte era lançada. Um bode tinha como destino a lahweh, o outro a Azazel. A expiação se concretizava com a aspersão do sangue das vítimas no santuário e sobre o altar. Em seguida, as mãos do sacerdote eram colocadas sobre o “bode destinado a Azazel, confessando os pecados de Israel: simbolicamente carregado com as culpas do povo, o bode é expulso para o deserto” (MCKENZIE, 2004, p. 330). A eficácia do rito consistia em pensar que os pecados eram expulsos com o bode e que a comunidade ficava liberta deles. Logo após, o sacerdote primeiro trocava suas vestes e depois oferecia os holocaustos. Não se pode perder de vista que quem operava na expiação era o sangue da vítima, que simbolizava a vida. O sangue do sacrifício só era aspergido somente nessa cerimônia no interior do santuário, no Santo dos Santos. O dia celebrado com jejum era o sábado.

³⁷⁹ GIRARD, 2004, p. 150. Na história da humanidade, desde que temos notícia, o sacrifício de um bode expiatório, o sacrifício de um acusado pela unanidade de todos contra um, manteve controlada a violência. Por meio do contágio mimético próprio da turba enfurecida, justificam-se os sacrifícios, seja como ritos de purificação e de expiação por meio de uma vítima vicária, seja como o castigo exemplar da pena de morte e da tortura nas sociedades civilizadas.

³⁸⁰ Cf. Is 53,4.

³⁸¹ Cf. Sl 118,22.

³⁸² Cf. Gênesis 1,26

³⁸³ JOÃO PAULO II, Papa. **Cruzando o limiar da esperança**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1994, p. 75.

³⁸⁴ Jo 18,37.

³⁸⁵ Jo 18,37.

Jesus: “Que é a verdade?”³⁸⁶. Aqui, termina o julgamento de Jesus, no qual a criatura arrastou o seu Criador como “réu diante do tribunal da própria história”³⁸⁷. A sentença, por sua vez, não foi promulgada segundo a verdade porque não encontraram nele fundamento suficiente para condená-lo à morte. Pôncio Pilatos sabia que, por inveja, o tinham entregado. Ele e sua mulher são testemunhas que confirmam a inocência de Jesus. Por meio de um sonho³⁸⁸, Pilatos é avisado por sua esposa para não se envolver com “esse justo”³⁸⁹. O próprio governador lava suas mãos de modo a se inocentar³⁹⁰. Com esse gesto, subentende-se que Pilatos faz recair sobre a multidão toda a responsabilidade do que sucederia. Até mesmo o governador Herodes Antipas, que esperava ver Jesus operando um milagre, não encontrou nele nenhum crime que merecesse a morte³⁹¹.

A multidão tem um poder grandioso. Embora a comunidade não estivesse totalmente reunida, a parcela que ali se encontrava obtém resultados surpreendentes. As autoridades constituídas se dobram diante dela, e, para contê-la, é preciso uma vítima. Como era costume soltar um preso no dia da festa da Páscoa, “Pilatos sentenciou que se atendesse ao pedido deles”³⁹². A multidão pede para soltar o culpado e condenar o inocente, gritando: “Crucifica-o”³⁹³, desencadeando, dessa maneira, uma violência unânime. Pilatos, então, para satisfazer a multidão, solta Barrabás³⁹⁴ e entrega a vítima que é Jesus para ser crucificada depois de ter mandado flagelá-la³⁹⁵. A humanidade tem dificuldade em dizer sim a Deus que é a

³⁸⁶ Jo 18,38.

³⁸⁷ JOÃO PAULO II, 1994, p. 75.

³⁸⁸ Cf. Mt 27,20.

³⁸⁹ Cf. Mt 27,19.

³⁹⁰ Cf. Mt 27,24.

³⁹¹ Cf. Lc 23,6-12. Herodes também havia ouvido falar sobre Jesus e queria vê-lo pessoalmente. Esse é o Herodes o Tetrarca, também mencionado nos trechos de Lucas 3:19 e 9,7. Também conhecido pelo nome de *Antipas*, era um dos filhos mais jovens de Herodes o Grande. Nos Evangelhos, ele é lembrado por haver aprisionado, encarcerado e decapitado a João Batista.

³⁹² Lc 23,24.

³⁹³ Mc 15,13.

³⁹⁴ Barrabás segundo o Dicionário Bíblico, (aramaico *bar' abba'*, “filho do pai”, provavelmente um patrimônio). Esse homem é lembrado pelos quatro evangelistas, como o prisioneiro que foi libertado no lugar de Jesus a pedido dos Hebreus. Confira: Mateus 27,16ss; Marcos 15,7ss; Lucas 23,18; João 18,40). Mateus acrescenta a informação de que havia o costume da liberação de um prisioneiro pelo governador, na Páscoa, prisioneiro que era escolhido pelo próprio povo. Segundo o mesmo Evangelista, Pilatos teria apresentado a possibilidade da escolha aos hebreus; nos outros Evangelhos, são hebreus, que fazem o pedido. Barrabás é descrito como “preso famoso” (Mt), “amotinado e homicida” (Lc), “bandido” (Jo). Cf. MACKENZIE, 1983, p.109.

³⁹⁵ Cf. Mt 27,26.

Verdade e o amor, deixa de apoiar-se no concreto para apoiar-se “naquilo que está ao alcance da mão, na violência”³⁹⁶.

Jesus é inocente. Deus não aparece descarregando sua ira sobre Jesus. Em nenhum momento, o Pai o torna responsável por pecados que ele não cometeu, não considera seu Filho um substituto dos pecadores. O pecado não entrou em seu coração. Na cruz, Ele não está sofrendo nenhum castigo de Deus. Ele está padecendo a rejeição dos que se opõem contra o seu reino. Jesus não é vítima do Pai, e sim de Caifás e Pilatos. O Filho carrega o sofrimento que lhe infligem injustamente os homens, e o Pai carrega o sofrimento que seu Filho querido padece. Assim se expressam as Escrituras: “Cristo não cometeu pecado [...] Injuriado, não devolveia injúrias, sofria sem ameaçar, confiando em Deus, que julga com justiça. Ele carregou nossos pecados levando-os em corpo no madeiro”³⁹⁷.

Jesus foi tratado duramente em suas últimas horas. A violência, os golpes e as humilhações começaram na mesma noite de sua prisão. Ao lermos os relatos da paixão, é possível identificarmos duas cenas de maus-tratos. As duas ocorreram imediatamente após a condenação de Jesus por parte do sumo sacerdote e por parte do prefeito romano. Na casa de Caifás, Jesus recebeu duros golpes e cusparadas em seu rosto, eles o ridicularizaram como um falso profeta³⁹⁸. Os judeus, caçoavam dele como profeta que é exatamente o pano de fundo que está na acusação contra Jesus. No pretório³⁹⁹ de Pilatos, Jesus recebe novamente golpes e cusparadas e é objeto de uma farsa. Há elementos que indicam que a execução teve caráter político, uma vez que os romanos zombavam dele como rei: “Salve o rei dos Judeus”⁴⁰⁰.

Todo o escárnio se concentra em Jesus como “rei dos judeus” (Mt 27,29), que é a preocupação do prefeito romano. Jesus, diante de Herodes, é novamente desprezado, escarniado e vestido com uma capa vermelha, como a púrpura real (cf.

³⁹⁶ BENTO XVI. **Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2011, p. 180.

³⁹⁷ 1Pe 2,22-24. BLINZLER, Josef. **Der Prozess Jesu**, Regensburg. 1960; COHN, Hain Herman. **The Trial and death of Jesus**. Londres: 1972; SLOYAN, Gerard S. **Jesus on Trial**, Filadélfia. 1973.

³⁹⁸ É importante destacar que Jesus foi ridicularizado como “profeta”, por causa das suas palavras a respeito do Templo, talvez, com mais precisão, como “Messias Profeta” (essa interpelação dirigida a Jesus com o vocativo “Cristo” é a única nos evangelhos), isto é como pretenso Sumo sacerdote escatológico que vinha estabelecer o novo Templo (cf. Jo 2,19; At 6,14).

³⁹⁹ Gábata (aramaico gabb ta', chamado lithostrotos em gr.). Nome dado ao lugar do julgamento de Jesus por Pilatos (Jo 19,13; Mt 27,27; Mc 15,16). O Prétorio é a residência do pretor, devia ser o antigo palácio do rei Herodes Magno, no qual se instalava regularmente o procurador quando subia de Cesaréia para Jerusalém. Esse palácio situava-se na parte norte ocidental da cidade. Cf. MACKENZIE, 1983, p. 366.

⁴⁰⁰ Mt 27,29.

Lc 23,11), veste de gala, como usavam os príncipes. Herodes quis zombar das pretensões de Jesus à realeza. Sobre sua cabeça, puseram uma coroa de espinhos (cf. Mt 27,29). Segundo a tradição, tal coroa era feita com os ramos do arbusto *shizaf matzur*⁴⁰¹, muito comum em toda a região da Judéia e da Galileia. Essas cenas refletem muito bem dois aspectos: tanto o caráter político quanto o religioso que tiveram influência no processo de execução de Jesus. A crucifixão era precedida pela flagelação, que era uma forma de tortura e punição, e pela cena de zombarias. A vítima era inteiramente despida e flagelada publicamente⁴⁰². Essa praxe era uma parte importante da crucifixão e tinha lugar entre o sentenciamento e a crucifixão propriamente dita.

Segundo Fabris, a vítima era colocada em um poste e chicoteada até sangrar. O flagelo utilizado era feito de cabo curto, porém dotado de duas correias de couro grossas e largas, e, na extremidade das correias, havia duas bolas de chumbo ou ossinhos de carneiro. A flagelação, entre os judeus, tinha como limite trinta e nove chicotadas. Ela provocava lacerações cutâneas e musculares que debilitavam o organismo da vítima. Em alguns casos, o condenado, sob fortes golpes, desmaiava. Esse procedimento enfraquecia as vítimas de tal forma que seu tempo na cruz era abreviado⁴⁰³. O ato era público. No entanto, não sabemos se alguns dos acusadores assistiam aquele triste espetáculo. Para Jesus, começam suas horas mais terríveis. Pilatos manda flagelá-lo⁴⁰⁴. Jesus fica todo ferido, quase sem forças para manter-se de pé, todo ensanguentado.

Seguindo procedimento comum à época, Jesus carregou a cruz até o local das execuções públicas, chamado Calvário⁴⁰⁵. Segundo Moltmann, o rei messiânico

⁴⁰¹ RUSHANSKY, Efraim. **O Palco da História. As Raízes Judaicas e o Cristianismo**. 2. ed. Jerusalém, 2010, p. 80.

⁴⁰² HAWTHORNE, F. Gerald; MARTIN Ralph P.; REID, Daniel G.; 2. ed. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. São Paulo: Paulus, 2008.

⁴⁰³ FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988, p. 272-273.

⁴⁰⁴ Cf. João 19,1

⁴⁰⁵ Após ser julgado e sentenciado, o condenado era conduzido ao lugar de execução, devendo levar consigo o *patibulum* (*antenna*), acompanhado por um centurião e quatro soldados. Essas tropas “auxiliares a serviço do governador romano eram autóctones, gregos e sírios, cheios de prevenção e hostilidade contra os judeus” (cf. FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988, p. 273). Esse lugar da crucifixão usualmente ficava fora da cidade, onde já se encontrava fixado o tronco vertical da cruz, o *stipes*. A crucifixão deveria acontecer em lugar visível para que o público pudesse contemplá-la como um espetáculo horrendo: “Um lugar especial era reservado no Campus *Esquilinus*, em Roma, para a crucifixão pública de escravos” (cf. HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 170). Em Jerusalém, havia o Gólgota (O termo “Gólgota” vem do aramaico *gulgoltha*, “lugar do crânio ou de caveira”, em latim Calvaria, de onde “calvário”. A BÍBLIA de Jerusalém, 1995, p.1893. Confira:

de Israel caminha sem nenhuma resistência em direção à cruz romana⁴⁰⁶. Conforme os Evangelhos sinóticos, para carregar a cruz até o local, Jesus teve ajuda de um homem chamado Simão, da cidade de Cirene (na atual Líbia), que era pai de Alexandre e Rufo⁴⁰⁷. Já para o evangelista João, Jesus carrega a cruz sozinho⁴⁰⁸.

O processo de execução segue e, com Jesus, faz-se o que provavelmente se fazia com os demais condenados⁴⁰⁹. Era comum que o condenado fosse colocado com os braços abertos. Depois, o mesmo era suspenso juntamente com a viga transversal. Na viga vertical, era usado, em alguns casos, cravos, e, em outros, cordas para fixar os pés. Geralmente, eram utilizados quatro cravos. As cordas eram usadas em volta dos braços, das pernas e da cintura. Como os cravos não davam conta de sustentar o peso do corpo, as cordas davam suporte para o condenado não escorregar⁴¹⁰.

De acordo com Mckenzie, a cruz na qual Jesus foi crucificado “era uma cruz comissa, em forma de T, ou uma crux immissa ou capitata, em forma de adaga ou punhal. O fato de o motivo da condenação ter sido colocado acima de Jesus (cf. Mt 27,37) faz pensar na segunda forma de cruz”⁴¹¹. O condenado, depois de amarrado à cruz, era deixado para morrer de inanição. O sofrimento era intenso, especialmente em climas quentes. Os ferimentos causavam febre altíssima e uma agonia excruciante. A mente se enchia de pavor e ansiedade. Podia ocorrer, inclusive, tétano e graves convulsões. A duração da agonia dependia da vítima e da intensidade dos flagelos. A morte raramente ocorria antes de 36 horas. A morte de Jesus foi motivo de surpresa (cf. Mc 15,44). Além disso, a prática romana negava o sepultamento da

João 19,17; Mateus 27,33), na Colina do Crânio, já havia postes fixos para crucifixão. Tal colina era um lugar rochoso que, anteriormente, havia sido uma pedreira de extração de material para construção da cidade, muito provável naquele momento, servia de sepultura nas cavidades das rochas.

⁴⁰⁶ MOLTANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 274.

⁴⁰⁷ No Evangelho de João, nada se diz sobre Simão. Porém, aparece nos Evangelhos de: Marcos 15,21; Mateus 27,32; Lucas 23,26. Como sublinha Brown, o gesto de Simão não é voluntário, mas forçado, seu gesto não serve para ser um exemplo de seguimento. BROWN, Raymond. E. **Introdução ao Novo Testamento**: São Paulo, Paulinas, 2004.

⁴⁰⁸ Jo 19,17.

⁴⁰⁹ MACKENZIE, 1983, p. 203). De acordo com Mckenzie, havia também uma espécie de apoio, que sustentava a maior parte do peso do corpo. Era sobre este apoio que a vítima era colocada. O Novo Testamento não faz menção desse item, porém há informações provenientes de escritores romanos antigos. O apoio para os pés aparece com muita frequência representada na arte cristã, porém, é desconhecido por fontes da Antiguidade. Durante o processo de crucifixão, a vítima não era levantada mais de cinquenta centímetros do chão (cf. MACKENZIE, 1983, p. 203), facilitando aos presentes alcançar a boca da vítima com um gesto de compaixão através de uma esponja umedecida fixada na ponta de uma vara (cf. Mt 27,48; Mc 15,36).

⁴¹⁰ MACKENZIE, 1983, p. 203.

⁴¹¹ MACKENZIE, 1983, p. 203.

pessoa crucificada; o cadáver ficava na cruz para servir de espetáculo e alimento para os pássaros⁴¹², ou ainda pasto fácil para os cães selvagens. Às vezes, as pernas das vítimas eram quebradas para pôr fim à agonia do condenado, acelerando o lento processo de morte por asfixia. Foi o que acontecera com os criminosos crucificados juntamente com Jesus (cf. Jo 19,32).

Era costume dos judeus darem bebida narcotizante ao condenado antes da execução⁴¹³. Essa bebida também foi oferecida a Jesus, que, no entanto, a recusou “para enfrentar o sofrimento e a morte totalmente consciente. No Getsêmani, Jesus estava disposto a beber o cálice do sofrimento até o fim (cf. Mc 14,36)”⁴¹⁴. A bebida entorpecente fazia parte de um uso palestino inspirado no livro de Provérbios (31,6-7), no qual sugeria oferecer a quem estava para morrer uma bebida aromatizada, a fim de ser um anestésico. Tratava-se de uma bebida dos moribundos.

Para degradar a dignidade dos criminosos, ao serem crucificados, eles eram desnudados⁴¹⁵. As vestes do crucificado cabiam de direito aos soldados. O detalhe é ampliado pelo evangelista João⁴¹⁶, que fala de uma “túnica sem costura”, provável alusão à túnica que o sumo sacerdote vestia, tecida com um contínuo fio, uma só peça⁴¹⁷: “E após crucificá-lo, repartiram entre si as suas vestes, lançando a sorte”⁴¹⁸. Trata-se do cumprimento da profecia: “Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica tiram sorte”⁴¹⁹.

Sabe-se também que era pendurada ao pescoço do condenado uma placa com “[...] uma inscrição com o nome do criminoso e a natureza do seu crime”⁴²⁰. Quanto ao letreiro de Jesus, contendo a natureza da sua culpa, o próprio Pilatos redigiu e mandou colocá-lo sobre a sua cruz. Tal letreiro não indicava nenhum crime, apenas registrava sua culpa: “Jesus Nazareu, o rei dos judeus”⁴²¹. A inscrição feita

⁴¹² HAWTHORNE, 2008, p. 353.

⁴¹³ As mulheres judias movidas de compaixão ofereciam essa bebida, acostumavam oferecer aos condenados para amenizar os seus sofrimentos. De fato, era vinho misturado com mirra (cf. Mateus 27,23), devendo o fel de Mateus ser uma reminiscência do Salmo 69,22 (como também a correção de vinho para o vinagre da recensão antioquena). Jesus recusa esse entorpecente. A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus: 1985, p. 1893.

⁴¹⁴ GARMUS, Ludovico. **Os últimos momentos de Jesus no alto da Cruz**. Grande Sinal: Revista de Espiritualidade, Petrópolis, v. 62, n. 2, p. 149-160, mar. 2008, p. 152.

⁴¹⁵ Cf. Mt 27,35.

⁴¹⁶ Cf. 19,23-24.

⁴¹⁷ JOSEFO, 2009, Antiguidades Judaicas, Livro III, cap.8, n. 119).

⁴¹⁸ Mt 27,48.

⁴¹⁹ Sofrimentos e esperança do justo. Salmo 22,19.

⁴²⁰ MACKENZIE, 1983, p. 203.

⁴²¹ Jo 19,19.

para Jesus foi redigida em três línguas: “No hebraico, isto é aramaico, o dialeto local, a língua sagrada mais utilizada no templo; no grego, a língua do mundo romano, comum dos povos do Oriente, certamente a mais falada pelos judeus da diáspora; no latim, a língua oficial da administração romana”⁴²².

Assim, “o governante incrédulo involuntariamente se torna testemunha da verdade perante os sumos sacerdotes incrédulos”⁴²³. E o povo diz: “Nós não temos outro rei, senão César”⁴²⁴. É bem verdade que é pela cruz que Jesus se torna rei messiânico, Senhor do cosmos e da história, muito para além das expectativas do próprio povo hebraico, e este acontecimento deve ser anunciado a todas as línguas do mundo. Com isso, fica demonstrado o caráter universal da missão de Jesus. É precisamente oferecendo-se a si mesmo no sacrifício de expiação que Jesus se torna o Rei universal, como Ele mesmo próprio declara ao aparecer aos Apóstolos depois da Ressurreição: “A mim foi dado todo o poder no céu e na terra”⁴²⁵. Não é simplesmente o poder terreno, dos poderosos e dos reis deste mundo, mas o poder divino de dar a vida eterna, de libertar do mal, de derrotar o domínio da morte. É o poder do Amor, que sabe tirar o bem do mal, enternecer um coração endurecido, levar a paz ao mais áspero conflito, acender a esperança na escuridão mais tenebrosa. Este Reino de graça nunca se impõe e respeita sempre a nossa liberdade.

Em Jesus, houve também a dor da compaixão pela sua dolorosíssima Mãe. Porque, com efeito, Ele amava sua mãe mais do que outra criatura, de quem Ele havia assumido a própria carne. Junto à cruz de Jesus, estava a sua mãe. Ela estava sofrendo pelo seu verdadeiro Filho. Ensina-nos Clodovis Boff que a mãe de Jesus é a *Mater* dolorosa, como tantas mães das dores, sofrendo pelos filhos mortos: Rispá (cf. 2Sm 21,10), a Mãe macabéia (cf. 2Mc 7), as de Belém (cf. Mt 2,18). É também a *Mater* gloriosa, que participou com o Filho na cruz na hora da sua Exaltação gloriosa. Finalmente, Maria é a *Mater viventium*⁴²⁶, ao lado do novo Adão a nova Eva, a mãe de toda a humanidade⁴²⁷.

⁴²² CASAGRANDE, 2014, p. 42.

⁴²³ THEISSEN, 2004, p. 481.

⁴²⁴ Jo 19,15.

⁴²⁵ Mt 28,18.

⁴²⁶ BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009. p. 83.

⁴²⁷ O Catecismo da Igreja Católica, n. 411, apresenta: a tradição cristã vê nesta passagem o anúncio do “novo Adão” (cf. 1Cor 15,21), o qual, pela “obediência até a morte de Cruz” (FI 2,8), repara com superabundância a desobediência de Adão (cf. Rm 5,19-20). De resto, numerosos padres e doutores da Igreja veem na mulher anunciada no “proto-evangelho” a mãe de Cristo, Maria, como “nova Eva”. Foi ela que, primeira e de uma forma única, se beneficiou da vitória sobre o pecado, conquistada por Cristo: ela foi preservada de toda a mancha do pecado original (cf. PIO IX: *Ineffabilis Deus*. Dogma

Na cruz, Jesus é escarnecido e duramente injuriado até mesmo pelos dois ladrões que foram crucificados juntamente com Ele⁴²⁸. Sua onipotência se revela exatamente por ter aceitado livremente o sofrimento. Até lhe propunham: “Desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!”⁴²⁹. Ele não oferecia nada de estimulante, não havia Nele “beleza nem esplendor”⁴³⁰. Mas Ele permaneceu firme até o fim na cruz. Jesus “amou até o fim”⁴³¹. Jesus, na cruz, nos amou sem limite algum, sem recuo algum, sem poupar-se em nada, até o máximo extremo. Acima do seu bem estar, da sua honra, da sua vida, colocou a salvação dos que amava, de cada um de nós.

A Sagrada Escritura, em Marcos, cita sinais que anunciam a morte de Jesus. Narra que houve treva em toda a terra desde a hora sexta até a hora nona. Este fenômeno não foi um simples efeito cósmico. Ele faz parte do dia do Senhor na linguagem escatológica, abrangendo o julgamento divino, que se dá por causa da vinda do Filho do Homem: “Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, o sol escurecerá”⁴³². E também o profeta Amós: “Acontecerá naquele dia, que eu farei o sol declinar em pleno meio-dia e escurecerei a terra em um dia de luz”⁴³³. No momento em que “as trevas tentam cobrir a terra em ato de descreiçãõ, a morte de Jesus devolve-nos a luz”⁴³⁴.

Mateus assim narra o grito de abandono dado por Jesus na cruz: “Jesus deu um grande grito: *Eli, Eli, lemá sabachtáni?* Isto é: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”⁴³⁵. Certamente, é uma expressão de angústia mortal, não é “simplesmente a recitação do Salmo 22 [21], senão que nele nos mostra em seu grau máximo a experiência real de abandono”⁴³⁶. Jesus assume em Si mesmo toda a dor, toda a aflição, todos os tormentos não só dos israelitas, mas de toda a humanidade

da Imaculada Conceição. Disponível em: <http://www.nospassosdemaria.com.br> > Acesso: 22-9-2017), e, durante toda a vida terrestre, por uma graça especial de Deus, não cometeu espécie de pecado (cf. PAULO III, Papa. **Concílio de Trento**. Disponível em: <http://www.montfort.org.br> > bra >concílios. Acesso: 22-03-2017).

⁴²⁸ Cf. Mt 27,44.

⁴²⁹ Mc 15,32.

⁴³⁰ Is 53,2.

⁴³¹ Ao extremo do amor: Cf. Jo13,1.

⁴³² Mc 13,24.

⁴³³ O dia de lahweh é acompanhado de sinais cósmicos: tremores de terra, eclipses solares: (cf. Amós 8,9).

⁴³⁴ PIKAZA, Xabier. O. de M., e SILANES, Nereo. **Dicionário Teológico o Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 204.

⁴³⁵ Mt 27,46.

⁴³⁶ LADARIA, Luiz F. **O Deus vivo e verdadeiro**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 84.

que sofre pela ocultação de Deus. No coração do próprio Cristo, encontra-se o brado de angústia do mundo atormentado pela ausência de Deus⁴³⁷. A resposta dada por Deus é o silêncio, é no silêncio que Ele se revela. O poder silencioso de Deus comprova-se mais forte do que o poder e a violência de todos os seres humanos e tem, em relação a eles, a última palavra.

No entanto, apesar de todas as reservas, Jesus não chama a Deus de Abba, Pai, expressão familiar e habitual. Ele o chama de Eli, meu Deus, como todos os demais seres humanos. Ele continua confiante em Deus, apesar de toda a situação: “Jesus não duvida de sua existência nem mesmo de seu poder para salvá-lo. Queixa-se de seu silêncio: onde está? Por que se cala? Por que o abandona precisamente no momento em que mais precisa dele?”⁴³⁸. É sabido que todos os seus fugiram, o povo não o defendeu. Ao seu redor, só houve zombarias e desprezo. É por fidelidade ao Pai, que revela seu amor extremo aos homens, que Jesus vive a distância longínqua de Deus e a rejeição dos homens.

A linha de pensamento do evangelista Mateus evidencia que a cruz tornou-se o símbolo da não violência e do paciente ato de suportar que abarca em si a promessa da vitória, e a morte de Jesus significa o advento de um novo mundo. O mundo velho rompe-se na cortina do cosmos, em virtude das constelações estelares representadas em seu tecido⁴³⁹. O véu do Templo se rasgou⁴⁴⁰.

Muitos elementos presentes no Evangelho de Lucas relatam a conversão com testemunhas: um dos ladrões reconhece Jesus como o rei e se converte⁴⁴¹. O evangelista narra as últimas palavras de Jesus que continua exercendo o ministério do perdão para seus algozes e faz uma promessa de salvação imediata para o “bom ladrão”: Ele ganha o céu no último instante. Em vez do grito de abandono, Lucas põe nos lábios de Jesus uma palavra de entrega a Deus: “Pai em tuas mãos entrego o meu espírito. Dizendo isso expirou”⁴⁴².

⁴³⁷ BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011, p. 195.

⁴³⁸ PAGOLA, 2011, p. 483 – 484.

⁴³⁹ BALTHASAR, Hans Urs von. **Myterium Paschale**. In: *MySal* III, 2, Petropolis: 1973. p. 214s.

⁴⁴⁰ Mt 27,51.

⁴⁴¹ Lc 23,40.

⁴⁴² Lc 23,46. BROW, Raymond. **The Death of the Messiah**. Nova York, 1994. Tradução nossa.

Segundo o evangelista João, no processo da paixão, enquanto estava suspenso na cruz, Jesus disse: “Tenho sede!”⁴⁴³, e deram-lhe vinagre para beber⁴⁴⁴. Jesus cumpriu a profecia presente no Salmo 69,21-22: “Esperei por compaixão, e nada! Por consoladores, e não os encontrei! Como alimento deram fel, e na minha sede fizeram-me beber vinagre”. O profeta Isaías faz referência à vinha de Israel e diz: “Esperava que ela produzisse uvas boas, mas só produziu uvas azedas” (5,2). Na visão de Bento XVI, a vinha de Israel não produz para “Deus o fruto nobre da justiça, que tem o seu fundamento no amor; produz as uvas azedas do homem que se preocupa apenas consigo mesmo, produz vinagre em vez de vinho”⁴⁴⁵. Para Bortolini, o vinagre é, de fato, o vinho azedo, que simboliza o ódio⁴⁴⁶.

No texto joanino, o primeiro sinal realizado por Jesus⁴⁴⁷ está ligado ao vinho como símbolo da alegria messiânica. O coração de Jesus, que se abre na cruz por nós, é, para João, a sétima talha da qual o vinho do amor divino entra em nós. No coração de Jesus, o vinho representa o amor, o inverso do que representa o vinagre. Jesus destrói e aniquila o ódio com o seu imenso amor. A sede de Jesus é para que se cumprisse a profecia sobre seu sofrimento. Segundo João, uma esponja embebida de vinagre é fixada em um ramo de hissopo. Benoit faz questão de lembrar que o hissopo era um ramo litúrgico que servia para aspergir o sangue do cordeiro pascal (cf. Ex 12,22). Fica, portanto, muito bem aplicado no caso de Jesus, pois ele morre na cruz como o novo Cordeiro pascal⁴⁴⁸. Após Jesus ter tomado o vinagre, disse: “Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito”⁴⁴⁹. Ele não “deixa que lhe tomem a vida; ele mesmo, livremente a dá como se deu durante toda a vida”⁴⁵⁰. É o próprio Jesus que, consciente e voluntariamente, entrega o seu espírito. Sua vida não lhe é tirada: “Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente”⁴⁵¹. O Evangelho de João apresenta a morte

⁴⁴³ Jo 19,28. POTTERIE, I. de la. *La passion de Jésus selon l'Évangélio de Jean*. Paris: 1986. Tradução nossa.

⁴⁴⁴ O termo “vinagre”, no grego ξύδι, (transl. xudi), quer dizer vinho azedo. Nossa palavra vinagre vem do francês vin (vinho) e aigre (azedo), vinho azedo. O vinagre vem do álcool pela formação ácido acético (BÍBLIA de Estudo Pentecostal, 1995, p. 1611).

⁴⁴⁵ BENTO XVI, 2011, p. 198.

⁴⁴⁶ BORTOLINI, 1994, p. 182.

⁴⁴⁷ Cf. Jo 2,1-12.

⁴⁴⁸ BENOIT, Pierre. *Paixão e Ressurreição do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 225.

⁴⁴⁹ Jo 19,30.

⁴⁵⁰ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo paixão do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 61.

⁴⁵¹ Jo 10,17-18.

de Jesus na cruz como a grandiosa manifestação de sua glória. Jesus é “elevado da terra”⁴⁵².

A extraordinária obra do Pai é anunciada pela Escritura. O Pai não intervém, respeita o que fazem com o seu Filho. Não atende a súplica do Filho em Getsêmani. Simplesmente sofre a morte do Filho por amor aos homens, que, sem Ele, ficariam perdidos para sempre. A salvação do mundo se dá pelo sacrifício de Cristo. Cumpre observar que João não relata o grito de Jesus em desamparo como em Mt 27,46 e Mc 15,34; ele quis guardar somente a serena majestade dessa morte. Nessa linha de análise, Bento XVI diz: “Este fim, este extremo cumprimento do amar foi alcançado agora, no momento da morte Jesus foi verdadeiramente até o fim, até o limite e para além do limite. Ele realizou a totalidade do amor, deu-Se a Si mesmo”⁴⁵³.

Diz o texto bíblico que as pernas daqueles que haviam sido crucificados junto com Jesus foram quebradas. No entanto, quanto a Jesus, este já estava morto e suas pernas não foram quebradas para que se cumprisse a profecia: “nenhum osso lhe será quebrado”⁴⁵⁴. As Sagradas Escrituras também narram que um dos soldados traspassou o lado de Jesus com a lança e imediatamente saiu sangue e água⁴⁵⁵. O sangue significa o Cordeiro imolado para a salvação do mundo⁴⁵⁶. Já a água é símbolo do Espírito e de sua fecundidade. Eis o significado teológico e sacramental da água e do sangue em João. Numerosos Padres, com fundamento, viram na água o símbolo do batismo; no sangue, o da Eucaristia, e, nesses dois sacramentos, o sinal da Igreja (cf. Ef. 5,23-32)⁴⁵⁷. Na cruz, “Deus abriu seu coração, e delatou seu mais profundo mistério. Deus se faz solidário com as vítimas”⁴⁵⁸.

Jesus aparece como o verdadeiro Cordeiro pascal, puro e sem mancha⁴⁵⁹. Tal como dissera João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”⁴⁶⁰. A hora em que Israel provoca a morte de seu Messias, pelas mãos dos romanos, é o momento que ressoa a primeira profissão de fé nele, proveniente da boca de um gentio. O centurião confessou a fé: “neste abandono de Jesus por parte de Deus,

⁴⁵² Jo 12,32.

⁴⁵³ BENTO XVI, 2011, p. 203.

⁴⁵⁴ Jo 19,32-36.

⁴⁵⁵ Cf. Jo19,34.

⁴⁵⁶ Cf. Lv 1,5; Ex 24,8

⁴⁵⁷ LITURGIA DAS HORAS II: segundo o rito romano. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 416.

⁴⁵⁸ NUEVO CATECISMO PARA ADULTOS. Versión íntegra del Catecismo Holandés. Barcelona: Herder, 1969, p. 23.

⁴⁵⁹ BENTO XVI, 2011, p. 203.

⁴⁶⁰ Jo 1,29.

soube ler o abandono de Jesus a Deus e o dom do Pai ao Filho”⁴⁶¹. “Este homem realmente era o Filho de Deus”⁴⁶². O sacrifício celeste do Cordeiro religa o mundo e Deus; nele, a criação e a redenção se entrecruzam.

Conforme o costume, o crucificado se via privado de sepultura e era abandonado aos animais selvagens ou às aves ferozes. Os romanos pouco se importavam com o sepultamento dos condenados; o cadáver podia permanecer para ser alimento para as aves, ou apodrecer ao relento. Seria uma forma de trazer na memória do povo o destino de quem se colocasse contra Roma. Mas, a lei judaica ordenava que o corpo do condenado devia ser sepultado antes do pôr sol⁴⁶³. José de Arimatéia solicitou a Pilatos, depois de tê-lo crucificado, autorização para retirar o corpo de Jesus do madeiro; e, após a concessão, desceram-no e o depositaram no sepulcro⁴⁶⁴, evitando a última desonra. O corpo de Jesus inerte na tumba foi como uma visita inesperada ao sepulcro de todos os seres humanos identificando-se com eles na morte, para que, quando a superasse, pudesse levar toda a humanidade à sua própria vida.

É bem verdade que, se os príncipes deste mundo tivessem conhecido a Sabedoria de Deus, não teriam crucificado o Senhor da glória⁴⁶⁵. Segundo René Girard, quando os principados deste mundo tiveram a compreensão real da

⁴⁶¹ PIKAZA, 1998, p. 204.

⁴⁶² Mc 15,39.

⁴⁶³ De acordo com Hawthorne, a “crucifixão nos círculos judaicos do século I está fora de questão” (p. 353). Eles detestavam a prática romana de crucifixão. Segundo as práticas judaicas, as execuções eram por apedrejamento. Após serem apedrejados, os ídólatras ou blasfemos deviam ser pendurados em uma árvore. No livro de Deuteronômio 21, 22-23 diz: “Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultará no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus”. Isso demonstrava que haviam sido amaldiçoados e serviam de advertência. Esses corpos, considerados malditos (cf. Gl 3,13), tinham de ser sepultados antes do anoitecer (cf. Jo 19,31). Embora a crucificação não se encontrasse na lei judaica, os judeus conheciam a forma de execução devido à experiência vivida pela opressão do Império romano. Isso explica as referências à cruz de Cristo como um madeiro ou árvore (cf. At 5,30; 10,39; 13,29; 1Pd 2,24), um símbolo de humilhação. As percepções negativas associadas à crucifixão no mundo do século I são sugeridas por dois textos paulinos: 1Cor 1,18-25 e Gl 3,13. Para libertar a humanidade pecadora da maldição divina, que a violação da lei fazia pesar sobre eles, Cristo se fez maldito e solidário dessa mesma maldição. Paulo se baseia no contexto veterotestamentário, a passagem deuteronômica (cf. Dt 21,22-23). Ser considerado blasfemo pela lei e sofrer tal morte significava ser extirpado do mundo dos viventes e da comunhão com Deus. Essa situação aparece registrada no Novo Testamento, quando o próprio Cristo sofre acusação de ter blasfemado: “Nós temos uma Lei, ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus” (Jo 19,7). Embora a passagem de Dt 21,23, não esteja claro que ela se refira à crucifixão, a mesma desempenhou um papel evidente na reflexão cristã primitiva no sentido da cruz, como indicam as alusões em At 5,30 e Gl 3,13-14. Paulo reuniu palavras contraditórias produzindo o oxímoro: “o ‘maldito’ é, de fato, o ‘Ungido’ (Cristo), em sua expressão querigmática: ‘um Messias crucificado’ (Jesus Cristo crucificado; christos estauromenos), em (cf. 1Cor 1,23; 2,2; Gl 3,1; 2,19)”. HAWTHORNE, 2008, p. 353 - 354.

⁴⁶⁴ Cf. Mc 15,4.

⁴⁶⁵ Cf. 1Cor 2,8.

importância da cruz, já era tarde demais para voltarem atrás, pois Jesus estava crucificado, e os Evangelhos já estavam escritos⁴⁶⁶. O príncipe deste mundo foi derrotado, portanto, pela sua própria impotência em não compreender o amor divino.

É preciso insistir que, nesses relatos da Paixão, manifesta-se a inocência de Jesus que pagou toda a dívida e a fez desaparecer, encravando-a em sua própria cruz. Em sua própria pessoa, Ele destruiu toda a falsidade, acusação, mentira e condenação que pesavam sobre toda humanidade. Paulo escreve aos Colossenses que Jesus “pagou, em detrimento das ordens legais, o título de dívida que existia contra nós; e o suprimiu, pregando-o na cruz, na qual ele desposou os Principados e as Potestades, expondo-os em espetáculo em face do mundo, levando-os em cortejo triunfal”⁴⁶⁷. Os Principados e as Potestades foram reduzidos à impotência. A cruz faz triunfar a verdade de Jesus que não precisa acusar a ninguém. Porém, é revelada a mentira de Satanás: “A vitória de Cristo sobre a cruz nada tem a ver com um general vitorioso; em vez de infligir a violência aos outros, Cristo sofre-a”⁴⁶⁸.

A cruz é a resposta dada pelo mundo à tentativa de libertação. A cruz é o símbolo da realidade humana que sofre pela opressão e injustiças do mundo e que ainda não aprendeu a amar. Definitivamente, a cruz mudou de sentido: não se trata mais de uma execução de desonra, mas sim do cumprimento de um amor inaudito. É nela que acontece a reconciliação.

Refletamos um trecho dos escritos de Justino que diz: “os pagãos taxam-nos de loucos, dizendo que damos o segundo lugar a um homem crucificado, depois do imutável, aquele que existe desde sempre e criou o universo”⁴⁶⁹. Estas poucas observações ajudam a compreender a força da “loucura” e do “escândalo” da cruz, que os cristãos apresentavam como mensagem de salvação. Para Paulo, o que é loucura aos olhos dos homens expressa a mais alta sabedoria e o máximo poder de Deus⁴⁷⁰. Ele prega a loucura da cruz, um Cristo crucificado. Mas, para os que foram chamados, sejam judeus ou gregos, trata-se de um Cristo que é força de Deus e Sabedoria de Deus. Pois o que em Deus parece loucura é mais sábio do que os homens, e o que em Deus parece fraqueza é mais forte do que os homens. Nessa

⁴⁶⁶ GIRARD, 1999, p. 176.

⁴⁶⁷ Cl 2,14-15.

⁴⁶⁸ GIRARD, 1999, p. 176.

⁴⁶⁹ JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias. Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995, apologia I, n. 13,3.

⁴⁷⁰ 1Cor 1,18-25.

cruz que a nós parece uma loucura, está a Sabedoria suprema de Deus encontrando um caminho para salvar o mundo. Em Cristo crucificado, que a nós parece fraqueza e impotência, encerra-se a força salvadora de Deus. Na cruz, cumpriram-se os desígnios de Deus. Era necessário que Cristo padecesse. Com Deus, tinha que ser assim, pois, em sua loucura incrível, ele ama seus filhos até o extremo.

Sobre a crucifixão, não se encontram muitos escritos detalhados. Além disso, por muito tempo, não foram encontradas evidências materiais sobre ela⁴⁷¹. Entretanto, ela tem seu fim, como pena judicial, com o primeiro imperador cristão, Constantino (306-337 d.C.)⁴⁷². Com base em tais considerações, pode-se deduzir que, se seguirmos as pegadas do Crucificado Ressuscitado na via Crucis, saberemos muito mais sobre Deus e a humanidade do que se pesquisarmos sobre qualquer outra fonte. Veremos que o Divino passa pela ferida, pelo sofrimento, e não pelo poder. Passa pela glória, pela chaga do Crucificado. O tempo messiânico se cumpriu na vida de um Crucificado que vive para sempre:

Sempre na descrição de um Deus que se retira (*Shabbat*), em seu silêncio para tornar novas todas as coisas pelo poder da sua unção eficaz de sua *Ruha* divina, que faz surgir sempre seu sinal de aliança: como arco íris pendurado no céu renuncia a violência, após o naufrágio da arca, para ratificar seu desejo perene de dar a vida a todos. Primícias da vida em plenitude que nos guarda⁴⁷³.

É importante salientar que Jesus do ponto de vista teológico-cristão, é o verdadeiro portador da liberdade e do gozo do reino de Deus. Ele quis ser vítima decisiva da injustiça e do mal deste mundo. O Crucificado assumiu a dor da criação e ofereceu a sua vida em sacrifício por todos. Ele é o Sumo Sacerdote, “capaz de compartilhar as nossas riquezas, Vítima Pascal que nos redime de nossos pecados, Filho obediente que encarna, perante a justiça salvadora de seu Pai, o clamor de libertação e de redenção de todos os homens”⁴⁷⁴. O Outro nos amou primeiro, o

⁴⁷¹ Em junho de 1968, uma equipe de arqueólogos descobriu o único esqueleto conhecido de um homem crucificado. De acordo com os escritos de Coenen, foi descoberto, ao norte de Jerusalém, um ossuário na Colina das Munições, contendo os ossos de um jovem que, muito provavelmente, havia sido crucificado no início do século I d.C. Aparentemente com idade de 24 a 28 anos, com 1,67m de altura, havia sido colocado num de seus antebraços um prego, atravessando-o, e outro prego, que atravessou ambos os calcânhares. Também suas pernas tinham sido quebradas como as dos dois ladrões que haviam sido crucificados juntos de Jesus (cf. Jo 19,32) (MACKENZIE, 2000, p. 559).

⁴⁷² MACKENZIE, 1983, p. 204.

⁴⁷³ ÁLVAREZ, 2011. p. 238.

⁴⁷⁴ JOÃO Paulo II. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1979, n. 194.

Absoluto é a vítima perdoadora, derrubou o muro do ódio em seu próprio corpo, rompeu definitivamente com o círculo fatal do ressentimento, entregando-se uma vez por todas. A divindade de Jesus passa pela sua humanidade perdoadora, ele vai além da justiça. Ainda que pudesse ser evitado, o sofrimento de Jesus foi consequência de sua opção. Ele fez a vontade do Pai e foi obediente até o fim, e o fim foi a morte de cruz – o que poderia ser diferente. Ele não sacraliza o sofrimento, mas exalta sua fidelidade ao Pai, mesmo em meio aos sofrimentos.

Para concluir, a morte de Cristo na cruz ganha um novo enfoque à medida que, em Jesus, revela-se a manifestação amorosa de Deus. A cruz transformou verdadeiramente o mundo⁴⁷⁵. A maioria da humanidade, ao refletir sobre a cruz, somente observa o ocorrido na sua brutalidade, visto que a mesma era considerada o tipo de morte mais terrível, cruel e humilhante, sendo aplicada aos piores marginais. Deus, desde sempre, tem amado este mundo de forma apaixonada: uma paixão que se encarnou no Cristo e Nele atingiu seu ápice. Em Cristo, Deus deixa-se crucificar para a salvação da humanidade. Em outras palavras, em Cristo, o Deus da esperança revela-se como o Deus crucificado, para, com isso, identificar-se com todos os crucificados da história deste mundo. Ele “foi acorrentado para que a sua onipotência parecesse impotente; foi insultado para que a bondade se tornasse desprezada; foi motejado como um demente, para que sua sapiência parecesse insensatez; foi supliciado, para que a justiça se mascarasse de iniquidade”⁴⁷⁶. A Sabedoria da Cruz de Cristo é o amor sem nenhuma condição, amor sem medida, esse amor que não passa, gratuidade e oferenda de si mesmo. O poderio de Cristo não é o poder de um imperador romano, mas de um crucificado. Embora Ele tenha morrido como milhares morreram, só Ele sobreviveu a essa morte. E, mais importante do que a morte de Jesus na cruz, foi a vida, como Ele viveu sua vida, que o levou à cruz e fez seus seguidores e seguidoras afirmarem que Ele era o Messias, o Filho de Deus e depois, o próprio Deus amor. Deus é amor (1Jo 4,8), o amor não necessitaria passar pela cruz, mas o amor de Cristo o levou à cruz. A cruz revela como é Deus, o que significa a criatura humana aos seus olhos e até onde Ele pode chegar em sua busca por essa mesma criatura.

⁴⁷⁵ STUHLMACHER, Peter. *Eighteen Theses on Paul's Theology of the Cross*. In: Reconciliation, Law, and Righteousness. Philadelphia, Fortes, 1986, pp. 155-168.

⁴⁷⁶ BOAVENTURA, São. *Itinerarium Mentis in Deum*. Trad. Jerônimo Jerkovic. In: De BONI, Luis Alberto, org. *Obras escolhidas de São Boaventura*. Edição Bilingue (Português/Latim). Porto Alegre: EST, SULINA E UCS, 1983. Três Caminho – Cap. III, § 3.

3.3 JESUS MORRE PELO OUTRO

Após a análise de algumas características da pós-modernidade, é possível afirmar que o individualismo⁴⁷⁷ é uma ideologia presente e marcante nesse período. A pós-modernidade é entendida por Lasch como a era da cultura do narcisismo, que se define por uma sociedade formada por indivíduos extremamente preocupados consigo próprios⁴⁷⁸. Os pós-modernos vivem sem depender do outro; este, por sua vez, é visto como objeto de prazer em detrimento de sua individualidade. O resultado obtido é um sujeito vulnerável, enfraquecido, deprimido, exposto, fragilizado, buscando, na prática do consumo, o preenchimento de sua dependência de reconhecimento do outro. Diante deste quadro, que podemos fazer? Como descobrir a existência cristã pós-moderna, que anuncia a Sabedoria da Cruz de Cristo dentro de uma narrativa do sujeito vulnerável, fraco, autônomo, desencantado dos metarrelatos?

É preciso contar a história, fazer a memória ao mundo pós-moderno. No judaísmo, o judeu sempre está a caminho, ele nunca acaba de adquirir a “Terra Prometida”⁴⁷⁹. O “tu” que se faz presente para Israel é a presença do outro que o leva à complacência. Abraão e Sara estavam vivendo em Ur, ambos foram fundamentados na categoria da promessa e partiram em busca da fonte da justiça e do direito. Nesta lógica, Abraão está sempre a caminho, nunca está no âmbito do acabado, mas movido pelo outro (cf. Gn). Disse Javé a Caim: “O sangue clama.” É um clamor que deve estar aberto à realidade do outro. Na medida em que me aproximo do outro, essa correlação me aproxima do Eterno. Eu sou responsável pelo outro. Sou responsável por escutar o seu clamor.

No cristianismo, existe uma lei de ouro que diz: amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração e ao próximo como a ti mesmo⁴⁸⁰. Amar a ti mesmo porque o outro é “a ti”. O sujeito não existe se não for em relação ao outro. A regra de ouro nos leva à busca do bem de todos de forma incondicional. No reino de Deus, o próximo toma o lugar da lei. No reino de Deus, toda a pessoa humana, por mais desprezível que

⁴⁷⁷ De acordo com Dumont o indivíduo é uma invenção moderna. DUMONT, Louis. **O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁴⁷⁸ LASCH, Christopher Watson. **A cultura do Narcisismo**: vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

⁴⁷⁹ LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 45.

⁴⁸⁰ Cf. Mc 12,30-31.

aparente ser, tem o direito de experimentar o amor do outro. Amar o outro como a “ti mesmo”⁴⁸¹ significa simplesmente amá-lo como desejamos que o outro nos ame. Se esse princípio social for verdadeiramente aplicado, eliminará o egoísmo, impedirá a injustiça e suavizará os males inevitáveis. De acordo com Bento XVI: “o amor visa a eternidade”⁴⁸².

Bruno Forte, ao falar do semblante do outro e a superação da identidade absoluta, destaca que é somente “na inquietude com o outro levado até a substituição, [que] o eu atinge realmente a si mesmo, livre dos grilhões do próprio mundo absoluto, para reencontrar-se no ter-se perdido por causa e em favor do outro”⁴⁸³. Para Levinas, o rosto do outro é sua ética: “O outro não é a encarnação de Deus, mas precisamente por seu rosto, no qual está desencarnado, a manifestação da majestade em que Deus se revela”⁴⁸⁴. De fato, só acontecerá a superação de si ao requerer a “epifania do Outro”⁴⁸⁵. A experiência que temos acerca de qualquer ser humano é que este tem que estar aberto ao outro. É importante elencar a fraternidade que reconhece o outro. Não existimos sozinhos⁴⁸⁶, sempre estamos na coletividade. Só existo sendo dado ao outro. A pessoa livre é voltada para o próximo, “ninguém pode se salvar sem os outros”⁴⁸⁷.

Hermann Cohen afirma, sem equívoco, que aquilo que constitui todo ser humano em seu dinamismo relacional é sua correlação com o Eterno, a mesma que é inseparável de sua relação com o outro. Deus e o próximo, com efeito, são indissociáveis na visão do mundo própria da fé abraâmica, depois aprimorada pelos profetas de Israel. A fé em Deus implica necessariamente o amor ao próximo, a tal ponto que não é possível separar o louvor a Deus da preocupação e do cuidado para com o outro⁴⁸⁸.

Jesus viveu a serviço do reino de Deus, intensamente em favor do outro, o que nos leva a pensar que seu último serviço supremo ao projeto de Deus foi a sua

⁴⁸¹ Mc 12,31.

⁴⁸² “Sim, o amor é “êxtase”; êxtase não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta com Deus”. BENTO XVI. Carta Encíclica ***Deus Caritas Est*** do sumo Pontífice aos bispos, e aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Loyola, 2006, n. 6.

⁴⁸³ FORTE, Bruno. 2003, p. 114.

⁴⁸⁴ LEVINAS, 1988, p. 65.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 46.

⁴⁸⁶ Ibid., p. 65.

⁴⁸⁷ Ibid., p. 104.

⁴⁸⁸ COHEN, Hermann. “*La Religion dans les Limites de la Philosophie*”. Paris: Cerf, 1990.

morte de cruz, que trouxe como contribuição a salvação de todos⁴⁸⁹. Jesus sofreu e morreu pelo outro, se consumiu e se esvaziou pelo outro. Efetivamente, “quem ama deseja dar-se a si próprio”⁴⁹⁰, sem esperar nada em troca. Na concepção bíblica, o amor *ágape* “torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, em vez disso, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes, procura-o”⁴⁹¹.

Jesus promove em sua vida terrena relações inversas das praticadas na cultura daquela sociedade. Ele sabia que muitos buscavam a glória pessoal. À vista disso, propõe a seus seguidores que viviam o contrário: “Aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos”⁴⁹². Ensina-lhes que a grandeza não era medida pelo grau da autoridade que alguém podia exercer, mas pelo serviço que era oferecido ao outro⁴⁹³. Destaca também a transformação do mundo ao difundir o reino de Deus partindo da atitude de serviço e amor. Jesus apresenta como lei fundamental o amor.

O próprio Jesus se sente servidor de todos: “Eu estou entre vós como aquele que serve”⁴⁹⁴. Humilhou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo. Fez-se presente no meio dos seus discípulos como aquele que serve⁴⁹⁵, ou melhor, aquele que lava os pés dos seus discípulos⁴⁹⁶. Ele vai até o fim das exigências do amor que inspira este serviço⁴⁹⁷. Jesus se esvazia de toda a pretensão de poder da categoria social. Renuncia a tudo de especial que o mundo poderia lhe oferecer como Filho do Homem. Abdicou de todos os privilégios e se esvaziou de si mesmo. Ele não usou o poder em benefício próprio, mas em benefício do outro. Jesus, na verdade, não é um conceito teológico ou filosófico, mas é o servo sofredor⁴⁹⁸. O Filho do Homem veio para servir. Na realidade, sua grandeza reside exatamente aí. A cruz expressa o amor ilimitado de um Deus que, em função desse próprio amor incondicional, dá-se de si mesmo, a ponto de se esvaziar, revelando-se na fraqueza: “O esvaziamento de Jesus capacitou-o a assumir a humanidade”⁴⁹⁹. Assim, tratado como um facínora, Ele morre,

⁴⁸⁹ PAGOLA, 2011, p. 420.

⁴⁹⁰ JOÃO PAULO II, 1981, p. 37

⁴⁹¹ DCE, n. 6.

⁴⁹² Mc 11,43-45.

⁴⁹³ PAGOLA, 2011, p. 349.

⁴⁹⁴ Cf. Lc 22,27.

⁴⁹⁵ Cf. Lc 22,2.

⁴⁹⁶ Cf. Jo 13,1ss.

⁴⁹⁷ Cf. Jo 13,1; 15,13.

⁴⁹⁸ Cf. Is 53.

⁴⁹⁹ CASAGRANDE, 1997, p. 500.

segundo Paulo, uma morte de cruz. Cumpre-se em sua cruz aquele “virar-se de Deus contra Si próprio com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor em sua forma mais radical”⁵⁰⁰.

É bem verdade que Cristo se dá como alimento, oferenda gratuita. Assim dito, se eu não for alimento para os outros eu não posso falar que sou cristão. Na Encíclica *Fides et Ratio*, João Paulo II sustenta que a morte de Jesus na cruz desafia qualquer filosofia e se destina à falência de toda a lógica humana na tentativa de redução ao plano do Pai de salvação⁵⁰¹. Sofrer pelo outro, destaca Levinas, “é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele”⁵⁰². É dar a vida pelo outro, assim como Jesus fez, morreu em uma cruz para que o outro tivesse vida, e “vida em abundância”⁵⁰³. Preciosa é a contribuição do filósofo Kitaro Nishida:

Vendo o outro absoluto no mais profundo de minha própria interioridade – isto é, reconhece ali um tu -, eu sou eu. Pensar dessa maneira, ou o que chamo de “autodespertar do nada absoluto”, implica o amor. É assim que entendo o ágape cristão... Não é um amor humano, mas divino; não é ascensão da pessoa para Deus, mas a descensão de Deus para a pessoa... Como diz Agostinho, eu sou eu porque Deus me ama, é pelo amor de Deus que eu sou verdadeiramente eu... Convertemo-nos em pessoas por amar o nosso próximo, como a nós mesmos, em imitação do ágape divino⁵⁰⁴.

Em síntese, para alcançarmos o outro, é preciso a comunhão nascida de Deus, atestada pela Cruz de Cristo, como doação de amor total, inspirada por *Ruah* Divina que anima os justos e inocentes da história. O outro é um lugar teológico inédito para descobrir os tesouros da revelação divina, ele chega como saldo de uma dívida, esquecimento e perdão. O outro nos leva a sair ao encontro da fonte inesgotável que é Cristo, da qual derrubou o muro do ressentimento e da rivalidade, através da cruz, assim como nos narra o apóstolo Paulo: “matou a inimizade”⁵⁰⁵. O Crucificado se entrega como oferenda da possibilidade de se encontrar com o outro, é possível ir além da história violenta e de seu inevitável apocalipse.

⁵⁰⁰ DCE, n. 12.

⁵⁰¹ FR, 1998, n. 23.

⁵⁰² LEVINAS p. 101.

⁵⁰³ Jo 10,10.

⁵⁰⁴ NISHIDA, Kitaro. *El Yo el Tú*. Apud. HEISIG, James W. **Filósofos de la Nada. Um Ensayo sobre la Escuela de Kyoto**. Barcelona: Herder, 2002, p. 9-17. Tradução nossa.

⁵⁰⁵ Ef 2,16.

3.4 JESUS CURADOR DA VIDA

De acordo com o psicanalista Joel Birman, nunca se recorreu tanto à medicina e aos medicamentos como nos dias de hoje. São as duas faces da mesma moeda, pelas quais se incide sempre sobre o corpo como o foco possível do mal-estar. Assim, das cirurgias plásticas aos infinitos exames regulares preventivos, tudo é possível. De forma tal que podemos dizer, no que concerne à medicalização, que o céu é o limite. O sujeito pós-moderno tem pleiteado decididamente não apenas a longevidade e a juventude eterna, mas também a imortalidade, através das novas tecnologias reprodutivas e, em particular, da clonagem. Tanto a clonagem terapêutica quanto a reprodutiva tem, enfim, na imortalidade da espécie humana a sua finalidade primordial⁵⁰⁶.

Apresentamos algumas linhas de maturação inspiradas no tesouro da experiência cristã, que anuncia o agir vivificador e recriador de Deus, proporcionando uma nova ordem natural e realista de valores. Deus enviou seu Filho como Salvador do mundo⁵⁰⁷. Os Evangelhos de Mateus e de Lucas sublinham, desde a infância de Jesus, sua futura função de Salvador⁵⁰⁸. Mateus relaciona essa função com o seu nome, que significa “Javé salva”⁵⁰⁹. Lucas lhe dá o título de Salvador⁵¹⁰, faz Zacarias saudar a próxima aurora da salvação prometida pelos profetas⁵¹¹ e leva Simeão a saudar sua aparição na terra numa perspectiva de universalismo total⁵¹². João Batista anuncia: preparem os caminhos do Senhor para que “toda a carne veja a Salvação de Deus”⁵¹³. Os demais evangelistas conservam de maneira concreta essa manifestação da salvação que culminará na cruz e ressurreição. Para Simone Weil, Cristo curando os enfermos, ressuscitando os mortos, etc., “é a parte humilde, humana, quase baixa

⁵⁰⁶ BIRMAN, Joel. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial-rj/download/5c-Birman-02230503-port.pdf>. Acesso em 25-01-2016.

⁵⁰⁷ Cf. 1Jo 4,14.

⁵⁰⁸ A ideia de salvação, no hebraico, de acordo Léon-Dufour, expressa um “conjunto de radicais que se referem à mesma experiência fundamental: ser salvo é ser tirado dum perigo onde se corria o risco de perecer. Conforme a natureza do perigo, o ato de salvar tem a afinidade com a proteção, a libertação, o resgate, a cura; e a salvação, com a saúde, a vitória, a vida, a paz... E a partir de uma tal experiência humana, e retornado os próprios termos que a exprimem, que a revelação explicou um dos aspectos mais essenciais da ação de Deus aqui na terra” (LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 938).

⁵⁰⁹ Mt 1,21.

⁵¹⁰ Cf. Lc 2,11.

⁵¹¹ Cf. Lc 1,69.71.77c.

⁵¹² Cf. Lc 2,30.

⁵¹³ Cf. Lc 3,2-6; cf. Is 40,3ss; 52,10.

de sua missão. A parte sobrenatural é o suor de sangue, o desejo insatisfeito de consolações humanas, a súplica por ficar isento, o sentimento de estar abandonado por Deus”⁵¹⁴.

De fato, é uma realidade fascinante. Em Jesus, a misericórdia de Deus é revelada: os enfermos recuperam a saúde, os possuídos pelo demônio são libertos. Eles são integrados a uma nova sociedade. Deus vem ao seu povo através do anúncio de seu Reino que vai sendo implantado, imediato, ilimitado, infundável, sinalizado por justiça, comunhão e liberdade. Deus vai chegando, como Deus não dos justos, mas dos que sofrem, doentes e pecadores. Deus quer a “salvação de todos os homens”⁵¹⁵. Jesus tem como objetivo salvar os mais desgraçados do sofrimento e o que move a agir no meio do seu povo é o seu amor compassivo; o Deus que quer reinar entre o povo é um Deus que cura e salva⁵¹⁶.

Diferente de João Batista, que nunca curou ninguém, que chamava os pecadores à conversão, Jesus proclama o reino de Deus pondo saúde e vida nas pessoas e na sociedade inteira. Jesus não busca entre aquelas pessoas da Galileia a sua vida religiosa, mas procura ajudá-las a desfrutar de uma vida mais sadia e mais livre do poder do mal. Jesus, primeiro, não coloca o seu olhar de misericórdia sobre os pecadores que precisam ser chamados a se converterem, mas aos que sofrem a enfermidade ou o desamparo e anseiam por mais vida e saúde⁵¹⁷. Ele manifesta a sua identidade nos que se encontram em perigo, nos doentes, apartados e desprezados, e reconhece-se como Filho do Homem naqueles privados de sua humanidade⁵¹⁸. Assim, o Reino de Deus apregoado por Jesus os cura e integra. Ele aplica o preceito da vida superando a morte. O perfil do ministério de Jesus na Galileia é o de um “ministério de sanação”⁵¹⁹. Ele anuncia a consolação divina como cumprimento das promessas do Deus de Israel.

⁵¹⁴ WEIL, Simone. *La Pesanteur et la Grâce*. Paris: Plon, 1948. Tradução nossa.

⁵¹⁵ Cf. 1Tm 2,4; cf. 4,10.

⁵¹⁶ A cura está relacionada com a salvação: “Curado, em sentido cristão, não está aquele que recupera a saúde corporal, se bem que também faz parte da opção de cura cristã -, mas aquele que encontra a força para ser-humano”, cf. Moltmann, in: BAUMGARTNER, Isidor. *Psicologia Pastoral. Introducción a la praxis de la pastoral curativa*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997, p. 57-58.

⁵¹⁷ PAGOLA, 2011.

⁵¹⁸ PETERSON, Erik. *Was ist der Mensch?, in: Theologische Traktate*, 1951, pp 227ss. “Cristo se denomina o “Filho do Homem” porque ele transcendeu o homem. O “Filho do Homem” é aquele que se compreende nas doenças dos homens, levando-as consigo”, p. 236. Tradução nossa.

⁵¹⁹ FREYNE, Sean. *Galilee, Jesus and the Gospels. Literary Approches and Historical Investigations*. Philadelphia: Fortress Press, 1988, p. 219. Tradução nossa.

O desprezo que alguns judeus da seita dos fariseus⁵²⁰ tinham por outras pessoas consideradas impuras é fundamental para que se compreenda o caráter sócio agregador do Reino de Deus proclamado por Jesus. O Reino da inclusão das prostitutas e assaltantes, dos desprezíveis, como os cobradores de impostos, e os doentes. De alguma maneira, afrontou-se a moral religiosa vigente nos dias em que Jesus esteve em nosso meio. Desprezados e marginalizados, estes, não podendo confiar em suas próprias obras ante as prescrições da lei, ansiavam que a misericórdia divina lhes proporcionasse uma nova perspectiva de salvação.

O Reino de Deus está além desse mundo⁵²¹, a ação criadora, salvífica e profética do Espírito de Deus, durante toda a história da criação e sua presença permanente em Jesus, demonstram o início da salvação escatológica humana, da nova criação e da revelação da glória de Deus. O poder emanado pelo Reino de Deus “faz irradiar a força da nova criação, que expulsa demônios, cura doentes e restabelece a criação fragmentada”⁵²².

Jesus foi considerado por seus contemporâneos um curador e exorcista de grande prestígio. Todas as fontes cristãs falam das curas e exorcismos realizados por Jesus. O historiador Flávio Josefo também nos informa que, durante o governo de Pôncio Pilatos como prefeito da Judéia, “apareceu Jesus, um homem, que foi autor de feitos assombrosos”⁵²³. Jesus não atua confiando em técnicas, mas no amor curador de Deus, que padece com os que sofrem. Não age nunca por interesses econômicos, mas por seu amor compassivo e por sua decisão de anunciar o reino de Deus: Deus está chegando e os mais desgraçados já podem experimentar seu amor misericordioso. As pessoas da Galileia o sentem como alguém que cura porque está habitado pelo Espírito e pela força sanadora de Deus. As pessoas não acorrem a Ele somente em busca de remédio, mas para encontrar-se com Ele. O que é decisivo é o encontro com o Médico dos médicos. Na raiz desta força curadora e inspirando toda a sua atuação está sempre seu amor compassivo, que cura gratuitamente. Cura com

⁵²⁰ Fariseus, cujo significado incerto seja possivelmente “separados” ou “separadores”, são aqueles que expõem a lei. Esse partido ou seita dentro do judaísmo é mencionado frequentemente nos Evangelhos, quase sempre como extremamente hostil a Jesus; tinham estreita amizade com os escribas, os mestres da lei, desprezavam o povo da terra, os ignorantes que não conheciam as leis; criam na existência dos anjos; na ressurreição dos mortos e no juízo; o erro básico dos fariseus era a sua recusa em admitir que o judaísmo pudesse alcançar qualquer desenvolvimento posterior além deles mesmos: eles são um obstáculo ao poder e à atividade de Deus. MCKENZIE, 2008, p. 341.

⁵²¹ Jo 18,36

⁵²² DUNN, James G. **Unidade de e diversidade no Novo Testamento**: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Santo André. Editora Academia Cristã: 2009, p. 79.

⁵²³ JOSEFO, 2009, antiguidades dos judeus, 18,3,3.

a força de sua palavra e com os gestos de suas mãos. As mãos de Jesus abençoam os que se sentem malditos, tocam os leprosos que ninguém toca, os liberta da exclusão, comunicam força aos mergulhados na impotência, transmitem confiança aos que se veem abandonados por Deus, acariciam os excluídos.

Jesus não cura somente o físico, mas reconstrói o enfermo a partir de sua raiz: suscita sua confiança em Deus, arranca-o do isolamento e do desespero, liberta-o do pecado, devolve-o ao seio do povo de Deus e abre-lhe um futuro de vida mais digna e saudável. Jesus trabalha o coração do enfermo para que confie em Deus, libertando-o desses sentimentos obscuros de culpabilidade e abandono por parte de Deus, que a enfermidade produz. Jesus o cura pondo em sua vida o perdão, a paz e a benção de Deus.

Jesus anuncia algo sem precedentes: Deus está aqui. A cura dos enfermos e a libertação dos endemoninhados são sua reação contra a miséria humana: anunciam já a vitória final de sua misericórdia, libertando o mundo de um destino marcado fatalmente pelo sofrimento e a desgraça. Ele não se limitou a aliviar o sofrimento dos enfermos e endemoninhados, mas deu à sua atividade curadora uma interpretação transcendente; vê em tudo isso sinais de um mundo novo. Estas curas surpreendentes são sinais humildes, mas reais, de um mundo novo: o mundo que Deus quer para todos e em todos os tempos.

Assim sendo, de qualquer época, é possível ver a narrativa messiânica que recebe o testemunho vivo das pessoas que se encontraram com o pregador itinerante da Galileia, compartilhando com Ele uma expectativa comum, que é o cumprimento das promessas de Deus a Israel. Nesse sentido, a realização dessa promessa de vida em abundância se estende a todos os seres humanos de outras nações e épocas. Toda a humanidade é integrada no olhar compassivo do Deus misericordioso, por meio da “ação messiânica escatológica de Jesus de Nazaré e dos que vivem na rememoração viva de sua presença”⁵²⁴.

Para concluir, as fontes cristãs resumem a atuação de Jesus afirmando que Ele se dedicava a duas tarefas: anunciar a boa notícia do reino de Deus e curar as enfermidades do povo. Foi esse seu empenho fundamental: despertar a fé na proximidade de Deus lutando contra o sofrimento. Por isso, quando confia sua missão aos discípulos, ele encarrega-os da mesma tarefa: “Enviou-os a proclamar a reino de

⁵²⁴ ÁLVAREZ, Carlos Mendonza. **Deus Ineffabilis**: Uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016. p. 249.

Deus e a curar”⁵²⁵. Toda a atuação de Jesus se dá no sentido de gerar uma sociedade mais saudável. Seu Deus é “amigo da vida”⁵²⁶. Cabe, portanto, a cada nova geração de cristão, declinar-se diante do Mestre e abrir a sua imaginação a esse horizonte das promessas no tempo presente de nossas histórias fragmentadas para receber aí o dom de Deus através da Palavra de Jesus e dos seus feitos que comunicam a salvação. E, assim, diante das fraturas das subjetividades pós-modernas, e consciente de sua vulnerabilidade extrema, pode ressoar com nova força a ação afirmativa e compassiva de Jesus para com os múltiplos rostos excluídos, como sinal da chegada do Reino de Deus.

3.5 JESUS DEFENSOR DOS POBRES.

Neste tempo pós-moderno, vivemos um período de produção de estilo de vida que confunde liberdade de escolha com liberdade de consumo. Aqueles que ficam excluídos da sociedade de consumo por limitações econômicas experimentam a sensação de nada ser, uma vez que nada possuem. O mundo está carregado com as contradições de um crescimento econômico, cultural e tecnológico. Crescem ainda mais as desigualdades sociais: uns carecem das condições mais básicas de existência; outros, vivem uma vida de opulência e desperdício. Exemplo disso é o capitalismo que “mantém em extrema miséria três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas”⁵²⁷. Papa Francisco, na *Evangelli Gaudium*, afirma que o mercado, entregue às suas próprias regras, globalizou a indiferença, gerou exclusão e criou um comportamento idolátrico em relação ao dinheiro⁵²⁸.

Diante deste cenário, as inquietações não são poucas. Os seres humanos não conseguem realizar-se plenamente pelo desenvolvimento econômico. A ampliação do alcance dos bens materiais, ofertados por um mercado cada vez mais atrativo em termos de consumo, não refletiu na realização da plenitude e na felicidade humana. O Senhor se mostra solícito às suas necessidades: “Os filhos de Israel clamaram,

⁵²⁵ Lc 10,18

⁵²⁶ Sb 11,26.

⁵²⁷ DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum: sobre as sociedades de controle**. In: DELEUZE, Gilles **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 224.

⁵²⁸ FRANCISCO, PAPA. Exortação *Evangelli Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador”⁵²⁹. Deus é o Reino que chega como Boa-Nova de salvação ou oferta de vida bem-aventurada para os pobres e oprimidos da terra⁵³⁰.

O próprio Deus “Se fez pobre”⁵³¹ através do sim de uma jovem humilde, de uma pequena cidade da Galileia chamada Nazaré, perdida no meio de um grande império. Deus “habitou no meio de nós”⁵³². O Salvador foi um pobre em Belém⁵³³, nasceu em meio aos excrementos dos animais em uma estrebaria, envolto em faixas, colocado em uma manjedoura. Jesus também foi pobre em Nazaré⁵³⁴, pobre em sua vida pública⁵³⁵, pobre na cruz, morreu como um excluído, como o mais pobre e desprezado de todos os seres humanos, no suplício da cruz, reservado aos escravos, sem direito a nada. A sua morte selou para sempre a mensagem de um Deus defensor de todos os pobres, oprimidos e perseguidos pelos poderosos. Cristo, por nossa causa, se “fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza”⁵³⁶.

O Cristo dos pobres sempre foi o Crucificado. Mas, o que eles viram no Cristo? Moltmann responde:

Eles encontram nele o irmão que saiu de sua forma divina e que tomou a forma de um escravo (Fl 2), para estar com eles e para amá-los. Eles encontraram nele, um Deus que não os atormenta como os seus senhores, mas que é seu irmão e confidente. Onde a liberdade, o nome, a humanidade da vida lhes são tomadas, eles encontram na sua comunhão atenção, reconhecimento, dignidade humana e esperança. Eles encontram a sua verdadeira identidade guardada no Cristo que sofre com eles e protegida em Deus, de modo que ninguém pode lhes roubar essa identidade (Cl 3,3)⁵³⁷.

O Novo Testamento reconhece nos verdadeiros pobres os herdeiros privilegiados do Reino de Deus. Jesus é o Messias dos pobres⁵³⁸. Jesus, às margens

⁵²⁹ Juízes 3,15.

⁵³⁰ CROATTO, Severino. *Liberación y libertad*. Pautas Hermenéuticas: Lima: CEP, 1978; GÜTIÉRREZ, G. *El. Dios de la vida*. Lima: CEP, 1989.

⁵³¹ IICor 8,9. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006. BIGO, P. e D'ÁVILA. *Fé cristã e compromisso social*. São Paulo: Paulinas, 1982.

⁵³² Jo 1,4.

⁵³³ Cf. Lc 2,7.

⁵³⁴ Cf. Mt 13,55.

⁵³⁵ Cf. Mt 8,20.

⁵³⁶ 2Cor 8,9.

⁵³⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado*. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. São Paulo: Academia Cristã, 2011, p. 74.

⁵³⁸ O termo coletivo dos pobres abrange os famintos, desempregados, doentes, desanimados e enlutados. É o povo subjugado, oprimido e humilhado (*ochlos*). Os pobres são doentes, aleijados e não-sedentários (Lc 14,21-23). São mendigos nas ruas e estradas (Mt 11,2-5). São os tristes (Lc 6,21). Sua situação exterior é descrita suficientemente: procura-se penhorar, inclusive, sua roupa interna (Mt

do lago da Galileia, de acordo com os escritos de Lucas, revela: “Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o Reino de Deus”⁵³⁹. Mas, qual é o motivo que levou Jesus a afirmar que o Reino de Deus é dos pobres? A resposta, segundo Rubio, é a seguinte: “não são por causa de suas qualidades ou merecimentos, mas pela escolha gratuita de Deus, o rei justo que favorece aqueles que não têm defesa”⁵⁴⁰. Se Deus se coloca ao lado deles, não é simplesmente porque mereçam, mas porque precisam.

Na visão de Mons. Tihamer Toth, as almas dos pobres não estão escravizadas pelos tesouros da terra, no gozo dos bens terrenos, mas os mesmos conservam sua nobre liberdade e guardam no mais profundo de suas almas fome e sede de justiça⁵⁴¹. Os pobres são modelos a serem seguidos, são convidados a reconhecer e a se converter ao mesmo tempo. Eles são, na verdade, os privilegiados de Deus; não há nada que os prendam a este mundo, encontram-se despojados, desapegados, oprimidos, chegaram ao limite da vulnerabilidade da própria existência humana, portanto disponíveis ao Reino dos Céus, eles aprendem a depender de Deus. Portanto, o “desapego perfeito deixa ver as coisas nuas”⁵⁴², vemos o exemplo do Santo de Assis, pobre, embora fosse rico. Francisco vê a fraternidade do sol, da lua e das estrelas. Eles se abrem totalmente à dinâmica do Amor divino, que é a doação da gratuidade⁵⁴³.

Quando Jesus faz referência aos pobres, ele está se dirigindo aos que, de fato, nada tem, portanto, desprovidos de tudo, aqueles que vivem no outro extremo das elites poderosas. Embora não sejam vistos, eles têm rosto, são seres humanos que comem, na maioria das vezes, o que recolhem dos lixos e as migalhas do pão que caem da mesa do rico. Dormem no relento, sem casa, sem teto, sem esperança. Cobrem-se com o nada que sobra e quase sempre estão com os pés descalços; nos corpos, carregam a marca da sujeira do descarte da humanidade. Impossibilitados do banho e de higiene, mergulhados na miséria, impuros e miseráveis, constituem, aos

5,40). Respondem com seu próprio corpo (Lc 12,58) e com sua família (Mt 18,23-35). Com frequência, têm de entregar a si e suas famílias à escravidão e à prostituição, isto é, à total destituição dos direitos. Os pobres são as não pessoas, os sub-homens, os desumanos, material humano. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2009, pp. 151-152.

⁵³⁹ Lc 2,20.

⁵⁴⁰ RUBIO, Afonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 41.

⁵⁴¹ 1942, p. 177.

⁵⁴² WEIL, Simone. 1993, p. 55. Tradução nossa.

⁵⁴³ ALVAREZ, p. 29.

olhos da sociedade, material sobrança. Foi exatamente este ambiente que Jesus escolheu para anunciar o Reino de Deus.

Jesus não se aproximou dos pobres de forma fanática ou ressentida, nem rejeitou os ricos, mas deixou claro que Deus não abandona os últimos. Ele se identificou com os pobres e sofreu de perto as suas necessidades⁵⁴⁴. Jesus veio trazer uma Boa Notícia, a implantação do seu reinado significará uma inversão total da situação. Jesus começou a falar uma nova linguagem, “sua vinda é uma sorte para os que vivem oprimidos e uma ameaça para os que vivem oprimindo”⁵⁴⁵. Jesus apresenta nova via de acesso a Deus, a via através da ajuda aos irmãos que sofrem. Quando se trata de se aproximar para ajudar o irmão que sofre, Jesus, movido pela compaixão, nada o detém. Ele é o primeiro a tocar. Toca o leproso, deixa-se ser tocado pela mulher que sofria de fluxo de sangue, deixa a prostituta beijar seus pés. Vale ressaltar que, quando Jesus toca no leproso, Ele não fica impuro, mas é o leproso que fica purificado.

Somos também chamados a possuir “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus”⁵⁴⁶, a fazer opção pelos pobres. Como nos ensina Bento XVI, em seu discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopal Latino americano e do Caribe, realizada em 13 de maio de 2007, esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. É necessário, ressalta o papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “que todos nós nos deixemos evangelizar por eles”. Ele segue nos convocando a descobrirmos Cristo neles: “não só emprestarmos nossa voz nas suas causas, mas também a sermos seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”⁵⁴⁷. A Sabedoria de Deus fala através dos pequenos da história enquanto que os sábios, os doutores, falam da pós-modernidade, da nova idade da razão. Eles próprios, à sua maneira, dão sentido aos vestígios do esgotamento da humanidade.

Em vista disso, nós, cristãos pós-modernos, devemos nos abrir à Sabedoria da Cruz que é o amor, buscando o compromisso de um amor ativo e concreto a cada pessoa humana. De acordo com São Tomás de Aquino, esse compromisso deverá ter

⁵⁴⁴ Cf. Mc 2,23-28.

⁵⁴⁵ PAGOLA, 2011, p. 228.

⁵⁴⁶ Fl 2,5.

⁵⁴⁷ EG, n. 198.

como princípio o outro, “considerando-se um só consigo mesmo”⁵⁴⁸. Esse é o verdadeiro amor, é o amor que vai além das aparências. Ele é sempre contemplativo, “permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência”⁵⁴⁹. Somos chamados a darmos uma contribuição, assim como os cristãos dos primeiros séculos. Conforme lemos na Didaqué: “Repartirás tudo com teu irmão, não como teu, pois, se divides os bens da imortalidade, quanto mais o deves fazer com os bens corruptíveis”⁵⁵⁰. Trata-se do autêntico amor, parte do princípio da alegria em dar sem esperar nada em troca. Assim, o pobre deverá ser estimado “como de alto valor”⁵⁵¹. Isso é exatamente o que diferencia a autêntica opção pelos pobres de toda e qualquer ideologia fundamentada em políticas com interesses pessoais e de alguns grupos.

O anúncio do Evangelho deverá ser o anúncio da caridade. Sem a opção fundamental pelos pobres, o mesmo corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. Em uma das viagens apostólica do papa João Paulo II, ao Peru, ele teve a oportunidade de ouvir as palavras que foram pronunciadas por Vitor e Isabel Chero, em nome dos pobres e marginalizados:

Santo Padre, temos fome. Sofremos miséria, falta-nos trabalho, estamos enfermos. Com o coração rompido pela dor, vemos que nossas esposas gestam com tuberculose, nossas crianças morrem, nossos filhos crescem fracos e sem futuro...Porém, apesar de tudo isso, cremos no Deus da vida⁵⁵².

Nessa perspectiva de fazermos opção pelos pobres, partimos da contemplação de Cristo. Devemos buscar em cada rosto do pobre o rosto do próprio Cristo. Trata-se exatamente daquele com quem Cristo quis se identificar: “Por que tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes verme”⁵⁵³. Não podemos excluir ninguém do nosso amor. É preciso insistir, Jesus é o grande “defensor dos pobres”⁵⁵⁴.

⁵⁴⁸ S. Th. SUMA TEOLÓGICA II-II, Q. 27, A. 2.

⁵⁴⁹ EG, n. 199.

⁵⁵⁰ DIDAQUÉ. Petrópolis: Vozes, 1983. Cap. IV, n. 8.

⁵⁵¹ S. Th. SUMA TEOLÓGICA II-II, Q. 27, A. 2.

⁵⁵² GUTIÉRREZ, Gustavo. *El Dios de la vida*. Lima: CEP, 1989.

⁵⁵³ Mt 25,35-36. Cf. DUPONT, Jacques. *Lés Béatitudes*. Bruxelas: Lovaiiana, 1958. QUEIRUGA, A. Torres. Opción por los pobres: *la justicia del Dios Cristiano*. Madri: Fundación Santa Maria, 1988.

⁵⁵⁴ PAGOLA, 2011, p. 367.

Muitas vezes, somos duros de coração e de mente, esquecemo-nos, entretemo-nos, extasiamos-nos com as imensas possibilidades de consumo e de distração que a sociedade atual oferece, diante de tantas vitrines. Como consequência, gera-se em nós uma profunda alienação que “torna mais difícil a realização deste dom e a constituição dessa solidariedade inter-humana”⁵⁵⁵.

Nas comunidades paulinas, os pobres deveriam ser sempre lembrados e servidos. Exemplo disso, Paulo visita Jerusalém, depois de ter tido uma revelação para partilhar com os demais apóstolos a fim de discernir se, de fato, não “estava correndo em vão”⁵⁵⁶. Naturalmente, encontramos, aqui, uma amostra de unidade entre os apóstolos, que fortalecia o ministério e a autoridade deles, para que, assim, não fossem colocados em dúvida a despeito de todas as suas credenciais espirituais que, porventura, apresentassem em seu trabalho. O Apóstolo reconhece, aqui, a necessidade da aprovação e do apoio dos demais irmãos ministeriados, embora ele não cultivasse dúvidas quanto ao seu ministério e a validade de seu trabalho no Evangelho. Portanto, o critério-chave de autenticidade que lhes indicou foi que ele não se esquece dos pobres⁵⁵⁷. Esse critério certamente lhe assegurava que as comunidades paulinas não se deixavam ser seduzidas pelo estilo de vida individualista dos pagãos. Para superar essa mentalidade individualista, Paulo continua fazendo o mesmo caminho do mestre, anunciando o reino de Deus aos últimos, identificando-se com os mais pobres e desprezados do Império.

Assim, com obras e gestos, o Apóstolo Paulo entra, com sua vida, na vida do outro, encurta as distâncias, abaixando-se, quando necessário, até a humilhação. Assumindo a vida de Jesus, dá verdadeiro testemunho com sua vida, tocando a carne sofredora de Cristo no pobre e necessitado. Deve ficar claro, hoje e sempre, que “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”⁵⁵⁸. Recordamos o papa Francisco que: “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres”, e nos faz um apelo: “não os deixemos jamais sozinhos”⁵⁵⁹.

Para finalizarmos, vale lembrar que, ver o pobre a partir de Deus, não reduz mas transcende. O Deus sofredor e crucificado tornou-se o Deus dos pobres e abandonados. Parece evidente que os miseráveis, nas suas situações concretas,

⁵⁵⁵ CA, n. 41.

⁵⁵⁶ Cf. Gl 2,2.

⁵⁵⁷ Cf. Gl 2,10.

⁵⁵⁸ BENTO XVI, 2007, n. 3

⁵⁵⁹ LS 2015, n. 48.

entenderam-no melhor do que os ricos e seus senhores. No pensamento teológico de Jürgen Moltmann, “em Cristo, o Deus da esperança se revelou como o Deus crucificado, para com isso, identificar-se com todos os crucificados deste mundo”⁵⁶⁰. A dor do meu irmão é também a minha dor.

3.6 A SABEDORIA DE DEUS É A *KENÓSIS*

O Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, equaciona a problemática humana, reconhecendo que entramos em uma “fase nova”⁵⁶¹ ou “nova idade”⁵⁶² da história humana, marcada pela cultura técnico-científica⁵⁶³. Diz também que os desequilíbrios que sofre o mundo estão ligados ao desequilíbrio que está no coração humano, que traz uma divisão no seu interior, que o leva a formular perguntas relativas ao sentido da vida, da morte, do sofrimento do progresso humano⁵⁶⁴. Marcados por circunstâncias tão complexas perante a evolução atual do mundo globalizado, veloz, porém frio, distante, egoísta, e agitados pela esperança e a angústia, os homens e as mulheres se sentem oprimidos pelas próprias inquietações. Surgem interrogações acerca da evolução atual dos acontecimentos. Qual é o sentido da vida? Que há para além da morte? Para onde vamos?

Apresentamos ao sujeito pós-moderno a manifestação da humildade de Deus, e, de maneira especial, de Jesus⁵⁶⁵ crucificado, a *Kénosis*⁵⁶⁶. Se não fosse este evento, dificilmente teria entrado, em nossa consciência, a convicção de uma *Kénosis* divina. Sua elevação vem ao fim de uma descida e de uma aniquilação. É na morte de Jesus que a fé distingue o total derramamento do eu no mundo. A reflexão teológica, partindo desta fé, está cada vez mais aberta ao entendimento do autoesvaziamento divino como característica eterna de Deus⁵⁶⁷. Esta humildade de

⁵⁶⁰ MOLTSMANN, 2011, p. 8.

⁵⁶¹ GS 4,2.

⁵⁶² GS. n. 54.

⁵⁶³ Cf. GS 4,1; 66,2.

⁵⁶⁴ Cf. GS 10,1.

⁵⁶⁵ “A sua significação teológica está no fato de o Novo Testamento utilizá-la para expressar a realidade de Jesus Cristo, Filho/Verbo de Deus que, sendo Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, aniquilou-se, humilhou-se e assumiu a condição humana”. XAVIER, Donizete José. **A teologia da Santíssima Trindade – Kénosis** das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005, p. 87.

⁵⁶⁶ “*Kenose*: *Kénosis*, *kenótico*, de *kenoo*, esvaziar, extenuar, reduzir a nada; estado de humilhação”. KOUBETCH, Volodemer. **Da criação a parúsia** – linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 188.

⁵⁶⁷ HAUGHT, 1998, p. 216.

Deus é o fundamento até mesmo da criação do universo. A criação é o primeiro ato do autorrebaixamento de Deus. No vir a ser do cosmo, Deus se envolveu com essa criação frágil e finita. Segundo Haugth, “o fato de Deus deixar que o mundo exista é tornado possível pela retração da onipotência divina”⁵⁶⁸.

Deus encolheu seu poder humildemente, abandonando qualquer impulso de manipular eventos ou pessoas. Deu sequência descendo até o povo de Israel e teve seu ponto mais alto entregando seu Filho único para a morte de cruz. O evangelista João relata essa graça: “E o verbo se fez carne e habitou no meio de nós”⁵⁶⁹. A encarnação desvela a verdadeira divindade da *Kénosis* divina. Deus assumiu a natureza humana sem perder sua natureza divina. Mas essa humildade suprema de Deus não o fez para esvaziar a si mesmo, no sentido de que Deus se tornaria literalmente nada, um vazio sem substância.

A encarnação de Jesus não se dá a partir da aristocracia. Ele poderia ter se manifestado na alta sociedade. Mas, encarnou-se na parte baixa da pirâmide social. O Verbo se desvencilhou de sua condição divina⁵⁷⁰. Nessa linha de análise, é importante elencar que os atributos relativos à divindade - onipotência, onisciência, e a onipresença - são abandonados pelo Verbo. Por outro lado, os atributos que dizem respeito à Trindade imanente - verdade, santidade, amor -, longe de ser afastados, revelam-se na encarnação⁵⁷¹. De acordo com Hügel, o vaso da humanidade é dilatado pela sua divindade⁵⁷². Na visão de Weil, a atitude divina que dita à criatura seu comportamento é todo kenótico. O Criador se retirou para nos deixar ser. Deus se afastou a uma distância infinita. Essa distância entre Deus e Deus, dilaceração suprema [...], maravilha de amor, é a crucifixão⁵⁷³.

Há uma *kénosis* fundamental que interfere sobre a Criação como tal, porque Deus, desde toda a eternidade, assumiu a responsabilidade do sucesso da Criação

⁵⁶⁸ Ibid., p. 216.

⁵⁶⁹ Jo 1,15. Uma primeira ideia fundamental foi empregada por Atanásio contra Ário e Apolinário, por Cirilo contra Nestório e por Leão contra Êutiques: a decisão divina de fazer o Verbo tornar-se homem significava uma verdadeira humilhação (SANTO ATANÁSIO. *Contra os pagãos - a encarnação do verbo - Apologia ao imperador Constâncio - Apologia de sua Fuga - Vida e conduta de São Antão*. São Paulo: Paulus, 2010. De Trin. VII, 45; PL 10-270); Não muda o Filho de Deus, mas significa o ato de esvaziar-se no interior do seu poder ibid. XI, 48; PL 10).

⁵⁷⁰ Cf. FI 2,6-7. O sujeito da *Kenose* não é mais aquele que se tornou homem, mas aquele que sofre se torna homem, o próprio Verbo Divino (cf. THOMASIIUS, Gottfried. ***Christi Person und Werk***, 3 vol., Erlangen: 1853).

⁵⁷¹ THOMASIIUS, Gottfried. ***Christi Person und Werk***, 3 vol., Erlangen: 1853.

⁵⁷² HÜGEL, Friedrich von, B. ***The Mystical elemento Of Religion*** Vol I. 1823.

⁵⁷³ WEIL, Simone. ***Attente de Dieu***. Paris, 1950, p. 87.

(tendo em conta a liberdade humana também) e da previsão de pecado. Ele também leva a cruz em conta como fundamento da criação: "a cruz de Cristo está inscrita no mundo da Criação"⁵⁷⁴. Balthasar, recorrendo à Patrística, afirma que os santos Padres são unânimes em dizer que a "encarnação se realizou em vista da redenção da humanidade através da cruz"⁵⁷⁵. O autossacrifício de Deus revela a fé na cruz, por cuja ilimitada generosidade o mundo é chamado, mas nunca forçado, a ser. Em outras palavras, a encarnação parte para a paixão.

Todo o evento de Jesus é fruto da livre iniciativa daquele que não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus. Nele, a plenitude divina se faz pobre, e, por meio de sua pobreza, torna-se o rico Filho, com a divindade adequada do Pai⁵⁷⁶. Ele esvaziou-se a si próprio, assumindo a forma de servo, tornando-se, na aparência e no modo de se comportar, um homem como os outros – exceto no pecado. Humilhou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo. Fez-se presente no meio dos seus discípulos como aquele que serve⁵⁷⁷, ou melhor, aquele que lava os pés dos seus discípulos⁵⁷⁸. Ele vai até o fim das exigências do amor que inspira este serviço⁵⁷⁹.

Jesus se esvazia de toda a pretensão de poder da categoria social. Renuncia a tudo de especial que o mundo poderia lhe oferecer como Filho do Homem. Abdicou de todos os privilégios e se esvaziou de si mesmo. Ele não usou o poder em benefício próprio, mas em benefício do outro. Jesus, na verdade, não é um conceito teológico ou filosófico, mas é o servo sofredor⁵⁸⁰. O Filho do Homem veio para servir. Na realidade, sua grandeza reside exatamente aí. A cruz expressa o amor ilimitado de um Deus que, em função desse próprio amor incondicional, dá-se de si mesmo, a ponto de se esvaziar, revelando-se na fraqueza: "O esvaziamento de Jesus capacitou-o a assumir a humanidade"⁵⁸¹.

Em Filipenses 2,7, lê-se que Cristo "esvaziou-se a si mesmo". Deus, no seu infinito amor, aniquilou-se, esvaziou-se de si mesmo. Do grego, veio o termo *Kénosis*, que significa esvaziar. Cristo, feito homem, despojou-se livremente não da sua natureza divina, mas da glória que, por direito, lhe era conferida, glória essa que ele

⁵⁷⁴ BALTHASAR, Hans Urs von. *Pâques, le Mystère*, Cerf. Paris, 1996, pp.43-44. Tradução nossa.

⁵⁷⁵ Ibid., pp.43-44.

⁵⁷⁶ BALTHASAR, Hans Urs von. *Cattolico - Aspetto del Mistero*, ed Encuentro, Madrid, 1988, p 34.

⁵⁷⁷ Cf. Lc 22,27.

⁵⁷⁸ Cf. Jo 13,1ss.

⁵⁷⁹ Cf. Jo 13,1; 15,13.

⁵⁸⁰ Cf. Is 53.

⁵⁸¹ CASAGRANDE, 1997, p. 500.

possuía desde a sua preexistência⁵⁸². Humilhou-se, embora sendo e permanecendo Deus por inteiro. Em sua total impotência, na angústia mortal do Crucificado, encontra-se sem diminuição a plena divindade de Deus. A humilhação de Deus mostra a superabundância de seu poder: a grandeza “deixa-se perceber na baixaza sem decadência de sua elevação”⁵⁸³.

A encarnação e a cruz mostram "que a plena realização está em conformar a própria vontade humana naquela do Pai, no esvaziar-se do próprio egoísmo, para preencher-se do amor, da caridade de Deus e assim se tornar realmente capaz de amar os outros"⁵⁸⁴. Jesus, que se encontra na condição de Deus, abaixa-se à condição humana para redimir Adão que está em nós e restaurar a dignidade que o homem havia perdido. Convém ressaltar que a glória de Cristo deveria resplandecer sobre a sua humanidade (cf. a transfiguração, Mt 17,1-8). Porém, Ele preferiu privar-se dela para recebê-la apenas do Pai⁵⁸⁵, como preço do seu sacrifício.

No sofrimento de Jesus, na *Kénosis* total, aparece a glória de Deus: “Para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo”⁵⁸⁶. Isso não significa a eliminação do realismo da paixão. Muito pelo contrário, não há que adoçar o que se refere à cruz de Cristo, como se o crucificado, sem sofrer comoção alguma em sua união com Deus, se tivesse dedicado a cantar salmos e tivesse morrido na paz de Deus. Pode-se dizer que Jesus “esvaziou a sua vida na morte”⁵⁸⁷.

Deus renuncia as suas prerrogativas para se oferecer na humanidade do Crucificado. Pode-se, com justiça, interpretar a última palavra da cruz como uma renúncia de Deus a si mesmo⁵⁸⁸. Em outras palavras, a cruz faz “descobrir um mistério da própria vida divina”⁵⁸⁹. Somente Deus vai verdadeiramente ao extremo do abandono de Deus, por amor à criatura humana.

⁵⁸² Está em Fl 2,7, mas é Cristologia Joanina, cf. Jo 17,5.

⁵⁸³ GREGÓRIO DE NISSA. *Patrística: A criação do homem/A alma e a Ressurreição/A grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 45.

⁵⁸⁴ BENTO XVI. Audiência Geral, Quarta-feira, 16 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 16.05.12.

⁵⁸⁵ Cf. Jo 8,50-54.

⁵⁸⁶ 2Cor 4,6.

⁵⁸⁷ BENTO XVI. Audiência Geral, Quarta-feira, 16 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 16.05.12. 16 de maio de 2012.

⁵⁸⁸ GEFFRÉ, Claude. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. 2. ed. Paris: Cerf, 1988, p. 187.

⁵⁸⁹ TEMPLE, Willian. *Christus Veritas*. Londres, 1924. p. 262. Tradução nossa.

A teologia baltasariana entende que o fundamento no qual Jesus renunciou a sua glória, tomou nosso lugar até a descida aos infernos e atravessou o abismo da morte sem perder sua identidade, foi o Amor Trinitário: O Pai, enviando e abandonando o Filho na cruz; o Espírito unido na separação e na distância. A filiação divina de Jesus, inseparável do Pai e do Espírito⁵⁹⁰. Se o Filho encarnado é obediente à vontade do Pai eterno até a morte na cruz, ele faz na terra o mesmo que no céu e no tempo o mesmo que na eternidade. Ele, portanto, não nega em sua forma de servo sua forma divina. De acordo com São Boaventura:

O nosso rei se tornou escravo e desprezível para nos elevar à mais alta glória; o nosso juiz suportou as atrozidades das penas do castigo para que fôssemos eximidos da culpa do pecado; o nosso Senhor assumiu a extrema miséria para que nós recebêssemos com abundância as suas riquezas⁵⁹¹.

Lutero também compreendeu que Deus, ao contrário da glória do mundo, manifesta-se no sofrimento e na morte de Jesus, porque, sob a forma humana, rompe o limite da dor, entregando-se à morte⁵⁹². O seu corpo inerte na tumba foi como uma visita inesperada ao sepulcro de todos os homens, identificando-se com eles na morte, para que, quando a superasse, pudesse levar todos os homens à sua própria vida.

É possível vermos, agora, com mais clareza, na paixão e na crucificação de Jesus, a imagem iluminadora e salvificante de um Deus vulnerável, sofredor que, por amor ao mundo, renuncia a qualquer privilégio de onipotência coercitiva e entrega o eu divino ao mundo num ato de absoluto autoabandono. Por tais razões, na lógica da *Kénosis*, o Logo divino “será então verbo e nunca substantivo; linguagem de um corpo ferido, da consciência aguda, da mesa posta, da presença ausente; metáforas vivas da irrupção *kenótica* do mistério real”⁵⁹³ que ultrapassa toda sabedoria humana.

Propõe-se aos pós-modernos assumir sua natureza *Kenótica* de relação e ir ao encontro consigo mesmos, com o outro e com Deus. Somente com a práxis da espiritualidade *Kenótica* teremos profundamente o encontro com o Absoluto. É preciso destacar: a Sabedoria de Deus é a *Kénosis*, isto é, a Sabedoria do amor. Quem se

⁵⁹⁰ BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Paschale, in Mysterium Salutis*, III, 2, *Einsiedeln*, 1969, pp. 133-136.

⁵⁹¹ BOAVENTURA, São. *Itinerarium Mentis in Deum*. Trad. Jerônimo Jerkovic. In: De BONI, Luis Alberto, org. **Obras escolhidas de São Boaventura**. Edição Bilingue (Português/Latim). Porto Alegre: EST, SULINA E UCS, 1983. Três Capítulos. Cap. III § 4.

⁵⁹² LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 1. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987.

⁵⁹³ ÁLVAREZ, 2011.

esvazia de si mesmo permite Deus nascer em si, uma vez que uma nova *Kénosis* ocorre a cada conversão. A existência cristã no discipulado do Crucificado é uma práxis que transforma o próprio ser humano e as circunstâncias.

Resumindo, na compreensão desse evento, *kenótico*, seguindo o hino cristológico em Filipense 2, a encarnação do Logos se completa na cruz. Todas as declarações cristãs a respeito de Deus, da criação, do pecado e da morte apontam para o Crucificado. Todas as declarações cristãs a respeito da história, da Igreja, da fé, da santificação, do amor e da esperança procedem do Crucificado. É possível, no paradoxo da cruz, contemplarmos a divindade de Jesus, que se torna mais compreensível: não foram os piedosos que o reconheceram, mas os pecadores; não foram os justos, mas os injustos, porque, neles, Ele manifestou o reino e o direito da graça. Ele concedeu a manifestação de sua identidade àqueles que haviam perdido suas identidades, aos que se encontravam em perigo, aos doentes, aos desprezados, aos órfãos, às viúvas, aos pobres e reconheceu-se como Filho do Homem naqueles privados de sua humanidade. Podemos dizer que a dedicação de Jesus para salvar os últimos é uma Sabedoria de *práxis*. Seu princípio jurídico é o Amor (*ágape*), não é a igualdade, mas a justificação do outro. A Sabedoria da Cruz de Cristo é a resposta para os problemas dos cristãos, nesse tempo pós-moderno. Os Sapienciais falavam da Sabedoria que ordena o mundo, que dá o sentido da vida, acumula o saber e ensina o outro. Nesse contexto, a Sabedoria agiu na história, e, conseqüentemente, de maneira original aplicada em Jesus, designado como Sabedoria e Sabedoria de Deus (cf. Mt 11,19; Lc 11,49; Mt 23,34-36; 1Cor 1,24-30). A Sabedoria de Cristo participa da criação e da conservação do mundo (Cl 1,16-17). Jesus assumiu diretamente a humanidade e indiretamente todo o cosmo pela sua encarnação e ressurreição.

4 A SABEDORIA DA CRUZ: PODER E SABEDORIA EM JESUS CONFORME 1COR 1,17-25

Cada geração do cristianismo necessita de uma nova atualização sobre o Apóstolo Paulo, sua vida e suas cartas. Assim dito, temos que rerepresentá-lo para que possamos (re)aprender o que ele ainda tem a nos ensinar. A razão é simples: Paulo se apaixona pelo Crucificado e consagra sua alma a um ideal sem limite. Ele é, antes de tudo, inteligente, lúcido, lógico e exigente. O Apóstolo foi o pensador teológico mais criativo da primeira geração do cristianismo e nos deixou um grande legado. São João Crisóstomo o coloca como um personagem superior aos anjos⁵⁹⁴. Dante Alighieri, na *Divina Comédia*, inspirado na narração dos Atos dos Apóstolos, o define como “vaso de eleição”⁵⁹⁵, que significa: instrumento pré-escolhido por Deus. Na visão de Bento XVI, o Apóstolo “brilha como uma estrela de primeira grandeza na história da Igreja”⁵⁹⁶. Outros o chamaram o décimo terceiro Apóstolo e, realmente, ele insiste muito para ser um verdadeiro Apóstolo - tendo sido chamado pelo Ressuscitado - ou até o primeiro depois do Único⁵⁹⁷. Dentro do contexto da grande contraposição entre cristianismo judaico e gentílico, por excelência, tornou-se o “Apóstolo dos gentios”⁵⁹⁸. Ele mesmo se definiu como Apóstolo de Jesus Cristo⁵⁹⁹ e se inseriu no grupo dos homens testemunhas da ressurreição. O livro dos Atos dos Apóstolos não reconhece Paulo como Apóstolo. Sem dúvida, depois de Jesus, ele é o personagem das origens sobre a qual estamos mais informados.

A nossa sabedoria se deriva da Sabedoria da Cruz, na qual Paulo foi o primeiro na história da humanidade, depois da sua experiência com o Ressuscitado, a traçar um orgânico pensamento cristão, centrado exatamente sobre o paradoxo da cruz. Paulo se baseia no contexto veterotestamentário, a passagem deuteronomica

⁵⁹⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. **Comentário sobre as cartas de São Paulo**/3. Panegirico, 7,3. São Paulo: Paulus, 2010.

⁵⁹⁵ BENTO XVI. Audiência Geral de 25 de outubro de 2006: Paulo, perfil do homem e do apóstolo. Disponível em <:https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061025.html>portuguese. Acesso dia 11-07-16.

⁵⁹⁶ ALIGHIERI Dante. **A Divina Comédia**. Inf. 2, 28. Disponível<www.dominio publico.gov.br/download/texto/eb0002a.pdf. Acesso dia 11-06-16.

⁵⁹⁷ BENTO XVI. Audiência Geral de 25 de outubro de 2006: **Paulo, perfil do homem e do apóstolo**. Disponível em <:https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061025.html>portuguese. Acesso dia 11-07-16.

⁵⁹⁸ Rm 11,13.

⁵⁹⁹ CIAMPAS, Roy E.; RONER, Brian S. **The First Letter to the Corinthians (The Pillar New Testament Commentary)**. Grand Rapids, Mi: Eerdmans, 2010, p. 53.

(cf. 21,23): “Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro”⁶⁰⁰. No princípio, Saulo⁶⁰¹ estava convencido da verdade contida nessa afirmação a respeito do Cristo Crucificado. A cruz havia se tornado o lugar da exibição de alguém sujeito à maldição e, segundo tal perspectiva, poderia ser aplicada a Jesus, pois, rejeitado por Deus, este homem de Nazaré, com pretensão de ser o Messias tão esperado, supostamente teria desviado o povo, comendo com os pecadores e desobecendo às regras de pureza. Aos olhos dos judeus, a sua morte na cruz era um sinal claro de que ele não tinha agido segundo a vontade de Deus. Em outras palavras, pela lei judaica, tal morte significa ser extirpado do mundo dos viventes e da comunhão com Deus. Essa situação aparece registrada no Novo Testamento, quando o próprio Cristo sofre acusação de ter blasfemado: “Nós temos uma Lei, ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus”⁶⁰².

Como se observa, Paulo, com suas raízes no judaísmo, pertencia à diáspora judaica⁶⁰³; ainda que tenha nascido na cidade helênica de Tarso, na Cilícia⁶⁰⁴, possuía sangue hebreu. Procedente de família judaica observante, cuja língua materna era o hebraico, toda a sua integração étnica, cultural e religiosa se deu com o povo israelita. Recebeu sua formação farisaica⁶⁰⁵ em Jerusalém, educado aos pés do Gamaliel⁶⁰⁶,

⁶⁰⁰ Gl 3,13. O texto de Dt 21,23 desempenhou um papel evidente na reflexão cristã primitiva no sentido da cruz, como indicam as alusões em At 5,30 e Gl 3,13-14. Paulo reuniu palavras contraditórias produzindo o oxímoro: “o ‘maldito’ é, de fato, o ‘Ungido’ (Cristo), em sua expressão querigmática: ‘um Messias crucificado’ (Jesus Cristo crucificado; christos estauromenos), em 1Cor 1,23; 2,2; Gl 3,1; 2,19)” (HAWTHORNE, 2008, p. 354). Cf. 11QT^a 64,19s: “Um amaldiçoado por Deus e pelos seres humanos é alguém que está suspenso na madeira; e tu não tornarás impuro o solo que eu te dou como herança” (tradução segundo A. STEUDEL, *Die Texte aus Qumran II*, p. 147).

⁶⁰¹ Lucas informa-nos que o seu nome originário era Saulo (cf. At 7,58; 8,1, etc.), aliás em hebraico Saul (cf. At 9,14.17; 22,7.13; 26,14), como o rei Saul (cf. At 13,21). “Saulo se converte em Paulo” Cf. LÜDEMANN, Die Auferstehung Jesu. Göttingen 1994. p. 111.

⁶⁰² Jo 19,7. Cf. UNNIK, Willen Cornelis van. *Tarsus or Jerusalem. The city of Paul's Youth*. Sparsa Colletta I. NT.S 29. Leiden: 1973, pp. 259-320.

⁶⁰³ Dentro desse ambiente complexo, o judaísmo preservou seu caráter religioso. Cf. MAIER, Johann. *Zwischen den Testamenten*. Geschichte und religion in der Zeit des Zweiten Tempels. (NEchtB Erg.band/AT 3; Würzburg: Echter 1990). pp. 176-183; Cf. UNNIK, Willen C. van. Das Selbstverständnis der jüdischen Diaspora in der hellenistisch-römischen Zeit, org. VAN DER HORTS, P. W. AGJU 17 (Leiden: 1993).

⁶⁰⁴ Cf. DELLING, G. *Die Bewältigung der Diaspora-Situation durch das hellenistische Judentum*. Berlin: 1987. pp. 49-55.

⁶⁰⁵ As origens do movimento farisaico são obscuras. Cf. SCHÜRER, E. Geschichte des jüdischen Volkes II, pp. 456-475; Joaquim, JEREMIAS. *Jerusalém zur Zeit Jesu*. 1961, pp. 279-303; MEIER, P. John. A Marginal Jew. Rethinking the Historical Jesus III. ABRL. Nova Iorque: 2001, pp 289-388; uma breve visão geral instrutiva sobre a história dos fariseus é oferecida em DEINES, Roland. Die Phariseer. Lhr Verständnis im Spiegel der christlichen und jüdischen Forschung seit Wellhausen und Graetz (Wunt 101; Tübingen: Mohr [Siebeck], 1997). pp. XVIII. DM 238; SIEVERS, Joseph. “Who Were the Pharieses?” in Hillel and Jesus. ed. James H. Charles-worth and Loren L. Johns. Minneapolis: Fortress, 1997. pp. 137-138.

⁶⁰⁶ Cf. At 13,21.

mestre da Torá muito prestigiado. Segundo os Atos dos Apóstolos 5,34-39, pertencia ao sinédrio, o que o inclui como rigorista e zeloso na observância das leis e na tradição judaica. Sendo um judeu da diáspora e fariseu de formação profissional, trazia como característica a defesa da fé monoteísta. Ele viveu na e pela Torá a vontade salvífica do Criador revelada ao mundo inteiro. Ele não estava isento da educação e do espírito de seu tempo⁶⁰⁷.

Assim sendo, Paulo perseguiu os adeptos de Jesus por causa das afirmações deles, ou seja, de que o crucificado seria o Messias. Ele não poderia tolerar esse falso profeta crucificado⁶⁰⁸. No contexto de Dt 21,22s, esta mensagem precisava ser combatida como blasfêmia. Seria uma insensatez aceitar que, mesmo depois da sua morte, Jesus ainda fosse seguido por pessoas que criavam desordem nas sinagogas proclamando que ele era o Messias e estava vivo ao lado de Deus. Paulo estava convencido de que a maldição proferida pela Torá estivesse sobre o Crucificado (cf. Gl 3,13). O próprio Apóstolo relata na seguinte passagem, as bases de sua convicção: “e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas”⁶⁰⁹. Os fariseus constituíam uma elite de leigos intocáveis em relação à moral. O próprio Paulo demonstrava isso, pois era um homem justo e reto diante do Deus da lei⁶¹⁰. Contudo, todo o fariseu tinha como meta a realização religiosa e moral de si mesmo, que se dava no cumprimento das boas obras.

Assim, perseguia os discípulos de Jesus, nas comunidades cristãs primitivas, até que um dia, a caminho de Damasco⁶¹¹, encontrou-se com o Crucificado Ressuscitado. A iluminação de Damasco⁶¹² mudou radicalmente a sua existência: começou a considerar todos os méritos como “esterco” face à sublimidade do

⁶⁰⁷ REISER, M. *Hat Paulus Heiden bekehrt?*. In ZThK- 1995, vol. 39. pp. 78-79.

⁶⁰⁸ JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias. Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995, apologia I, n. 13,3. 1 - “O que duvidamos é que o Cristo tivesse de morrer tão vergonhosamente, pois na lei se diz que é maldito aquele que morre crucificado. De modo que, por enquanto, é muito difícil para mim convencer-me disso. Que as Escrituras tenham anunciado um Cristo passível é evidente. O que desejo saber, se tiveres um argumento a demonstrar, é o fato de que ele teria que sofrer um suplício que está maldito na lei” (Diál. 89,2). 2 - “Com efeito, sabemos que ele haveria de sofrer e ser conduzido como ovelha ao matadouro. O que nos tens que demonstrar é que ele também deveria ser crucificado e morrer tão desonroso e amaldiçoada pela própria lei” (Diál. 90,1).

⁶⁰⁹ Gl 1,14.

⁶¹⁰ Cf. Fl 3,6-9.

⁶¹¹ Cf. HURTADO, Larry W. *Convert, Apostate or the apostle nations. The conversion of Paul in recente scholarship*. Vol. 22. n. 3. 1993, pp. 273-238.

⁶¹² Para Kim a cristofonia de Damasco coloriu e moldou o vocabulário paulino, em grau notáveis. KIM, Seyoon. *The Origin of Paul's Gospel*. Grand Rapids, Eerdmans, 1981.

conhecimento de Jesus Cristo (cf. Fl 3,8): “Aquele que Saulo pensava ser o antípoda da vontade divina e distanciado de Deus era quem melhor tornava visível o semblante divino do Pai”⁶¹³.

A palavra maldito, explicitamente evocado no livro de Deuteronômio, que, a princípio, tinha legitimado o ódio sacro em relação aos cristãos, daquele momento em diante, começou a revelar o amor sem limite de Deus em relação à toda a humanidade. Se aquele homem crucificado, de fato, era o Filho de Deus, cumpre observar que o próprio Deus estava presente naquele que “pendia do madeiro, então essa morte por crucifixão, antes de ser maldição, manifestava até que ponto Deus tinha se aproximado daqueles que estavam distante dele. Suspenso na cruz, Jesus tinha-se feito presente onde viviam todos os amaldiçoados, onde vivia o mundo pecador distante de Deus”⁶¹⁴. Em outros termos, Ele tinha oferecido a reconciliação e a salvação à toda a humanidade. Destituído deste profundo entendimento, Paulo, ao perseguir Cristo, chega à compreensão de que a cruz não é uma maldição de Deus, mas sim um sacrifício para a nossa redenção: “Não foi Deus quem amaldiçoou Cristo mas Cristo, um inocente, assumiu a maldição da lei por nós”⁶¹⁵. A exemplo do Apóstolo, pode-se igualmente dizer que tal salvação pode ser definida como nova criação, o esplendor de luz que iluminou o seu mundo interior e tirou o universo das trevas⁶¹⁶.

O Apóstolo não se desvincula da história, mas parte da cruz como lugar de morte de Jesus de Nazaré com a expressão: “escândalo na cruz”⁶¹⁷. Venerar um crucificado como Filho de Deus parecia, aos judeus, um escândalo teológico e, ao mundo grego-romano, uma loucura. Paulo se encontrou com a própria Sabedoria. Dela, nasce um novo homem: de pecador, tornou-se crente, e, de perseguidor, Apóstolo do Crucificado Ressuscitado. Ele experimentou em sua nova vida a graça da salvação, na qual tudo deriva da morte de Cristo. Com a “conversão”⁶¹⁸, a confiança

⁶¹³ VAN THUAN, François X. N. **Testemunhas da Esperança**. São Paulo: Cidade Nova, 2014. p. 86-87.

⁶¹⁴ VAN THUAN, 2014. p. 86-87.

⁶¹⁵ SCHNELLE, Udo. **Paulo Vida e Pensamento**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 98.

⁶¹⁶ BARBAGLIO, 1989, p. 19. (Cf. 2Cor 4,6).

⁶¹⁷ 1Cor 1,25; Gl 5,11. KUHN, H. Wolfgang. **Jesus als Gekreuzigter, in der frühchristlichen Verkündigung bis zur Mitte** des 2...Aufl., EWNT 3 (1992), pp. 36s.

⁶¹⁸ “A conversão não é um ato singular, mas um processo de realização ao longo da vida inteira, ela não pode ser fixada em um momento concreto”. Cf. HAACKER, K. **Zum Werdegang des Apostels Paulus**. ANRW 26.2. Nova Iorque: 1995. pp. 896-898.

em si mesmo foi derrotada. Agora, Paulo crê em Jesus Cristo. Ele abandona a lógica da onipotência e reconheceu ser dependente do Crucificado Ressuscitado.

Para os judeus que depositavam a sua esperança nas obras e delas esperavam a salvação, a cruz é “*skandalon*, armadilha, pedra de tropeço”⁶¹⁹; tal fato parece contradizer a própria essência de Deus, que se manifestou durante toda a história da salvação. Basta observar toda aquela trilha salvífica por onde Deus conduziu seu povo, do Egito ao Sinai: do Sinai, através do deserto, à toda a terra prometida, com grandes sinais e prodígios. Por outro lado, os gregos, cujo critério para se opor à cruz é a razão, julgavam-se emancipados demais e preferiam focalizar os fatos sob prismas científicos. Acreditavam que a cruz se opunha à sabedoria humana e seria sinal de morte, loucura, literalmente insipiência, isto é, alimento sem sal. Além do mais, era inconcebível que Deus pudesse tornar-se homem e acabar em uma cruz. Isso era algo “insensato demais para a mentalidade intelectual grega”⁶²⁰.

A cruz passa a ter um primado fundamental na história da humanidade. Em Paulo, ela representa o ponto principal de sua teologia e funciona como o meio pelo qual a salvação é concedida à toda a criatura. O tema da cruz de Cristo torna-se elemento essencial e primário de sua pregação. Do ponto de vista humano, ou melhor, para um mundo acostumado com vitórias e grandes conquistas, a linguagem da cruz constitui uma expressão de escândalo, loucura e contradição. Embora os militares romanos fizessem uso da crucifixão como um instrumento de tortura para aterrorizar os povos subjugados, a fim de submetê-los ao regime imperial, Paulo coloca a cruz - algo tão desprezível aos olhos dos gregos e dos judeus - no centro de sua pregação. A cruz, em Paulo, “é simultaneamente um evento passado e um acontecimento salvífico duradouro, pois ela pode ser compreendida em seu significado verdadeiro somente na atuação de Deus em Jesus Cristo”⁶²¹.

Na comunidade de Corinto, diante de uma Igreja dividida, marcada por desordens e escândalos, onde a comunhão era ameaçada por partidos e divisões internas que debelavam a unidade do Corpo de Cristo, o Apóstolo apresenta-se não simplesmente com sua oratória, nem tão pouco com a sabedoria das palavras, mas

⁶¹⁹ BENTO XVI. Audiência Geral. Quarta-feira, 29 de Outubro de 2008. São Paulo (10). A importância da Cristologia - A teologia da Cruz – Disponível em> https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029.html.< acesso dia 26-07-2016.

⁶²⁰ BARRETT, Charles Kingsley. *The First Epistle to the Corinthians*. N. York: Harper & Row, Publishers. 1968, p. 184. Tradução nossa.

⁶²¹ REIMMUTH, Eckart. *Narratio und argumentatio* - zur Auslegung der Jesus-Christus-Geschichte im Ersten Korintherbrief. In ZThK 92. 1995, p. 24s. Tradução nossa.

anuncia Cristo crucificado. Ele viu no Evangelho a “única força para sustentar um novo tipo de sociedade sem a dominação de raça, de cultura, de ideologia, do econômico/político/social, do sexo e da religião”⁶²². Ele deixa bem claro, não somente aos coríntios, mas a todos nós, incluindo os cristãos pós-modernos, que o Ressuscitado é sempre Aquele que foi crucificado. Pois, somente Jesus Cristo crucificado ressuscitado é a verdadeira Sabedoria do Pai.

Como remate, é importante frisar que o escândalo e a loucura da Cruz⁶²³ encontram-se exatamente no fato de que onde parece existir falência, dor e derrota, exatamente aí está todo o poder do Amor ilimitado de Deus, porque a cruz é a expressão de amor, e o amor é o verdadeiro poder que se revela precisamente nesta aparente debilidade. Deste modo, a Sabedoria e o Poder estão totalmente do lado de Deus, embora a sua maneira de agir pareça sobremaneira fraca e tola aos olhos dos homens. Por isso, aceitar a Cruz de Cristo exige uma profunda conversão no modo de se relacionar com Deus, com as pessoas, com os diferentes, com o império, uma vez que, na comunhão com Cristo, entra somente quem participa de sua morte. Neste capítulo, apresentaremos como meta ao cristão de hoje a Sabedoria da Cruz de Cristo, que, para o Apóstolo Paulo, realiza-se na “construção e na comunhão nas diferenças”⁶²⁴.

4.1 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE DE CORINTO

Antes de entrar em Corinto, o Apóstolo Paulo, em várias ocasiões, em sua vida itinerante, vivenciou, diante do anúncio do Evangelho, fadigas e perigos, além de uma amarga experiência de rejeição. Foi tido insipiente, desprovido de relevância, e indigno de ser considerado no plano da lógica racional. Sua experiência em Corinto, também se configurou pela presença de desafios. Os gregos, viam a perfeição no espírito, no pensamento puro. Para eles, era inaceitável que Deus pudesse tornar-se homem, imergindo-se em todos os limites do espaço e do tempo. Nesse contexto, dentro da lógica grega, era inconcebível acreditar que um Deus pudesse acabar numa Cruz.

⁶²² FERREIRA, Antonio Joel. **Primeira Carta aos Coríntios. A Sabedoria Cristã e a Busca de sociedade** Alternativa. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 21.

⁶²³ WILCKENS, Ulrich. **Weisheit und Torheit**. BHT 26, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1959.

⁶²⁴ MURPHY O'CONNOR, Jerome. **São Paulo e a Moral do nossos Tempos**. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 14-18.

Seguindo o livro dos Atos dos Apóstolos, quando Paulo chegou em Atenas, cidade situada na parte continental da Grécia, cidade de Sócrates, Péricles e de Platão, tudo passava pelo crivo crítico da razão. Embora os tempos fossem outros, a Atenas do primeiro século d.C. ainda exercia um forte fascínio sobre os seus grandes filósofos, poetas e artistas. Anteriormente, a cidade passara por guerras republicanas. Em virtude de várias derrotas, Atenas ficou reduzida a uma cidade provinciana. Contudo, continuou sendo um centro atrativo para os cultivadores das artes e dos estudos. No período em que Paulo a conheceria, sua população girava em torno de cinquenta mil pessoas⁶²⁵.

Segundo consta, em solo grego, o espírito do Apóstolo inflama-se ao ver a cidade tão entregue à idolatria⁶²⁶. Para Paulo, os monumentos de Atenas não passavam de ídolos. Nessa cidade, a idolatria era tão grande que, para não correrem o risco de atrair sobre si a ira de alguma divindade, cuja existência pudessem ignorar, seus habitantes chegaram a erigir um altar “ao Deus Desconhecido”⁶²⁷. O Apóstolo não obteve sucesso em sua tentativa de anunciar Jesus e a Ressurreição. Os atenienses imaginaram que Paulo estivesse falando sobre um casal de deuses, ou seja, de duas divindades: A Ressurreição era considerada como uma deusa (grega Anástasis), parceira de Jesus⁶²⁸. Os gregos pensavam que, de fato, tratava-se de uma nova doutrina e queriam saber sobre ela, fato que os levou a ouvi-lo.

As escolas filosóficas mais difundidas nesse período imperial eram: o epicurismo e o estoicismo. Embora houvesse uma profunda diferença entre ambas, o cristianismo, que foi favorecido por alguns de seus aspectos, acabou esbarrando naquilo que, para elas, era comum, a saber: “a rejeição de um Deus pessoal absolutamente distinto do universo, certo humanismo, um racionalismo fundamental”⁶²⁹. Foram exatamente os filósofos epicureus e estóicos, frequentadores da ágora, que conduziram Paulo ao Areópago. A ágora era o centro da vida de Atenas. Tratava-se de um lugar de reunião do conselho da cidade (At 17,19-21).

Como poderiam compreender um Deus que se tornou homem, foi derrotado e que, depois, chegaria mesmo a resgatar o seu corpo para viver como ressuscitado?

⁶²⁵ MCKENZIE, 2008, p. 188.

⁶²⁶ Cf. At 17,16.

⁶²⁷ At 17,23. Cf. GÄRTNER, Bertik. *The Aeropagus Speech and Natural Revelation*. Uppsala: Gleerup, 1955. Tradução nossa.

⁶²⁸ A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2082; HAWTHORNE, 2008, p. 129.

⁶²⁹ BÍBLIA TEB, 1994, p. 2139.

No Areópago de Atenas, quando começou a falar de Jesus Ressuscitado, com desprezo, os atenienses disseram ao Apóstolo: "Ouvir-te-emos falar sobre isto outra vez"⁶³⁰. Julgavam uma perfeição o libertar-se do corpo, concebido como prisão; portanto, como não considerar uma aberração o resgate do próprio corpo? Na cultura antiga, não parecia existir espaço para a mensagem de um Deus encarnado. Todo o acontecimento "Jesus de Nazaré" parecia ser caracterizado pela mais total insipiência e, sem dúvida, a Cruz era o seu ponto mais emblemático. É bem verdade que Deus não é alheio à cultura grega, o "Deus desconhecido por eles esperado", a constitui "a verdadeira resposta às mais profundas interrogações da sua cultura"⁶³¹.

Parece que, em Atenas, a pregação do Apóstolo não impressionou muito. Lucas confirma essa posição, pois somente Damaris e Dionísio, o Areopagita, são mencionados explicitamente como cristãos⁶³². Não há notícias sobre uma eventual fundação de comunidade em Atenas. Depois da missão nesta cidade, o Apóstolo parte para a cidade de Corinto, a verdadeira metrópole do mundo grego. A nossa principal fonte de informação sobre a história da Igreja apostólica de Corinto se encontra no livro dos Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, no ano 80 d.C. Paulo chegou a Corinto⁶³³ inicialmente sozinho, no fim do inverno de 50-51 d.C. Isso se deu durante a sua segunda viagem missionária⁶³⁴. Paulo permaneceu em Corinto em torno de um ano e seis meses⁶³⁵. Os Atos dos Apóstolos também testemunham que os aborrecimentos vindos da parte do meio judaico não cessaram e Paulo foi levado diante do tribunal de Galião, procônsul romano da província da Acaia. Dessa forma, a verdadeira relação entre Paulo e Corinto só pôde ser conhecida através das suas próprias cartas.

No que se refere à fundação da comunidade, somos informados, nos Atos dos Apóstolos (18), que Paulo se hospedou na casa de Áquila e Priscila, casal recém chegado de Roma. Juntamente com todos os judeus, eles haviam sido expulsos da

⁶³⁰ At 17,32.

⁶³¹ BENTO XVI. Audiência Geral de 27 de agosto de 2008: São Paulo (2), A vida de São Paulo antes e depois de Damasco. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080827.htmlportuguese>Acesso em 08-07-2016.

⁶³² Cf. At 17,34

⁶³³ Sobre a comunidade de Corinto consulta: WISEMAN, James. **Corinth and Rome I**: 228 B.C.-A.D 267, in ANRW n. 7.1. Nova Iorque: 1979, pp. 438-548.

⁶³⁴ Cf. At 17,16-34. Cf. LÜDEMANN, Gerd. **Das frühe Christentum nach den Traditionen der Apostelgeschichte: ein Kommentar** (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1987). pp. 192-202.

⁶³⁵ At 18,11.

capital romana pelo imperador Cláudio⁶³⁶. Áquila e Priscila são de origem judaica, mas devem ter-se convertido cristãos já antes de se encontrarem com Paulo. O Apóstolo passou a trabalhar no mesmo comércio de confecção de tendas que eles⁶³⁷ e, aos sábados, pregava nas sinagogas.

Crispo, pessoa importante na comunidade judaica, creu, juntamente com sua família e seus serviçais, e abraçou a fé cristã⁶³⁸. O mesmo aconteceu com Estéfanos e sua família, bem como Gaio e Sóstenes. Estes foram os primeiros a serem batizados – com exceção do último, batizado pelo próprio apóstolo⁶³⁹. De acordo com o livro dos Atos dos Apóstolos, eles foram os únicos judeus convertidos em Corinto. Mas, sabe-se que muitos coríntios creram e foram batizados.

Os primeiros cristãos da comunidade de Corinto apresentavam uma diversidade cultural, religiosa e social que também se refletia de maneira especial na comunidade. A maior parte dessa comunidade era composta de pessoas que pertenciam às classes humildes, a saber: escravos, operários e pequenos artesãos⁶⁴⁰. Tais pessoas eram consideradas loucas, fracas, desprezíveis, vis e sem nenhum valor⁶⁴¹. Além deles, também havia pessoas que pertenciam à classe rica, como o próprio Crispo e Erasto, que possuía, em Corinto, um alto cargo de administrador da cidade⁶⁴². As reuniões dos cristãos coríntios ocorriam em várias comunidades domésticas⁶⁴³, em praças públicas, e contavam com a participação da comunidade inteira⁶⁴⁴. Paulo também alugava salas públicas e aproveitava igualmente de seu trabalho artesanal para atuar como missionário⁶⁴⁵. Como acontecia no caso de

⁶³⁶ At 18,2. Confirma sobre o Édito de Cláudio. Roma conta aproximadamente com quarenta mil judeus. NOETHLICH, Karl Leo. *Das Judentum und der römische Staat. Minderheitetenpolitik im antiken Rom*. Darmstadt: 1996. p. 10. De acordo com o alemão Riesner, houve um número considerável de judeus expulso de Roma neste período. Cf. RIESNER, Rainer. *Die Frühzeit des Apostles Paulus*. Tübingen: Mohr, 1994. pp. 177-179.

⁶³⁷ At 18,3.

⁶³⁸ At 18,8.

⁶³⁹ Cf. 1Cor 1,14s.

⁶⁴⁰ Cf. 1Cor 12,2; 8,10; 10,27.

⁶⁴¹ Cf. 1Cor 1,26; 7,21; 11,22b.

⁶⁴² Cf. 1Cor 1,14; Rm 16,23.

⁶⁴³ Cf. 1Cor 14,23. GEHRING, Roger W. *Hausgemeinde und Mission. Die Bedeutung antiker Häuser und Hausgemeinschaften – von Jesus bis Paulus*, BWM 9. Giessen: Brunen Verlag, 2000. pp. 311-328.

⁶⁴⁴ Cf. 1Cor 14,16; 16,19; Rm 18,23, At 18,7.8. At 17,16-34. BROCKE, Christoph vom. *Thessaloniki. Stad des Kassander und Gemeinde des Paulus: eine frühe christliche Gemeinde in ihrer heidnischen Umwelt*. Tübingen: 2001. p. 151.

⁶⁴⁵ Cf. AUNE, David E. *Romans as a Logos Protreptikos*. The Romanans Debate. Ed. Donfried. pp. 112s. O autor ressalta sete espaços da atuação paulina (sinagoga, casas particulares, espaços públicos, a escola de Paulo, oficinas, praças públicas e prisão) e constata depois com razão: “There is no reason, however, why of these settings should be considered inappropriate for Paul’s teaching ministry” (Não há

pregadores cínicos⁶⁴⁶, seu trabalho garantia sua independência financeira⁶⁴⁷ e a liberdade intelectual.

4.2 OS CONFLITOS DA COMUNIDADE

Embora a comunidade de Corinto fosse viva e muito fervorosa por ser constituída por uma grande mistura de raças, tal diferença cultural⁶⁴⁸ acabou por promover um confronto entre correntes de pensamento e de religião muito diversas, o que resultou em alguns conflitos e divisões no anúncio da mensagem cristã. As questões abordadas derivaram em grande parte do fenômeno da inculturação do Evangelho em ambiente helenista. Haviam-se passado cinco anos desde que a comunidade tinha sido fundada. Paulo recebe informações, por meio dos familiares de Cloé⁶⁴⁹ que vieram encontrá-lo, acerca dos problemas da comunidade. O objetivo era pedir ao Apóstolo instruções.

O contato da jovem fé cristã com Corinto, a capital do paganismo, suscitou, para os cristãos, conflitos, como: divisões amargas (3); permissão de vícios entre eles (6 e 9); abuso da liberdade cristã (8 e 9); deixaram-se influenciar por mestres legalistas, que ensinavam de maneira contrária a de Paulo (9); corromperam as formas cristãs de adoração, agindo de forma ultrajante, até mesmo quando da participação na Ceia do Senhor, comendo em excesso, deixando-se embriagar e

nenhum motivo, porém, para considerar qualquer um desses cenários inapropriado para o ministério paulino de ensinamento). p. 113.

⁶⁴⁶ EBNER, Martin. **Leidenslisten und Apostelbrief**. fzb 66. Würzburg, 1991. pp. 70s. "Pois é absolutamente claro que se espera de um homem livre que ele trabalhe pessoalmente para conseguir o que é necessário para a vida, em vez de recebê-lo de outros. Pois é claramente muito mais honroso não precisar para suas próprias necessidades inevitáveis de nenhum outro ser humano do que precisar dele". Os cínicos incluem o trabalho manual no programa contrastante de toda sua existência, já que ele era especialmente adequado para realizar ao lado de conversas doutrinárias, demonstrar a sintonia entre ensinamento e vida e preservar a independência.

⁶⁴⁷ Cf. 1Cor 9,18.

⁶⁴⁸ Trata-se em Corinto de um plural de conflitos que se tem causas distintas e precisam ser captados mitologicamente em planos distintos (sociológico, teológico, cultural-científico, histórico-religioso). Cf. BAIRD Robert Willian. **One Against the Other**. Intra-Church Conflict in: 1 Corinthians. in *The Conversation Continues: Studies in Paul & John In Honor of J. Louis Martyn* (ed. Robert T. Fortna and Beverly R. Gaventa; Nashville: Abingdon Press, 1990), pp. 116-36; MITCHELL, Margaret Mary. **Paul and the Rhetoric of Reconciliation: An Exegetical Investigation of the Language and Composition of 1 Corinthians** (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992); HORSLEY Richard A. **"Paul's Assembly in Corinth: An Alternative Society,"** in *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches* (ed. Daniel N. Schowalter and Steven J. Friesen; Harvard theological Studies 53, Cambridge, Mass, and London: Harvard University Press, 2005), pp. 242-252.

⁶⁴⁹ 1Cor 1,11. Cf. ROSSANO, Pietro. **Nuovissima Versione Della Biblia**. Le Lettere Di San Paolo. n. 47. Torino: Edizione Paoline. 1985, p. 113.

negligenciando os menos favorecidos da Igreja, que ficavam com fome e esquecidos (10); o abuso em relação aos dons, criando desordem nos cultos da Igreja (12-14); falsas doutrinas a respeito da ressurreição (15). Isto posto, é na solução desses problemas que o Apóstolo se empenha em escrever esta Primeira Carta aos Coríntios. Acabou, assim, deixando um grande legado à comunidade de Corinto e à toda a humanidade. Ele escrevia as cartas como via de “regra, como substitutivo para a sua presença em suas comunidades”⁶⁵⁰.

A medida preventiva de Paulo era evitar tudo o que não levasse à santidade. E, para chamar atenção, ele, colocando-se na condição de um pai que se dirige aos filhos, mostra à comunidade, como “corpo de Cristo”, que o caminho não é outro senão o da cruz que deve ser imitado⁶⁵¹. Como se pode observar, a comunidade é fundada na cruz de Cristo. Finalmente, o Apóstolo introduz a cruz de Cristo como critério de reconhecimento de Deus, do mundo e de si mesmo, uma vez que a cruz desconstrói qualquer autoveneração, autossuperestimação. Paulo não argumenta sobre a cruz, ele fala a partir dela, uma vez que Deus escolheu a cruz como lugar de sua Sabedoria. Desse modo, Jesus Cristo se tornou para a comunidade a “Sabedoria de Deus” (1Cor 1,24).

4.3 CONTEXTO HISTÓRICO DA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

Tal como se dá com qualquer outro documento do Novo Testamento, os vários fatores sociológicos, econômicos e religiosos que compõem o meio ambiente da cidade de Corinto exercem uma profunda influência sobre a compreensão das cartas de Paulo para a Igreja. Destacaremos algumas características sociológicas de Corinto, de maneira especial, as que gozam de grande relevância, juntamente com o ambiente religioso e filosófico da região, a saber: origem, localização e sua importância comercial.

Corinto (em grego: *Κόρινθος*, transl. *Kórinthos*) tem uma história milenar⁶⁵². Trata-se de uma cidade grega localizada na pequena faixa de terra, Istmo no nordeste da Península do Peloponeso, sobressaindo ao sul por uma colina íngreme de “607

⁶⁵⁰ BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. p. 19.

⁶⁵¹ 1Cor 4,14-17.

⁶⁵² FITZMYER, Joseph A. **First Corinthians**. New Haven and London: Yale University Press, 2008, pp. 21-29.

metros de altura, aproximadamente, a Acrocorinto”⁶⁵³. Era governada por Esparta: “Foi lá que o uso original da palavra istmo (estreito, passagem estreita) começou”⁶⁵⁴. O istmo tem cerca de dezesseis quilômetros de extensão e seis de largura, ligando o continente ao Peloponeso. A posição geográfica de Corinto sempre foi invejável. Ela ocupava um ponto estratégico na rota marítima entre o Ocidente e o Oriente, o que favoreceu muito o comércio. Por ocupar tal posição estratégica no istmo, Corinto controlava as comunicações entre a Grécia continental e o Peloponeso. Todas as transações nos dois mares levaram-na à comunicação com a “Ásia no oriente e com a Itália no ocidente. O máximo esplendor da antiga Corinto grega se dá com o governo dos Baquíadas, do século VIII ao VI a.C. ao qual sucede o da família de Cipselo”⁶⁵⁵. Neste momento, Corinto chega a um grande apogeu. Era chamada a “luz de toda a Grécia”, por Cícero⁶⁵⁶.

Corinto se situava em torno de uma colina íngreme, chamada Acrocorinto. Nos séculos seguintes, ela disputa com Atenas, Tebas e Esparta a supremacia política e busca o poder e o controle do comércio nos territórios da Ática e do Peloponeso, chegando o conflito até a colônia coríntia de Siracusa: “Após a conquista de Felipe II, o macedônio no ano 335 a.C., Corinto é declarada cidade livre, e em 196 se torna cidade piloto da liga aquéia. Como tal, sofre as consequências da intervenção repressiva romana”⁶⁵⁷.

A antiga Corinto fora destruída por Roma em 146 a.C., pelo general romano Lúcio Múmio⁶⁵⁸, que “sucedeu ao cônsul Metelo na guerra contra a liga aquéia liderada por Corinto. Depois da vitória sobre Déio, ocupou a cidade, a saqueou e a destruiu, enviando seus tesouros para Roma”⁶⁵⁹. Corinto perdeu grande parte da população masculina e os libertos, as mulheres e crianças foram escravizadas e suas edificações referenciais foram quase todas destruídas⁶⁶⁰. Por cem anos, a área esteve largamente desabitada. A Corinto do Novo Testamento foi reconstruída por Júlio César, no ano

⁶⁵³ BROWN, 2004, p. 678.

⁶⁵⁴ HALE, 2001, p. 211.

⁶⁵⁵ FABRIS, 2008, p. 352.

⁶⁵⁶ apud BROWN, 2004, p. 678.

⁶⁵⁷ FABRIS, 2008, p. 353.

⁶⁵⁸ SUETÔNIO, 2004, p. 327.

⁶⁵⁹ FABRIS, 2008, p. 352.

⁶⁶⁰ BARRETT, Charles Kingsley. *The First Epistle to the Corinthians*. N. York: Harper & Row, Publishers, 1968, p. 1968. p. 2.

44 a.C., como uma colônia romana⁶⁶¹, no mesmo lugar da Corinto destruída⁶⁶². Devido à população inicial de soldados romanos, “Corinto logo superou Atenas em importância para os romanos, e em 27 a.C., tornou-se a capital da Província Senatorial Romana de Acaia, sob o governo de um procônsul”⁶⁶³.

Assim como outra cidade ocupada, Corinto deveria respirar o ar romano⁶⁶⁴. Em virtude de sua localização, a cidade experimentou um notável desenvolvimento comercial. Tinha uma fértil planície que se estendia por toda a sua costa. Era chamada de opulenta por causa dos seus comércios marítimos. Situava-se entre os seus dois portos: Lequeu, (cerca de três quilômetros para o oeste) no golfo de Corinto, aberto para o mar Adriático; e Cencreia, cerca de treze quilômetros para o leste no golfo Sarônico, aberto para o mar Egeu. As mercadorias eram transportadas de um porto para o outro. O transporte era realizado através de carretas chamadas *holkós*, e estas eram puxadas com a força animal, através do istmo, numa pista “pavimentada de mais ou menos três metros e meio de largura, chamada *Diolkós*, do verbo *diélkein*, arrastar, transportar”⁶⁶⁵, desde o golfo Sarônico, no mar Egeu, até o Golfo de Corinto, no mar Jônico, e vice-versa. Para utilizar essa pista, pagava-se uma taxa pelo transporte, gerando um alto lucro para o proprietário e não para o estado.

Devido às suas habilidades, desde tempos antigos, Corinto tornara-se um centro de indústria naval: construiu o primeiro navio grego trirreme, remado por escravos, durante o Império Romano, era o porto base da marinha romana⁶⁶⁶. Era também conhecida por seus produtos de bronze⁶⁶⁷, apreciados no mundo inteiro. Isso nos “leva à constatação de que o poder econômico e político estavam concentrados nas mãos de poucos privilegiados, que viviam explorando os pobres e escravos”⁶⁶⁸. Ela também se destacava pela sua indústria de porcelana. Além disso, em Corinto, havia um grande número de tecelões e manufactureiros.

⁶⁶¹ Cf. THRALL, Margaret E. *The First and Second Letters of Paul to Corinthians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

⁶⁶² WALTERS, James. *Civic identity in Roman Corinth and its impact on Early Christians*. In: SCHOWAL – TER, D. N.; FRIESEN, Steven J. *Urban religion in Roman Corinth: interdisciplinary approaches*. Massachusetts: Harvard Theological Studies: 2005, pp. 397- 417.

⁶⁶³ HALE, 2001, p. 222.

⁶⁶⁴ SANDERS, Guy D. R. *Urban Corinth: na introduction*. In: SCHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban religion in Roman Corinth: interdisciplinary approaches*. Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005, p. 11-24.

⁶⁶⁵ FRABRIS, 2008, p. 347.

⁶⁶⁶ HALE, 2001, p. 221.

⁶⁶⁷ MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *St. Paul’s Corinth: Texts and Archaeology*, GNS, 6, Wilmington, DE, Michael Glasier, 1983. pp. 50-76.

⁶⁶⁸ BORTOLINI, 2002, p. 13.

Corinto era seguramente o mais importante centro comercial do sul da Grécia daquela época. Atraía gente de todas as raças e religiões e havia conseguido uma reputação internacional. Todos vinham à procura de trabalho, conforto e lazer. A população da cidade era cosmopolita: “Era habitada por italianos, gregos, egípcios, sírios, judeus. Pessoas de diferentes raças traziam para Corinto sua herança intelectual, seus costumes sociais, suas crenças e práticas religiosas”⁶⁶⁹. Por ser uma cidade greco-romana relativamente nova, não tinha ainda uma definição cultural. Por suas estradas, muitos trafegavam.

4.3.1 Contrastes Sociais de Corinto: Religião e Cultura

Embora a cidade de Corinto gozasse de uma grande riqueza, o luxo excessivo de uns contrastava com a miséria do povo em geral. Havia um grande número de escravos e pobres⁶⁷⁰. Sobre os primeiros, sabe-se que havia um grande comércio atacadista de escravos do Império, pois era oficializado o sistema escravagista⁶⁷¹. Com base na população de cerca de “600.000 habitantes estimou-se que somente 140.000 eram livres. Cerca de 60.000 escravos eram vendidos em um único dia”⁶⁷². Em virtude do aquecimento comercial de escravos, os mais fortes eram criados como animais. E os demais escravos, tidos como sem valor comercial, eram descartados e poderiam ser eliminados⁶⁷³.

Dentre os integrantes da classe livre de Corinto, estavam: “grandes comerciantes, industriais, latifundiários, armadores, banqueiros, militares, representantes do imperialismo e da ideologia dominante”⁶⁷⁴. Sabe-se que a lei, a cultura e as religiões romanas eram dominantes em Corinto e a língua oficial era o latim. Porém, “inscrições mostram o uso difuso do grego, a língua do comércio”⁶⁷⁵. Corinto era a cidade dos contrastes.

⁶⁶⁹ HOEFELMAUN, 1990, p. 25.

⁶⁷⁰ BRADLEY, Keith R. *Slaves and Masters in the roman Empire*. A Study in social Control. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987.

⁶⁷¹ GARNSEY, Peter. *Famine and Food Supply in the Graeco Roman World*. Cambridge University Press: 1988, pp. 167-244.

⁶⁷² HALE, 2001, p. 222.

⁶⁷³ Ibid., p. 222.

⁶⁷⁴ HOEFELMAUN, 1990, p. 25.

⁶⁷⁵ BROWN, 2004, p. 678.

A imoralidade, a corrupção e a ganância eram grandes: “A religião praticada era politeísta, isto é, cultuavam-se os mais diversos deuses romanos, gregos e egípcios”⁶⁷⁶. Corinto era intelectualmente arrogante, materialmente próspera e moralmente corrupta. Em função de seu forte comércio e das viagens marítimas, era de uma moral decadente⁶⁷⁷. Havia pecado em todas as formas. Nela, grassava principalmente a corrupção sexual: “Em vista da fama da cidade, Aristófanes (c.450-385 a.C.) chegou a inventar a palavra *Korinthiazesthai* (‘agir como um coríntio’, cometer adultério). Platão usou a expressão ‘garota coríntia’ como eufemismo para prostituta”⁶⁷⁸.

Devido ao fato de ser uma cidade com várias religiões e à circunstância de ter sido fundada por uma colônia romana, havia, dentro da cultura de Corinto, uma propensão ao culto e à adoração aos deuses. Entre eles, é possível citar o deus grego equivalente ao deus romano Baco, considerado, de maneira especial, o deus dos ciclos vitais, das festas, do vinho, da alegria, do prazer, do lazer, do pão e da vegetação. Em grego, ele era conhecido como Dionísio, filho de Zeus e da princesa Semele. Foi o único deus filho de uma mortal, o que o faz uma divindade grega atípica.

As divindades gregas comuns eram veneradas nos templos. Corinto estava cheia de locais religiosos pagãos (cf. 1Cor 8,4-6; 10,14; 20-30). A “deusa Roma tinha de ser adorada, juntamente com a dedicação dos Césares. Os deuses romanos Júpiter, Marte e Vênus também eram adorados”⁶⁷⁹ e tinham muitos adeptos. Os deuses egípcios Serápis e Isis⁶⁸⁰ também possuíam templo no qual eram cultuados. Além do grande templo de Apolo, havia vários outros templos dedicados a Atenas e a Poseidon, o protetor dos navegantes. Os jogos pan-helênicos, “celebrados em honra de Poseidon, segundo uma das duas tradições, foram instituídos por Sísifo, rei de Corinto, para celebrar o deus marinho Palemon, ao qual é dedicado o santuário de Palémion”⁶⁸¹. A estrada que leva a Corinto passa exatamente na cidade Istmia, local

⁶⁷⁶ STRABELI, 1998, p. 11.

⁶⁷⁷ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Editores). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Academia Cristã/Paulus: Santo André, 2011, p. 454.

⁶⁷⁸ MURPHY-O’CONNOR, 1983. pp. 50-76.

⁶⁷⁹ HALE, 2001, p. 222.

⁶⁸⁰ TAMBASCO, Anthony J. *In the Days of Paul. The Social World and Teaching of the Apostle*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2006, p. 63.

⁶⁸¹ FABRIS, 2008, p. 349-350.

onde se encontrava o santuário dedicado a Poseidon. Isso nos leva a supor que a “construção civil também formava importante elemento da economia de Corinto”⁶⁸².

Os jogos ístmicos compreendiam várias provas: corridas, lançamento, salto pentatlo, corridas a cavalo. Também havia concursos musicais, teatrais e de pintura. Esses jogos ístmicos aconteciam a cada dois anos e eram superados em importância apenas pelos jogos olímpicos. A coroa para os vencedores consistia num ramo de pinheiro sagrado que crescia junto ao altar de Palemon. Por controlar os jogos ístmicos, Corinto atraía atletas de todo o império para esta competição.

Havia também um importante santuário de Esculápio, o deus da medicina, abrangendo um templo e um hospital. Entretanto, o “maior dos santuários era o templo de Afrodite”⁶⁸³, a deusa da fertilidade, trazida para Corinto do Oriente. Em sua honra, foi construído, no topo de Acro Corinto, um templo que podia ser visto de toda parte da cidade. A natureza licenciosa da adoração, de acordo com Estrabo⁶⁸⁴, era provida por mil sacerdotisas, prostitutas sagradas dedicadas à glória da deusa. A própria cidade promovia esse culto de adoração a Afrodite, que tinha como duração dois dias por ano. Tal serviço era prestado pela sacerdotisa ou pelas mulheres responsáveis que tinham como sinal distintivo para tal serviço a cabeça raspada. Por isso, uma mulher com cabelo curto era reconhecida como quem estava a serviço ou recentemente havia terminado seus deveres cívicos no templo.

A cidade possuía banhos públicos, dois teatros (um deles com capacidade para dezoito mil pessoas sentadas) e um anfiteatro. Mas, essa cidade cosmopolita era também um centro intelectual onde todas as correntes de ideias estavam representadas. Vale dizer que, no século II, havia inúmeras escolas, muitos filósofos, embora não tivesse o status de Atenas do ponto de vista da cultura e do número grande de letrados.

Não podemos ignorar a realidade sociológica de Corinto, uma vez que as afirmações teológicas também estão sempre inseridas num contexto social que é um dos componentes que determina sua formação e sua compreensão. É preciso considerar que o Apóstolo traz como resultado tanto em termos históricos como teológicos, sua inserção na história conflituosa do cristianismo primitivo e sua força

⁶⁸² HOEFELMAUN, 1990, p. 25.

⁶⁸³ MCKENZIE, 2008, p.188.

⁶⁸⁴ STRABO. *The Geography of Strabo*. Cambridge, Mass: Harvard University Press. London: Willian Heinemann, 1924.

criativa para moldar algo novo. Dentro desse ambiente complexo, surge a primeira oportunidade de Paulo anunciar sua mensagem. Neste período, o Império Romano trazia aspecto favorável à difusão do cristianismo. Por via de regra, romanos e gregos não duvidavam da existência de outras divindades, sendo esse um fator que possibilitava a fusão de religiões. Os cultos aos deuses gregos (Dionísio, Átis) estavam abertos para a integração a divindades egípcias (Osíris, Ísis, Serápis)⁶⁸⁵. No âmbito desse sincretismo, cabia uma diversidade religiosa, que se desenvolvia em todas camadas da sociedade. Comerciantes, soldados e mercenários, escravos e viajantes propagavam, todos, suas respectivas divindades.

O Império Romano buscava limitar e canalizar as numerosas correntes religiosas e culturais dentro da “*Pax Romana*”⁶⁸⁶. Ela visava mostrar o objetivo da pessoa do imperador Augusto, de garantir a existência e a coesão do Império no sentido do direito sacro; mantinha a sociedade unida e garantia, com sua política, a paz e o bem-estar. Embora visasse tão somente os interesses do Império Romano, ela fornecia subsídios para a união política do Império, o crescimento econômico e a estabilidade legal e jurídica. Isso levava o oriente e o ocidente do Império a um comércio lucrativo, o qual contribuía para a difusão do Evangelho. Houve um grande número de comerciantes, viajantes e escravos que experimentaram o poder da evangelização. Paulo respeita a *pax romana* (cf. Rm 13,1-7).

Finalmente, diante do novo que era apresentado pelo Apóstolo, as diferenças entre as pessoas perdiam sua importância. Todos foram arrancados por Deus de sua vida antiga e colocados dentro de uma nova realidade que Paulo descreve como a existência em Cristo. Não foi a luta entre o pobre e o rico, escravo e senhor ou homem e mulher que determinava a realidade das comunidades cristãs-primitivas que surgiam, mas a participação mútua na união da comunidade fundada por Cristo.

4.4 ANÁLISE DE 1COR 1,17-25: PREGAÇÃO DO CRISTO CRUCIFICADO

Efetivaremos uma análise exegética de 1Cor 1,17-25, uma vez que esta perícopes trata de elementos fundamentais da teologia paulina que são abordados

⁶⁸⁵ CULMONT, F. *Die orientalischen Religionen im römischen Heidentum* (Darmstadt: 1975).

⁶⁸⁶ WENGST, Klaus. *Pax Romana, pretensão ou realidade*. São Paulo: 1986, pp. 19-71.

neste trabalho. O primeiro passo para tal tarefa, conforme Uwe Wegner⁶⁸⁷, é abordar o texto na sua fonte mais primitiva. No caso de nosso *corpus*, como acontece com os textos do Novo Testamento, este fora escrito originalmente em grego e, como se não bastasse, em uma redação antiga não mais em uso. Daí a necessidade, de acordo com o mencionado autor, de se dedicar especial atenção a sua tradução.

Posteriormente, o texto será brevemente avaliado na sua constituição literária de modo a evidenciar algumas de suas particularidades composicionais. Esse trabalho auxiliará na efetivação da última parte que é a análise e interpretação teológica.

4.4.1 Tradução Literal

Apresentamos, abaixo, um quadro com o texto bíblico de 1Cor 1,17-25, que está em sua versão original, na língua grega⁶⁸⁸.

- v. 17 *οὐ γὰρ ἀπέστειλέν με Χριστὸς βαπτίζειν ἀλλὰ εὐαγγελίζεσθαι οὐκ ἐν σοφίᾳ λόγου ἵνα μὴ κενωθῇ ὁ σταυρὸς τοῦ Χριστοῦ*
- v. 18 *Ὁ λόγος γὰρ ὁ τοῦ σταυροῦ τοῖς μὲν ἀπολλυμένοις μωρία ἐστίν τοῖς δὲ σωζόμενοις ἡμῖν δύνამις θεοῦ ἐστίν*
- v. 19 *γέγραπται γάρ Ἐπολω τὴν σοφίαν τῶν σοφῶν καὶ τὴν σύνεσιν τῶν συνετῶν ἀθετήσω*
- v. 20 *ποῦ σοφός ποῦ γραμματεὺς ποῦ συζητητῆς τοῦ αἰῶνος τούτου οὐχὶ ἐμώρανεν ὁ θεὸς τὴν σοφίαν τοῦ κόσμου*
- v. 21 *ἐπειδὴ γὰρ ἐν τῇ σοφίᾳ τοῦ θεοῦ οὐκ ἔγνω ὁ κόσμος διὰ τῆς σοφίας τὸν θεόν εὐδόκησεν ὁ θεὸς διὰ τῆς μωρίας τοῦ κηρύγματος σῶσαι τοὺς πιστεύοντας·*
- v. 22 *ἐπειδὴ καὶ Ἰουδαῖοι σημεῖα αἰτοῦσιν καὶ Ἕλληνες σοφίαν ζητοῦσιν*
- v. 23 *ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν Χριστὸν ἐσταυρωμένον Ἰουδαίοις μὲν σκάνδαλον ἔθνεσιν δὲ μωρίαν*

⁶⁸⁷ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 28.

⁶⁸⁸ O NOVO TESTAMENTO GREGO: com introdução em Português e dicionário grego português, 4ª. Ed. Ver. Burueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 483-484.

- v. 24 *αὐτοῖς δὲ τοῖς κλητοῖς Ἰουδαίοις τε καὶ Ἑλλῆσιν Χριστὸν θεοῦ δύναμιν αἰ θεοῦ σοφίαν·*
- v. 25 *ὅτι τὸ μωρὸν τοῦ θεοῦ σοφώτερον τῶν ἀνθρώπων ἐστίν καὶ τὸ ἀσθενὲς τοῦ θεοῦ ἰσχυρότερον τῶν ἀνθρώπων*

Para a tradução literal da perícope, o princípio de tradução a ser empregado é o da correspondência formal, que estará em um texto literal, semelhante ao que aparece nas “traduções interlineares ou justalineaes”⁶⁸⁹. Serão preservadas as “características originais de estilo, métrica e gramática”⁶⁹⁰, de tal modo que se manterá o mais fiel possível ao texto original, transpondo palavra por palavra, na tentativa de resultar num bom português que, de fato, “consiga reproduzir, da melhor maneira possível, as construções gramaticais, a ordem das palavras e a forma da língua original”⁶⁹¹.

Segue abaixo uma versão traduzida literalmente do texto de 1Cor 1,17-25:

- v. 17 De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para evangelizar, não na sabedoria da palavra, a fim de não esvaziar a cruz de Cristo.
- v. 18 De fato, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para aqueles que se salvam, a nós, é poder de Deus.
- v. 19 De fato, está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes.
- v. 20 Onde está o sábio? Onde está o homem letrado? Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século?
- v. 21 Com efeito, visto que o mundo, por meio da sabedoria, não conheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus, através da loucura da pregação, salvar os que crêem.
- v. 22 Com efeito, também os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria,
- v. 23 nós, porém, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios,
- v. 24 aos chamados, porém, judeus e gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus.

⁶⁸⁹ WEGNER, 2009, p. 30.

⁶⁹⁰ Ibid., p. 30.

⁶⁹¹ Ibid., p. 30.

v. 25 Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens.

4.4.2 Análise Literária

É sabido que a análise literária, também chamada de crítica literária, procede ao estudo intelectual dos textos enquanto “unidades literariamente formuladas e acabadas”⁶⁹². Sua preocupação, entre outras, é abordar, no texto, elementos como: o estilo, a forma, o conteúdo, a integridade e a coesão. Em seu estudo, Uwe Wegner diz que, dentre os objetivos de tal crítica, estariam: (1) a delimitação literária dos textos; (2) a estrutura literária dos textos⁶⁹³.

A seguir, a perícope de 1Cor 1,17-25 será analisada sob os dois pontos acima mencionados, tendo em vista determinar, com maior precisão e fidelidade, o texto grego, objeto da presente análise exegética. Isso se faz necessário devido à inexistência do texto original da carta de Paulo, dirigida à comunidade de Corinto, mas apenas cópias feitas ao longo dos séculos, com diferenças entre si.

4.4.3 Delimitação e Divisão do Texto

Há certa dificuldade com respeito à delimitação do início desta seção. Para boa parte dos estudiosos, a perícope inicia no v. 18⁶⁹⁴. A dificuldade com o v. 17, residiria no fato dele se apresentar como um versículo de transição: ao mesmo tempo que encerra a discussão sobre o batismo iniciada no v. 10, apresenta o novo tema: o repúdio à sabedoria da linguagem e a valorização da cruz de Cristo. No v. 17, é inserido uma nova temática, ao mostrar que a função do Apóstolo (evangelizar e não batizar) será determinada a partir da cruz de Cristo, motivo pelo qual parece adaptar-se melhor no bloco de 1,17-25. A conjunção *γὰρ*, que poderia ser atendida como conclusão do discurso iniciado no v. 10, parece ser um elemento estilístico para a construção do discurso de 1,17-25, repetida nos v. 18-19. Portanto, uma vez que não

⁶⁹² WEGNER, 2009, p. 84.

⁶⁹³ Ibid., p. 84.

⁶⁹⁴ Exemplo: BARBAGLIO. **As Cartas de Paulo (I)**. São Paulo: Paulinas, 1989; BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto**. São Leopoldo: Sinodal, 2008; GARLAND, David E. **1 Corinthians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

há cortes linguísticos decisivos⁶⁹⁵, decidiu-se pela questão temática delimitar a perícopo a partir do v. 17.

O v. 26 indica uma continuidade do discurso finalizado no v. 25, porém em tônica praxística. A seção compreendida entre os vv. 26-31 apresenta-se como um exemplo concreto do argumento que defende a tese levantada no v. 18, seguindo a antítese fraco/forte. Este argumento é concluído no v. 31: “[...] aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”.

A afirmação que segue em 1Cor 2,1 inicia outra perícopo, pois há mudança de gênero literário. Paulo inicia dando testemunho da sua passagem por Corinto, fala do método de evangelizar, não recorrendo à linguagem da sabedoria humana, mas anunciando Cristo crucificado.

4.4.4 Contexto Literário

Os exegetas usualmente compreendem a seção de 1,10 a 4,21 no contexto da discussão sobre os partidos na comunidade de Corinto⁶⁹⁶. Apontam-na como um discurso fechado, sendo considerado até uma carta completa, com uma conclusão tipicamente epistolar⁶⁹⁷.

Getty, assim como grande parte dos estudiosos do *corpus paulinum*, defende que a estrutura argumentativa seguida pelo Apóstolo em toda a Primeira Carta aos Coríntios pode ser apresentada no seguinte esquema: **A** introduz um assunto, **B** interrompe a discussão com outro tema e **A'** retoma um assunto, **B** interrompe a discussão com outro tema e **A'** retoma o assunto inicial. Em uma primeira visão, esta estrutura pode parecer bastante complexa e confusa. Entretanto, “a percepção de seu propósito e frequência ajuda-nos a ficar menos perplexos com o método de Paulo e a entender as implicações de toda sua perspectiva”⁶⁹⁸.

A introdução à Primeira Carta aos Coríntios da Tradução Ecumênica da Bíblia⁶⁹⁹ aprofunda esta proposta, propondo uma elaboração mais sofisticada do

⁶⁹⁵ Na verdade, a conjunção *ga.r*, que poderia ser entendida como conclusão do discurso iniciado no v. 10, parece ser um elemento estilístico para a construção do discurso de 1,17-25, uma vez que se repete nos v. 18 e 19.

⁶⁹⁶ SACCHI, Alessandro. *Lettere Paoline e altre lettere*. Torino: Elle Di Ci. 2002, p. 113; GETTY, M. A. 1 Coríntios. I., KARRIS, Rober J. (org.). *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 196; BARBAGLIO, 1989, p. 176-177.

⁶⁹⁷ BOSCH, Jordi Sanchez. *Escritos Paulinos*. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 183.

⁶⁹⁸ GETTY, 2002, p. 196.

⁶⁹⁹ NOVO Testamento. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 414.

esquema ABA' para os quatro primeiros capítulos da carta, especialmente diante das digressões ainda mais numerosas nesta seção. A divisão indicada é bipartida: a primeira parte, compreendida em 1,10– 3,23, contém uma exposição catequética sobre o tema; o capítulo 4 indica a aplicação parenética dos grandes princípios expostos. Neste primeiro recorte, pode-se enxergar o esquema AA1BA'1A'. Nele, duas desordens são anunciadas, representadas pela letra A e o princípio fundamental é proposto, representado pela letra B. Abaixo, um quadro oferece um aporte gráfico deste esquema:

Quadro 1 – Esquema ABA

		Versículos	Tema
Denúncia das desordens	A	1,10-16	As divisões
	A₁	1,17-25	A sabedoria humana
Apresentação do princípio fundamental	B	1,30	A existência cristã é uma existência no Cristo, fonte única de sabedoria e de salvação
Aplicação do princípio nas desordens	A'₁	3,1-16	Características da verdadeira sabedoria que é dom do Espírito
Conclusão	A'	3,18-23	Retomada das divisões e falsa sabedoria

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

A conclusão (A') apresenta uma estrutura em forma de quiasmo, que retoma o tema das divisões e falsa sabedoria, em ordem inversa da apresentada em 1,10-25: aquele que se crê sábio à maneira deste mundo deve aceitar o dom da sabedoria de Cristo, ainda que deva passar por louco aos olhos do mundo (3,18). Assim, a pertença a Cristo elimina as divisões, fazendo com que todos pertençam a Ele, dando também a liberdade e o domínio de todas as coisas (3,21-23).

Diante das complexas digressões no início de Coríntios, Barbaglio⁷⁰⁰ propõe uma estrutura mais sofisticada ao modelo **ABA'**, formando um modelo **ABABA** para a seção de 1,10-4,21. Para o autor, dois temas fundamentais são intercalados: o eclesiológico (unidade da Igreja e o papel dos pregadores), representado por **A** e a Cruz de Cristo e a Sabedoria Divina, antitética à humana, representado por **B**:

A 1,10-17: tema da unidade da Igreja.

B 1,18-25: antítese entre a pregação de Cristo crucificado e a sabedoria orgulhosa.

⁷⁰⁰ BARBAGLIO, 1989, p. 176-177.

- 1,26–2,5: dois exemplos desta antítese.
- 2,6-16: revela a existência de uma sabedoria cristã superior, centrada na cruz de Cristo.
- A** 3,1-17: retoma as divisões, mas em eco ao discurso anterior, esclarecendo o papel dos pregadores e mestres.
- B** 3,18-23: retoma a antítese sabedoria-tolice de forma exortativa.
- A** 4,1-13: aprofunda sobre o papel dos pregadores.
- 4,14-21: conclui com a ênfase em sua preocupação de único pai da Igreja de Corinto.

Neste esquema, fica mais evidente o papel central ocupado pelo discurso sobre Cristo crucificado e a sabedoria do mundo, que oferece a base teológica para a discussão sobre o papel dos pregadores e o tema das divisões na comunidade, como veremos a seguir. Portanto, a perícopes de 1Cor 1,17-25 está inserida no contexto das divisões da comunidade, apresentado nos quatro primeiros capítulos da carta. O Apóstolo começa seu discurso saudando e agradecendo a comunidade de Corinto. Em seguida, ele a exorta no que diz respeito à presença de divisões e escândalos. No que diz respeito às divisões, parte que especialmente nos interessa, ele destaca informação recebida sobre a existência de rixas e a origem de partidos na comunidade (v. 11-12) e pergunta: “Cristo estaria dividido?” (v. 13). Segundo o Apóstolo, foi Cristo quem realizou a expiação e nenhum outro ser humano. A esse respeito, o próprio Paulo diz não ter promovido vários batizados pois, caso o fizesse, poderia correr o risco de ser eleito herói pelos neófitos (vv. 14-15-16).

No recorte por nós estabelecido, Paulo, inicialmente, volta abordar o item batismo. Neste momento, o Apóstolo diz que sua missão é “pregar” o Evangelho e não “batizar” (v. 17). Para demonstrar tal ideia, ele usa o termo “mas” justamente para salientar a distinção entre os dois verbos. Ele prossegue destacando a linguagem da cruz (v. 18), assunto ainda a ser devidamente desenvolvido nesta parte do trabalho. No versículo seguinte, ele coloca em cheque a sabedoria dos sábios (v. 19), questionando aqueles que se julgam detentores da verdadeira sabedoria (v. 20) e mostrando que tal conhecimento é inoperante para a salvação da humanidade. A salvação só acontece mediante a loucura da pregação aos que crêem (vv. 21-23). Para estes – judeus e gregos – Cristo é poder e Sabedoria de Deus (vv. 24-25). O versículo 25 fecha a breve perícopes “com uma afirmação de caráter geral sobre a

superioridade do projeto divino, que transcende a sabedoria e a força dos projetos humanos”⁷⁰¹. Nele, o Apóstolo afirma que Cristo crucificado se tornou para nós Sabedoria proveniente de Deus.

Embora não faça parte do recorte escolhido, nos versículos 26-31, Paulo ainda transita pelo tema de nossa perícopos que é: Cristo – poder e Sabedoria de Deus. Considerando essa perspectiva, acreditamos que, conforme Bosch afirma, “Deus estaria desclassificando todo o carnal de modo que, em Cristo Jesus, voltássemos a ser algo”⁷⁰².

4.4.5 Análise Linguístico-Sintática

A presente análise linguístico-sintática objetiva efetivar a identificação das expressões mais utilizadas na perícopos selecionada, apontar a presença do vocabulário teológico para que seja possível esclarecer sua riqueza, ressaltar o estilo, como o jogo de palavras (semiótica) dentro do discurso de Paulo. Este tipo de análise destaca o objetivo da nossa pesquisa, que foi mostrar a Sabedoria na experiência de Cristo crucificado.

V. 17 οὐ γὰρ ἀπέστειλέν με Χριστὸς βαπτίζειν ἀλλὰ εὐαγγελίζεσθαι οὐκ ἐν σοφίᾳ λόγου ἵνα μὴ κενωθῇ ὁ σταυρὸς τοῦ Χριστοῦ

Quadro 2 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
Οὐ	Advérbio
γὰρ	Conjunção coordenada
ἀπέστειλέν	Verbo ἀποστέλλω indicativo aoristo ativo 3ps
Με	Pronome pessoal ἐγώ acusativo singular
Χριστὸς	Substantivo nominativo masculino singular
βαπτίζειν	Verbo βαπτίζω infinitivo presente ativo
ἀλλὰ	Conjunção coordenada
εὐαγγελίζεσθαι	Verbo εὐαγγελίζω infinitivo presente médio
Οὐκ	Advérbio οὐ
Ἐν	Preposição dativa
σοφία	Substantivo dativo feminino singular comum

⁷⁰¹ BARGAGLIO, 1989, p. 181.

⁷⁰² BOSCH, 2002, p. 183.

⁷⁰³ Identificada a partir do software Bible Works (BIBLEWORKS, LLC. Bible Works for Windows. Versão 7.0.012g. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2006. 1 CD-ROM).

λόγου	Substantivo <i>λόγος</i> genitivo masculino singular comum
ἵνα	Conjunção subordinada
μη	Partícula negativa participio
κενωθή	Verbo <i>κενώω</i> subjuntivo aoristo passivo 3ps
ὁ	Artigo definido nominativo masculino singular
σταυρός	Substantivo nominativo masculino singular comum
τοῦ	Artigo ὁ definido genitivo masculino singular
Χριστοῦ	Substantivo <i>Χριστός</i> nominativo masculino singular

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 18 Ὁ λόγος γὰρ ὁ τοῦ σταυροῦ τοῖς μὲν ἀπολλυμένοις μωρία ἐστίν τοῖς δὲ σωζόμενοις ἡμῖν δύναμις θεοῦ ἐστίν

Tabela 3 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
Ὁ	Artigo definido nominativo masculino singular
λόγος	Substantivo genitivo masculino singular comum
γὰρ	Conjunção coordenada
ὁ	Artigo definido nominativo masculino singular
τοῦ	Artigo ὁ definido genitivo masculino singular
σταυροῦ	Substantivo <i>σταυρός</i> nominativo masculino singular comum
τοῖς	artigo ὁ definido dativo masculino plural
μὲν	partícula <i>μέν</i> participio afirmativo
ἀπολλυμένοις	verbo <i>ἀπόλλυμι</i> participio presente médio ou passivo dative masculino na forma plural
μωρία	substantivo nominativo feminino singular comum
ἐστίν	verbo <i>εἰμί</i> indicativo presente ativo 3ps
τοῖς	artigo ὁ definido dativo masculino plural
δὲ	conjunção <i>δέ</i> coordenada
σωζόμενοις	verbo <i>σῴζω</i> participio presente passivo dativo masculino plural
ἡμῖν	pronome pessoal <i>ἐγώ</i> dativo plural
Δύναμις	substantivo nominativo feminino singular comum
θεοῦ	substantivo <i>θεός</i> genitivo masculino singular comum
Ἔστιν	verbo <i>εἰμί</i> indicativo presente ativo 3ps

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 19 γέγραπται γάρ Ἀπολωὶ τὴν σοφίαν τῶν σοφῶν καὶ τὴν σύμπεσιν τῶν συνετῶν ἀθετήσω γέγραπται

Quadro 4 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
Γέγραπται	verbo <i>γράφω</i> indicativo perfeito passivo 3 os
γάρ	conjunção coordenativa
Ἀπολωὶ	verbo <i>ἀπόλλυμι</i> indicativo futuro ativo 1ps

τὴν	artigo definido ὁ acusativo feminino singular
σοφίᾱ	substantivo σοφός acusativo feminino singular
τῶν	artigo definido ὁ genitivo masculino plural
σοφῶν	adjetivo σοφός normal genitivo masculino plural sem grau
καί	conjunção coordenativa
τὴν	artigo definido ὁ acusativo feminino singular
σύνεσιν	substantivo σύνεσις acusativo feminino singular comum
τῶν	artigo definido ὁ genitivo masculino plural
συνετῶν	adjetivo σύνεσις normal genitivo masculino plural sem grau
ἀθετήσω	verbo ἀθετέω indicativo futuro ativo 1ps

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

- v. 20 ποῦ σοφός ποῦ γραμματεὺς ποῦ συζητητῆς τοῦ αἰῶνος τούτου οὐχὶ ἐμῶρανεν ὁ θεὸς τὴν σοφίαν τοῦ κόσμου

Tabela 5 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
ποῦ	Advérbio
σοφός	adjetivo σοφός normal nominativo masculino singular sem grau
ποῦ	Advérbio
γραμματεὺς	substantivo nominativo masculino singular comum
ποῦ	Advérbio
συζητητῆς	substantivo συζητητής nominativo masculino singular comum
τοῦ	artigo ὁ definido genitivo masculino singular
αἰῶνος	substantivo αἰών genitivo masculino singular comum
τούτου	pronome οὗτος demonstrativo genitivo masculino singular
οὐχὶ	advérbio de οὐχί
ἐμῶρανεν	verbo μωραίνω indicativo aoristo ativo 3ps
ὁ	artigo definido nominativo masculino singular
θεός	substantivo θεός nominativo masculino singular comum
τὴν	artigo definido ὁ acusativo feminino singular
σοφίᾱ	substantivo σοφία acusativo feminino singular
τοῦ	artigo ὁ definido genitivo masculino singular
κόσμου	substantivo κόσμος masculino genitivo masculino singular comum

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

- v. 21 ἐπειδὴ γὰρ ἐν τῇ σοφίᾳ τοῦ θεοῦ οὐκ ἔγνω ὁ κόσμος διὰ τῆς σοφίας τὸν θεόν εὐδόκησεν ὁ θεὸς διὰ θεὸς τῆς μωρίας τοῦ κηρύγματος σῶσαι τοὺς πιστεύοντας·

Quadro 6 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
Ἐπειδὴ	conjunção ἐπειδὴ subordinativa

γάρ	conjunção γάρ coordenada
Ἐν	preposição dativa
τῇ	artigo definido ὁ dativo feminino singular
σοφία	substantivo σοφία dativo feminino singular comum
τοῦ	artigo ὁ definido genitivo masculino singular
θεοῦ	substantivo θεός nominativo masculino singular comum
Οὐκ	advérbio de οὐ
ἔγνω	verbo γινώσκω indicativo aoristo ativo 3ps
ὁ	artigo definido nominativo masculino singular
κόσμος	substantivo nominativo masculino singular comum
διὰ	preposição διά genitiva
τῆς	artigo ὁ definido genitivo feminino singular
σοφίας	substantivo σοφία genitivo feminino singular comum
τὸν	artigo ὁ definido acusativo masculino singular
θεόν	substantivo θεός acusativo masculino singular comum
εὐδόκησεν	verbo εὐδοκέω indicativo aoristo ativo 3ps
ὁ	artigo definido nominativo masculino singular
θεός	substantivo θεός nominativo masculino singular comum
διὰ	preposição διά genitive
θεός	substantivo θεός nominativo masculino singular comum
τῆς	artigo ὁ definido genitivo feminino singular
μωρίας	substantivo μωρία genitivo feminino singular comum
τοῦ	artigo ὁ definido genitivo masculino singular
κηρύγματος	substantivo κήρυγμα genitivo neutro singular comum
σῶσαι	verbo σώζω infinitivo aoristo ativo
τούς	artigo ὁ definido acusativo masculino plural
πιστεύοντας	verbo πιστεύω participio presente ativo acusativo masculino plural

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 22 *ἐπειδὴ καὶ Ἰουδαῖοι σημεῖα αἰτοῦσιν καὶ Ἕλληνες σοφίαν ζητοῦσιν*

Quadro 7 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
Ἐπειδὴ	conjunção ἐπειδὴ subordinativa
Καὶ	conjunção καί coordenativa
Ἰουδαῖοι	adjetivo Ἰουδαῖος normal nominativo masculino plural sem grau
σημεῖα	substantivo σημεῖον acusativo neutro plural comum
αἰτοῦσιν	verbo αἰτέω indicativo presente ativo 3pp
καὶ	conjunção καί coordenativa
Ἕλληνες	substantivo Ἕλλην nominativo masculino plural próprio
σοφίαν	substantivo σοφία acusativo feminino singular comum
ζητοῦσιν	verbo ζητέω indicativo presente ativo 3pp

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 23 *ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν Χριστὸν ἑσταυρωμένον Ἰουδαίοις μὲν σκάνδαλον ἔθνεσιν δὲ μωρίαν*

Quadro 8 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
ἡμεῖς	pronome pessoal <i>ἐγώ</i> nominativo plural
δέ	conjunção coordenativa <i>δέ</i>
κηρύσσομεν	verbo indicativo <i>κηρύσσω</i> presente ativo 1pp
Χριστὸν	substantivo <i>Χριστός</i> acusativo masculino singular próprio
ἑσταυρωμένοι	verbo <i>σταυρόω</i> particípio perfeito passivo acusativo masculino singular
Ἰουδαίοις	adjetivo <i>Ἰουδαίος</i> normal dativo masculino plural sem grau
μέν	participio de <i>μέν</i>
σκάνδαλον	substantivo <i>σκάνδαλον</i> acusativo neutro singular comum
ἔθνεσιν	substantivo <i>ἔθνος</i> dativo neutro plural comum
δέ	conjunção coordenativa <i>δέ</i>
μωρίνα	substantivo <i>μωρία</i> acusativo feminino singular comum

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 24 αὐτοῖς δὲ τοῖς κλητοῖς Ἰουδαίοις τε καὶ Ἑλλησιν Χριστὸν θεοῦ δύναμιν καὶ θεοῦ σοφίαν·

Quadro 9 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
αὐτοῖς	pronome pessoal <i>αὐτός</i> dativo masculino plural
δέ	conjunção <i>δέ</i> coordenativa
τοῖς	artigo definido <i>ὁ</i> dativo masculino plural
κλητοῖς	adjetivo <i>κλητός</i> normal dativo masculino plural sem grau
Ἰουδαίοις	adjetivo <i>Ἰουδαίος</i> normal dativo masculino plural sem grau
Τε	conjunção <i>τέ</i> coordenativa
καὶ	conjunção <i>καί</i> coordenativa
Ἑλλησιν	substantivo <i>Ἕλλην</i> nominativo masculino plural próprio
Χριστὸν	substantivo <i>Χριστός</i> acusativo masculino singular próprio
θεοῦ	substantivo <i>θεός</i> nominativo masculino singular comum
δύναμιν	substantivo <i>δύναμις</i> acusativo feminino singular comum
καὶ	conjunção <i>καί</i> coordenativa
θεοῦ	substantivo <i>θεός</i> nominativo masculino singular comum
σοφίνα	substantivo <i>σοφία</i> acusativo feminino singular comum

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

v. 25 ὅτι τὸ μωρὸν τοῦ θεοῦ σοφώτερον τῶν ἀνθρώπων ἐστὶν καὶ τὸ ἀσθενὲς τοῦ θεοῦ ἰσχυρότερον τῶν ἀνθρώπων

Quadro 10 – Análise Linguístico-Sintática

Palavra	Forma e função sintática
ὅτι	conjunção <i>ὅτι</i> subordinativa

<i>τὸ</i>	artigo definido ὁ nominativo neutro singular
<i>μωρὸν</i>	adjetivo <i>μωρός</i> normal nominativo neutro singular sem grau
<i>τοῦ</i>	artigo definido ὁ genitivo masculino singular
<i>θεοῦ</i>	substantivo <i>θεός</i> nominativo masculino singular comum
<i>σοφώτερον</i>	adjetivo <i>σοφός</i> normal nominativo neutro singular comparative
<i>καί</i>	conjunção <i>καί</i> coordenativa
<i>τὸ</i>	artigo ὁ definido nominativo neutro singular
<i>ἀσθενές</i>	adjetivo <i>ἀσθενής</i> normal nominativo neutro singular sem grau
<i>τοῦ</i>	artigo definido ὁ genitivo masculino singular
<i>θεοῦ</i>	substantivo <i>θεός</i> nominativo masculino singular comum
<i>ἰσχυρότερον</i>	adjetivo <i>ἰσχυρός</i> normal nominativo neutro singular comparative
<i>τῶν</i>	artigo definido ὁ genitivo masculino plural
<i>ἀνθρώπων</i>	substantivo <i>ἄνθρωπος</i> genitivo masculino plural comum

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

A partir desta análise, foi estruturado um quadro apresentando os vocábulos mais recorrentes, organizados e discutidos a partir da forma e da função sintática que exerciam no texto. Os termos são apresentados a partir de sua forma não-flexionada.

Quadro 11 - Substantivo

Substantivo	Ocorrências	Advérbio	Ocorrências
<i>θεός</i>	9	<i>ποῦ</i>	3
<i>σοφία</i>	7	<i>οὐ</i>	3
<i>Χριστὸς</i>	4	<i>οὐχί</i>	1
<i>μωρία</i>	3		
Verbo	Ocorrências	Conjunção	Ocorrências
<i>ἀπόλλυμι</i>	2	<i>καί</i>	6
<i>εἰμί</i>	2	<i>γάρ</i>	4
<i>σώζω</i>	2	<i>δὲ</i>	3

Fonte: CASAGRANDE, 2017.

A perícopre apresenta a repetição de vários termos com forte caráter teológico: *θεός* (9x), *σοφία* (7x), *Χριστὸς* (4), entre outras, os quais evocam temas importantes para a teologia paulina. Isso reforça esta compreensão da passagem como uma

tentativa de construir um discurso teológico em uma carta pastoral. Nesse sentido, o texto ganha um caráter catequético, carregado de significações teológicas.

Em 1Cor 1,17-25, há vocábulos característicos do *corpus paulinum*, quando comparado ao Novo Testamento (NT). Alguns exemplos:

- a) O substantivo *σοφία* (“sabedoria”): das 71 ocorrências no Novo Testamento, 44 estão nas cartas de Paulo⁷⁰⁴. É um termo que ganha especial destaque em 1Cor, aparecendo 15 vezes, totalizando 30% das ocorrências no Novo Testamento;
- b) O substantivo *συζητητής* (“argumentador”, v. 20) é um *hárax*, não aparecendo tampouco no Novo Testamento ou na LXX;
- c) O termo que designa “loucura” (*μωρία*) está presente somente em 1Cor (1,18.21.23; 2,14; 3,19). Outros termos que podem ser traduzidos da mesma maneira estão em Mc 7,22 (*ἀφροσύνη*) e 2Pd 2,16 (*παραφρονία*);
- d) O substantivo *σταυρός* (“cruz”) ocorre 27 vezes no Novo Testamento, das quais 10 estão nas cartas paulinas e uma em Hebreus;
- e) O termo usado nesta passagem para designar Jesus é (“Cristo”), presente 529 vezes no Novo Testamento. Delas, 382 estão nas cartas paulinas, totalizando 72%;
- f) O verbo *κενόω* (“tornar vazio”) é usado somente por Paulo (Rm 4,14; 1Cor 1,17; 9,15; 2Cor 9,3; Fil 2,7);
- g) O adjetivo *σοφός* (“sábio”) está majoritariamente no material paulino (somando 16 das 20 ocorrências) e *κλητός* (“chamado”) também aparece 7 vezes em Paulo, do total de 10 no Novo Testamento.

As conjunções utilizadas também são expressivas para compreender a dinâmica impressa nesta passagem. Ao todo, são 8 conjunções que aparecem 20 vezes no texto. A mais frequente é *καί*, usada como conector para dar cadência ao texto. Por sua vez, *γάρ* (vv. 17.18.19.20) e *ἐπειδή* (vv. 21.22) são usadas para estruturar um esquema para este discurso. A expressão *ἐπειδή*, de maneira especial, acentua a intenção de explicar a tese proposta no discurso e as implicações dela, reforçando o caráter catequético do texto. Por cinco vezes, o autor utiliza coordenadas adversativas (vv. *δέ* 18.23.24 e *ἀλλά*), as quais fortalecem as construções antitéticas

⁷⁰⁴ HARTHORNE, 2008, p. 1117-1118.

presentes. Esta característica é evidenciada no uso dos advérbios de negação *οὐχί* (v.20) e *οὐ* (vv. 17[2x].21), além da partícula afirmativa *μέν* (vv. 18.23) e da negativa, *μή* (v.17), que marcam as afirmações e negações presentes nas antíteses.

Nos vv. 24 e 25, nota-se que há somente uma ocorrência de verbo, *εἶμι* (“ser”, v. 25). Entretanto, a tradução literal apresenta outras quatro possibilidades deste verbo em sua forma oclusa, o que reforça o caráter conclusivo do discurso nestes versículos. Por fim, ressalta-se o título dado a Jesus nesta perícopa, *Χριστός*, aparecendo ora como sujeito das orações (vv. 17.24), ora como acusativo (v.23).

4.4.6 Análise Estilístico-Literária

Será efetivado, a seguir, a análise estilístico-literária de 1Cor 1,17-25, discutindo a base retórica que fundamenta a composição do texto bem como fazendo uma análise discursiva e dos elementos estilísticos da perícopa.

4.4.6.1 *Composição: A Estrutura Retórica*

Usualmente, as formas das cartas na época de Paulo seguiam estruturas retóricas semelhantes a dos discursos orais. No mundo helênico, uma carta era considerada parte de um diálogo, tanto que a arte de escrever cartas era estudada em escolas de retórica⁷⁰⁵. Assim, Paulo também esperava que suas cartas fossem lidas diante das comunidades, como manifesta em 1Tes 5,27, um ato que não seria meramente uma experiência visual, mas uma comunicação oral em forma de discurso. Por isso, manifesta por 15 vezes que está falando com a comunidade de Corinto por meio de sua carta, que pode ser considerada um ato de discurso⁷⁰⁶.

No tempo de Paulo, a retórica era uma disciplina fundamental na alta educação romana e cidades como Tarso, Corinto e até Jerusalém devem ter sido regularmente expostas aos oradores⁷⁰⁷. Presume-se o conhecimento da retórica grega por Paulo: era o que se poderia esperar de um homem inteligente e literato, que nasceu na cidade romana de Tarso, falava grego, viveu e moveu-se de maneira

⁷⁰⁵ COLLINS, Raymond F. *First Corinthians*. Collegeville: The Order of St. Benedict, 1999, p. 18.

⁷⁰⁶ Ibid., p. 18.

⁷⁰⁷ CIAMPA, 2010.

perceptiva no mundo helenístico do primeiro século, um mundo no qual a retórica e a oratória eram características comuns da vida diária⁷⁰⁸.

A retórica que estrutura a comunicação paulina deve ter influência grega, ainda que seja bastante discutido até que ponto Paulo usa a retórica clássica grega em seus escritos. A retórica clássica refere-se às categorias refletidas nos oradores clássicos e nos livros antigos de retórica. Collins⁷⁰⁹, recorrendo a Aristóteles e aos manuais de retórica clássica, faz aproximações do material produzido por Paulo com aspectos da retórica clássica grega. Neste caminho, Mitchell (1992) qualifica a retórica paulina como deliberativa, ou seja, é a seção da retórica clássica que delibera sobre o futuro enquanto inquire sobre o passado, com função dupla: aconselhar e persuadir.

Lampe⁷¹⁰ indica que Paulo usou a forma retórica de discurso chamada *schema*, a qual consiste em uma fala oculta que força o público a se interrogar sobre o verdadeiro significado ou aplicação de uma afirmação. O discurso de 1,18-25 (sobre o perecimento de toda sabedoria do mundo), aliado ao de 2,6-16 (dizendo que a sabedoria cristã é um dom de Deus pelo Espírito), são uma crítica às celebrações de adoração aos pregadores cristãos e à sua sabedoria. Assim, Paulo prepararia uma crítica direta aos membros da comunidade de Corinto em 3,18-19 depois de entretê-los com as críticas à concepção de sabedoria de judeus e gregos, revelando a condenação de sua ostentação partidária com relação aos pregadores cristãos. Parece-nos que a proposta de Lampe não valoriza os pontos teológicos centrais de 1Cor 1,18-25, a Sabedoria e a Cruz. O uso de um *schema* poderia ser melhor aqui aplicado à sabedoria de membros da Igreja de Corínto, que deflagravam a concepção de Cristo crucificado, favorecendo suas concepções pessoais do Messias. Para eles, Paulo oferece a loucura da cruz que derruba a sabedoria humana.

Seguindo os moldes da retórica helênica clássica, Bünker⁷¹¹ apresenta a seção de 1,17-25 da seguinte forma: o versículo 17 seria a *propositio*, ou seja, um breve enunciado da matéria (tema) que está prestes a ser tratado, acompanhado da prova dos temas dos quais quer obter a aprovação. Por sua vez, a seção entre 1,18–

⁷⁰⁸ LIFTIN, D. ST. *Paul's theology of proclamation: 1 Corinthians 1,4 and Greco-Roman rhetoric*. Cambridge: Cambridge University, 1994, p. 138-139.

⁷⁰⁹ COLLINS, 1999, p. 17-20.

⁷¹⁰ LAMPE, Peter. *Theological wisdom and the "Word about the cross"*. The rhetorical scheme in 1Corinthians 1-4. Interpretation, New York, v. 44, 1990, p. 130.

⁷¹¹ BÜNKER, Michael. *Briefformular und Rhetorische Disposition in 1. Korintherbrief*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1984.

2,16 seria a *narratio*, ou seja, uma exposição inicial que apresenta o fato e explica o pano de fundo da situação do remetente e do destinatário.

Entretanto, há opiniões contrastantes. J. S. Vos⁷¹² indica que o v. 17 seria uma sub-*propositio* diante da *propositio* apresentada no v. 10, o que é corroborado por Bosch. Vos classifica os vv. 11-12 como uma breve *narratio* e os vv. 18-25 como uma prova dos princípios de 1,17, sendo parte da *argumentatio*.

Há ainda os que classificam a seção como um *midrash* no material paulino, como Ellis⁷¹³. Para o autor, a seção deveria ser assim entendida:

- v. 18-20 tema e texto inicial: Is 29,14 + 19,11-12 (cf. 33,18);
- v. 20-30 exposição: concatenação (*sophia*, *sophos* e seus antônimos);
- v. 31 texto final: Jer 9,22-23 LXX.

Para os fins práticos deste estudo, a análise do discurso, a seguir, será conduzida a partir da abordagem da retórica grega clássica. Ulteriores divisões e classificações da retórica não serão aqui consideradas, diante da dificuldade de precisar as especificidades paulinas na utilização deste método discursivo. Nesse sentido, Collins⁷¹⁴, citando um exemplo de Aristóteles, afirma que algumas tentativas de divisões na retórica são absurdas, sendo que algo similar pode ser aplicado às tentativas contemporâneas de análise da carta de Paulo aos Coríntios a partir da retórica antiga. Segundo o autor, o recurso à retórica clássica é útil, porque oferece várias vantagens para o olhar em direção às cartas de Paulo, mas não deve ser levado ao extremo, sob o risco de cair em categorias artificiais propostas pelos manuais.

Além do mais, Thiselton⁷¹⁵ ressalta a necessidade de se centrar nos atos de discurso que estão presentes nas cartas, entre os quais ele destaca a forma da *perlocução*, no qual a percepção e os valores de uma pessoa podem ser mudados simplesmente pela proclamação do orador, ganhando uma forma performativa. Assim, valoriza-se o conteúdo em detrimento da forma, colocando esta em função daquele.

⁷¹² VOS, Johan S. *Die argumentation des Paulus in 1 Kor 1,10-3,4*. pp. 87-119. Corroborado por: BOSCH, J. S. *Escritos Paulinos*. p. 183.

⁷¹³ ELLIS, Eart E. *Prophecy and hermeneutic in early Cristianity*. New testament essays. Tübingen: Mohr, 1978. pp. 213-220.

⁷¹⁴ COLLINS, Raymond F. *First Corinthians*. Collegeville: The Order of. St. Benedict, 1999, p. 86. Cf. ARISTOTELES, *Rhetorica*, 1358 b. 3. Tome I: livre Tome II: livre III, Texte établi par M. Dufour – al., CUFr., Paris 1932, 1938, 1973.

⁷¹⁵ THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Herdmans, 2000, p. 51.

4.4.6.2 *Análise Discursiva*

À luz das propostas da retórica clássica e diante do contexto sócioliterário da perícopes, pode-se compreender a estrutura do discurso de Paulo da seguinte maneira:

O enunciado de 1,10, de fato, caracteriza-se como um *propositio* em forma de introdução, a partir da exortação de Paulo: “[...] guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar”. A questão crucial é sobre a unidade: não pode haver cismas na comunidade de Corinto.

O que segue é uma exposição sobre os partidos que haviam sido retratados por Cloé ao Apóstolo (vv. 11-16), terminando com a afirmação de que Paulo havia batizado pouquíssimas pessoas na comunidade (v. 16). O versículo 17 caracteriza-se como um verso de transição, que liga este discurso, sobre o batismo, ao tema da cruz de Cristo. Refere-se, na verdade, à finalidade para qual o Senhor havia enviado Paulo: anunciar o Evangelho, ressaltada pela forte conjunção adversativa *ἀλλὰ*. Junto ao anúncio do Evangelho, está uma característica epistemológica de sua missão: sua ação seria efetiva à medida que não recorresse à sabedoria da linguagem, sob o risco de tornar vã a cruz de Cristo. O uso de *ὅτι* com conjuntivo caracteriza uma frase final ou consecutiva e ressalta a dependência das duas proposições: a pregação sem a sabedoria da Palavra corresponde à pregação com a linguagem da cruz, isto é, não vazia a cruz de Cristo. Se o Apóstolo se utilizasse da sabedoria da linguagem, tornaria inútil a cruz de Cristo, deixando espaço para a inferência de que isto também esvaziaria de sentido seu ministério apostólico.

Segue, então, o *argumentatio*, o coração do discurso persuasivo. Para validar sua proposição, Paulo oferece uma tese: a mensagem evangélica, centrada na cruz de Cristo, é lugar de contradição. Loucura para uns, sabiamente eficaz para outros (v. 18). Agora, já não fala mais da “sabedoria da palavra” (v.17). Seu discurso vai guiando o leitor com jogos de palavras, apresentando a “linguagem da cruz”, aplicada a duas categorias de pessoas presentes em todo o discurso: a) aqueles que se perdem, para os quais é loucura; b) aqueles que se salvam, para os quais representa o poder de Deus. O leitor, naturalmente, se inclina a incluir-se no segundo grupo. Paulo facilita este posicionamento indicando que aqueles que se salvam somos nós. Quais são os que se perdem? Será que estão dentro da comunidade?

Permanece também o tema da cruz, que deixa margem para uma série de dúvidas. Porque pode ser sinal do poder de Deus, já que manifesta uma das mortes mais constrangedoras? Mediante uma análise sócioliterária, em 1,28, entende-se que Paulo aponta para aqueles que não pregavam abertamente a morte de Cristo, por considerarem-na demasiado ignominiosa. As considerações que seguem servem para aprofundar seu argumento.

Thiselton⁷¹⁶ indica que o *argumentatio* de Paulo tem duas características fundamentais: o apelo à Escritura e o apelo à razão. As premissas formadas pelo Apóstolo, no entanto, não concretizam meras induções e deduções; melhor, a inferência racional expressa no discurso paulino valoriza os aspectos social e comunicativo da linguagem, favorecendo a persuasão a atitudes de mudança. Este processo é feito sem sacrificar a verdade do que Paulo está proclamando, uma vez que é esta verdade que confere autoridade às suas palavras. Getty⁷¹⁷ concorda, dizendo que um dos instrumentos pedagógicos mais usados por Paulo, em Primeiro Coríntios, é o esquema indicativo - imperativo, o que significa que sua resposta às discórdias origina-se de certas premissas fundamentais, baseadas no entendimento que Paulo tem da natureza da vida cristã, entendimento este de que ela própria flui da ação de Cristo na cruz.

É neste panorama que a *argumentatio* é desenvolvida. Os vv. 19-20 apresentam a prova escriturística, com citação expressa e diluída de textos veterotestamentários (cf. Is 19,12; 29,14; 33,18; Sl 33,10). Com eles, o autor segue afirmando a sua tese e indicando a origem teológica: a “sabedoria da linguagem” do v. 17, mostrada pelos sábios e inteligentes, é rejeitada por Deus.

O v. 20 apresenta uma série de perguntas retóricas estrategicamente colocadas em tom de ironia. Paulo evoca a figura do homem estudado (*γραμματεύς*, talvez um escriba judeu, doutor em letras, mas especialmente da Lei/Doutrina), termo ligado ao judaísmo, e do debatedor (*συζητητής*), modelo tipicamente grego, indicando a superioridade de Deus diante deles: “Deus não tornou louca a sabedoria deste século” (v. 20). Assim, as ideias que valorizam a sabedoria do mundo são negadas, preparando as afirmações, marcadas pelo termo “com efeito” (*ἐπειδὴ*).

⁷¹⁶ THEISELTON, 2000, p. 43.

⁷¹⁷ GETTY, 2001, p.196.

Após a prova vinda da Escritura, Paulo desenvolve o argumento racional diante das premissas que advêm de suas concepções pessoais (vv. 21-24). Assim, apresenta o fundamento teológico para a cruz. Considerada loucura, ela constitui ser instrumento da Sabedoria de Deus:

- a) A humanidade não foi capaz de reconhecer a Deus na Sabedoria de Deus por meio da sabedoria humana. Mais uma vez, um ataque aos adversários “iluministas”, que se vangloriavam pela sua formação intelectual: esta sabedoria dos homens é insuficiente e não foi capaz de reconhecer a Deus (v. 21);
- b) Diante da posição negativa do homem, Deus decide salvá-lo e escolhe como método a pregação, na qual se deve crer (v. 21). Nesse momento, está em jogo o caráter epistemológico levantado no v. 17: Qual é o conteúdo desse anúncio? O que fundamenta o ministério evangelizador de um verdadeiro Apóstolo? O termo *κηρύγματος* evoca o *εὐαγγελίζεσθαι* do v. 17. Deve-se responder sobre quais são as boas novas que se deve proclamar;
- c) Dois grupos opostos à visão cristocêntrica são colocados como anti-modelos de salvação: os judeus estão preocupados com sinais e os gregos com a sabedoria (v. 22). Então, acontece a virada no discurso: “nós, porém, anunciamos Cristo crucificado” (v. 23), que é causa de escândalo e loucura para os judeus e gentios. Assim, Paulo deixa claro o conteúdo fundamental do anúncio. Não se trata somente da cruz, nem tampouco de Cristo, e sim de Cristo crucificado.

Assim, a fé no Cristo crucificado é colocada como necessária para a salvação, uma vez que manifesta a revelação de Deus, o poder de Deus e a “Sabedoria de Deus” (v. 24). É importante ressaltar o campo semântico no qual estes versículos são desenvolvidos. Diante do leitor que conhece o judaísmo, o termo “sabedoria” é caro, remetendo aos textos sapienciais do judaísmo. Também ao leitor grego, denota uma implicada significação relacionada à filosofia e a grandes sábios helênicos. Agora, a ligação do termo com a cruz é uma virada retórica de impacto. Esse é o fundamento teológico que unifica todos os homens, não importando a origem, se judeus ou gregos – e, por inferência, não importando o pregador que se seguia. À medida que judeus

ou gregos crêem no Cristo crucificado, fazem parte de uma mesma classe, os “chamados” (1Cor 1,2).

O v. 25 apresenta uma conclusão, afirmando a superioridade do projeto divino, ressaltada por um jogo de palavras em oposição: a loucura de Deus é mais sábia que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. Assim, o leitor pode tirar duas conclusões importantes para a *propositio*: a) a sabedoria humana é insuficiente e está submetida à divina; b) A proclamação de Cristo crucificado é fundamento de uma comunidade e de um ministério apostólico.

4.4.6.3 *Elementos Estilísticos*

Para definir o *gênero* desta perícopé, é preciso um olhar sobre o vocabulário do contraste usado por Paulo, como já indicado na análise linguística. Os termos antagônicos colocados em oposição (sabedoria e loucura, v. 21; fraco e forte, v, 25; os chamados e os judeus e gregos, vv, 23-24; Deus e o mundo v. 21), o uso de conjunções coordenadas adversativas, os advérbios de negação e as partículas afirmativas e negativas ressaltam o caráter antitético do discurso.

Assim, ressaltando as oposições e contrastes, pode-se dizer que o texto tem um forte sentido exortativo, expresso através do gênero da controvérsia, amplamente explorado em forma de diatribe, uma espécie de debate judiciário desenvolvido como se fosse um discurso proferido diante do adversário, ganhando eloquência, sendo, muitas vezes, injurioso e ávido. De fato, Bultman⁷¹⁸ já apontava para uma grande similaridade de estilo entre Paulo e a diatribe cínico-estóica, indicada nos paradoxos, paródias, antíteses, entre outras características.

Além disso, as expressões carregadas de significado teológico presentes no texto *θεός σοφίας Χριστός εὐαγγελίζω* também indicam um caráter catequético exortativo, que se expressa em uma construção retórica bem formulada a fim de não se limitar ao campo teórico, mas gerar uma resposta concreta nos ouvintes.

O *tema* principal desta seção certamente é o de Cristo crucificado como sinal da Sabedoria de Deus. Segundo Barbaglio⁷¹⁹, o “[...] trecho constitui a apresentação, na linha dos princípios, da teologia paulina da cruz”. O tema aparece por outra problemática desenvolvida a partir do capítulo 10, mas que permeia toda a perícopé:

⁷¹⁸ BULTUMAN, 1908 apud Thiselton, A. C. *The First Epistle to the Corinthians*, 2000, p. 47.

⁷¹⁹ BARBAGLIO, Giuseppe. As Cartas de Paulo (I), 1989, p. 182.

a questão das divisões em Corinto. Entretanto, o vocabulário específico desta seção não deixa dúvidas quanto ao tema principal que fundamenta o texto. A unidade da comunidade de Corinto é alcançada a partir do Cristo crucificado.

Para desenvolver esta ideia, Paulo constrói uma *malha* para o discurso muito bem elaborada, que valoriza o tema da cruz e constrói um efeito bastante adequado para a leitura pública do texto. Assim, apresenta três premissas fundamentais a partir da conjunção *γὰρ* (v. 17-19), segue o discurso com três perguntas retóricas (v. 20), para partir para duas afirmações construídas com a conjunção *ἐπειδὴ* (v. 21-22) e outras duas constatações construídas com a conjunção *δε* (v. 23-24), chegando na conclusão, construída com a conjunção *ὅτι* (v. 25).

Essa estrutura é aliada a *ferramentas estilísticas* para favorecer um discurso persuasivo quando lido diante da comunidade. Segundo J. Weiss⁷²⁰, os textos de Paulo eram feitos para a leitura pública, por isso, continham características para o discurso oral:

- a) “Efeitos com som”, como se nota na repetição de *γὰρ* e *ἐπειδὴ* em 1,17-25;
- b) Perguntas retóricas, que demonstram o interesse claro de diálogo com o interlocutor e a tentativa de gerar uma resposta à argumentação apresentada. Assim, o v. 20 apresenta: “Onde está o sábio? Onde está o homem estudado? Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século?”;
- c) Simetria, expressa na utilização de paralelismos e quiasmos.

Esta última característica merece maior atenção, uma vez que a perícopes de 1,17-25 recorre inúmeras vezes aos paralelismos e quiasmos, reforçando o gênero da controvérsia característica da diatribe. A elaboração dos paralelismos é tão imbricada que sua apresentação não é tarefa simples⁷²¹.

É apresentado abaixo um esquema adaptado de Biguzzi⁷²², o qual ressalta os paralelismos da perícopes em questão, no qual **A** e **a** representam características dos

⁷²⁰ WEISS, Johannes. *Betrage zur paulinischen Rhetark*. 1897. pp. 186-200.

⁷²¹ CASAGRANDE, Vera Lúcia M.; ARTUSO, Vicente; CATENASSI, F. Z.; As estruturas retóricas paulinas em traduções em português um estudo de 1 Coríntios 1,17-25. Revista de Cultura Teológica. Ano XXV. Nº 89. Janeiro: 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/3463289/As_estruturas_retóricas_paulinas_em_traduções_em_português_um_estudo_de_1_Cor%C3%ADntios_1,17-25>. Acesso em: 06-07-2017.

⁷²² BIGUZZI, Giancarlo. *Composizione di 1Cor 1-4*, Roma: [s.n.]. Apostila, 2001, p. 22.

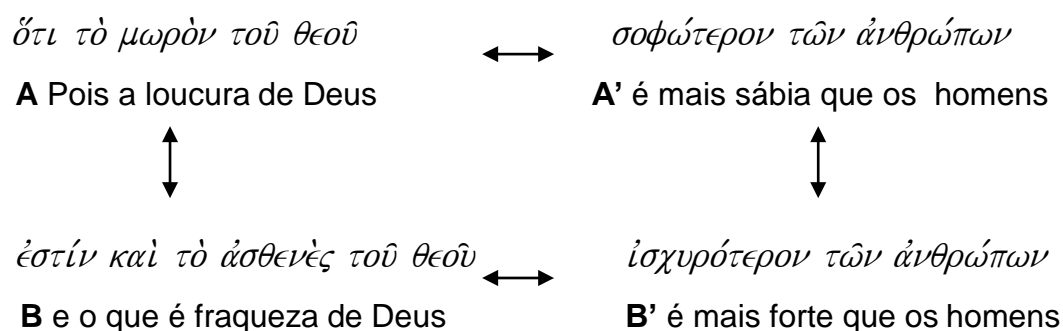
que se perdem, judeus **(i)** e gregos/gentios **(ii)**, enquanto que **B** e **b** estão relacionados aos que se salvam, os cristãos.

- a** (v. 18) *τοῖς μὲν ἀπολλυμένοις μωρία ἐστίν*
“é loucura para os que se perdem”
- a** *τοῖς δὲ σωζομένοις ἡμῖν δύναμις θεοῦ ἐστίν*
“mas para aqueles que se salvam, a nós, é poder de Deus”
- A** (v. 21a) *οὐκ ἔγνω ὁ κόσμος διὰ τῆς σοφίας τὸν θεόν*
“o mundo, não conheceu por meio da sabedoria de Deus”
- b** (v. 21b) *ὑδόκησεν ὁ θεὸς διὰ τῆς μωρίας τοῦ κηρύγματος σῶσαι τοὺς πιστεύοντας*
“aprouve a Deus através da loucura da pregação, salvar os que creem”
- a'** (v. 22) **(i)** *ἐπειδὴ καὶ Ἰουδαῖοι σημεῖα αἰτοῦσιν*
“com efeito, também os judeus pedem sinais”
(ii) *καὶ Ἕλληνες σοφίαν ζητοῦσιν*
“e os gregos buscam sabedoria”
- B'** (v. 23-25) *ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν Χριστὸν ἐσταυρωμένον*
“nós, porém, pregamos Cristo crucificado”
- a** (v. 23) **(i)** *Ἰουδαίοις μὲν σκάνδαλον*
“escândalo para os judeus”
(ii) *ἔθνεσιν δὲ μωρίαν*
“loucura para os gentios”
- b** (v. 24s) *αὐτοῖς δὲ τοῖς κλητοῖς*
“aos chamados, porém”
(i) *Ἰουδαίοις τε*
“judeus”
(ii) *καὶ Ἕλλησιν*
“e gregos”
Χριστὸν θεοῦ δύναμιν καὶ θεοῦ σοφίαν
“Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus”

É notável a complexidade das simetrias construídas neste discurso. As palavras geralmente não se repetem no mesmo versículo estabelecendo relações, estruturando paralelismos antitéticos, sinonímicos sintéticos ou culminativos (com exceção de **ab** no v. 18, um paralelismo culminativo), mas estabelecem fortes relações de oposição e antítese em nível semântico.

Ressalta-se a presença das estruturas quiásticas, como no v. 25, que também é um exemplo de paralelismo, adaptado de Quesnel⁷²³:

⁷²³ QUESNEL, Michel. *As Epístolas aos Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 33.



Ao mesmo tempo que se estrutura um paralelismo progressivo (**AA'** x **BB'**), o arranjo dá um caráter de oposição (**A** x **A'**; **B** x **B'**): o mais sábio não é o mais forte. Em um contexto sócioliterário, Paulo contrasta o mais forte com o mais sábio, mas de forma inversamente proporcional. Este é o argumento forte de Paulo. Em partes, é uma estrutura quiástica. Porém, o quiasmo formado mediante um paralelismo antitético: fraco/forte e o louco/sábio.

Na estrutura de Biguzzi, também não é considerado o v. 17, que estrutura uma importante oposição quiástica com o v. 18. A “sabedoria da palavra” (v. 17) está em oposição à “palavra da cruz” (v. 18); a primeira esvazia de sentido a cruz de Cristo, torna-a vã. O acontecimento da cruz, tradução possível de “palavra da cruz” diante do campo semântico de *λόγος*, é instrumento de salvação e sinal do poder de Deus, em oposição à sabedoria da palavra.

4.5 ANÁLISE TEOLÓGICA

O texto de 1Cor 1,17-25 explora a ideia da Sabedoria da cruz e a elabora a partir da retórica grega com as perguntas retóricas e a diatribe, revelando uma teologia da cruz, amadurecida em Paulo, que fundamenta tanto a atuação das comunidades quanto a atividade apostólica dos cristãos. Diante desta perícopa, pode-se levantar alguns temas teológicos que merecem destaque, desenvolvidos a seguir.

4.5.1 As Divisões: Uma Questão Teológica

A proposição que abre a primeira Carta aos Coríntios trata de um assunto eminentemente prático: as divisões na comunidade⁷²⁴. De fato, nesta comunidade, houve uma supervalorização dos primeiros pregadores cristãos: havia os seguidores de Apolo, eloquente em seu discurso (cf. At 18,24.27); Pedro, que havia vivido com Jesus, garantindo-lhe um status bastante confortável diante dos coríntios. Ainda havia os que se diziam seguidores de Cristo e outros de Paulo.

Alguns estudiosos, como Liftin⁷²⁵, ressaltam que, em Corinto, Paulo se apresentou com uma aparência física e uma fala deficiente, sendo desprezado por aqueles acostumados com os padrões da retórica grega. O autor afirma que o povo estava acostumado com a técnica de oradores como Favorinus, que encantava até mesmo os oradores que não entendiam o grego por meio de seu tom de voz, de seu olhar expressivo e pelo ritmo de sua fala. Então, mesmo sendo um dos pais da fé da comunidade cristã de Corinto, sua postura talvez tenha aberto espaço para as disputas entre um ou outro pregador. Além do mais, Barbaglio⁷²⁶ diz que estes grupos partidários espirituais eram uma forma de organização comum do mundo grego, que estava acostumado aos *thíasos*, associações religiosas que se apoiavam em um personagem importante.

Apesar deste panorama eminentemente prático, este tipo de comportamento da comunidade de Corinto deixava entrever raízes essencialmente teológicas para suas disputas. Isto fica evidente na análise do discurso de Paulo em 1Cor 1,17-25, um discurso teológico fundamentando um debate bastante prático. Apesar de o autor seguir a lógica de digressões e temas intermitentes, nesta passagem em particular, o tema da cruz e o da unidade da Igreja estão tão imbricados que, em determinado ponto, o leitor pode até mesmo confundir-se sobre qual dos dois Paulo quer tocar com o discurso. Note-se as estruturas de simetria formadas pelo Apóstolo, os paralelismos e quismos identificados na análise da perícopa, também entrelaçando os temas de maneira demasiada. Isso reforça a ideia de que as divisões na

⁷²⁴ BOSENIUS, B. *Die Abwesenheit des Apostels als theologisches programm*. Der zweite Korintherbrief als Beispiel für die Brieflichkeit der paulinischen Theologie. In TANZ 11. Tübingen: 1994. BARRET, Charles Kingsley. *The First Epistle to the Corinthians*. HNTC. New York: Harper & Row, 1968; BRUCE, Frederick Fyvie. 1 and 2 Corinthians. NCB. Eerdmans: Grand Rapids, 1971. THEISSEN, Gerd. "**Social Conflicts in the Corinthians Community**: Further Remarks on J.J. Meggitt, Paul, Poverty and Survival. JSNT, v. 25, n.3, 2003.

⁷²⁵ LIFTIN, 1994, p. 161.

⁷²⁶ BARBAGLIO, 1989, p. 175.

comunidade de Corinto têm raízes essencialmente teológicas. Brakemeier diz que “[...] o emaranhado dos assuntos mostra haver estreita conexão entre ambos”⁷²⁷.

A raiz teológica das divisões está na origem delas. Cada um dos pregadores deles devia oferecer aos seus ouvintes uma forma pessoal de compreender a fé cristã, de propor a vida cristã, indicando uma orientação particular de pensamento. Porém, estavam “[...] desatentos à tradição apostólica, que era a testemunha dos eventos salvíficos da morte e ressurreição de Jesus (15,1-5). Mas eles preferiam esta ou aquela elaboração intelectual da realidade religiosa do homem, satisfazendo assim à tendência intelectualista própria do espírito grego”⁷²⁸. Atribuíam-se aos líderes religiosos as devoções, opondo entre si seus diversos mestres e seus talentos humanos. A verdadeira identidade cristã, na visão de Paulo, não vem do simples fato de alguém seguir este ou aquele fundador. Assim, por força das circunstâncias e sem contrariar as perspectivas escatológicas, ele é levado a insistir mais na vida cristã presente, como união a Cristo no verdadeiro conhecimento, que é a fé. Assim dito, “ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a vós: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”⁷²⁹.

O Apóstolo recorda que não há senão um só mestre, Cristo, uma só mensagem, a salvação pela cruz, e que aí está a verdadeira Sabedoria (cf. 1Cor 1,10-4,13). Paulo deixa clara a aplicação eclesiológica implícita: “como o corpo ressuscitado é indivisível, então a comunidade da Igreja unificada por seu sacrifício da cruz, deve escapar as divisões e confessá-lo como o único salvador”⁷³⁰. Na verdade, rejeitavam a pregação sobre a cruz afastando-se dela e identificando-se somente com uma visão triunfalista da vida cristã. Munidos do espírito da sabedoria grega ou do legalismo judeu, eram incapazes de aceitar o caráter ignominioso e escandaloso da cruz como fonte do cristianismo, assumindo, assim, somente a ressurreição como proposta de vida, prendendo-se no poder glorioso do Ressuscitado, formando um pequeno grupo de pessoas inatingíveis, que haviam

⁷²⁷ BRAKEMEIER, 2008, p. 15.

⁷²⁸ BARBAGLIO, 1989, p. 175.

⁷²⁹ 1Cor 3,21-23. Cf. JENNI Ernst; WESTERMANN. *Diccionario Teologico Manual Del Antiguo Testamento*. Ediciones Crsitiandad: Madrid, 1990, p. 154.

⁷³⁰ GIORDANO, Maria Tereza. *La Parola Della Croce: L'itinerario paradossale dela Sapienza Divina In: 1Cor 1,18-3,4*. Roma, 2010, p. 51. Tradução nossa.

supostamente evoluído a um grau incontestável. Opunham-se, assim, a teologia da cruz à teologia da glória, menosprezando a primeira em detrimento da segunda.

4.5.2 Tema: A Cruz de Cristo

O tema central que guia todo o discurso da Primeira Carta aos Coríntios dos vv. 17-25 é o da cruz de Cristo. Brakemeier o entende para toda a carta, levantando este tema como elemento de unidade: “Os pareceres do Apóstolo nascem, sem nenhuma exceção, de uma só posição evangélica que tem na palavra da cruz o grande referencial (1,18)”⁷³¹. Essa afirmação é bastante plausível quando se considera a teologia paulina, a qual influencia firmemente a construção estilística na epistolografia de Paulo. O método retórico de Paulo está imerso em sua teologia, que se baseia na palavra da cruz como fundamento e critério de uma comunidade e da vida apostólica⁷³².

Um erro bastante comum em uma análise superficial da teologia paulina é a supervalorização da cruz por si mesma. Essa é uma visão perigosa, uma vez que a cruz, em seu significado primeiro, é sinal da pena capital romana e não da salvação e libertação da humanidade. A cruz em si não concentra nenhum poder ou significação especial ou divina, vista no transfundo das liturgias e religiões imperiais. Na cristologia paulina, estão presentes muitas palavras que eram usadas na liturgia do culto ao imperador, tais como: *Kyrios* (Senhor), *Soter* (Salvador), etc. A liturgia do império estava direcionada para cultuar e reproduzir o império e sua ideologia. Paulo pega todo esse conjunto de palavras que apontavam na direção do imperador e que levavam a submissão a sua figura e o direciona a um crucificado pelo imperador. A afirmação da cruz em Paulo é uma afirmação anti-imperial.

A força da cruz está na sua ligação com o grande sinal revelador de Deus: o Cristo, nome usado por quatro vezes no discurso aqui estudado. A teologia paulina não é a teologia da cruz, mas sim da cruz *de Cristo*. Sobre este tema, Barbaglio faz um interessante comentário:

⁷³¹ BRAKEMEIER, 2008, p. 15.

⁷³² THISELTON, 2000, p. 50. Pode-se fazer, por exemplo, uma distensão para o capítulo 2, no qual o próprio Paulo coloca-se como exemplo da ação da sabedoria divina que se manifesta no Cristo crucificado (cf. 1Cor 2,1-5). Assim como em 1Cor 1,17-25, os textos trabalham com o gênero da controvérsia, opondo o medo e o tremor de Paulo com a sabedoria e a retórica gregas, identificando a teologia que defende que o poder de Deus é o que convence.

Do ponto de vista temático, deve-se logo esclarecer que Paulo se ocupa, propriamente, não da cruz como símbolo geral e impessoal de mensagens culturais diferentes, mas da cruz *de Cristo*, isto é, caracterizada por sua pessoa histórica. Com mais exatidão ainda, deve-se dizer que ele fala diretamente da pregação apostólica centrada na crucificação de Jesus. Suas afirmações teológicas levam em consideração, sim, esse acontecimento, mas enquanto anunciado e atualizado pela palavra dos evangelizadores. Não se volta para o passado com uma atitude meramente evocativa. Seu olhar dirige-se para o presente da mensagem evangélica marcada pela cruz de Cristo, com a finalidade de indicar e aprofundar seu significado no interior do projeto divino de salvação. Sua teologia da cruz pode ser chamada, portanto, de simbólica, desde que se esclareça que ela versa sobre o símbolo histórico-salvífico de Cristo, objeto característico da palavra evangelizadora⁷³³.

Entender o significado teológico do Cristo crucificado e estruturar uma proposta de vida a partir dele não é tarefa fácil nem para judeus, tampouco para o mundo grego. Os judeus, devido à sua história, toda permeada por milagres e prodígios, acabaram se tornando presunçosos a ponto de pensar que Deus continuaria se manifestando de modo extraordinário e buscavam sinais que caracterizassem o Messias (Mt 12,38; 16,1; 16,4; Mc 8,11; 8,12; Jo 6,30). Na época de Paulo, alguns pregadores ganharam muitos adeptos à medida que apresentavam sinais de seu “messianismo”: Theudas (45 d. C.) persuadiu milhares de pessoas a abandonarem suas casas para atravessarem o Jordão, sob seu comando, a pé; um egípcio chegou em Jerusalém, conquistando 30.000 seguidores diante da promessa de derrubar os muros da cidade com suas palavras⁷³⁴. Era este o tipo de sinal procurado pelos judeus. Além do mais, a morte de cruz era considerada maldição pela lei judaica, tema desenvolvido por Paulo em Gl 3,13, citando o Deuteronômio: “[...] o que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21,23), sendo impossível ligar o Messias a esta condição tão degradante do homem.

Uma das características distintivas dos gregos era o fato de se entregarem à filosofia especulativa. Os pensadores gregos ocupavam um lugar de destaque. Eles imaginavam que a verdade poderia ser reduzida a meras proposições filosóficas e ignoravam o alcance da intuição e da revelação divina. A doutrina que buscavam deveria satisfazer as exigências da sua razão. Dominados pela arrogância intelectual, não achavam lugar para o Evangelho. Para eles, era impossível acolher a doutrina de Cristo crucificado, primeiro pela ideia da encarnação: era impossível que Deus

⁷³³ BARBAGLIO, 1989, p. 182-183.

⁷³⁴ BARCLAY, William. *The Letters to the Corinthians*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2002, p. 22.

sentisse como um homem e se rebaixasse, mudando a si mesmo de bom para ruim, de bonito para feio, de feliz para infeliz, experimentando até o sofrimento⁷³⁵. Esta seria uma contradição sem limites.

Ambos os grupos insistem em colocar à prova o Messias e o fazem com base em parâmetros predefinidos: “Pois quais seriam os distintivos do divino senão a força, a sabedoria e, assim podemos acrescentar, a beleza e o sucesso? Para todas as pessoas que assim pensam, a palavra da cruz será uma loucura, algo absurdo”⁷³⁶. A teologia paulina oferece uma grande virada a esta natural negação de judeus e gregos⁷³⁷. Se, antes, era sinal de morte, escândalo, maldição e loucura contra toda lógica, agora, é “poder de Deus e sabedoria de Deus” (v. 24). Em que consiste considerá-la como sinal do poder de Deus, a ponto de ser considerada Sabedoria Divina?

Na cruz de Cristo, não é possível “[...] enxergar nem poder, nem beleza, nem sabedoria. Pelo contrário, o que em Gólgota está em evidência é alguém fraco demais para se defender contra a agressão de seus inimigos, sofrendo e morrendo”⁷³⁸. Segundo Brakemeier, “Deus não se revela nos cumes da glória humana, nem nos arraiais do que o mundo tem a oferecer de mais vistoso, nem nos centros de poder. Ele desceu aos infernos da agonia, à baixeza de um miserável suplício, à humilhação (cf. Fl 2,5)”⁷³⁹. Essa é, de fato, a consequência do seu amor que busca a proximidade com quem sofre e demonstra solidariedade na dor. Assim, a cruz aparece como consumação e cume da vida de Cristo, que revela a face amorosa de Deus, que não desistiu do homem em seu pecado, mas estruturou um plano de redenção cujo método é a própria revelação divina, restaurando as relações de amor rompidas pelo pecado e resgatando a condição de filiação outrora perdida. A cruz de Cristo, então, não significa mais escândalo ou morte, mas constitui o mais perfeito sinal de amor de Deus para com a humanidade.

À medida que o Cristo crucificado revela quem é Deus, a palavra da cruz torna-se “poder de Deus” (v. 24), tendo em si mesma a força de promover uma

⁷³⁵ BARCLAY, 2002, p. 22.

⁷³⁶ BRAKEMEIER, 2008, p. 31.

⁷³⁷ WINDISCH, Hans. *Die göttliche Weisheit der Juden und die paulinische Christologie*. In Neutestamentliche Studien, Festschrift G. Henrici. A Deissmnn, Hans Windisch (orgs.). Leipzig, Hinrichs, 1914, pp. 220-234.

⁷³⁸ BRAKEMEIER, 2008, p. 31.

⁷³⁹ Ibid., p. 31.

mudança na humanidade desde seu interior. A. R. Brown⁷⁴⁰ afirma que a palavra da cruz tem uma força performativa em 1 Coríntios, promovendo uma nova forma de estar no mundo, contra a lógica do império dos crucificados, não só dizendo algo, mas fazendo algo acontecer. A palavra da cruz transforma a sabedoria em tolice, fazendo-nos enxergar que toda a honra e a glória pertencem a Deus. Se alguém tem algo para gloriar-se, que seja no Senhor (1,31). Este é o proceder diante da grandeza da Cruz constitui o caminho teológico para a resolução dos problemas práticos da comunidade.

Paulo descobre, em ação, a força divina que salva e condena, uma vez que, diante da cruz, o homem deve escolher crer ou não, entrar na categoria de “chamado” ou permanecer judeu e grego sem fé (v. 24). Lá, onde tudo apresenta aparência de fraqueza, impotência e ignomínia, exatamente no evento da crucifixão de Jesus, atualizado pela palavra da pregação cristã, Deus se revela potente e sábio salvador⁷⁴¹. Foi a força divina que ressuscitou Jesus: “Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus” (2Cor 13,4). Outro exemplo: “Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitará também a nós pelo seu poder” (1Cor 6,4). Para Paulo, está claro que a pregação da cruz é força de Deus que salva os homens em todos os tempos⁷⁴².

A salvação de Deus comporta tanto o presente quanto o futuro. Isto é evidenciado na pregação de Paulo utilizando uma retórica que lê o passado e projeta o futuro. O presente dá ideia de um processo que está em andamento, na medida em que vamos esperando, que somos salvos (cf. Rm 8,34), embora não contemplemos e nem compreendamos com perfeição o verdadeiro objetivo dessa esperança. Em outras palavras, como se pode observar, no mesmo tempo presente, há aqueles que estão se perdendo e há aqueles que estão sendo salvos. Só resta uma opção: ou teremos que cair na classe dos salvos, ou na dos perdidos. Embora os que ainda estão sendo salvos não tenham toda a sabedoria do céu, eles foram introduzidos numa novidade de vida que os habilita a avaliar as coisas espirituais⁷⁴³.

Devemos ressaltar que a sabedoria deste mundo atingiu o cúmulo de sua loucura: não havendo reconhecido o Deus vivo⁷⁴⁴, “crucificaram o Senhor da glória”⁷⁴⁵.

⁷⁴⁰ BROWN, E. Raymond. *Introducción a la Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2001.

⁷⁴¹ LIEFELD, Walter L. *Salvation*. ISBE 4. 1967.

⁷⁴² MURPHY O'CONNOR, Jerome. *São Paulo e a Moral dos Nossos Tempos*. São Paulo: Paulinas, 1972. pp. 14-18.

⁷⁴³ MORRIS, Leon. *I Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 34.

⁷⁴⁴ Cf. Rm 1,21s; 1Cor 1,21.

⁷⁴⁵ 1 Cor 2,8.

Deus salvou o mundo pela loucura da cruz (1Cor 1,17-25). Assim, quando o Evangelho da salvação é anunciado, deve-se deixar de lado tudo que depende da sabedoria humana - a cultura, a razão, e a beleza de linguagem (1Cor 1,17; 2,1-5), pois não se pode trapacear com a loucura da Cruz. A Sabedoria é revelada e concedida não aos sábios deste mundo, mas aos pequenos. Para confundir os sábios ensoberbecidos (1Cor 1,27), Deus escolheu os tolos do mundo. A Sabedoria não se adquire por esforço humano, mas por revelação do Pai (Mt 11,25ss). Ela é, em si mesma, divina, misericordiosa, misteriosa e oculta, impossível de ser sondada pela inteligência humana⁷⁴⁶. Ela é manifestada pela realização histórica da salvação (cf. Ef 3,10) e não pode ser comunicada senão pelo Espírito de Deus aos homens que lhe são dóceis⁷⁴⁷: “Fora da Cruz não existe outra escada por onde subir ao céu”⁷⁴⁸.

O evento do Cristo Crucificado constitui uma divina condição, no sentido de que é dado pelo Pai como padrão pelo qual a humanidade pode acessar a Sabedoria Divina. Cristo Crucificado torna-se o critério pelo qual Deus cria e desenvolve a jornada humana em seu anseio pela libertação. O Crucificado é um princípio divino, que se oferece como uma possibilidade. A sua ação de salvar através de um ato de amor é agora o único meio de acesso ao mistério da paternidade Divina (v. 1,25).

Em outras palavras, Paulo, na estrada de Damasco⁷⁴⁹, confessa que Jesus Cristo não foi somente um ato de violência sofrida por um homem, mas o último ato de um projeto realizado por uma pessoa com prerrogativas divinas. O quadro a partir do qual ele interpreta o evento da crucifixão e morte de Jesus é o plano de Deus com a sua expressão irradiando da ressurreição de Jesus crucificado e sua presença atual vital na dimensão escatológica - desse modo, o Cristo exaltado.

4.5.3 O Elogio à Sabedoria Divina por meio das Controvérsias e Perguntas Retóricas

No Concílio Vaticano I, Pio IX, ao se referir à fé católica, na Constituição *Dei Filius*, na 3ª sessão, ensina e sustenta que: “Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, a partir das coisas

⁷⁴⁶ Cf. 1Cor 2,7s; Rm 11,33s; Cl 2,3.

⁷⁴⁷ 1Cor 2,10-16; 12,8; Ef 1,17.

⁷⁴⁸ SANTA ROSA DE LIMA. *Viat mirabilis* Louvain, 1668.

⁷⁴⁹ DUNN, James D. G. *The theology of the Apostle Paul*, Grand Rapids, MI 1998. p. 181.

criadas”⁷⁵⁰. O Apóstolo Paulo revela que a realidade de Deus é “invisível, seu eterno poder e sua divindade, tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas” (Rm 1,20). Deus teve a intenção de se manifestar e comunicar sua pessoa e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação da pessoa humana através da divina revelação, exatamente para fazê-la participar dos bens celestiais, que superam plenamente a capacidade da sabedoria humana⁷⁵¹.

Deus, na sua bondade e Sabedoria, manifesta-se a si mesmo “dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade” (cf. Ef 1,9), por meio de Cristo, Verbo encarnado. A pessoa humana tem a possibilidade de, através do Espírito Santo, alcançar ao Pai e se tornar participante da natureza divina⁷⁵². O mistério divino, verdade cheia de sabedoria (cf. Rm 16,27; Ef 3,9; Cl 2,2-3), há muito tempo escondida em Deus e hoje revelada (cf. Rm 16,25; 1Cor 2,7; Ef 3,5-9; Cl 1,26), é tomada por Paulo da apocalíptica judaica (cf. Dn 2,18-19). Ele a introduz profundamente na sabedoria da cruz: a salvação realizada na cruz de Cristo (cf. 1Cor 2,8), a invocação dos gentios a esta salvação (cf. Rm 16,26; Rm 11,25; Cl 1,26-27; Ef 3,6), objeto do Evangelho de Paulo (cf. Rm 16,25; Cl 1,23; 4,3; Ef 3,3-12; 6,19), e, finalmente, a reconstrução do mundo em Cristo, como o único Senhor (cf. Ef 1,9-10; 1Cor 1,9-10; Mt 13,11; Ap 1,20; 10,7; 17,5-7).

Depois de outrora Deus ter falado, muitas vezes e de modos diversos, aos nossos “Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do seu Filho” (Hb 1,1-2a)⁷⁵³. Jesus Cristo, o Verbo eterno que ilumina toda a pessoa humana (cf. Jo 1,1-18), feito carne, enviado como homem entre os homens, fala as palavras de Deus (cf. Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai o encarrega de realizar (cf. Jo 5,36; 17,4). Portanto, Cristo foi enviado para revelar à humanidade a pessoa do Pai (cf. Jo 17,3-6.26; 12,28; 14,7-11). O que lhe é próprio é o amor (cf. 1Jo 4,8-16) e ele o prova entregando seu Filho único por nós (cf. Jo 3,16-18; 1Jo

⁷⁵⁰ apud, DENZINGER, 2007, n. 3004.

⁷⁵¹ CONSTITUIÇÃO Dogmática. *Dei Verbum* sobre a revelação divina. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 10^a. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, cap. 1, n. 6.

⁷⁵² DV, 2004, cap. 1, n. 2.

⁷⁵³ Hb 1,1-2a. Hb 1,1-2. Depois dos profetas, Deus envia um mensageiro que não é mais um porta-voz como os outros: é o Filho, é a própria Palavra. A Sabedoria e o Logos (Sb 7,25-26) exprimem a identidade de natureza entre o Pai e o Filho e também a distinção das pessoas. O Filho é o resplendor ou o reflexo da glória do Pai (cf. Ex 24,16). Ele é a “Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criatura” (Cl 1,15). CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. n. 2.

4,9.10.14.16; Rm 8,32). Assim, é preciso crer que Jesus é o Filho (cf. Jo 3,18). Faz-se necessário esse reconhecimento (cf. 1Jo 2,23; Jo 20,31).

Cabe a cada pessoa humana a “obediência da fé” (Rm 16,26; cf. Rm 1,5; 2Cor 10,5-6), entregar-se livremente a Deus, apresentar-se repleto da inteligência e da vontade, e, espontaneamente, aceitar a sua revelação. Para dispensar essa fé, é preciso o auxílio da graça divina e, também, o auxílio do Espírito Santo, que converte a Deus os corações, abre os olhos da alma, e dá a todos a sua suavidade⁷⁵⁴. Deus atua amorosamente e determina que a revelação divina seja transmitida a todas as gerações e a todos os povos. Para que a revelação do Pai se consuma, Cristo determina aos apóstolos: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Essa missão foi realizada com fidelidade, pelos apóstolos e, de maneira especial, por Paulo.

Para o Apóstolo, o elogio à Sabedoria Divina ocupa um lugar de destaque. Ele elabora uma antítese: o que é tolo e fraco para os homens torna-se sábio e potente para Deus. O Filho crucificado é eminentemente superior a qualquer forma de sabedoria humana. A antítese não é dualista, depreciando o mundo humano em favor do mundo divino. Conzelmann⁷⁵⁵ defende que o mundo não está na semântica da cosmologia. Trata-se de: “[...] um sujeito coletivo portador de uma orientação existencial que rejeita a Deus e que deposita sua confiança nos recursos do próprio pensamento e da própria força”. “Mundo” (*kosmos*) é sinônimo de humanidade. Embora a humanidade estivesse circundada da sabedoria divina, a humanidade, com sua própria sabedoria, não chegou ao conhecimento de Deus⁷⁵⁶. Ou seja, o mundo não percebeu a Sabedoria que foi revelada no Antigo Testamento e que chegou à plenitude em Jesus.

Com isso, o intuito de Paulo é valorizar a Sabedoria Divina, que ultrapassa a capacidade de raciocínio humano, uma vez que a confiança exclusiva nas ferramentas humanas fez o homem se afastar da verdade do Cristo crucificado, rejeitando o núcleo da fé experimentado por Paulo: “Sua avaliação antitética, portanto, não nasce de uma especulação sobre as essências, mas de uma postura de fé, que vê Jesus crucificado

⁷⁵⁴ DV, 2004, cap. 1, n. 5.

⁷⁵⁵ CONZELMANN, apud BARBAGLIO, 1989, p. 184.

⁷⁵⁶ BRAKEMEIER, 2008, p. 30.

como expressão definitiva da ação benevolente de Deus, e relê a realidade humana sob essa luz”⁷⁵⁷.

Assim, a partir dos contrastes levantados por Paulo, a pregação evangélica oferece aos ouvintes uma escolha fundamental para suas vidas: “acolher a proposta do Pai, encarnada em Cristo crucificado, renunciando assim às posições de onipotência divinizadora, ou fechar-se na lógica da negação, entregando-se às possibilidades do próprio pensamento e da própria força de ação”⁷⁵⁸. Nesse sentido, a palavra da cruz coloca-se, então, como lugar do juízo final de Deus, antecipado na história: “A pregação da cruz provoca uma radical e definitiva separação entre os homens [...], fazendo com que uns sejam condenados à ruína eterna, e outros, predestinados à salvação final”⁷⁵⁹. Assim, imediatamente ao encontro com a palavra da cruz, processa-se o juízo escatológico sobre cada homem⁷⁶⁰. Paulo compreende esta força, dizendo que o Evangelho é “força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1,16).

A sabedoria humana está sujeita à destruição e ao aniquilamento. Ela por si só não possui qualquer poder inerente que possa salvar uma alma ou elevar um homem até Deus (cf. Pr 14,12; 16,25). A sabedoria humana não pode desfazer o grande dano provocado pelo pecado, nem mesmo ajudar a humanidade a aproximar-se novamente de Deus. Deus, na verdade, refuta a sabedoria humana e reduz a nada os seus sistemas.

As perguntas retóricas que Paulo faz no v. 20 seguem o mesmo caminho. Ao se referir ao sábio, Paulo deve estar se remetendo aos gregos, notáveis por sua filosofia e sua intensa busca de sabedoria acerca deste mundo. Na visão de Paulo, tal sabedoria não seria suficiente para descobrir os tesouros das realidades espirituais. Poder-se-ia perguntar: Onde está o sábio? Ou melhor, o que foi feito de sua sabedoria? Deus condenou os considerados sábios a viverem na ilusão. Eles tola mente julgam que podem confiar no próprio pensamento e na própria força para realizar seu próprio destino, mas, na verdade, eles caminham por um atalho infundado e sem sentido que só conduz à ruína. A Sabedoria Divina salva a alma, é poderosa,

⁷⁵⁷ BARBAGLIO, 1989, p. 183.

⁷⁵⁸ Ibid., p. 184.

⁷⁵⁹ BARBAGLIO, 1989, p. 184.

⁷⁶⁰ BRAKEMEIER, 2008, p. 30.

leva o redimido a compartilhar da imagem de Cristo. Enquanto que a sabedoria humana enche de orgulho o seu possuidor.

Paulo, ao questionar os escribas, faz alusão aos eruditos do povo de Israel, que eram os estudiosos da lei, técnicos em suas minúcias e ensinavam os preceitos mosaicos ao povo judeu. Os escribas eram os eruditos profissionais, guardiões de todo o conhecimento que o povo israelita julgava importante. Assim como, para os gregos, os grandes filósofos eram o pináculo da sabedoria terrena, para os judeus, quem assumia tal posição eram os escribas. Todavia, tal qual acontecia com os gregos, de nada valia a sabedoria dos escribas, uma vez que esta estava separada de Cristo, que é a sabedoria de Deus. Portanto, nem a lei nem o conhecimento podem salvar a alma perdida, levando o pecador de volta a Deus.

Ao questionar onde se encontra o argumentador deste século, Paulo, muito provavelmente, está se referindo às escolas gregas dos sofistas e, igualmente, aos apreciadores do conhecimento humano. Os filósofos, preparados na retórica, na lógica e na metafísica, facilmente conseguiam, por meio de um discurso artificioso, convencer os seus interlocutores acerca de temas tanto confiáveis quanto logicamente inconsistentes. Assim como Sócrates, que tinha uma grande capacidade de debater, argumentar e defender, também havia entre os judeus indivíduos dotados dessas habilidades, embora essa característica pareça aplicar-se com maior intensidade aos gregos⁷⁶¹. Fica claro, em sua mensagem, que a sabedoria humana, independente de sua variedade ou de sua origem - seja ela grega ou judaica -, fora de Cristo, reduz-se a nada. A sabedoria, por si só, não é necessária para validar a Sabedoria de Deus, que é o próprio Cristo e que se manifesta através do plano de redenção por ele realizado.

Para referir-se aos sábios da época, Paulo utiliza-se da expressão “deste século”, de modo a tornar manifesta a diferença entre os portadores do conhecimento, fadados a desaparecer, e a Sabedoria provinda do alto, que sempre existiu e continuará a existir pelo séculos sem fim. Nesta passagem, Paulo utiliza o termo século para fazer alusão ao período anterior a era messiânica (cf. Lc 18,30; 20,35)⁷⁶²,

⁷⁶¹ Sobre a tradição socrática em Paulo, cf. BETZ, Hans Diert. *Der Apostel Paulus und die sokratische Tradition*. Mohr, Tübingen, 1972, no entanto, o estudo concerne essencialmente ao uso da ironia.

⁷⁶² MURPHY O'CONNOR, Jerome. Primeira Carta aos Coríntios. In: BROWN, Raymond E.; FITZ-MYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Editores). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. Academia Cristã/Paulus: Santo André, 2011, p. 459.

período esse marcado pelo egoísmo humano, por motivos vis, cegueira espiritual, impregnado de irreligião, blasfêmia, abatimento espiritual, ceticismo e desespero (cf. 1Cor 2,6; 2Cor 4,4; Ef 2,2). Se entendermos que ainda vivemos conforme se vivia no período evocado por Paulo, poder-se-ia dizer que se trata, então, do nosso próprio tempo, antes da inauguração do período futuro, de grande iluminação divina.

Poderíamos indagar: Não tornou Deus tola a sabedoria do mundo? Deus tornou a sabedoria humana morosa, insensata, estúpida, desde que a luz de Cristo brilhou sobre a humanidade (cf. Rm 1,22-23; Is 19,11; Is 44,25). Portanto, Deus provou ser a sabedoria humana uma insensatez, fraca, ignorante, destituída de qualquer valor espiritual e sem relevância frente ao verdadeiro destino da humanidade. Paulo não está falando da sabedoria em geral, ele coloca em confronto duas sabedorias naquele contexto, a sabedoria do império, que crucifica os que querem um mundo melhor, e a sabedoria do crucificado dos crucificados em geral. Inquestionavelmente, é em Cristo que nós existimos. Lamentavelmente, a sabedoria humana tem se esquecido desta fonte originária. Em seu discurso, quando diz, no próximo versículo (21), “mundo”, Paulo, segundo Barbaglio, não está se valendo de um conceito cosmológico. Trata-se, aqui, de “um sujeito coletivo portador de uma orientação existencial que rejeita a Deus e que deposita sua confiança nos recursos do próprio pensamento e da própria força”⁷⁶³.

A preocupação de Paulo, de acordo com Morris, é demonstrar que “[...] nenhuma sabedoria humana serve diante de Deus. Sábio, escriba e inquiridor deste século são três expressões típicas para descrever os que são cultos e perspicazes, como o mundo considera a sabedoria”⁷⁶⁴. Em poucas palavras, Deus condena a sabedoria deste mundo através da cruz de Cristo crucificado. Aliás, a imensidão simbólica da cruz jamais poderia ser captada pelo conhecimento humano. É por essa razão que Paulo passou por todo um processo de desconstrução de modo a se tornar um instrumento sem igual nas mãos de Deus.

⁷⁶³ BARBAGLIO, 1989, p. 185. No hebr. não há um único termo que possa ser traduzido por mundo. Quando se fala de universo visível, usa-se a única expressão céu e terra; porém, a expressão não significa exatamente mundo. O mundo (gr. Kosmos), no pensamento semítico antigo, era um conjunto de forças em conflito. Cf. McKENZIE, 1984, p. 636.

⁷⁶⁴ MORRIS, 1981, p. 35.

4.5.4 A Cruz como Elemento de Unidade e Gratuidade

Se a Igreja de Corinto estava dividida em pequenos grupos partidários elitistas que se agrupavam em torno dos pregadores cristãos, a tentativa de Paulo de melhorar esta situação com a pregação sobre o Cristo crucificado era bastante válida. Com ela, mostrava como a fé, na palavra da cruz, era o elemento que unia todos os homens, de diferentes origens religiosas.

Em termos linguísticos, Paulo tenta substituir termos antigos de identificação étnica por um termo simples, significando uma identificação unificada dos membros da comunidade como “os chamados”⁷⁶⁵ (v. 24). Todos podem ser os chamados, gregos e judeus, desde que creiam que “Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus”:

Para Paulo, o Evangelho é a realidade fundamental que proporciona a medida para todas as outras realidades. Por exemplo, não deveria haver facções em Corinto, porque todos são um em Cristo. A unidade, expressa no batismo e na Eucaristia, permite aos cristãos superar todas suas diferenças. Paulo aborda a questão de como os coríntios deveriam agir mediante a descrição da nova criação que eles se tornaram em Cristo (cf. 2Cor 5,17-20)⁷⁶⁶.

Também em nível linguístico, o Apóstolo visa sempre às coletividades: o bloco judaico e o conjunto gentílico. Isso nos mostra a dimensão salvífica da cruz de Cristo a contemplar a humanidade inteira, pois, como o próprio termo nos diz, “gentio” é uma “palavra comumente usada para [designar] todos os povos não judeus”. Esta unidade não se manifesta somente para dirimir as dissensões manifestas entre os grupos elitistas de Corinto, uma vez que, provavelmente, não representassem a inteireza da comunidade, senão uma pequena parcela de “iluminados”. Com sua pregação, Paulo também acolhia a comunidade de Corinto na mensagem do crucificado, ressaltando a gratuidade da salvação em detrimento dos que se vangloriavam por sua sabedoria.

A cruz, enquanto símbolo de escândalo e fraqueza, atua na dinâmica histórico-salvífica de Deus, revelada em Jesus Cristo crucificado. A cruz é voz das vítimas”. Paulo, na comunidade de Corinto, constata que os cristãos, em sua maioria, não possuem nenhum título de grandeza do qual pudessem se vangloriar. Também deixa claro que a comunidade não se destaca pelo nível de inteligência, de peso político ou social, por títulos de nobreza. Poucas são as exceções. As pessoas que

⁷⁶⁵ MITCHELL, 1992, p. 88.

⁷⁶⁶ GETTY, 2001, p. 196.

constituíam a Igreja de Corinto tinham pouca cultura, baixa condição social, e eram de origem plebeia. Mas, foram exatamente elas as escolhidas e chamadas por Deus pela fé, abrindo-lhes um caminho de salvação⁷⁶⁷.

O projeto de salvação do Pai é pela gratuidade e pelo dom não merecido. Não é dado por méritos pessoais, como: títulos, intelecto, posições sociais e origem nobre. Nem tampouco garantido àqueles desprestigiados, como: os incultos, os marginalizados e plebeus. Nenhuma posição privilegiada é aceita por Deus. Dessa maneira, a humanidade permanece toda igual, ninguém fica prejudicado, muito menos leva vantagem. Deus, fazendo escolha por uns, acaba anulando no campo salvífico os privilégios de outros. De fato, fica sem sentido a orgulhosa auto-elevação por parte daqueles que ostentam seus títulos de glória, como se isso lhes garantisse credencial especial. Portanto, aí, nem a pobreza nem a riqueza são exaltadas. São situações objetivas que Deus, em seu projeto salvífico, julga indiferentes. Deus fica indiferente somente com aqueles que, ante a atitude existencial, querem, de algum modo, impor ou querem transferir para o âmbito da salvação os privilégios de que gozam neste mundo. Deus acaba cobrindo-os de vergonha e anulando essa pretensão⁷⁶⁸.

Paulo sublinha com insistência a gratuidade da ação histórico-salvífica do Pai de Jesus Cristo. Tanto para os incultos ou instruídos, pobres ou poderosos, plebeus ou nobres, desprezados ou admirados, ignorantes ou prestigiados, os cristãos de Corinto adquiriram, pela graça de Deus, um novo ser, em relação à salvação. Puramente por obra de Deus, eles existem em Jesus Cristo, e, por isso, participam da sua vida de ressuscitado. Isso se deve a Cristo, mediador da ação redentora e libertadora de Deus⁷⁶⁹.

A misteriosa Sabedoria de Deus, escondida dos chefes deste mundo que crucificaram o Senhor da glória, foi proclamada por Paulo em palavras ensinadas pelo Espírito. Deste modo, eram verdades espirituais em palavras espirituais (1Cor 2,6,16). Somente a cruz pode ajudar a vencer as rixas, as divisões e os partidos: "A lógica da cruz se opõe à dos príncipes deste mundo (2,8) e derruba, portanto, as pretensões de poder que certamente estavam contaminando os coríntios. Na mística da cruz são superados os conflitos"⁷⁷⁰.

⁷⁶⁷ BARBAGLIO, 1989, p. 188.

⁷⁶⁸ Ibid., p. 189.

⁷⁶⁹ BARBAGLIO, 1989, p. 189.

⁷⁷⁰ SILVA, 2005, p. 42.

O centro do anúncio de Paulo à comunidade de Corinto é o Cristo Crucificado⁷⁷¹. Trata-se, pois, da inversão identificada no misterioso projeto de Deus em relação aos planos humanos de superioridade e poderio. Desse modo, o paradoxal conteúdo da mensagem anunciada, “Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2), sublinha a forma empregada por Deus, a fim de revelar aos homens sua Sabedoria misteriosa, oculta pelos séculos, mas agora manifestada em Jesus Cristo mediante o Espírito Santo⁷⁷². Cumpre notar, também, que é apoiado nessa Sabedoria que o Apóstolo constrói o discurso dirigido aos coríntios. Assim sendo, ele põe em evidência a superioridade desta em relação à sabedoria humana, sem recorrer à linguagem elegante e dialética, digna de prestígio e crédito tão cara ao mundo grego.

Esta postura de Paulo está ligada a outro aspecto complementar de sua pedagogia. A opção é por manter puro e imaculado o anúncio de Cristo Crucificado, sem adorná-lo com características provenientes de vãs elucubrações. Emergiu, assim, a Sabedoria da Cruz com toda a dramaticidade e impacto que poderia causar em uma comunidade até então indiferente a este tipo de linguagem. Além disso, é necessário observar ainda que a radicalidade da mensagem cristã e sua aparente inferioridade em relação aos persuasivos discursos humanos acabam por manifestar-se exemplarmente na figura do pregador: “Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas era uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus”⁷⁷³.

Se, num primeiro momento, o Apóstolo contrapõe o orgulhoso e o autosuficiente saber humano à misteriosa e paradoxal Sabedoria de Deus, o discurso segue acerca da existência de uma Sabedoria superior, cujo princípio doador é o Espírito Santo e não está acessível a todos os fiéis, mas àqueles que, despreendendo-se das vãs satisfações temporais (psíquicas), são capazes de elevar-se à verdade de Cristo. Segundo Paulo: “Ensinamos a Sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para nossa glória” (2,7). De acordo com Barbaglio, “negada qualquer relação com a sabedoria do mundo, Paulo agora

⁷⁷¹ BARBOUR, Robin. *Wisdom and the Cross in 1 Corinthians 1and 2*. In: Theologia Crucis, Sigmus Crucis: Festschrift für Erich Dinkler. C. Andresen & G. Klein (orgs.). Tübingen, J.C.B. Mohr, 1919, pp. 57-71; COUSAR, Charles B. *A Theology of the Cross*. Minneapolis: Fortress, 1990; LUZ, Ulrich. Theologia Crucis als Mitte der Theologie im Neuen Testament. EsT 34, 1974, pp. 116-141.

⁷⁷² Cf. 1Cor 2,7-10.

⁷⁷³ 1Cor 2,4-5. BROWN, 2011, p. 459.

fala positivamente, referindo-se a uma Sabedoria que é própria de Deus, ou seja, de seu desígnio eterno, elaborado antes da origem da criação, e que tem como objetivo a salvação final dos fiéis⁷⁷⁴ e a sua participação na glória divina.

4.5.5 Raízes Vetero-Testamentárias da Teologia da Cruz e Sabedoria

O início do v. 19 apresenta uma expressão típica de Paulo: “está escrito”. Como já discutido, o Apóstolo, muitas vezes, recorre à prova escriturística para fundamentar seus argumentos, repetindo esta fórmula em várias passagens da Primeira Carta aos Coríntios, a saber: 1:19; 1,31; 2,9; 3,19; 4,6; 9,9; 9-10; 10,7;10,11; 14,21; 15,45; 15,54.

No v. 20, as interrogativas que começam com “onde” e terminam com uma pergunta retórica também são uma livre citação do Antigo Testamento: Is 19,12; 33,18; Br 3,16; Is 44,25. Paulo faz uso deste artifício para evocar verdades importantes do Antigo Testamento e dar força a sua argumentação. Assim agindo, ele registra e torna evidente que o Messias, prometido no Antigo Testamento, é o Senhor do Novo Testamento (cf. Jo 7,45). Deste modo, quer evidenciar a continuidade da história salvífica, uma vez que mostra como o Antigo Testamento já condenava a sabedoria humana.

Para demonstrar que a mensagem que esta sendo exposta não é nada nova, ele faz uma alusão direta ao texto do profeta Isaías no v. 19: “[...] a sabedoria dos seus sábios perecerá e o entendimento dos seus entendidos se desfará [κρύψω]” (Is 29,14b). Paulo usa o texto da LXX, mas adaptando-o de maneira bastante inteligente: o termo *κρύψω* (esconderei), presente na LXX, é substituído por *ἀθετήσω* (rejeitarei) - palavra que somente aparecerá, aqui, neste formato, no Novo Testamento. Assim, o v. 19 será traduzido como: “De fato, está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios e *rejeitarei* a inteligência dos inteligentes” (grifo meu).

Heil (2005, p. 17-18) oferece uma explicação bastante lógica para esta alteração estilística. Segundo o autor, *ἀθετέω* é usado em outros momentos na LXX, dando uma base semântica para a opção de Paulo⁷⁷⁵: “O Senhor dispersa os planos [βουλας] das nações; Ele rejeita o pensamento dos povos e rejeita os planos dos

⁷⁷⁴ BARBAGLIO.1989, p. 194.

⁷⁷⁵ Preferiu-se uma tradução livre para os dois salmos que seguem.

governantes” (Sl 33,10, grifo meu); “Eu não violarei minha aliança e eu nunca rejeitarei as coisas saídas de meus lábios” (Sl 89,35, grifo meu). O verbo *ἀθετέω* aproxima estas duas orações pelo campo linguístico, tendo Deus como sujeito nos dois casos. Por sua vez, o Sl 33,10 está ligado a Is 29,14b-15 pelo tema similar e pela palavra *βουλή* (“Ai daqueles profundamente fazendo um plano [*βουλήν*] mas não através do Senhor, ai daqueles fazendo um plano [*βουλήν*] em segredo”, Is 29,15).

Assim, alterando o texto de Isaías pela inserção de *ἀθετήσω* na posição enfática final, Paulo mostra um conhecimento completamente familiar das escrituras, muito além do contexto imediato do versículo expressamente citado. Além do mais, segundo Heil⁷⁷⁶, o uso de *ἀθετέω* no Sl 32,10, mostrando Deus condenando o pensamento dos povos e das nações, ajuda Paulo a universalizar o texto de Isaías para encaixá-lo no contexto da sabedoria do mundo de 1Coríntios, no império romano. A lógica em que Paulo estabeleceu o argumento é, portanto, fundamental para a mundanidade da lógica humana articulada sobre o assunto divino.

Diante disto, pode-se dizer que a teologia da cruz e da sabedoria em Paulo tem raízes vetero-testamentárias. No caso de 1Cor 1,17-25, elas são usadas para que o leitor identifique que, desde os tempos antigos, o método de Deus se mostra contrastante com o método adotado pela sabedoria humana. O que o profeta Isaías ressalta a respeito dos sábios de Israel é aplicado aos sábios de todo o mundo. Para finalizar, para o Apóstolo Paulo, a cruz é a origem de todo o saber sobre a humanidade inteira. A cruz é Sabedoria, a Sabedoria é a cruz. A cruz exprime o início anterior à criação e contém o fim escatológico. Contém também aquilo que será definitivo. Para René Girard, quando Paulo afirma nada querer conhecer fora de Cristo crucificado, “não faz anti-intelectualismo. Não é um desprezo pelo conhecimento que se exhibe. Julga, muito literalmente, que não há saber superior ao de Cristo crucificado”⁷⁷⁷.

4.5.6 A Sabedoria Divina Revelada pelo Espírito Santo

Percebe-se, pois, que a Sabedoria anunciada aos coríntios difere da pretensa sabedoria humana não somente pela origem, mas também pela finalidade. Enquanto

⁷⁷⁶ HEIL, John Paul. *The rhetorical role of Scripture in 1 Corinthians*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005. pp. 17-18.

⁷⁷⁷ GIRARD, 1999, p.

as vãs construções retóricas objetivam o envolvimento dos interlocutores e a promoção do orador, o alvo da Sabedoria Divina é a glória daqueles que a ela aderem e por ela se deixam conduzir. Assim dito, origem e destino divinos são marcas irrenunciáveis da mesma. Além disso, trata-se de uma Sabedoria preexistente e desconhecida do mundo, mas, na plenitude dos tempos, revelada aos cristãos pelo Espírito Santo⁷⁷⁸. Só ele é capaz de sondar a vida de Deus. Concedido à humanidade, capacita-a a fim de que conheça os dons divinos⁷⁷⁹.

Conseqüentemente, a abertura ao Espírito Santo confere a pessoa espiritual⁷⁸⁰ a posse da Sabedoria, não apenas em nível de conhecimento. Os efeitos desta são tão grandiosos e profundos no homem pneumático, que ele é colocado na condição de julgar e avaliar o que é divinamente inspirado, até a máxima possibilidade de poder julgar a todos e não ser julgado por ninguém⁷⁸¹. A pessoa espiritual busca contemplar as coisas através da luz do mistério de Deus revelado em Jesus Cristo; é exatamente por isso que ele se encontra, conforme Rossano⁷⁸², “no grau de emitir juízos que transcendam os juízos históricos e filosóficos, os quais julgam com base em princípios imanentes à realidade; a pessoa espiritual não pode ser julgado com base em nenhum princípio puramente empírico ou racional”.

Assim sendo, a profunda comunhão estabelecida entre a pessoa espiritual, que é imagem dos cristãos, e o Espírito doador da Sabedoria do alto dá a luz a uma nova criatura. Nas palavras de Paulo, “nós, porém, temos o pensamento de Cristo” (2,16), ou seja, o cristão torna-se partícipe do próprio *nous* de Cristo e por ele ingressa na luz do mistério trinitário, onde contempla a plenitude da Sabedoria e da Verdade, tornando-se delas portador. Ao encerrar o discurso sobre a verdadeira Sabedoria em 1Cor 2,16-25, o Apóstolo estabelece uma correspondência importante entre o Espírito e Cristo. Se origem e destino da Sabedoria são divinos, conforme assinalado anteriormente, o v. 16 registra que é de Cristo que ela procede e para Ele retorna mediante a ação do Espírito. Enfim, Cristo é a Sabedoria de Deus anunciada ao mundo, superior e elevada acima de qualquer outro saber.

⁷⁷⁸ Cf. 1Cor 2,10.

⁷⁷⁹ Cf. 1Cor 2,12.

⁷⁸⁰ LADD, Georg Eldon. *Crucial Questions about the Kingdom of God*. Grand Rapids: Eerdmans, 1952. p. 139.

⁷⁸¹ Cf. 1Cor 2,15. Cf. ROSSANO, Pietro. *Nuovissima Versione Della Bibbia. Le Lettere Di San Paolo*. n. 47. Torino: Edizione Paoline, 1985, p. 113. Tradução nossa.

⁷⁸² *Ibid.*, p. 120.

O conhecimento da Sabedoria Divina é exclusivamente fruto da graça, é dom recebido gratuitamente, “e não conquista humana da qual se poderia contar vantagem. Quem a possui é apenas o beneficiário de uma luz divina penetrante que provém do Espírito, este sim o perscrutador dos segredos profundíssimos de Deus”⁷⁸³. Por sua vez, o caráter gratuito da Sabedoria Divina concedida pelo Espírito Santo exige do homem uma resposta favorável. O Espírito, que é fonte de iluminação e único distribuidor desse conhecimento elevado, age conforme a disponibilidade particular de seus interlocutores. Assim, Paulo distingue entre homem psíquico e homem espiritual. O primeiro rejeita o que provém do Espírito, deixando-se guiar unicamente pelo princípio racional da *psyché*, apoiando-se nos recursos da inteligência pura. Diversamente, o homem espiritual é aquele que se deixa guiar pelo Espírito doador da Sabedoria Inefável, apegando-se com docilidade à sua ação.

O Apóstolo segue se reportando aos coríntios que se orgulham da própria postura religiosa; ele os alerta de que tudo o que eles possuem receberam de Deus⁷⁸⁴: “Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém sois prudentes em Cristo [...]” (1Cor 4,10-13). Essa carta é a advertência de um pai a seus filhos, e Timóteo está sendo enviado a Corinto para recordar aos seus habitantes a vida e o ensinamento de Paulo, antes que este vá para pôr à prova os arrogantes: “Que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?”⁷⁸⁵.

Paulo exorta os coríntios a serem seus imitadores⁷⁸⁶ (*mimêtai*). O Apóstolo e seus colaboradores são loucos por causa de Cristo; o Apóstolo é desprezado, maltratado, errante, tem fome e sede. Ele encerra a lista alegando ser, “por assim dizer, os detritos do mundo”. Nesse sentido, pode-se dizer que o Apóstolo esperava persuadir a comunidade de que é na fraqueza que se revela o verdadeiro poder da cruz. Paulo alega que os coríntios se equivocaram quanto ao poder e à liberdade do Evangelho, porque não entenderam o significado da cruz quando foram batizados em Cristo e em sua morte (cf. Rm 6,3). De igual forma, ele os recorda de que, quando esteve entre eles, não quis saber de nada, “a não ser de Jesus Cristo e Jesus Cristo Crucificado” (1Cor 2,2). Paulo procura orientar os coríntios, fazendo-os voltar os olhos à cruz.

⁷⁸³ BARBAGLIO, G. 1989, p. 195.

⁷⁸⁴ 1Cor 4,7.

⁷⁸⁵ 1Cor 4,17-21.

⁷⁸⁶ 1Cor 4, 16. Cf. SCHÜTZ, J. Howard. *Paul and the Anatomy of Apostolic Authority* – The New Testament Library. University of North Carolina, Chapel Hill: 2007. p. 230.

5 A SOCIEDADE PÓS-MODERNA ILUMINADA PELA SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO

Neste quinto capítulo, apoiamo-nos na Sabedoria da Cruz de Cristo que Paulo de Tarso apresenta à comunidade de Corinto como mensagem de salvação, para iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da Verdade. Dessa maneira, vale lembrar que a Igreja primitiva, em sua tradição, narra que Jesus morreu “fora dos muros”, “fora das portas da cidade”. Como diz a carta aos Hebreus (13,12s.), fora da vinha, isto é, da comunidade de Israel⁷⁸⁷, e, portanto, fora do lugar santo da presença de *lahweh*, onde somente o homem religioso pode estar. Sofrer fora da porta constituía sinal de opróbrio, pois assim eram punidos os piores criminosos. Deste modo, Jesus revelou, até às últimas consequências, que é possível encontrar o amor de Deus exatamente onde, aos olhos da humanidade, Deus não está. Tendo em mente o quarto Cântico do Servo *lahweh*, Ele foi “contado com os transgressores”⁷⁸⁸. A jovem Igreja está convencida de que tais sofrimentos do Crucificado subentendem sua profunda ligação conosco, participando de nossa humanidade, cuja finalidade não é outra senão a nossa salvação. É possível visualizarmos, na cruz, Jesus que abraça toda a pessoa humana, até o pior e o mais desesperado. Deus expressa toda a sua gratuidade e o seu eterno amor por seu povo⁷⁸⁹. Uma vez rasgado “o véu do seu corpo, as fronteiras entre o recinto sagrado e o mundo sem Deus são retiradas, por seu intermédio, agora todos podem ter acesso ao Pai”⁷⁹⁰.

Juntamente com as primeiras comunidades cristãs, Paulo de Tarso traz sempre diante de si a verdade arrebatadora, a cruz de Jesus que foi estaqueada no âmbito do mundo pecador. Assim, se quisermos descobrir a face do Crucificado Ressuscitado, deveremos procurá-lo entre os mais distantes de Deus. Ele se faz presente e nos espera em cada ser humano, qualquer que seja a sua situação, o seu passado e o seu estado de vida. No Monte das Oliveiras, antes de subir aos céus,

⁷⁸⁷ Cf. Lc 20,15. No dia da festa das Expições, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, local que ele aspergia com o sangue das vítimas; mas os corpos dos animais sacrificados eram queimados fora do acampamento (Lv 16,27). Jesus, vítima de expiação, realizou esta prefiguração, tendo sido crucificado fora dos muros da cidade (Mt 27,32). Os cristãos devem, portanto, deixar o acampamento do judaísmo e do mundo. Cf. A BÍBLIA DA JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985. Nota de Rodapé, p. 2258.

⁷⁸⁸ Is 53,12.

⁷⁸⁹ GÜNTHER et al, W. Love. NIDTT 2, 1968. pp. 542-550; SPICQ, C. *Agape in the New Testament*. London: Herder, 1963; MOFFATT, James. *Love in the New Testament*. London: Hodder & Stoughton, 1929.

⁷⁹⁰ VAN THUAN, François X. N. *Testemunhas da Esperança*. São Paulo: Cidade Nova, 2014. p. 88.

Jesus disse aos seus: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da Terra”⁷⁹¹. A missão dos apóstolos estende-se ao mundo inteiro, e, assim como Paulo, somos chamados e impulsionados a irmos anunciar o Evangelho a todos os povos. Mas que ponto mirar para conseguirmos atingir tão alta e aparentemente difícil meta? Como transformar as cruces da pós-modernidade em poder de Deus? Devemos olhar para o Crucificado na Cruz, na sua *Kenósis* por amor. Ele nos ensina o caminho para a *Kénosis*, na sua radical descida e no seu desprendimento interior de toda riqueza. Ele nos mostra o estilo e a medida do amor, no qual deveremos ser conduzidos.

No mundo de hoje, existem correntes anticristãs com propostas para que o valor da cruz seja dissipado, para que seu significado seja esvaziado, negando que a humanidade possa encontrar nela a raiz da sua nova vida, alegando que a cruz não consegue nutrir perspectivas nem esperanças e afirmando que a criatura humana é um ser simplesmente terreno, que deve viver como se Deus não existisse. Sabemos que a linguagem da Sabedoria da Cruz de Cristo ainda é tão alheia ao mundo cristão. Muitos se suicidam, recorrem às drogas, sofrem e não encontram o sentido da vida. Será que a cruz preenche esse vazio? Como transformar as cruces no dia a dia do cristão em fonte de espiritualidade, de forma que a vida adquira um significado novo e passe a vida a ter sentido? Como apresentar a mensagem da Sabedoria da Cruz como fonte de salvação? Como a cruz ilumina o homem e a mulher pós-modernos? O objetivo desta tese é seguir o modelo de Paulo, a fim de buscarmos os benefícios da cruz para a humanidade pós-moderna, que coloca no centro da sua teologia o Cristo crucificado⁷⁹². Isso equivale dizer que Deus apresenta, aos cristãos pós-modernos, a Sabedoria da Cruz de Cristo como caminho de superação e de sanção. Trata-se de uma proposta assentada sobre a expectativa de que a cruz é, de fato, a única resposta suficiente ao cristão, com a sua Sabedoria, oferece espaço de transcendência, de reencontro com o sentido da vida, consigo mesmo e,

⁷⁹¹ At 1,8.

⁷⁹² BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo e paixão do mundo**. Os fatos, as interpretações e os significados ontem e hoje. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990; COUSAR, Charles B. **A Theology of the Cross: The Death of Jesus in the Pauline Letters**. OBT, Minneapolis: Fortress, 1990; DRIVER, John. **Understanging the Atonement for the Missio f the Church**. Scottsdale, PA, Herard, 1986; DUNN, James G. Paul's **Understanding of the Death of Jesus as Sacrifice**. In: Sacrifice and Redemption: Durharn Essays in Theology. S. W. Sykes (org.). Cambridge University Press, 1991. pp. 35-56; FITZMYER, Joseph A. **Reconciliation in Pauline Theology**. In: To Advance the Gospel: New Testament Studies. New York: Crossroad, b - 1981. P. 162.

consequentemente, com Deus. A Sabedoria da Cruz de Cristo é amor doação sem medida nem condição.

A ninguém passa despercebido o desafio que tudo isso representa aos crentes, e estes não podem deixar de enfrentá-lo. Porém, temos que “predispor-nos ao sacrifício..., mudar nosso olhar, dilatar o nosso horizonte, saber reconhecer a ação do Espírito Santo..., e abrir-nos a aspectos inéditos do empenho cristão”⁷⁹³. Poderão eles, portanto, recusar-se a fazer todo o possível para, com a ajuda de Deus, abater muros de divisão e desconfiança, superar obstáculos e preconceitos que impedem o anúncio do Evangelho da Salvação através da cruz de Jesus, único Redentor da humanidade?

Se a pessoa que é crucificada pelo sofrimento crer em Deus, terá sentido na vida, terá força para superá-lo, da mesma maneira que Cristo quando fez a experiência da “*Kenosis*”⁷⁹⁴. O cristão pós-moderno não gosta da linguagem do sacrifício, pois lhe parece uma linguagem estranha. Essa linguagem é paradoxal: de um lado, configura-se como escândalo para os judeus; para os gregos, apresenta-se enquanto loucura; porém, para os que creem, a cruz é uma superação do sofrimento à luz da fé. Ela mesma transforma-se em poder e Sabedoria de Deus (cf. 1Cor 1,18-25).

Com base nessas considerações, pode-se dizer que Deus assume a história humana a partir do seu reverso. Ele vem não para condenar o mundo, nem os verdugos, mas para salvá-lo graças ao poder da “vítima perdoadora”⁷⁹⁵. O Cristo crucificado desata os nós do ressentimento e resolve o enigma do clamor dos inocentes por meio de uma práxis de amor doação. Aí reside a fonte de significação que dá sentido às perguntas da humanidade desprezada de qualquer época da história. Reconhecendo essa capacidade messiânica da história, podemos visualizar, com uma perfeita lucidez, que “justamente aquele que é o indício da presença de Deus

⁷⁹³JOÃO PAULO II. Encíclica *Ut unum sint*. n. 102. Disponível: >http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html<. Acesso: 29-08-2016.

⁷⁹⁴ “De uma perspectiva cristã, o paradigma da *Kénosis* do que se dá para ser consumido nos revela o despojamento como um ato que não faz da auto-oblação um fim em si mesmo, senão que antes, no contexto da ressurreição, o ato kenótico se transforma numa prática de esperança, de gratidão e de confiança em que o superabundante amor e fidelidade de Deus não é abandono, mas constante retorno. [...] Consequentemente, no que Deus dá, existe um paradoxo: ainda que seja superabundante, não pode ser possuído plenamente; no ato de dar de si mesmo, vai além de si”. MONTROYA, Ángel Méndez. *El Festín del Deseo. Hacia una Teología alimentaria*. México, Jus, 2001, p. 240.

⁷⁹⁵ ALISON, James. *Jesus, the Forgiving Victim. Listening for the Unheard Voice*, 2012. Disponível em: <http://forgivingvictim.com/home/the-course/introduction/>. Acesso em: 16 de novembro de 2016. Tradução nossa.

na história, morre como um excluído nas portas da cidade. [Como diz Duquoc], o excluído é a partir de então o indício da presença”⁷⁹⁶.

Dessa perspectiva, a cruz de Jesus aparece no cume de uma história vinda de Deus, história esta que Ele escreve com a comunidade dos justos⁷⁹⁷. O processo vitimário se transforma em processo de sanção partindo das feridas. Para Girard, precisamente no meio dessa espiral de violência, acontece o triunfo da cruz como desvelamento da mentira de Satã e revelação da verdade de Cristo sobre a possibilidade real de superação, no mundo presente, da lógica sacrificial⁷⁹⁸. Por isso, a humanidade está diante da única alternativa decisiva para vencer a espiral do ódio: ou sacrificar os outros perpetuando a mentira de Satã, ou bem viver como oferenda de si mesmo, imitando o Messias. Ainda que este último gesto conduza à morte, será primícia de vida nova.

A cruz permanece intacta enquanto o mundo gira. Os monges cartuchos adotaram um lema que aparece na entrada de seus mosteiros. Nele, está representado o globo terrestre encima de uma cruz, cuja inscrição: “*Stat crux dum volvitur orbis*”. Se traduz por: A cruz permanece intacta enquanto o mundo faz a sua trajetória. Ela é o ponto fixo, o mastro, no meio dos balanços do mundo. Ela é o não definitivo à mentira e a tudo aquilo que nós chamamos de mal, e, ao mesmo tempo, é o sim irreversível ao amor, à verdade e ao bem. Não ao pecado e sim ao pecador⁷⁹⁹.

Sob esse impulso, vale ratificar que a Sabedoria Divina é que traz inspiração, através do dinamismo da gratuidade, para vivenciar a redenção no coração da história violenta da humanidade, e adapta as faculdades da humanidade “às virtudes teológicas”⁸⁰⁰ para participar da natureza divina: fé, esperança e caridade. A fé é requisito para quem almeja a salvação. Todo aquele que cre vê um mundo transfigurado, consegue ver outro mundo possível. Ultrapassa barreiras intransponíveis, vai além das limitações humanas e entra na dimensão divina. A fé se

⁷⁹⁶ GEFRE, Claude. “*Théologie de l’Incarnation et Théologie des Signes des Temps*”. In: Joseph Doré e Jacques Fantino, Marie-Dominique Chenu. *Moyen Âge et Modernité*. Paris: Centre d’Études du Saulchoir, 1997. p. 153. A citação do teólogo de Lyon é: DUQUOC, Christian. *Le Déplacement de la Question de Dieu à Celle de Sa Localisation*. Concilium, n. 242. p. 19. 1992 [T. do A.]. Tradução nossa.

⁷⁹⁷ MILBANK, John. *Teología y Teoría Social. Más Allá de la Razón Secular*. Barcelona, Herder, 2006.

⁷⁹⁸ Ibid., p. 248.

⁷⁹⁹ CANTALAMESSA, Ranieiro. (ZENIT – Cidade do Vaticano, 14 Abril, 2017). Pregação da Sexta-feira Santa de 2017, na Basílica de São Pedro. Disponível em: <<http://pt.zenit.org/articles/texto-completo-da-pregação-da-sexta-feira-santa-2017-do-pe-ranieiro-cantalamezza-ofmcap> > =portuguese>Acesso em: 16/04/2017.

⁸⁰⁰ CalC, n. 1812. As virtudes teológicas se referem diretamente a Deus.

abre ao conhecimento do invisível, no meio da finitude do criado. Trata-se de uma verdadeira compreensão inovadora do processo vitimário como luz para descobrir o sentido da vida, que não se baseia no medo, na cobiça ou na prepotência.

Por sua vez, a esperança⁸⁰¹ é um dos comportamentos fundamentais do cristão e se relaciona com a afirmação central de sua fé. Por ser comportamento, é inserida no rol das virtudes, e, por se relacionar com Deus, é vista como teologal. A esperança não se apoia nas próprias forças humanas, mas no socorro do alto, nas promessas de Deus, como nova forma de resistência à história de dominação e violência na humanidade. No seu cerne, a esperança “esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar”⁸⁰². Refere-se ao desejo do cristão de se encontrar definitivamente com Deus em seu reino de vida eterna, em perspectiva de salvação plena e realizada, por isso escatológica.

Finalmente, a caridade⁸⁰³ surge como expressão da superabundância do amor incondicional, testemunhada por Jesus Cristo com sua vida terrena e, sobretudo, com sua morte de cruz e ressurreição. A caridade é uma força que tem sua origem em Deus, “Amor eterno e Verdade absoluta”⁸⁰⁴. Não se pode perder de vista quem nos amou primeiro, ensinando-nos, por meio do Filho, o que é a caridade fraterna. A caridade é o maior dom dado por Deus à humanidade, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende, nela Deus cumpre sua promessa, ela é a nossa esperança. Ela jamais exclui a Sabedoria, antes, reclama-a, promove-a e anima-a a partir do interior. A sabedoria humana jamais é obra única da inteligência, embora possa ser reduzida a cálculo e à experiência. É bem verdade que a sapiência é insuficiente para orientar a humanidade à luz dos princípios primeiros e dos seus fins últimos. De igual forma, as conclusões das ciências não poderão sozinhas indicar o caminho para o

⁸⁰¹ Espera certa de beatitude a vir. AQUINO, Tomás de. ST LLa LLae, q. 18, a 4. Unida pela teologia paulina à fé e à caridade (1Cor 13,3), bem como a esperança. Só é inteligível em teologia no quadro de referências bíblicas em que a categoria da promessa ocupa uma posição privilegiada. LACOSTE, 2014, pp. 644-649; MOLTMANN, J. **Teologia da esperança**. São Paulo: Loyola, 1971; RATZINER J. **Die Geschichtstheologie des heiligen Bonaventura**. Munique, 1959; Cf. AGOSTINHO, 2005. Livro X, n.1.

⁸⁰² FRANCISCO, Papa. Texto completo da homilia do Papa na Vigília Pascal 2017. 15 de abril de 2017. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 27.04.2017.

⁸⁰³ AGOSTINHO. De civitate Dei XIV, 28. As confissões descrevem o itinerário espiritual de um ser que renunciou ao vão amor sempre maior para com Deus (XIII, 8). AQUINO, Tomás de. ST LLa LLae, q. 26, a 3; CLARAVAL, Bernardo de. **Tratado do amor de Deus**, cap. VIII-X; Na inauguração da Segunda Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II (29 de setembro de 1963) | Paulo VI. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html>; GUARDINI, Romano. El servicio al prójimo em peligro. Madri: Guadalarrama, 1960.

⁸⁰⁴ CV, n. 34.

desenvolvimento integral da criação. Por tais razões, a sabedoria humana deve ser sempre “temperada com o sal da caridade”⁸⁰⁵. A ação é totalmente cega sem a Sabedoria, e esta é estéril sem o amor.

É interessante salientar que, por vezes, a subjetividade pós-moderna se vê, assim, acompanhada pelo fulgor da gratuidade para entrar em outra ordem de existência, como se o mal e o sofrimento não existissem. Não porque se neguem seus efeitos perversos e devastadores, de si evidentes e escandalosos, mas porque se relativizam diante da preeminência da *Sophia* Divina, que prepara um banquete para nutrir a todos. Paulo de Tarso descreve o ágape do Messias em sua Epístola aos Colossenses: “E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é vínculo da perfeição”⁸⁰⁶. A caridade estabelece o reino da paz de Cristo, em quem os seres humanos são um só corpo⁸⁰⁷.

A vida teologal que é proposta não é negação do mundo, mas, pelo contrário, sua transfiguração. Não é supressão do “desejo mimético”⁸⁰⁸, mas mudança de modelo por imitar: “não” a Satã, mas “sim” ao Messias crucificado que anuncia não a reciprocidade violenta, mas a gratuidade incondicional. Vive-se não a lei de talião, mas a lei subversiva do Sermão da Montanha. Dessa maneira, a Cidade de Deus, como presença escatológica do amor divino, acontece já na vivência dos cristãos dessa comunidade escatológica que se inscreve no testemunho da cruz e que, agindo no tempo, prepara o eterno. Em outras palavras, como se observa, no meio do muro do ódio, abrem-se fissuras para a paz, abre-se uma fenda de esperança através do perdão, dando passagem à reconciliação possível da humanidade na contingência da história.

Com a oferta da sua vida, Jesus, de uma só vez (Hb 8,27), rompe definitivamente com o círculo fatal do ressentimento. De maneira plena e consumada

⁸⁰⁵ CV n. 30.

⁸⁰⁶ Cl 3,14.

⁸⁰⁷ Cl 3, 12-15.

⁸⁰⁸ Desejo mimético, essa pulsão originária que anima a relação de uma subjetividade em face de outras. Aparece quase sempre marcada por um mecanismo recorrente de admiração, de rivalidade e de sacrifício que explica a violência fratricida de que temos notícia em todas as culturas desde as origens da humanidade. René Girard apresenta esse conceito, na metade do século xx, para dar razão do caráter sacrificial, onde a estabilidade do grupo depende do sacrifício de uma vítima inocente. Segundo a teoria mimética, a Bíblia é o progressivo desvelamento e a narrativa mais bem-sucedida na história antiga da superação deste mecanismo sacrificial. Adquire plena significação com a experiência de desmontagem da rivalidade que levou a efeito Jesus de Nazaré na cruz, enfrentando a crise mimética de dentro, submetido como bode expiatório, e evidenciando sua perversão e o caminho para a superação desse mecanismo. Cf. GIRARD, 1999.

na cruz, Ele se entregou até o último suspiro e, assim, entregou o Espírito à humanidade ferida para resgatá-la das garras da morte. Essa reconciliação “perdoadora”⁸⁰⁹ de Cristo não é apenas acontecimento do passado, é também acontecimento presente, que se atualiza na ação redentora da cruz. O Deus que se experimenta hoje é o mesmo de ontem porque, como outrora, Deus se revela na justa medida das necessidades específicas da cada pessoa e de cada comunidade cristã. Sobretudo, tudo o que Deus tinha para dizer já foi dito em Jesus (cf. Hb 1,1), a plenitude da Sabedoria. Unido-se a Cristo é que a nossa vida terá sentido, pois teremos acesso à Sabedoria Divina.

Em síntese, só através da Sabedoria da Cruz é que a razão humana será iluminada, tornado-se possível alcançar o objetivo do desenvolvimento dotado de uma valência mais humana e humanizadora, assegurada pela potência do amor de Cristo que vence o mal com o bem (cf. Rm 12,21), possibilitando a reciprocidade das consciências e das liberdades. E, assim, vai-se abrindo também, de maneira paulatina, um espaço inovador para expressar a imaginação escatológica suscitada pela experiência do Crucificado que vive nas vítimas de hoje, que anelam construir mudança de um mundo para além da violência, do ressentimento e da exclusão.

5.1 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO DERRAMA LUZ SOBRE O SOFRIMENTO HUMANO

Para muitos, o problema do sofrimento torna-se obstáculo intransponível para a fé, já que propicia a oportunidade de poder acusar o próprio Deus. Nossa finalidade, aqui, é entender como a cruz derrama luz sobre o escândalo, profundamente evocado pelo sofrimento. A dor humana permanecerá sem resposta até que não for reconhecido e levado a sério o seguinte dogma fundamental da fé cristã: aquele que contemplamos sobre a cruz é Deus *in persona*. Trata-se de Jesus

⁸⁰⁹ No sentido teológico pós-moderno, o perdão designa a existência em doação como incessante processo de reconhecimento e de inclusão do outro na vida própria. Quer dizer, como gesto originário de existir com os outros num processo de dádiva e de per-dom. Nomeia, assim, um estágio da existência possibilitado pelo Ruah divino que inabita os justos e lhes devolve o olhar do inocente. Segundo o conceito teológico, é preciso reconhecer que somente na reconciliação que procede da vítima perdoadora é que se instaura já de maneira escatológica. É bem verdade que, com o perdão, uma nova ordem de existência antecipa o tempo final da redenção. Cf. ALISON, James. **Jesus, the Forgiving Victim. Listening for the Unheard Voice**, 2012. Disponível em: <http://forgivingvictim.com/home/the-course/introduction/>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

de Nazaré, Deus e homem, o Filho do Pai Eterno, definido no Concílio de Nicéia, o próprio Deus, dotado da mesma substância do Pai⁸¹⁰. Para assegurar a alguém que certa bebida não contém veneno, é preciso bebê-la por primeiro. Foi exatamente o que Deus fez com a humanidade. Ele tomou o cálice amargo da paixão. Portanto, não pode ser assim tão envenenado o sofrimento humano, não pode ser apenas negatividade, perda, absurdo, uma vez que o próprio Deus escolheu prová-lo. No fundo do cálice, há uma pérola: a Ressurreição: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós (Rm 8,18)”⁸¹¹.

João Batista, ao apresentar Jesus ao mundo, diz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1,29). O cordeiro, em outras culturas, simboliza o inocente. Trata-se de um ser inofensivo que não faz mal a ninguém. Pedro, em sua Primeira Carta, seguindo esse simbolismo, chama Cristo de “o Cordeiro sem defeitos e sem mácula” (1,18) e diz que, embora ultrajado, ele não respondia com ultrajes; e sofrendo, não ameaçava com vingança. Jesus é, na verdade, o inocente que sofre⁸¹². Todavia, quando um inocente morre, o Deus da cruz se solidariza com ele. Com efeito, não como um juiz distante e estranho, como se fosse um simples espectador insensível ao sofrimento, mas um Deus vizinho. O Senhor é um Deus cheio de compaixão. Ele fez da dor de toda a humanidade a sua dor, exatamente para lhe dar sentido e consolo⁸¹³.

Depois de Jesus, aqueles que têm dado a Ele o seu belo testemunho e que têm bebido do cálice são os mártires empolgados pela “mística do sofrimento”⁸¹⁴. Jesus propõe aos seus discípulos o desafio de “passar pelas mesmas consequências da práxis libertadora segundo o Reino de Deus: contradição, perseguição e morte”⁸¹⁵. “Se eles me perseguiram também vos perseguirão” (Jo 15,20). Irineu de Lião escreve contra os gnósticos e parte do princípio de que Cristo não exigiria de seus discípulos sofrimentos que Ele mesmo não tivesse experimentado⁸¹⁶.

⁸¹⁰ Doutrina Católica antes do vaticano segundo: **Primeiro Concílio de Nicéia** – ano 325. Disponível em: <http://doutrinacatolica-antes-vaticano2.blogspot.com.br/2014/05/concilio-de-niceia-ano-325.html?m=1>. Acesso em: 15/01/2017.

⁸¹¹ CANTALAMESSA, 2011.

⁸¹² CANTALAMESSA, 2012.

⁸¹³ FORTE, 1991, p. 40.

⁸¹⁴ SOLDIER, 1985, p. 98.

⁸¹⁵ EICHER, 2005, p. 147.

⁸¹⁶ IRINEU DE LIÃO. Livro III 18,5-6, 1995, p. 332-334.

Aquilo que foi reservado ao próprio Cristo será igualmente reservado àqueles que amam a Deus: “destinados a testemunhar o caminho da morte, a *Via Crucis* de Jesus, e também a sua ressurreição”⁸¹⁷. Certa vez, ao escrever uma Carta aos Efésios, Santo Inácio de Antioquia argumentou ainda não estar “aperfeiçoado em Jesus Cristo”. Porém, quando fez o caminho para o seu próprio martírio, de livre submissão, ele fez a seguinte confissão: “Só agora estou sendo iniciado no discipulado”⁸¹⁸. São Pedro Crisólogo, em um dos seus sermões, fez a seguinte afirmação: “Deus não quer a morte, mas a fé: ele não tem sede do teu sangue, mas do teu sacrifício; não se aplaca com a morte violenta, mas com a vontade generosa”⁸¹⁹. A proposta para seguir as pegadas do Mestre é o caminho de união com o Crucificado, no amoroso suplício da cruz. Só é possível nascer uma pessoa nova na cruz, trazendo no corpo os estigmas do Cristo: “Basta-te o Cristo crucificado, com Ele padece e descansa”⁸²⁰. São João da Cruz diz que, “se quiseres chegar à posse de Cristo, jamais o busques sem a cruz”⁸²¹. O ser crucificado com Cristo é compreendido quando surgem os mártires.

Deus sofre com aquele que sofre: A vida e o sofrimento de Jesus estão dizendo que Deus não está separado dos sofrimentos da humanidade. Deus participa da nossa história. A história do sofrimento da humanidade é também a história do sofrimento de Deus. Deus é o oculto que manifesta o seu amor na cruz do Cristo⁸²². Lutero compreendeu que Deus, ao contrário da glória do mundo, manifesta-se no sofrimento e na morte de Jesus, porque, sob a forma humana, rompe o limite da dor, entregando-se à morte⁸²³. Um Deus que “não permite sentir o sofrimento também não pode nos entender”⁸²⁴. Só um Deus sofredor é capaz de ajudar. Ele passa pelo sofrimento: “Por suas chagas fomos curados”⁸²⁵.

Muitas vezes, associamos ao sofrimento o fracasso. Para explicar o fracasso de Deus em relação ao sofrimento, Moltmann cita a novela *Demônios*, de Dostoyevsky, que traz a seguinte ideia: um Deus que não pode sofrer é mais

⁸¹⁷ BARTH, 2009, p. 497.

⁸¹⁸ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, apud SLANE, 2207, p. 220.

⁸¹⁹ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, apud LITURGIA DAS HORAS II, 2000, p. 696.

⁸²⁰ SÃO JOÃO DA CRUZ, apud STEIN, 2008, p. 228.

⁸²¹ Ibid., p. 228.

⁸²² GEFFRÉ, Claude. Dieu mystère de gratuité. In: HOUZIAUX, Alain (dir.). Dieu, c'est quoi finalement ? Paris: L'Atelier, 2005, p. 99. Cf. também GANOZY, Alexandre. Dieu, grace pour le monde. Paris: Desclée, 1986.

⁸²³ LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 1. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987.

⁸²⁴ MOLTSMANN, 1997, p. 66.

⁸²⁵ Is 53,5b.

desgraçado do que qualquer homem. Um Deus incapaz de passar pelo sofrimento é um ser indolente, pois a injustiça e o sofrimento não o afetam. Seria carente de afetos, nada o afetaria nem o comoveria. Não poderia chorar, porque não teria lágrimas; portanto, se não pode sofrer, tampouco pode amar. Um Deus assim poderia ser o Deus de Aristóteles, mas não o Deus de Jesus Cristo⁸²⁶.

Na visão de Mons. Tihamer, o sofrimento serve para cortar involuntariamente as bordas das coisas terrenas em que fatalmente tenhamos nos envolvido. Serve também como aprendizagem para exclamarmos, assim como Santa Tereza de Jesus, quando a saúde, a riqueza, a fama, o poder e a própria vida se tornam pó em nossas mãos: “só Deus basta só Deus basta! Somente em Deus encontramos o repouso”⁸²⁷.

Na reflexão teológica sobre a esperança, Jürgen Moltmann, alicerçado em sua experiência de cativo num campo de concentração nazista, assim testemunha:

Na Guerra Mundial fui soldado e, ao final, estive três anos e meio como prisioneiro de guerra. Meu mundo interior, que estava formado por Goethe, Schiller e Nietzsche, se quebrou. Em nosso campo de prisioneiros nos mostraram imagens de *Belsenbergen, Buchenwald e Auschwitz*. Ali li a Bíblia pela primeira vez. E me chegou a leitura dos salmos de lamentação. Li o Evangelho de Marcos, e me encontrei com o grito de Jesus: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” Soube prontamente: Aí há alguém que te compreende porque passou pela mesma situação sua e ainda pior. E quando, lentamente, fui entendendo isto, pude exclamar em meu coração: “Senhor meu e Deus meu!” E por isso creio no Deus que compartilha nossa dor e sofre por nós e, desta maneira, nos dá nova certeza para viver⁸²⁸.

O início de sua teologia acontece, segundo ele, no fundo dessas experiências. Naquele momento histórico, a grande pergunta que se fazia, originária de Emanuel Lévinas (1906-1995), era: “Como falar de Deus depois de *Auschwitz*?”

Como se pode falar de Deus depois de *Auschwitz*? Este é o seu [de quem precisou gritar por Deus] problema. Mais ainda, porém, é seu problema como depois de *Auschwitz* não se pode falar de Deus. De que então é para falar depois de *Auschwitz*, se não de Deus?! [...] Este não-mais-poder-falar-de-Deus e contudo-ter-que-falar-de-Deus, em face da experiência esmagante do peso da culpa na minha geração, é possivelmente a raiz de meus esforços teológicos, pois o pensar sobre Deus sempre de novo me leva de volta àquela aporia⁸²⁹.

⁸²⁶ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *El Dios crucificado*. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 311.

⁸²⁷ TOTH Tihamer. *Creio em Jesucristo El Redentor*. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1942, p. 106.

⁸²⁸ MOLTSMANN, Jürgen; METZ J. B. *El dolor de Dios: una discusión teológica*. Apud: CORMENZANA, F. J. V; MOLTSMANN, Jürgen. *El fin de la indiferencia*. Sal terrae: revista de teologia pastoral, t. 86/10, n. 1006, p. 852-853, nov./1997.

⁸²⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *In der Geschichte des Dreieinigen Gottes*. Beiträge zur trinitarischen theologie. Zurück: Gütersloher Verlagshaus, p. 222. Tradução nossa.

Moltmann segue buscando justificativa para falar de Deus diante do sofrimento e da dor humana. Nessa mesma linha de análise, ele cita outro autor, Wiesel (sobrevivente de *Auschwitz* III), que diz: “Não se pode entender [*Auschwitz*] com Deus. E não se compreende sem Ele”⁸³⁰. É bem verdade que não há uma explicação plausível para a crueldade exercida contra a vida humana neste campo e em outros. Não há como imaginar Deus lá, mas também não se compreende sem Ele. Moltmann alude que sempre que tenta falar de Deus ou sobre Ele se vê novamente às voltas com a questão de *Auschwitz*. Por quê? Talvez porque ele também gritou por Deus como tantos (as) outros (as) igualmente gritaram e se sentiram, devido à circunstância, abandonados (as) por Deus, supostamente silencioso. A compreensão que ele adquiriu com o tempo e com a reflexão teológica mostrou-lhe que não se trata de um Deus silencioso, mas solidário e, ao mesmo tempo, sofredor⁸³¹. No sofrimento do inocente, Deus silencia e abraça os que sofrem.

Conforme dirá Moltmann: “Mas um homem pode sofrer, porque pode amar. [...] Finalmente um Deus exclusivamente onipotente é em si um ser imperfeito”⁸³². Desse modo, segundo a doutrina cristã – aqui assistida pela teologia de Moltmann -, a encarnação de Jesus é algo realizado por Deus no intuito de revelar a essência de seu Ser que é amor. Trata-se de algo já prometido ao antigo Israel, que padecia na escravidão do Egito: “Eu vi, Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois Eu conheço as suas angústias. Por isso descí a fim de libertá-lo” (Ex 3,7-8)⁸³³.

⁸³⁰ Ibid., p. 222. Tradução nossa.

⁸³¹ Moltmann reproduz um artigo sobre o aspecto do sofrimento humano relacionado ao sofrimento de Deus, a ponto, segundo ele, de alguns perguntarem: Como pode Deus permitir isto? Neste texto, ele relaciona questões atuais como as conseqüências do primeiro ataque dos norte-americanos ao Iraque na década de 90 do século XX, na qual ele reflete sobre as crianças iraquianas vítimas da guerra. Chega até o momento de sua experiência, ao ver sua cidade bombardeada e invadida, fato que presenciou em 1943 e que causou a morte de 80 mil pessoas. Ele encontrará respostas a esta pergunta acima refletindo a partir da Paixão de Cristo. Ele provoca um questionamento: Será que aqueles que têm essa impressão de Deus silencioso se tornariam também alheios frente ao sofrimento? Talvez do ponto de vista do expectador, mas nunca de quem já foi afetado por isso. Ver: MOLTSMANN, Jürgen. **La pasión de Cristo y el dolor de Dios**. Selecciones de teología, Barcelona, v. 33, n. 129, p. 17-24, ene./mar. 1994. Outra obra que demonstra uma profunda reflexão sobre estes eventos e que traz uma contribuição, além de MOLTSMANN, de outros influentes autores é a seguinte: BLOCH, E., FACKENHEIM, E. L., MOLTSMANN, J., CAPPS, W.H. **El futuro de la esperanza**. Salamanca: Sígueme, 1973. Com destaque ao diálogo moderado por Walter Capps e que foi realizado por Emil L. Fackenheim, Johannes B. Metz e Jürgen MOLTSMANN: **Esperanza, despues de Auschwitz e Hiroshima?**

⁸³² Cf. MOLTSMANN, 1975, p. 311.

⁸³³ Ibid., p. 312.

O amor se cristaliza no ato de se solidarizar com quem é amado. Em Jesus, Deus vai mais longe nesse amor. Ele, pelo qual foi criada a história, decide fazer-se história. Assume a humanidade por inteiro no Ser de Deus, pois, agora, Deus-homem sente na própria carne, *sarx*, o que sente um ser humano, com todas as limitações provenientes dessa situação, até mesmo a íntima relação entre o ser humano e Deus⁸³⁴. Para Moltmann, na mística da cruz, acontece a superação do sofrimento, da dor, das feridas e da morte:

Os sofrimentos podem ser superados por sofrimentos e feridas podem ser curadas por feridas. Pois o sofrer no sofrimento é falta de amor, as feridas nas feridas são o abandono e a fraqueza na dor é a descrença. Por isso, os sofrimentos do abandono são superados pelo sofrimento do amor, que não assunta ao doente e o infeliz, mas que, para curar, os recebe e os toma sobre si. Por ter sido Deus abandonado por Deus, o Crucificado leva Deus aos abandonados dele. Por meio do seu sofrimento, ele traz cura aos sofredores. Por meio de sua morte, ele traz vida eterna aos que morrem⁸³⁵.

Diante da violência dada gratuitamente ao Filho de Deus, do desamparo inexplicável do Pai ao Filho e das repetições históricas das dores agudas da humanidade, retoma-se a questão antiga: onde está Deus? No entanto, “somos convidados a ultrapassar as aporias de uma teodiceia muito segura de si mesma, que não consegue superar a oposição entre a onipotência apática de Deus e sua vulnerabilidade manifestada na morte sobre a cruz”⁸³⁶. O Deus de Jesus manifesta-se como fraco e sofredor, a fim de que o ser humano se enriqueça. Quando se entrega à dor, Deus entrega-se à autonomia da criação e à liberdade humana que tanto pode entregar-se ao mal como, em Deus mesmo, superá-lo.

Em meados do século XX, o teólogo e pastor luterano, Dietrich Bonhoeffer, uma testemunha magnífica da presença do divino no coração humano, descreveu com uma profundidade teológica insuperável sua experiência pessoal no campo de concentração nazista em *Flossenburgo*. Ele sustenta que as Sagradas Escrituras

⁸³⁴ Encontramos, aqui, um outro relato de Moltmann sobre esta relação do Filho com aqueles que sofrem: “O filho de Deus, abandonado por Deus, carrega em si a eterna morte dos abandonados e condenados a fim de se tornar o Deus dos abandonados, e o irmão dos condenados. Todos os condenados e abandonados por Deus podem agora, no crucificado, experimentar a comunhão com Deus. O Deus encarnado faz-se agora presente e acessível à humanidade de cada ser humano. Não é necessário transformar-se ou assumir algum papel especial a fim de viver a humanidade, em Cristo”. MOLTSMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978, p. 60.

⁸³⁵ MOLTSMANN, 2011, p. 70.

⁸³⁶ GEFFRÉ, Claude. **Dieu mystère de gratuité**. In: HOUZIAUX, Alain (dir.). *Dieu, c'est quoi finalement ?* Paris: L'Atelier, 2005. p. 100. Tradução nossa.

levam os seres humanos a um Deus sem poder e sofredor. É precisamente sendo fraco e sem poder no mundo que Ele pode estar conosco e nos socorrer⁸³⁷. Deus, na verdade, não é fraco, ele se torna fraco por amor. Em sua carta datada de 16 de julho de 1944, justamente alguns meses antes de morrer, escrevia: “Diante de Deus e com Deus vivemos sem Deus. Deus permite que seja expulso do mundo até a cruz. Deus é impotente e fraco no mundo, e exatamente assim, Ele está ao nosso lado e nos ajuda”⁸³⁸. Porque, quando a natureza ou a sociedade entrega o ser humano à morte, Deus o acolhe na sua própria vida. Esta nova linguagem unifica o discurso sobre Deus e o discurso sobre o ser humano⁸³⁹, pois, finalmente, ela leva a sério o mistério de humanização de Deus em Jesus Cristo, de sorte que a realidade de Deus se descobre como a realidade do ser humano. Essas reflexões de Bonhoeffer trouxeram contribuições para a reformulação teológica contemporânea da imagem de Deus. A ausência de Deus no mundo moderno, emancipado, pode ser, por isso, a grande oportunidade de se descobrir a face do Deus de Jesus, que está ausente como poder, porém presente como fraqueza e amor.

Muitos teólogos falam de forma provocativa da impotência de Deus. Mas, Edward Schillebeeckx, ao tratar deste assunto, em vez de fraqueza ou impotência, apresenta a indefensibilidade ou vulnerabilidade de Deus. Não podemos negar que Deus é poderoso para enfatizar a humildade divina⁸⁴⁰. Os que se tornam vulneráveis na visão Schillebeeckx são, na verdade, capazes de desarmar poderosamente o mal. Deus permanece poderoso, mas o poder, a capacidade de influenciar a realidade ou produzir efeitos significativos, é redefinido pela decisão divina de permanecer indefeso em face do nosso uso humano do poder para oprimir⁸⁴¹.

Antes de tudo, temos que nos colocar em uma atitude de humildade, porque se a fé não é capaz de explicar a dor, muito menos o será a razão. Não seriam

⁸³⁷ BONHOEFFER, D. **Resistência e submissão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1968, p. 173.

⁸³⁸ BONHOEFFER, 1968, p. 173. Para apreciar o profundo pensamento de Bonhoeffer pela teologia contemporânea, ver Hans Jonas, *Le Concept de Dieu Après Auschwitz*, Paris, Payot Et Rivages, 1994; Gustavo Gutiérrez, *La Force Historique des Pauvres*. Paris, Cerf, 1986. Quanto a um balanço crítico que avalia as diferenças entre Bonhoeffer e Gutierrez, ver Richard Gillingham, “praxis and the Contento of Theology in Gustavo Gutiérrez’s Theological Methodology: a Comparative Critiqué”. *Quodlibet. On Line Journal of Theology et Philosophy*, v. VII, n. 2, abril. 2005. Disponível em <http://www.quodlibet.net>.

⁸³⁹ GEFFRÉ, Claude. **Dieu: la affirmation de Dieu**. In: *Encyclopaedia Universalis en ligne*, 2010. Disponível em : <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/dieu-l-affirmation-de-dieu/>>. Acesso em: 09-02-2007.

⁸⁴⁰ SCHILLEBEECKX, Edward. **Church: The Human Story of God**. *New York*: Crossroad, 1990, p. 90.

⁸⁴¹ *Ibid.*, p. 90.

suficientes as nossas pobres explicações diante de algo tão puro e misterioso como a dor do inocente. Muito é explicável, sobre isto deveríamos refletir e mudar, mas parte é mistério. A resposta do cristianismo a esse problema está contida em um nome: Jesus Cristo! Jesus não veio para dar grandes explicações sobre a dor, mas veio para tomá-la em total silêncio sobre si.

Alves também vai dizer que “Deus não é a explicação das dores do mundo. Ao contrário, Ele é o poder permanente que nega a justiça e o direito de sofrer na história sendo ele mesmo: o Deus que sofre”⁸⁴². Esse dilema é apresentado na primeira carta aos Coríntios, na qual é o próprio Filho de Deus crucificado. É exatamente esse acontecimento histórico que João Paulo II, na sua Encíclica *Dominum et Vivificantem* (18 de maio de 1986), faz menção: Se o pecado fez aparecer o sofrimento, então, a dor de Deus no Cristo crucificado encontrou, por meio do Espírito Santo, a sua mais plena expressão humana. Aqui, temos, diante de nós, um mistério paradoxal do amor: em Cristo, Deus sofre⁸⁴³.

Esse mistério de um Deus sofredor aparece no contorno da face de Jesus de Nazaré e nela se vê não só o mistério trinitário, mas também o próprio mistério do ser humano como ser humano e na sua vocação à imortalidade. Esse novo desenho do rosto de Deus é exatamente o evento de unidade da vida e da morte em benefício da vida. Ele é o protótipo humano proposto pelo Pai aos seres humanos de boa vontade. É assim que ele é, no seio de uma relação em si mesma, ainda que tão grande, o evento de uma desapropriação de si sempre maior ainda. É assim que Deus é⁸⁴⁴. O mundo, por sua vez, não se reduz a Deus, Deus tampouco se reduz ao mundo; portanto, Deus não quer viver sem o mundo e o mundo não tem nenhum futuro sem Deus. Deus existe para o mundo, antes do mundo, no fim do mundo e para além do mundo; mas, desde que criou o mundo, Deus quis mundanizar-se por completo e, mundanizando-se, Deus elevou o mundo ao seu próprio coração. Por isso, pode-se dizer com Pieris que Jesus Cristo está a caminho na história de seu ser-Cristo total porque Ele não é sem nós⁸⁴⁵. Qualquer pessoa que veja Deus desta maneira morre,

⁸⁴² ALVES, Rubem A. *A theology of human hope*. New York: Corpus Books, 1969, p.117. Tradução nossa.

⁸⁴³ DV, 1997, n. 41.

⁸⁴⁴ JÜNGEL, Eberhard. *Dieu mystere du monde. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre théisme et athéisme*. Tome 2. Paris: Cerf, 1983, p. 123.

⁸⁴⁵ PIERIS, A. KELANIYA-G. Cristo más allá del dogma. Hacer cristología en el contexto de las religiones de los pobres (II)II. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 53, p. 2-32, 2001. p. 24.

vive e canta um canto novo e segue o seu caminho no coração do mundo que se identifica com o coração de Deus.

Bento XVI, em sua Encíclica *Spe Salvi*, cita Bernardo de Claraval que faz uma brilhante afirmação: “*Impassibilis est Deus sed non incompassibilis* - Deus mesmo não pode padecer, mas ele pode se compadecer”⁸⁴⁶. O ser humano é tão importante para Deus que Ele mesmo se fez humano, para poder sofrer junto com ele, plenamente real em carne e sangue, exatamente como nos foi mostrado no decorrer da história da Paixão de Jesus. Portanto, se o sofrimento não estiver unido ao sofrimento de Cristo, será tão somente dor e não salvador. Entretanto, se ele estiver unido ao sofrimento de Cristo, será iluminado, frutificará e terá sentido. O sofrimento sozinho é só dor e pode levar à morte. As pessoas que experimentam o sofrimento em vida, tendo uma experiência com a redenção e a cruz de Cristo, deixam-se transformar, libertando-se da dor para a vida sob diferentes formas e direções. As pessoas que sofrem sem Cristo, vivem somente a experiência da dor, vazia e infrutífera. A cruz, na vida do cristão, é experiência de salvação e essa é a diferença de se experimentar o sofrimento enquanto dor e castigo. Fica impossível tirar a cruz da vida do cristão. Na visão do Mons. Tihamer, diante da dor e do sofrimento, o aposento do enfermo se transforma em templo, e o leito do enfermo em altar santo, em que se oferece a sua aflição ao Senhor como sacrifício expiatório, da profundidade da alma⁸⁴⁷.

O sofrimento promove conversão à pessoa que reconhece a misericórdia divina nesse chamado e nesse tempo à penitência. A resposta ao sofrimento foi dada por Jesus na cruz, foi o amor revestido de uma nova dimensão, uma nova ordem: “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Aquele amor que cria o bem, “tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da redenção do mundo foi tirado da cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio. A cruz de Cristo tornou-se uma fonte da qual brotam rios de água viva”⁸⁴⁸. É mediante o sofrimento que Ele realiza a redenção e pode dizer: “Está consumado” (Jo 19,30). O Crucificado Ressuscitado é quem alarga os limites da vida natural para a imortalidade. É preciso compreender que o Deus que Jesus revelou não veio suprimir o sofrimento. Não veio para o explicar. Ele veio para enchê-lo de sua

⁸⁴⁶ SS, n. 39.

⁸⁴⁷ TOTH, Tihamer. **Creo em Jesucristo el Redentor**. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1942, p. 134.

⁸⁴⁸ SD, n. 18.

presença⁸⁴⁹. Isto implica na doação de si mesmo à humanidade no selo da eterna fidelidade ao amor, que convém ao Deus da aliança.

A cruz é vitória para o cristão e redenção ao amor; portanto, ela é a resposta para o sofrimento humano. A cruz é um acontecimento que se dá através do encontro do próprio Deus com o sofrimento. Trata-se de um ato de liberdade divina, que mantém juntas as duas faces do sofrimento: seu horror, exatamente porque se trata do sofrimento do justo e do inocente; e também sua beleza. Jesus sofre por amor. Ele ama sofrendo e sofre amando. A cruz é a vitória que vence o mundo através da nossa fé. Para São João da Cruz, a cruz é a porta estreita para entrar nas riquezas da Sabedoria divina⁸⁵⁰. Portanto, segue o Santo: “O desejo de passar por esta porta é de poucos; mas o de gozar dos deleites a que se chega por ela é de muitos”⁸⁵¹.

O plano de salvação de Deus e a salvação são gratuitas. O próprio Deus dá oportunidade para a participação da experiência da cruz, abrindo o céu. Portanto, passar pela cruz é sair vencedor, ficar na superação e não esperar. O falar da redenção deve ser o trabalho diário de todo aquele que crê. Buscar a cruz deve ser nossa liberdade, não devemos nos conformar com a repetição cansativa da história. Trata-se, pois, de esperar o inédito que vem ao amanhecer. É bem verdade que o cristão não anda procurando o sofrimento, mas é dever dele se comprometer em lutar para ajudar a superá-lo, como Jesus, deixando rastros impressos neste mundo, rastros de amor, de misericórdia, de cuidado e, assim, saborear o mistério da vida. Por isso, quem se esvazia de si mesmo, permite Deus nascer em si. Na *práxis* da espiritualidade, temos profundamente o encontro do Absoluto. De maneira especial, ao nos esvaziarmos, experimentaremos o Crucificado presente neste mundo que chora e lança o seu clamor: “Tenho fome, estou na prisão, estou nu”⁸⁵². No dizer de João da Cruz, no entardecer da vida, só seremos avaliados no amor.

Muitas pessoas sofrem e morrem ao nosso redor com catástrofes naturais. O que podemos oferecer aos que não creem, além da certeza da nossa fé de que há um resgate para a dor? Podemos sofrer com os que sofrem e chorar com os que choram⁸⁵³. Jesus chorou antes de anunciar a ressurreição e a vida a Lázaro⁸⁵⁴. Com

⁸⁴⁹ CLAUDEL, Paul apud DELUMEU. Jean. L'Espérance chrétienne. Revue-Theologicum.fr, Paris, 2012. Disponível em : <<http://www.catho-theo.net/spip.php?article228>>. Acessado em: 01/06/2016

⁸⁵⁰ SÃO JOÃO DA CRUZ. 2002, p. 793.

⁸⁵¹ Ibid. p. 793.

⁸⁵² Mt 25,31-46.

⁸⁵³ Cf. Rm 12,15.

⁸⁵⁴ Jo 11,35.

a globalização, a dor do povo se torna a dor de todos, suscita a solidariedade coletiva. Temos uma oportunidade de descobrirmos que somos uma família humana, ligada ao bem e ao mal. Isto nos ajuda a superar as barreiras de raça, cor e religião e a reconhecer que os furacões e os terremotos e outros desastres que atingem a humanidade não são castigo de Deus. Servem de alerta, advertência quanto ao fato de que a ciência e a tecnologia não são suficientes para salvar⁸⁵⁵.

Na morte de Jesus, também houve um terremoto: “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: De fato esse era Filho de Deus”⁸⁵⁶. Mas, a Palavra diz que houve um terremoto ainda maior na Ressurreição: “E eis que houve um grande terremoto, pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela”⁸⁵⁷. Essa dinâmica se perpetuará: depois de cada terremoto de morte, sucederá um terremoto de ressurreição de vida.

O olhar do cristão deve estar sempre direcionado para Jesus crucificado, ressuscitado, deixando-se despir da vida velha para nascer de novo. Por isso, estejamos atentos a estas belíssimas palavras do nosso Mestre que encerram toda a perfeição da vida cristã: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”⁸⁵⁸. Carregar a própria cruz não significa buscar sofrimentos. Cristo não veio para colocar sobre os nossos ombros cruces, mas para dar um significado. Por isso, “quem busca Jesus sem a cruz, encontrará a cruz sem Jesus, ou seja, de todos os modos encontrará a cruz, mas sem a força para carregá-la”⁸⁵⁹.

Em síntese, o cristão, antes mesmo de sofrer com Cristo e tomar sua cruz, é convidado a amar com Cristo. Desse modo, a imagem de Deus que sofre, do Absoluto que, através da impossibilidade de ser defendido, manifesta o seu poder, parece resumir, ainda que a esgote, a substância da interpretação cristã do mistério que nos envolve. Sofrer em Cristo é uma maneira de chegar à maturidade espiritual: “Vemos, todavia, a Jesus, que foi feito, por um pouco, menor que os anjos, por causa dos sofrimentos da morte, coroado de honra e de glória” (Hb 2,9). É uma maneira de obter a bênção de Deus: “Bem aventurados sois, se sofreis injúrias por causa do nome de Cristo” (1Pd 4,14). O sofrimento tem bom mestre, mas, muitas vezes, não se

⁸⁵⁵ CANTALAMESSA, 2011.

⁸⁵⁶ Mt 27,54.

⁸⁵⁷ Mt 28,2.

⁸⁵⁸ Mt 16,24.

⁸⁵⁹ CANTALAMESSA, 2007.

encontram bons alunos. A sabedoria humana, com pretensões a ser regra absoluta, recusa ver, na sua própria fragilidade, a força que vem do alto. Já Paulo supera a partir da fraqueza: “Quando me sinto fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). O sofrimento só será superado por aquele que fizer uma experiência com a Sabedoria crucificada.

5.1.1 O Sofrimento em Paulo

O Redentor não só sofreu no lugar da criatura humana, mas também em favor do homem, como homem. Portanto, toda a pessoa humana tem sua participação na redenção. A Carta Apostólica sobre o sofrimento humano, *Salvifici Doloris*, diz que “cada um dos homens é também chamado a participar daquele sofrimento, por meio do qual se realizou a redenção; é chamado a participar daquele sofrimento por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano”⁸⁶⁰. Explicita ainda a Encíclica que a redenção foi realizada mediante o sofrimento, através de Cristo, que elevou, ao mesmo tempo, o sofrimento humano ao nível de redenção. É exatamente por isso que todas as pessoas, com o seu sofrimento, podem se tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo e, num certo sentido, também participar de todos os sofrimentos humanos⁸⁶¹. Quando o ser humano descobre o sofrimento redentor de Cristo pela fé, ele permite que Cristo se torne, de certo modo, o sujeito de todas as suas ações vitais. Portanto, o sofrimento na vida do cristão e também na vida de Paulo é inevitável.

Paulo, em suas Cartas, aborda, por diversas vezes, a questão do sofrimento. De acordo com Hawthorne, o Apóstolo fala mais de sessenta vezes sobre a angústia e o sofrimento em si⁸⁶². Paulo escreve aos Romanos: “Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”⁸⁶³. Em Segundo Coríntios, o Apóstolo faz sua defesa assegurando seu apostolado. Segundo consta, havia

⁸⁶⁰ SD, n. 19.

⁸⁶¹ SD, n.19.

⁸⁶² De acordo com Dicionário de Paulo e suas Cartas. Paulo fala mais de sessenta vezes sobre a angústia e o sofrimento em si. Para isso, ele recorre a termos que evocam a ideia de sofrimento (*pathema*, *pascho* etc.), e a tribulação (*thlipsis*) em (cf. 2Cor 1,4-8 e Cl 1,24). E faz uso também da palavra fraqueza (*astheneia*). Essas mesmas palavras são usadas pelo apóstolo para descrever o sofrimento e a morte de Cristo (Fl 3,10; Cl 1,24; 2Cor 13,4). HAWTHORNE, 2008, p.1180.

⁸⁶³ Rm 12,1.

peças que colocavam em dúvida o seu apostolado por causa do seu sofrimento⁸⁶⁴. No livro dos Atos dos Apóstolos⁸⁶⁵, Lucas narra que o chamado de Paulo está atado ao sofrimento, e não pode ser dissociado, pelo fato de sofrer pelo Nome de Jesus. De acordo com a consciência judaica, o sofrimento fazia parte da morte. Como o próprio Apóstolo expressa: “diariamente estou exposto à morte”⁸⁶⁶. Entre as angústias do Apóstolo, podemos citar a preocupação com as Igrejas⁸⁶⁷. Paulo achava que sofrer era marca fundamental de seu ministério apostólico⁸⁶⁸. Este consiste em se gloriar de suas fraquezas e das perseguições⁸⁶⁹.

Paulo exorta os Romanos dizendo: “Nós nos gloriamos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança”⁸⁷⁰. Em sua Carta aos Gálatas, ele diz: “De fato, pela Lei eu morri para a Lei a fim de viver para Deus. Fui crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”⁸⁷¹. Paulo responde ao amor com amor: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”⁸⁷².

O Apóstolo dá um sentido ao sofrimento: “Participa do meu sofrimento pelo Evangelho, confiando no poder de Deus”⁸⁷³; e, também, pelo Reino de Deus. Paulo exorta a Igreja de Tessalônica a perseverar em todas as perseguições e tribulações que puderem suportar: “Elas são sinais do justo julgamento de Deus: é para vos tornardes dignos do Reino de Deus, pelo qual sofrais”⁸⁷⁴. Para Paulo, Jesus é tudo nele. Ele entende que só em Cristo está a salvação. Ele se rende depois de perseguir o Senhor, entrega a sua vida a Ele e se coloca, de uma maneira total, ao serviço daquele que ama. Trabalhos, fadigas, sofrimentos, privações, perigos de morte⁸⁷⁵, nada lhe importa, contanto que seja proclamado o Cristo crucificado e ressuscitado.

⁸⁶⁴ Cf. 1,3-11; 2,14-17; 4-7-12; 6,3-10; 10,13.

⁸⁶⁵ Cf. At 9,15-16.

⁸⁶⁶ 1Cor 15,30. HAWTHORNE, 2008, p. 1180.

⁸⁶⁷ Cf. 2. Cor 11,30; 2,4-13.

⁸⁶⁸ Cf. 6,17; 1Cor 2,1-5; 2Cor 11,23-29; Fl 1,30; 2Tm 1,11-12; 2,9 etc.

⁸⁶⁹ Cf. 2Cor 11,30; 12,10; Fl 1,19-26.

⁸⁷⁰ Rm 5,3

⁸⁷¹ Gl 12,9-20.

⁸⁷² Gl 6,14.

⁸⁷³ 2Tm 1,8.

⁸⁷⁴ 2Ts 1,5.

⁸⁷⁵ Cf. 1Cor 4,9-13; 2Cor 4,8; 6,4-10; 11,23-27.

Paulo se sente responsável pelo anúncio: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho”⁸⁷⁶.

Nada poderá separar o Apóstolo desse amor, nem a dor nem mesmo a morte⁸⁷⁷: “Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo”⁸⁷⁸. Da mesma maneira, também todo o cristão é convidado a permanecer com os olhos fixos somente em Jesus crucificado, ressuscitado, autor da vida, o absoluto bem, e fugir da corrupção que, no mundo, existe por causa dos vícios e de todo o pecado. Ele deve amar a Jesus Cristo, aceitando toda a espécie de cruz. A cruz de Jesus não é para nos fazer morrer, mas para fazer morrer tudo aquilo que não nos deixa viver, viver como filhos de Deus. A esse respeito, Paulo aponta a necessidade de participar da paixão para ficar unido ao Cristo⁸⁷⁹. Ele chama sofrimentos de Cristo⁸⁸⁰ as suas penas de Apóstolo. De acordo com o discípulo, elas lhe trazem consolação, e também alegria. Além disso, são fecundas para a Igreja⁸⁸¹. Portanto, “é somente por meio da cruz e por meio da transformação que ela realiza que esta carne se torna acessível e nos arrebatada no processo de transformação”⁸⁸².

O Apóstolo diz: “Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo”⁸⁸³. Paulo não tem a pretensão de fazer um acréscimo ao valor propriamente redentor da cruz, pois, na verdade, nada poderia ter faltado. Mas, ele se associa às tribulações de Jesus, isto é, às suas adversidades apostólicas. Para o Apóstolo, o sofrimento de Cristo é único e suficiente⁸⁸⁴. Portanto, quando Paulo alega completar o que falta “nas tribulações de Cristo”, é muito provável que o faça em benefício da Igreja, uma vez que seu ministério amplia o conhecimento e a realidade da cruz de Cristo e o poder do Espírito Santo para o mundo gentio. O sofrimento do Apóstolo tinha como finalidade deixar claro que o poder e o conhecimento do Evangelho eram de Deus e não dele⁸⁸⁵.

⁸⁷⁶ 1Cor 9,16.

⁸⁷⁷ Cf. Rm 8,35-39.

⁸⁷⁸ 2Cor 4,10s.

⁸⁷⁹ Cf. Rm 8,17; Fl 3,10.

⁸⁸⁰ Cf. 2Cor 1,5.

⁸⁸¹ Cf. 2Cor 1,5; 7,4. LACOSTE, 2004, p. 1321.

⁸⁸² BENTO XVI, 2007, p. 234.

⁸⁸³ Cl 1,24.

⁸⁸⁴ Cf. Cl 2,13-14; Gl 1,4; 1Cor 1,18-31; 2Cor 5,16-21; Rm 3,21-26).

⁸⁸⁵ Cf.. 1Cor 2,1-5; 2Cor 4,7; 12,9-10.

Em Romanos 8,22, Paulo diz que “a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente”. Embora toda a terra sofra, o sofrimento parece pertencer “à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, destinado a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo”⁸⁸⁶. A Sabedoria e o poder de Deus dados a conhecer pela primeira vez na cruz e na ressurreição de Cristo agora se manifestam e se revelam publicamente pelo sofrimento de Paulo como apóstolo. Ao escrever aos Gálatas 3,1, Paulo faz referência ao Crucificado - que foi publicamente exposto aos olhos deles - e ao seu sofrimento como personificação do Evangelho e veículo para revelar a verdade da cruz. A redenção acontece mediante a cruz de Jesus, pelo seu sofrimento.

Vemos o sofrimento humano ao longo da história da humanidade iluminado pela Palavra de Deus. Por meio de Paulo, de forma muito especial, lemos: “me regozijo nos meus sofrimentos”⁸⁸⁷. Trata-se do sofrimento acompanhado da alegria. De acordo com a lógica Paulina a “tribulação não é sem sentido, mas é meio divinamente orquestrado pelo qual Deus fortalece sua resignação e sua esperança fiéis, derramando seu amor e seu Espírito para sustentá-los ou livrá-los no infortúnio”⁸⁸⁸. Jesus tirou a vida de dentro da morte. Nossa salvação, todos os dias, é tirar o novo de dentro do velho. O que Jesus, morto na cruz, havia trazido, afirma Bento XVI, era algo totalmente distinto; era “o encontro com o Senhor dos senhores, o encontro com o Deus vivo e, desse modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que o sofrimento da escravidão, e por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo”⁸⁸⁹.

A cruz é a grande manifestação do amor de Deus que, livremente, aceitou a sua paixão, antes de sofrê-la. Ela não constitui um acontecimento simplesmente humano e trágico, mas uma iniciativa salvífica do Filho que, encarnando-se, rebaixou-se obediente até a morte, e morte de cruz. A cruz, para Paulo, significa o sofrimento de Cristo, seguido de humilhação e morte, e exprime a obediência ao Pai até a total auto-humilhação⁸⁹⁰. A cruz exprime também os misteriosos caminhos da salvação que contrariam qualquer sabedoria humana⁸⁹¹. É exatamente por isso que a vida do cristão

⁸⁸⁶ SD, n. 2.

⁸⁸⁷ CI 1,24.

⁸⁸⁸ HAWTHORNE, 2008, p. 1181.

⁸⁸⁹ SS, n. 4.

⁸⁹⁰ FI 2,8.

⁸⁹¹ Cf. 1Cor 1,17; Gl 5,11.

deve se conformar com a cruz de Cristo⁸⁹². A cruz, por sua vez, dá sentido à vida e a todo o sofrimento humano que houve, que há e que haverá ainda na história humana. Ela não está, contra o mundo, mas pelo mundo. Ela é a proclamação viva de que a vitória final não é de quem triunfa sobre os outros, não daqueles que causam sofrimento, mas daqueles que sofrem. “*Dum volvitur orbis*”, ou seja enquanto o mundo dá a sua órbita⁸⁹³.

Para concluir, vemos que a humanidade tem imensa dificuldade em compreender como que a morte pode ser fonte de vida e de amor. Contudo, Deus revela, em seu mistério, o seu desígnio salvador. Ele escolheu aquilo que, para a razão, é considerado loucura e escândalo. Paulo usa a linguagem dos filósofos do seu tempo e sustenta ainda que a escolha que Deus fez no mundo foi preferencialmente por aquelas coisas que nada são. Ele escolheu aquilo que para o mundo é sem valor e desprezível, para confundir os fortes. Jesus não andou com pessoas de grande sucesso. Mas, Ele trazia pessoas marcadas pelo sofrimento. No mundo secularizado, muitos têm como indicativo Cristo abandonado na cruz pelo seu próprio Pai. Para aqueles que assim entendem, Deus é sádico e necessita do sofrimento do homem para apaziguar o seu ânimo em relação à humanidade pecadora. No entanto, é preciso ter em mente que a cruz de Cristo é uma expressão do solidário sofrimento de Deus com seu Filho para com todos os que sofrem no mundo. O Deus e Pai de Jesus Cristo é, na verdade, aquele que sempre terá misericórdia dos seus filhos, tendo como marca fundamental e distintiva a paixão pela vida.

5.2 JESUS CRUCIFICADO É O RESSUSCITADO

Parece que a Sabedoria da Cruz de Cristo se encontra ultrapassada. A impressão que se tem é a de que, muitas vezes, a atual sociedade traz a concepção do Deus que só é Deus quando serve para suprir alguma necessidade humana. Isto pode levar ao ateísmo ou ao esfriamento da fé, porque o Deus útil para resolver questões humanas já não tem mais lugar por causa do avanço da razão científico-técnica e devido à concentração humana em construir a sua felicidade aqui e agora e

⁸⁹² Cf. Fl 3,18; Gl 2,19;6,14.

⁸⁹³ CANTALAMESSA, Ranieiro. (ZENIT – Cidade do Vaticano, 14 Abril, 2017). Pregação da Sexta-feira Santa de 2017, na Basílica de São Pedro. Disponível em: <<http://pt.zenit.org/articles/texto-completo-da-pregação-da-sexta-feira-santa-2017-do-pe-ranieiro-cantalamezza-ofmcap> > =portuguese>Acesso em: 16/04/2017.

não investir em qualquer projeto escatológico de sua vida. Tal comportamento equivaleria a uma entrega radical ao secularismo. Porém, esta crise do Deus útil pode ser a oportunidade da teologia nomear a Deus para além do útil e do inútil, uma oportunidade para afirmá-lo como mistério de gratuidade.

Por tais razões, apresentamos a ressurreição como evento fundador da fé cristã e um fato histórico testemunhado pelos apóstolos da igreja. A primeira e a segunda geração cristã confessam: Jesus de Nazaré, o Crucificado, foi ressuscitado por Deus⁸⁹⁴. Isto significa dizer que os mesmos, além de terem constituído os testemunhos privilegiados da ressurreição, não pararam por aí, mas experimentaram as virtudes da ressurreição pela fé. O Ressuscitado inicia uma nova ordem de existência para toda a criação: convertido em “primícias daqueles que morreram”⁸⁹⁵, explica nossa vida, nossa morte e a possibilidade da ressurreição. A liturgia israelita praticava um sacrifício de primícias, em que Deus aceitava e abençoava o resto dos frutos. Cristo ressuscita como o primeiro de uma série, sua ressurreição abre o processo das ressurreições. Ele mesmo inaugura o mistério da ressurreição a quem deu o senhorio da vida e da morte. A morte recuava diante daquele que era a ressurreição e a vida (cf. Jo 11,25). Finalmente, Ele a entregou em seu próprio domínio, venceu-a no instante em que ela pensava vencê-lo. Está claro que a morte

⁸⁹⁴ O tema da ressurreição – referindo-se a Cristo – possui uma compreensão tardia no AT, praticamente em torno dos séculos III – II a.C.. A tradição judaica antiga não contava com a vida após a morte, contudo a fé de Israel estava aberta para ela e a caminho dela. Quando chegou esta compreensão veio em decorrência da fé depositada em Javé e não absolutamente na vontade de viver de tais indivíduos. A idéia da ressurreição encontra-se em dois textos apocalípticos: Is 26,7-11 (cerca de 300 anos a.C.) no qual o justo clama por Javé e imagina-se a ressurreição como retorno à vida terrena; Em Dn 12,1-4, anuncia que os mártires acordarão para a vida eterna, saindo do Sheol. Com o passar do tempo e com a expectativa da vinda de Javé, visualizava-se o Dia final, ou o Dia de Javé (já mencionamos no capítulo anterior), nele os mortos (justos) voltariam à vida. É um dos pontos que caracterizava a esperança do indivíduo de Israel que já aludimos anteriormente. Não era uma compreensão que permeava a todos-as, mas grande parte deles-as se viu às voltas com a questão da ressurreição. A partir do evento-Cristo, que ressuscitou, o cristianismo antigo viu-se, também diante de tal fato, porém com algo novo. Pregava-se a Cristo que havia ressuscitado dentre os mortos. Como na compreensão do Antigo Israel este era um evento reservado para o fim dos tempos, pôs-se a crer que o fim já estava eminente e havia sido inaugurado por Jesus. No entanto, a compreensão não era tão simples e se via confrontada com diversas situações, tanto que, inúmeras vezes, Paulo utilizava-se dela para justificar sua teologia, confirmando um novo tempo, que ainda não podemos visualizar totalmente, mas que existe e já está presente. Agora, porém, vemos como que em espelho e de maneira confusa (cf. 1Cor 13,12). Surge de tal modo, a espera pela Parusia e a ressurreição de todos-as os-as que morreram. Isto continua com a Patrística que já adiciona à compreensão bíblico-judaica a filosofia grega. Uma definição que surge dessa época diz que a ressurreição é um evento salvífico que se dará no último dia, proveniente da segunda vinda de Cristo. Aqui a ressurreição é vista no sentido de universal, no sentido que todos ressuscitarão. Discute-se, também, sobre a identidade do corpo e a novidade deste. Cf. BERNARDINO, Angelo di; Andrade Cristina. Dicionário Patrístico e de Antiguidade cristãs. São Paulo: Paulus, 2000. In: Ressurreição dos mortos, pp. 1216-1217.

⁸⁹⁵ 1Cor 15,20.

perdeu sobre Ele todo o poder (cf. Rm 6,9). Aquele que tinha o poder da morte, o demônio, se viu reduzido à impotência (cf. Hb 2,14). A morte e a vida se defrontaram num duelo assombroso: “O Senhor da Vida morreu, vivo, Ele reina”⁸⁹⁶.

Portanto, a ressurreição de Cristo significou a ratificação da esperança da ressurreição dos mortos, como na visão do profeta Ezequiel 37, na planície dos ossos secos da História de Israel. Será esta a resposta de Deus aos mortos de *Auschwitz*, cuja lembrança ainda se encontra em nossa alma?⁸⁹⁷ Deus não abandona seus eleitos ao poder da morte. Jesus Cristo é o primogênito dentre os mortos⁸⁹⁸. A ressurreição de Cristo não constitui uma volta à vida terrestre, como foi o caso das ressurreições que Ele havia realizado em sua vida terrena: seu amigo Lázaro, o jovem da cidade de Naim, e a filha de Jairo. É sabido que as pessoas que foram contempladas com a ação extraordinária voltaram a morrer. Quanto à ressurreição de Cristo, esta é essencialmente diferente. O seu corpo é ressuscitado. Ele passa de um estado de morte para outra vida, para além do espaço e do tempo. Na ressurreição, o corpo de Jesus é repleto do Espírito Santo, participa da vida divina no estado de um “homem celeste”⁸⁹⁹. Cristo ressuscitou dos mortos e com “sua morte venceu a morte, aos mortos deu a vida”⁹⁰⁰, e a deu em abundância - sinal de divina aprovação da vida, do caminho do Ressuscitado.

O Apóstolo Paulo não se desloca por inteiro para a experiência subjetiva da ressurreição. A fé que comunica está diretamente ordenada à tradição cristã que recebeu. Em 1 Coríntios 15, 3-5, se lê: “eu vos transmiti, em primeiro lugar, o que eu mesmo recebera: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, depois aos Doze”. Mas, semelhantemente, Jesus apareceu para quinhentas pessoas da comunidade primitiva e também ao próprio Paulo. Portanto, a mensagem paulina do Evangelho está ordenada à experiência do Cristo ontem, hoje e amanhã. Cristo como salvador e não como um fim, onde a razão seria a instância derradeira. É à luz da facticidade do Cristo que Paulo constrói a teologia da ressurreição que, gradativamente, se configura no Evento Jesus Cristo. Afirma o Apóstolo: “Cristo

⁸⁹⁶ LÉON-DUFOUR, 2009, p. 623.

⁸⁹⁷ MOLTSMANN, 1991, p. 135.

⁸⁹⁸ Cl 1,18; Ap 1,15. Cf. SCHNELLE, 2010, pp. 526-577.

⁸⁹⁹ 1Cor 15,35-50. Cf. GRASS, Hans. *Ostergeschehen und Osterberichte*. Göttingen: 1961, pp. 94; MARXSEN, Willi. *Die Auferstehung Jesu von Nazareth*. Gütersloh: 1968;

⁹⁰⁰ Liturgia Bizantina, Tropário de Páscoa.

ressuscitou dos mortos, primícias dos que morreram”⁹⁰¹. É do próprio interior humano, na face do Mistério, que brota o que estava oculto.

James Dunn destaca o caráter da ressurreição como fato, isto é, que Jesus Cristo realmente saiu de dentro da morte por obra do Pai e que vive no Pai, participando da mesma virtude. Sem a ressurreição, a cruz seria um motivo para desespero. Sem a cruz, a ressurreição seria uma fuga da realidade⁹⁰². Papa Francisco ressalta: “A cruz é porta da ressurreição”⁹⁰³. Vemos que cruz e ressurreição completam o sentido humano-divino do Evangelho. A cruz torna-se evento escatológico, isto é, um evento que transcende e ultrapassa o tempo. A “ressurreição nada mais é que a expressão da significância da cruz”⁹⁰⁴ que está sempre vinculada a seu lugar histórico. Assim como não há dúvida para a história da cruz, na tradição cristã, a ressurreição segue a mesma trilha. Não há dúvida, então, da centralidade da ressurreição de Jesus para Paulo, isto é, a ressurreição de Jesus como ato de Deus. A reflexão teológica de Paulo sobre este assunto põe a ressurreição do Crucificado a realizar-se na Palavra e na fé. Por isso, vale dizer que Jesus “ressuscitou para dentro do querigma”⁹⁰⁵, na medida em que a Palavra é a continuação da atuação escatológica de Deus nos cristãos.

Neste ressaltar, vale lembrar, que a cruz sem a ressurreição seria uma tragédia, porque seria a coroação da injustiça sobre a justiça. O Apóstolo Paulo diz que, se não compreendêssemos a ressurreição de Cristo, nós seríamos os mais tolos de toda a humanidade. Como se vê, mesmo em textos fundamentais do cristianismo, a ideia de que a luta até o sacrifício pelos mais elevados valores só faz sentido se houver uma recompensação. O epicurista seria o mais inteligente de todos e o sanguinário seria apenas mais um personagem na variedade da fauna humana. Assim, faria sentido parar a humanidade sanguinário se tivéssemos que fazê-lo à custa de pôr em perigo a nossa própria vida? Será que faz sentido uma coisa dessas se o mundo é uma selva e como tal regido pelas próprias leis? Querer mudar as leis seria uma tarefa inútil. Tal mundo seria um mundo, por sua própria natureza,

⁹⁰¹ 1Cor 15,20. Cf. HAMILTON, Neil Quinn. *The holy Spirit and Eschatology in Paul*. Edinburg, 1957.

⁹⁰² DUNN, James G. *The theology of Paul the Apostle*. Michigan: Eerdmann Publishing Co., 2006. p. 235.

⁹⁰³ PAPA FRANCISCO. (ZENIT – Cidade do Vaticano.13, Mar. 2017) -Disponível em: <<http://info@zenit.org>> Acesso em 20/03/2017.

⁹⁰⁴ DUNN, 2006. p. 235.

⁹⁰⁵ BULTMANN, Ruldolff. *Das Verhältnis der urchristlichen Christusbotschaft zum historischen Jesus*. Exegetica, p. 469. Tradução nossa.

irredimível. Com o anúncio da ressurreição, Paulo oferece, aos coríntios e aos cristãos de todos os tempos, um estímulo e uma iluminação para a existência terrestre, superando tanto as ilusórias exaltações espirituais como o desesperançado epicurismo de um presente povir. A cruz revogada pela ressurreição é o sinal dado a toda a humanidade de que a permanência na justiça tem sentido, mesmo quando se sofre a injustiça. A cruz revogada pela ressurreição é a chave do anúncio de que o sofrimento, a tribulação, a doença e a catástrofe não têm a última palavra na história.

Portanto, todos os aspectos da fé cristã e da fé que lhe corresponde só têm sentido em relação à realidade central: o Cristo ressuscitado. Sem esta, tudo desmorona. O mistério pascal, guardado pela tradição proto-cristã (1Cor 15,4), e ao qual o Apóstolo Paulo vincula-se, é o centro de gravidade da teologia paulina e de sua pregação: o fato de a ressurreição trazer a gratuidade da salvação⁹⁰⁶. A fé sempre se antecipa à razão no caminho da salvação. Recorre-se ao Apóstolo: “rendamos graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”⁹⁰⁷. Deste modo, a ressurreição como acontecimento histórico é o lugar de passagem para o ser humano experimentar em si mesmo o poder da ressurreição. Trata-se de ver e de sentir não somente com os olhos ou com os sentidos, mas igualmente com uma luz interior que leva a reconhecer aquilo que os sinais exteriores atestam como um fato objetivo⁹⁰⁸.

Paulo é a última testemunha imediata da transformação de Jesus de Nazaré da morte para a vida. A caminho de Damasco, foi lhe concedido uma aparição pascal (1Cor 15,8). A união das duas coisas, o fato histórico e o espiritual, ressignifica a vida de Paulo para sempre: “quem és tu, Senhor? [...] Eu sou Jesus, é a mim que persegues. Mas levanta-te, entra na cidade de Damasco e ser-te-á dito o que deves fazer”⁹⁰⁹. O testemunho bíblico da ressurreição testifica a veracidade factual e espiritual, de modo que ela se constitui um lugar de passagem através do qual o divino se torna humano e o humano se torna divino. Exatamente sobre isto, Claude Geffré afirma:

⁹⁰⁶ WAWTHORNE, 2008. p. 358. BARRET, Charles Kingsley. *The First Epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, 1968. CULLMANN, O. *Immortality of the Soul or Resurrection of the Resurrection of the Dead?* London: Epworth, 1958.

⁹⁰⁷ 1Cor 15,57.

⁹⁰⁸ BENTO XVI, Papa. Le pape Benoît XVI s'adresse aux pèlerins francophones. Disponível em: <Résurrection et Christologie pauliniennehttp://eucharistiemisericor.free.fr/index.php?page=0511082_francophones>. Acesso em 16/02/2012.

⁹⁰⁹ At 9,5-6.

Quer se trate do testemunho das primeiras testemunhas, a pregação apostólica, da confissão de fé dos crentes, nós estamos lidando com expressões diferentes de uma experiência comum, nas quais a confirmação histórica, a fé e o poder do Espírito estão implicados de uma maneira indissociável⁹¹⁰.

É necessário comunicar a linguagem neo testamentária relativa à ressurreição que acontece no evento da palavra, que mantém o seu vínculo com o fato da ressurreição tal como testemunhado pelos apóstolos. Portanto, o acesso à plenitude de sua riqueza espiritual está reservado à experiência de fé no Cristo vivo. Aproveitando dessa experiência pascal, deve-se reservar a expressão “visão objetiva” para se fazer justiça à história factual da ressurreição. Nessa linha, não se deve esquecer que a experiência originária dos apóstolos com o Ressuscitado está marcada pela experiência de fé e que a função da historicidade da ressurreição é indicar o acesso ao poder da ressurreição. A historicidade não é o fim, ela é o meio para uma experiência superior. O testemunho como constatação do evento se transforma imediatamente em confissão de fé, que tem por alvo despertar a fé naquele ao qual ele é endereçado⁹¹¹. Para expressar esse mistério, que se situa além da experiência histórica, pode-se dizer com Paulo, em Efésios 2,20: “fostes integrados na construção que tem como fundamento os apóstolos e os profetas, e o próprio Jesus Cristo como pedra mestra”.

A ressurreição como evento escatológico, na visão do teólogo alemão Wolfhart Pannenberg, se dá com a experiência que os apóstolos fazem do Jesus ressuscitado, que legitima a pretensão de Jesus ser Filho de Deus e se constitui no ponto de partida da salvação. Nessa experiência, a historicidade da Ressurreição possui dois efeitos: o retroativo e o proléptico. Quanto ao retroativo, o Ressuscitado lhes permite entender o que Jesus realiza enquanto resultado da virtude divina atuante nele. Ele é o protótipo de um homem novo. O primeiro da nova geração. O poder que opera em Jesus antes da Páscoa e que já é o sinal de sua divindade, ao mesmo tempo em que se conserva sob o céu o véu de sua humanidade⁹¹². Para Pannenberg, a ressurreição não só estabelece uma relação entre as aparições e o túmulo vazio, mas também o traço proléptico, porque testemunha o que ainda não é, mas que virá. Tendo

⁹¹⁰ GEFFRÉ, Claude. *Le Christianisme au risque de la Interprétation*. 2. ed. Paris: Cerf, 1988. p. 115. Tradução nossa.

⁹¹¹ Ibid., p. 116.

⁹¹² PANNENBERG, Wolfhart. *Jesus God and man*. 2ª ed. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

como pretensão dar a autoridade a Jesus pós-pascal e sua ressurreição⁹¹³. Por isso mesmo, a ressurreição gera no povo de Deus uma expectativa que o move rumo às promessas do Deus que vem. Trata-se, portanto, de um evento continuamente atualizado na vida da comunidade de fé ao mesmo tempo em que aguarda o seu acabamento.

Como se observa, a ressurreição desvela algo novo na vida pré-pascal de Jesus de Nazaré, isto é, mesmo antes da ressurreição, ele já tem em si a forma de uma vida ressuscitada porque a riqueza dos carismas espirituais é consequência da presença do Espírito Santo em sua vida. Mas, isto só é percebido pelos apóstolos depois da ressurreição, porque ela, como evento extraordinário, tem o poder de abrir a mente ao impossível. Porém, essa abertura é, ao mesmo tempo, um acontecimento lógico e ilógico. É lógico, na medida em que se concentra sobre o Ressuscitado que se presentifica diante dos apóstolos, mas é ilógico na medida em que o Ressuscitado, para ser onipresente, só pode sê-lo na entrega à sua divindade e no distanciamento dos limites de sua humanidade, isto é, indo para o Pai.

Para que se tenha acesso ao mesmo Deus de Jesus de Nazaré e ao mistério da ressurreição, é necessária a fé, que só nasce como dom divino. De acordo com Schenelle, a “fé não se pode diluir no mitológico, porque está aterrissada por meio da cruz”⁹¹⁴. Portanto, caracteriza-se pela adesão ao absurdo, em oposição ao concreto, e com adesão pura e simples aos conceitos sobre o Ressuscitado. A fé no Ressuscitado não é necessária para morrer, mas é extremamente necessária para ressuscitar. A fé no Ressuscitado não nega os conceitos sobre Ele, apenas reafirma os limites da consciência humana diante Dele. Porém, a coordenada retroativa da Ressurreição, na medida em que revela que Deus vive em Jesus de Nazaré, evidencia que Jesus já desfruta dos carismas da Ressurreição antes mesmo de sua morte.

É bem verdade que o Ressuscitado “porta as marcas dos pregos da cruz”⁹¹⁵. Ele é o fundador da nova geração humana, que nasce na força do Espírito Santo. Portanto, a ressurreição, como o coração do Evangelho, é a vida nova em Jesus Cristo, concedida ao ser humano mediante a fé pelo Espírito, e, só depois, como consequência, é o entendimento teológico desse dom. O Apóstolo Paulo afirma que

⁹¹³ PANNENBERG, Wolfhart. *Die Auferstehung Jesu*. 1971, pp. 327s; PANNENBERG, Wolfhart. *Grundzüge der Christologie*. Gütersloh, 1976. 5ª ed. pp. 47ss.

⁹¹⁴ Deixa claro o acréscimo paulino em FI 2,8c. SCHENELLE, Udo. São Paulo: Paulus, 2010, p. 553.

⁹¹⁵ FRIEDRICH, Gerhard. *Verkündigung des Todes Jesu im Neuen Testament*. BThST 6. Neukirchen: 1982. p. 137. Tradução nossa.

“se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, por seu Espírito que habita em vós”⁹¹⁶. A partir dessa tradição neotestamentária, pode-se dizer que nossa comunhão de vida com Deus, dito de outra forma, nossa divinização, é a obra do Espírito que o Pai e o Filho enviam ao coração do ser humano⁹¹⁷.

Para Paulo, portanto, é a Ressurreição que revela a filiação divina de Jesus de Nazaré e é o Espírito que realiza, em Jesus Cristo, a ressurreição do crente. Sendo esse gesto a expressão da pura gratuidade divina, é de se esperar que essa força poderosa e pessoal resida desde sempre no próprio ser íntimo de Deus como Espírito de amor: sabe-se assim, porque Deus é graça. É porque Deus é em si mesmo comunicação de amor e descobre-se porque o amor é a força vitalícia do universo.

É preciso salientar que a consistência do discurso teológico depende de sua ordenação ao Ressuscitado e da admissão de que a ressurreição tem em si a diferença escatológica, isto é, ela trouxe o futuro, mas ainda há um futuro novo a se revelar. Isto exige que a teologia cristã sempre se veja como discurso de segunda ordem, porque reconhece com satisfação que a sua existência é secundária em face do que é primário: Jesus de Nazaré que ressuscitou dos mortos. Nesse sentido, Claude assinala que a ressurreição do Cristo é a chave da história universal⁹¹⁸. A ressurreição lembra à teologia a sua vocação de ser o sempre mais da razão, da fé e da história, porque ela não vive de um passado petrificado, mas é a intérprete privilegiada de um acontecimento que se move na história a partir do presente e do futuro de Deus no mundo.

A ressurreição é como a chave mestra da teologia. Ela é da ordem do estranho à natureza dos entes, porque à vida segue-se a morte, mas nunca se viu o contrário, que à morte seguisse a vida. Por ser contraditória à ordem da natureza, mas, ao mesmo tempo, um fato sustentado pelo testemunho apostólico, a ressurreição esforça a razão teológica aos seus limites, porque ultrapassa todos os conceitos construídos pela razão sem negar-lhes a importância, mas também, sem deixar-se prender por

⁹¹⁶ Rm 8,11.

⁹¹⁷ Dieu- l'affirmation de Dieu. In: Encyclopedia Universalis en ligne. Paris: 2011. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/dieu-l-affirmation-de-dieu/>>. Acesso em: 29/01/2017.

⁹¹⁸ GEFFRÉ, Claude. **Um nouvel âge de la théologie**. Paris: Cerf, 1972. p. 132.

nenhum deles. Isto significa que ela carrega a marca da história e, ao mesmo tempo, as sementes da sua ultrapassagem.

É interessante mencionar que, na ressurreição, há uma experiência por parte dos discípulos após a morte de Jesus, há algo de histórico, uma vez que o Ressuscitado tem uma história humana que o vincula a toda a humanidade, mas, também, há algo de pós-histórico nela, porque o Ressuscitado tem a posse de uma vida que, até então, era estranha a todos os humanos. A história de Jesus de Nazaré resulta na ressurreição, que carrega em si a dialética vida-morte e morte-vida como atração do Ressuscitado sobre todos os seres humanos. Esta é a glória que, como um raio luminoso, irrompe da cruz levando ao cristão ao encontro do Deus que vem. Por isso, tem o dom de levar consigo a esperança daqueles que por Ele e n'Ele também são ressurreição na medida em que, pela fé, estão imersos no mesmo Espírito que desceu ao túmulo de Jesus de Nazaré e o ressuscitou.

Vale dizer que os últimos tempos são inaugurados com a ressurreição do Cristo. Portanto, a realidade escatológica da salvação já aconteceu a toda a criatura humana que se decidiu por Jesus: ela já pertence à nova criação, ainda que seja necessário respeitar a dialética do “já” e do “ainda não”. A história ainda está sob o signo da espera da realização plena e definitiva da promessa contida na ressurreição do Cristo. No entanto, todos devem ser vistos no horizonte completo e à luz do reino de Deus, que já atua entre nós por Cristo no Espírito. Os bens do mundo futuro já estão presentes e sob posse, embora de forma germinal e imperfeita⁹¹⁹. O crente aguarda com júbilo e expectativa na esperança desse acabamento último da história que será o reino anunciado por Jesus, isto é, de uma comunidade de justiça, de paz e de amor⁹²⁰.

Embora a história, por si só, guarde indefinições, incertezas e lhe falte transparência, ela é, antes, o lugar da contradição e do fracasso. Sendo assim, a história é incapaz de realizar seu próprio acabamento. Por tais razões, a ressurreição atesta a vitória sobre o fracasso da cruz, na qual é a promessa de que Deus retomará a história humana para fazê-la se cumprir. O cristão, portanto, como testemunha da

⁹¹⁹ Cf. CONGAR, Yves Marie-Joseph. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1983, pp. 55-70. Cf. HAHNER, Karl. *Teologia dall'esperienza dello Spirito, em Nuovi Saggi, San Paolo*. Roma, 1978, VI, 49-90.

⁹²⁰ Cf. GRESHAKE, Gisbert. *Más fuertes que la muerte. Lectura esperanzada de los novísimos. Santander: Sal e Terrae*, 1981. Cf. BOFF, Leonardo. *Hablemos de la outra vida*. Santander: Sal e Terrae, 1978.

Ressurreição, é testemunha também do sentido da história e de sua tensão para um acabamento último. E testemunhar é ainda tornar presente o Reino de Deus entre a humanidade, isto é, manifestar o poder ativo do amor, com a nossa colaboração livre. Convém ressaltar que a ressurreição, ainda hoje, preserva a mesma identidade que teve na vida de Jesus de Nazaré. Assim como ela estava escondida n'Ele como uma semente divina na sua própria alma e só brotou quando, aparentemente, não havia esperança, a humanidade e o próprio universo podem esperar um futuro inédito. Portanto, é um mundo do possível, em que se pode estar a serviço da futura verdade, da justiça e da paz prometida.

Por isso, pode-se falar da coordenada escatológica da Ressurreição como uma extensão da sua dimensão hermenêutica, isto é, o futuro traz a novidade de algo que ainda não se viu e nem se ouviu falar. A escatologia é, nesse sentido, um testemunho eloquente do inacabamento da teologia, porque se o futuro não está entregue a si mesmo, mas Deus está no presente e no fim da história, esta dialética reserva uma novidade sobreposta a qualquer texto. A Ressurreição impede que se fale de escatologia como fantasia, mas também bloqueia as afirmações definitivas sobre ela. Porém, o efeito retroativo da Ressurreição, tipificado na vida de Jesus de Nazaré, não diz tudo sobre a escatologia do corpo e do mundo, porque o futuro de Deus ainda reserva o inédito, que coincidirá com a plenitude da sua revelação.

Marxsen observa que não há ruptura entre a ressurreição e o seu sentido, porque há algo nesse evento que é perene e que se atualiza em cada geração⁹²¹. Com efeito, trata-se da economia da salvação na história como a referência fundamental da linguagem teológica. Para o Apóstolo João, a fé é uma bem-aventurança: “Bem-aventurados os que não viram e, contudo, creram”⁹²². Neste ponto, é visualizado o dado da fé da ressurreição de modo ainda mais contundente, porque, na medida em que, cronologicamente, a Ressurreição factual adormece no passado, a ressurreição como dom do Ressuscitado segue salvando no presente, porém, sem jamais desvencilhar-se do mistério do túmulo vazio. O fato e o sentido são elementos complementares e, por isso, indispensáveis um ao outro.

⁹²¹ MARXSEN, Wili. *La resurreccion de Jesus de Nazaret*. Barcelona: Herder, 197.

⁹²² Jo 20,29. —Il n'est pas un philosophe, mais un témoin; son œuvre d'historien fait partie de son ministère apostolique. Dans tous les temps, ceux qui n'auront pas vu, pourront, par son témoignage, parvenir à la même foi et à la même vie que lui. GODET, Frédéric. Commentaire sur L'Évangile de Saint Jean. Disponível em: <http://epelorient.free.fr/godet/godet_jean/godet_jean_59.html#htc167>. Acesso em 10/01/2012. Tradução nossa.

O Apóstolo Paulo reconhece que a ressurreição é aquele momento singular que eleva Jesus de Nazaré à condição universal. Verifica-se a ampliação dos limites de salvação, vai-se além do povo de Israel. Embora Ele morra na sua particularidade judia, pode-se dizer que assume as contingências da história. Portanto, pode divinizá-la, já que a cruz, que é particular, tem implicações salvíficas para o mundo todo. É bem verdade que a cruz atravessa toda a história da salvação. Logo, o Verbo Divino não se perde na particularidade de Jesus de Nazaré, porque assume plenamente a sua humanidade e, ao fazê-lo, abre o caminho para a humanidade ser recebida no seio da Trindade. Revelando-se em Jesus Cristo, Deus não absolutiza uma particularidade; ao contrário, significa que nenhuma particularidade histórica é absoluta e que, em virtude dessa relatividade, Deus pode ser alcançado em nossa história real. O Cristo ressuscitado libera a Jesus de ser propriedade exclusiva do cristianismo.

Constatamos que só a esperança pode esperar a ressurreição que conserva um excesso de sentido. Esta dimensão encoberta da ressurreição testifica que não se pode reduzi-la aos limites dos fatos brutos. Por essa razão, pode-se acreditar na novidade sempre atual da ressurreição, porque Aquele que ressuscitou a Lázaro, também grita aos nossos ouvidos: “saia para fora”⁹²³. Se lhe ouvirmos, veremos que a ressurreição, mais do que um conceito, é a presença da vida divina no ser humano. É esta presença que autentica a ciência teológica. Sob esta autenticidade, aparece a diferença escatológica da ressurreição, porque, se as palavras tropeçam diante dos objetos corriqueiros do mundo, muito mais diante da Sabedoria de Deus.

Em suma, podemos dizer que a ressurreição é o sempre mais da razão e da fé. Por isso, traz algo de novo para o interior da história. Mas, na medida em que se compromete com a humanidade, entregando-se totalmente na morte de cruz, o Ressuscitado carrega a marca da história e, ao mesmo tempo, a sua ultrapassagem. A ressurreição leva ao reconhecimento do inacabamento da teologia porque Deus é o seu excesso. O mistério da cruz e da ressurreição, coração do evento pascal, está no centro da fé cristã, ilumina a compreensão de todas as dimensões da fé e encontra-se no centro da Boa-Nova. A “Sabedoria da Cruz”, que é o escopo da existência, é a salvação e o futuro da sociedade, é o reino de Deus, cujo o motor é o Espírito Santo.

⁹²³ Jo 11,23.

5.3 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO É A RAZÃO DA FÉ CRISTÃ

Convém ressaltar, hoje, mais do que nunca, a ligação da fé com a verdade, diante da crise de verdade em que vivemos. Na cultura contemporânea, tende-se frequentemente a aceitar como verdade apenas a da tecnologia: torna-se verdadeiro aquilo que o homem e a mulher conseguem construir e medir com a sua ciência; e este produto se mostra como verdadeiro porque funciona, tornando a vida mais cômoda e aprazível. Nesta circunstância, poderá ser a razão da fé cristã a Sabedoria da Cruz de Cristo? Para obtermos uma resposta é necessário mergulharmos no conhecimento próprio da fé⁹²⁴. O Apóstolo Paulo nos dá um grande auxílio quando nos aponta que o coração é o lugar da fé⁹²⁵. A primeira adesão deverá ser interior, correspondendo à profissão de fé exterior. Ela resultará na pública confissão de Cristo Senhor. A própria fé consiste na entrega da alma, pois uma confissão pública dessa natureza exterior, sem estar escudada na alma transformada por obra do Espírito Santo, seria uma confissão vazia. A confissão sem fé seria uma hipocrisia. A fé é a entrega da alma às mãos de Cristo. Quando confessada, ela sai do seu silêncio e anuncia sua presença, para que a Glória de Deus seja manifestada. Como se observa, a confissão do cristão é a sua fé, testemunhada com a alma, verbalmente expressa através do corpo físico.

De acordo com o filósofo Ludwig Wittgenstein⁹²⁶, a fé tem grande ligação com a certeza. Ele a compara com a experiência do enamoramento, o que a torna impossível de propor como verdade válida para todos. Santo Irineu de Lião, ao fazer referência a Abraão, dizia que, antes mesmo de ouvir a voz de Deus, o profeta O procurava “com o desejo ardente do seu coração”. Segue o autor: “percorria todo o

⁹²⁴ Na Bíblia Sagrada, traduzimos por “fé” ou “fidelidade”. Crer em nossa língua “crer” diz-se tanto de uma opinião incerta como de uma adesão firme, fundada numa relação interpessoal. Na Bíblia, trata-se desse segundo sentido. Donde a frequência do vocabulário da fé nos Salmos 84, Dt 23, Is 34, Jr 21. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2014. E Santo Agostinho explica-o assim: “O homem fiel é aquele que crê no Deus que promete; o Deus fiel é aquele que concede o que prometeu ao homem”. *Enarratio in Psalmum*, 32, II, s. I, 9: PL 36, 284; - Cf. PIKAZA, Xavier; e SILANES, Nereo. **Dicionário Teológico: O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus. 1988, pp. 340-344; - Cf. EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2005, pp. 304-312.

⁹²⁵ Rm 10,10. O coração na Bíblia é o centro do homem, onde se entrecruzam todas as suas dimensões: o corpo e o espírito, a interioridade da pessoa e a sua abertura ao mundo e aos outros, a inteligência, a vontade, a fetividade. O coração pode manter mais unidas estas dimensões, porque é o lugar onde ns abrimos à verdade e ao amor, deixando que nos toquem e transforme profundamente. Cf. LF n. 27.

⁹²⁶ WRIGHT. Georg Henrik von (Coord.). **Vermischte Bemerkungen Culture and Value**. Oxford, 1991, pp. 32-33 e 61-64.

mundo, perguntando-se onde pudesse estar Deus”, até que “Deus teve piedade daquele que, sozinho, O procurava no silêncio”⁹²⁷.

Na história de Abraão, o fenômeno da fé se apresenta de modo exemplar e modelar. Paulo o chama de pai da fé⁹²⁸. No Evangelho de João, a fé em Jesus Cristo pode ser vislumbrada no cumprimento da fé de Abraão (Jo 8,33ss), no elogio dos pais (Ecl 44,19), e entre os heróis da fé (Hb 11,1-1-12,3). Abraão ocupa o lugar mais alto. Ele deixa sua pátria não em virtude de uma decisão própria, mas contra seu propósito mais íntimo. Rompendo com todos os vínculos terrestres, deixa sua pátria, seu povo, seus familiares. Separa-se de tudo que possa impedir o propósito divino na vida dele. Um desenraizamento assim representa, para a humanidade antiga, um empreendimento irrealizável, que poderia conduzir à ruína. No entanto, contrariando tudo⁹²⁹, Abraão se decide e aí fundamenta sua vida e seu futuro, e o faz porque confia em uma promessa, que se converteu para ele em experiência (cf. Gn 12,1-3).

A Palavra de Deus, para Abraão, era mais firme e segura do que a própria terra em que vivia. Portanto, vemos que a fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz. De igual forma, a fé assume um caráter pessoal. Por tais razões, a fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome. A fé compreende que a Palavra, uma vez pronunciada por Deus, é segura e inabalável. Abraão parte para uma terra desconhecida, com sua mulher estéril, porque Deus o chamou e lhe fez uma promessa de posteridade.

Eis o primeiro ato de fé de Abraão, que será reencontrado quando da renovação da promessa e da prova que Deus o submeterá, exigindo Isaac, fruto dessa promessa (cf. Gn 15,5-6). A existência e o porvir do povo eleito dependerão desse ato absoluto de fé (cf. Hb 11,8-9). Por tais razões, não se trata somente da descendência carnal, mas de todos aqueles que a mesma fé fará filhos de Abraão, como narra Paulo (cf. Rm 4; Gl 3,7). A fé de Abraão é a confiança numa promessa humanamente irrealizável. Deus reconhece o mérito desse ato (cf. Dt 24,13; Sl 106,31), coloca-o na conta de sua justiça e lhe concede uma bênção irrevogável. A fé de Israel em seu caráter histórico; fica perfeitamente expressa em sua confissão, assim como se encontra nas Sagradas Escrituras (cf. Dt 26,5-9; Ex 20,2; Dt 5,6; Js 24,2-13). Este credo proclama a liberdade, o poder, a fidelidade e o amor de Deus, que livra seu povo

⁹²⁷ IRINEU, Lião. *Contra as Heresias*. Coleção Patrística, volume IV. São Paulo: Paulus, 1995.

⁹²⁸ Rm 4,11. Cf. PIKAZA, 1988, p. 341.

⁹²⁹ Cf. Rm 4,18.

da escravidão do Egito. Cada geração deve reconhecer este fato e renovar seu compromisso. Assim, Israel se encontra, incessantemente, diante de Deus, pois a Aliança é realidade nunca terminada (cf. Dt 5,2-5). Por isso, “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6).

A fé surge como confiança incondicional. Ela nos confere a solidez, a certeza, a segurança das coisas esperadas - o céu - e a convicção das coisas não desejadas - o inferno. A fé é sempre projetada para o futuro e liga-se somente ao invisível. Trata-se de uma “posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se vêem”⁹³⁰. Ela é, na verdade, um título de propriedade das coisas esperadas. Ela nos faz acreditar naquilo que não se vê, pois, se chegarmos a vê-lo, não haverá mais fé; o Senhor se foi, para não mais ser visto. Ele está oculto para que, Nele, se possa crer. O desejo anelante por aquele que é invisível, mediante a fé, é a preparação de uma mansão celestial para nós. Quando Ele for visto, então Ele nos será dado como recompensa da fé.

Nesse sentido, deve-se dizer ainda que a fé beira o atrevimento intrépido. Ela, por si só, exige uma obediência inquestionável, indiscutível, bem como o sacrifício pessoal, tornando-nos pessoas espirituais, nas quais possa ser estabelecida uma aliança divina. A fé transcende o que é meramente mortal e terreno, trazendo à experiência humana o que é imortal e celeste. Ela nos ensina que Deus é o nosso Deus, que não há limite para a glória, pois, na filiação, o infinito é trazido ao que é finito. Desse modo, aquele que é dotado de fé só pode contar unicamente com Deus. Tal fé exclui todo o sentimento de autossuficiência e o leva a entender que só se pode obter a justiça salvífica de Deus. Ela é um dom gratuito de Deus⁹³¹.

A fé também nos ensina a esperar o impossível, porquanto dependemos do poder de Deus, que transmite vida e opera milagres, transcendendo até mesmo as barreiras normais da natureza. Ela nos leva à busca de uma cidade dotada de alicerces sólidos, a habitação celestial, inaugurada em Cristo, no seu corpo⁹³², em contraste com as tendas nas quais devemos, aqui, habitar, sendo a principal delas o nosso corpo humano, que constitui algo temporal. Bem sabemos que a morte, sempre a o nosso lado, ilustra quão temporária é a habitação neste mundo terreno.

⁹³⁰ Hb 11,1. Santo Tomás reconhece neste texto como: completíssima fidei definitivo. Ele ressalta que neste texto se encontra todos os elementos essenciais da nossa fé. Cf. AQUINO, Tomás. Suma Teológica. São Paulo: Paulus, 2005. II-IIae., q. 4-1.

⁹³¹ Cf. Rm 3,24.

⁹³² Cf. 2Cor 4,16; 5-5.

Podemos dizer que a fé é uma atitude do interior daquele que crê e comporta os sinais que possibilitam o acesso a realidades que não se vêem⁹³³. Em outras palavras, a morada da fé é a esperança confiante da força do amor que brota no coração de um Deus rasgado na cruz. Ela se reveste, assim, da grandiosidade trágica duma opção trágica entre a vida e a morte, entre a luz e as trevas, e duma opção tanto mais difícil por depender da conduta moral daquele a quem ela é proposta⁹³⁴. O evento da Cruz deu origem a fé cristã:

Diante da palavra cruz, contamos com *sola fide* e mais nada. Aqui não *opera Dei*, que aponta para o Criador eterno e sua sabedoria. Aqui se despedaça aquela fé na criação, da qual vem todo o paganismo. Aqui, Deus é não Deus. Aqui triunfam a morte, o inimigo, a não igreja, o estado da injustiça, o difamador, os soldados – aqui, Satanás triunfa sobre Deus. Nossa fé começa aqui, onde os ateus dizem que ela acabou. Nossa fé começa naquela dureza e poder; onde a noite da cruz, da solidão, da tentação e da dúvida está por toda a parte! Nossa fé precisa nascer onde os fatos a abandonam; precisa nascer do nada. Precisa experimentar o nada de tal forma que nenhuma filosofia niilista consiga imaginar⁹³⁵.

A fé no Crucificado é, portanto, a força divina que eleva a percepção humana para além dos limites dos sentidos e, rompendo a distância infinita que separa o ser humano de Deus, abre-lhe as portas do impossível e do incrível. A fé no Cristo é imaterial, mas necessita da matéria textual para acontecer no seu pleno transbordamento. É “Ele, a quem amais sem o ter visto”, afirma o primeiro Papa, “em quem acreditais sem vê-lo ainda”⁹³⁶. Nós já estamos no mundo das “coisas do alto” que escapam à história. Mas, nossa fé não é um salto no absurdo⁹³⁷. A fé não é absurda, porque se apoia nos traços históricos, isto é, no testemunho apostólico da tumba vazia, das aparições à Maria Madalena, aos discípulos de Emaús, a Tomé, etc. Porém, o que distingue a fé apostólica da dos discípulos posteriores não é a maior concretude dos fatos testemunhados por eles, mas a proximidade deles de Jesus e

⁹³³ Hb 11,1. Este versículo tornou-se uma espécie de definição teológica da fé, posse antecipada e conhecimento seguro das realidades celestes.

⁹³⁴ Cf. Jo 3,19-21.

⁹³⁵ IWAND, Hans Joachin. *Christologievorlesung* (não foi publicado). Citado conforme B. Klappert, *Diskussion um Kreuz und Auferstehung*, 1967, 228s. Tradução nossa.

⁹³⁶ 1Pe 1,8.

⁹³⁷ GEFFRÉ, Claude. Pâques ou la victoire de la foi. Disponível em: <http://www.dominicains.fr/menu/nav_magazine/Communautes/Couvents-de-France/Couvent-SaintJacques/Homelies-du-couvent-Saint-Jacques/Paques-ou-la-victoire-de-la-foi>. Acesso em: 10/06/2017.

dos acontecimentos. Jesus disse: “Felizes os que não viram e creram”⁹³⁸. A virtude da fé é superior a experiência dos sentidos.

Como podemos observar, essa fé, com sua habitual discrição, livre por natureza⁹³⁹, abre caminho ao amor, fundamentado na verdade, e supera o instante, o efêmero. Ela sustenta a humanidade e a leva a permanecer firme em seu caminho, em processo de doação. Portanto, a fé torna-se portadora do anúncio do Salvador à humanidade e faz possível a sua chegada ao pequeno, ao simples, ao vulnerável, e ao desprezado, contemplando, assim, a “gratuidade dos justos da história como fim do mundo em sua dupla acepção: termo dos tempos corruptos e início do tempo definitivo. E, ainda que a história prossiga em seu ciclo de rivalidade e de morte, a fé teologal permite contemplar o invisível, quer dizer, o reverso da história, com esperança escatológica”⁹⁴⁰. A fé também traz a possibilidade do perdão, embora requiera tempo, paciência e empenho, uma vez que se descobre que o bem é sempre mais originário e mais forte que o mal.

Não por outro enfoque, podemos dizer que a fé é um gesto messiânico de conhecimento invisível que implica, em seu próprio dinamismo interno, a instauração do perdão como princípio de vida e de mútuo reconhecimento. Trata-se, por assim dizer, da fé que move montanhas⁹⁴¹ e, ao mesmo tempo, amplia o horizonte, desmorona os mecanismos da rivalidade. Uma fé que ilumina a todos aqueles que vivem o colapso de seus sonhos de onipotência infantil. Uma fé tão grande como a do centurião romano, amando seu amigo/servo, e, com ele, a todos os desprezados da história. O próprio Jesus diz a Marta, na morte de seu irmão Lázaro: “Eu não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?”⁹⁴² Quem acredita vê⁹⁴³ a luz que ilumina todo o percurso da estrada que vem da presença do Crucificado Ressuscitado. Essa luz própria da fé que é o amor pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. A luz da fé é uma luz encarnada, somos convidados a penetrar nela para conhecer melhor o que amamos. A fé sempre vai nos surpreender. Ela abre possibilidades onde antes só existiam as trevas. A fé vê o invisível, crê no incrível e

⁹³⁸ Jo 20,29.

⁹³⁹ DV, n. 5; DH, n. 15.

⁹⁴⁰ ALVAREZ, 2016, p. 420.

⁹⁴¹ Cf. Mt 21.21.

⁹⁴² Jo 11,40. SCHILLEBEECKX, Edward. *Función de la fé em la autocomprensión humana, em Las cuestiones urgentes de la teología actual*, Razón y Fe, Madri 1970, 65-90.

⁹⁴³ São Tomás de Aquino fala de oculata fides (uma fé que vê) dos Apóstolos. Cf. AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. III, q. 55, a. 2, ad 1.

faz o impossível, porque anda sobre o nada: Deus e os seus dons não se provam pelos sentidos.

Convém ressaltar que a fé faz o crente sair da dimensão das suas limitações humanas e entrar na dimensão da Sabedoria da Cruz. Aos cristãos, portanto, é proposto fixar os olhos naquele que é “autor e realizador da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus”⁹⁴⁴. Desse modo, aos olhos da fé, as provas desta vida são pedagogia paterna de Deus em relação aos seus filhos.

Salienta-se, ainda, que a fé é fidelidade e lealdade a um acontecimento, lealdade à nossa resposta. A fé sem razão é muda; a razão sem fé é surda. A fé é consciência de reciprocidade e parceria divina, uma forma de comunhão entre Deus e o homem. Portanto, a Sabedoria da Cruz de Cristo é a razão da fé cristã. Para Paulo, essa fé abre à inteligência os tesouros de Sabedoria e de conhecimento que estão em Cristo⁹⁴⁵. A salvação é uma graça de Deus recebida pela fé⁹⁴⁶. É a plenitude de Deus, que Cristo possui e no-la dá. Para o Apóstolo, é pela fé, sobretudo, que aquele que crê se relaciona pessoalmente com o Senhor:

A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo. Por um lado, provém do passado: é a luz duma memória basililar - a da vida de Jesus -, onde o seu amor se manifestou plenamente fiável, capaz de vencer a morte. Mas, por outro lado e ao mesmo tempo, dado que Cristo ressuscitou e nos atrai de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso « eu » isolado abrindo-o à amplitude da comunhão. Deste modo, compreendemos que a fé não mora na escuridão, mas é uma luz para as nossas trevas⁹⁴⁷.

É pela fé que venceremos o mundo⁹⁴⁸. Com ela, permaceremos em pé. Mesmo sem provas colhidas pelos sentidos, é possível descobrir um novo mundo sem qualquer mapa, sem GPS. Ela é o meio pelo qual transcendemos à razão e os sentidos, de modo a cultivarmos pensamentos divinos. Vale frisar que a fé não é título

⁹⁴⁴ Hb 12,2. LÉON-DUFOUR, Xavier. **Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 336.

⁹⁴⁵ Cf. Cl 2,3.

⁹⁴⁶ Cf. Rm 4,4-8.

⁹⁴⁷ FRANCISCO. Carta Encíclica **Lumen Fidei**. Sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 4.

⁹⁴⁸ 1Jo 3,2. ORTIZ, Jiménez A. Teologia Fundamental. **La Revelación y la Fe en Heinrich Fries**. Salamanca: Universidad Pontificia, 1988, pp 337-441.

da razão, nem tampouco se posiciona contra ela: a credibilidade dos mistérios assegura o caráter razoável dos mesmos⁹⁴⁹:

Oh, mundo, não escolheste a melhor parte;
 Não é sábio ser apenas sábio,
 E fechar os olhos para a visão interior,
 Mas é sabedoria acreditar no coração.
 Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,
 Salvo o da fé, decifrado nas estrelas;
 Confiar na empresa invencível da alma
 Era toda a sua ciência, toda a sua arte,
 Nosso conhecimento é uma tocha fumegante
 Que ilumina o caminho um passo de cada vez,
 Através de um vazio de mistério e espanto.
 Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,
 A única capaz de dirigir nosso coração mortal
 Aos pensamentos sobre as coisas divinas⁹⁵⁰.

A razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão⁹⁵¹. A razão sem a fé é morta, e a fé sem a razão é doente. Diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão que deseja explicar o mundo e a encontra na aliança divino-humana, que excede a toda explicação. A fé orienta a razão e a abre à luz que vem de Deus, a fim de que ela, guiada pelo amor à verdade, possa conhecer Deus de forma mais profunda. A fé é a vivência do mistério. Se a nossa teologia e todas as nossas doutrinas responderem a todas as indagações da humanidade, então, não tem fé. A fé só subsiste enquanto não souber como é Deus.

A razão reconhece que a sua origem está marcada por um dom original, que a liberta dos condicionamentos genéticos, mas abre um abismo infinito que só a fé pode recompor, com sua “luz criadora para cada momento novo da história, porque coloca todos os acontecimentos em relação com a origem e o destino de tudo no Pai que nos ama”⁹⁵². O ser humano, erroneamente, muitas vezes se julga um ser dotado apenas de razão, sendo que ela, a razão é apenas um dos elementos que a constitui. Sua totalidade só é atingida pela fé.

Para finalizar, verdade seja dita, o mistério da Sabedoria da Cruz é muito mais do que se viu. A história é mais do que se fez e a razão é menos do que se pensa ter.

⁹⁴⁹ Por esse motivo, a liberdade desempenha papel necessário na decisão da fé. Cf. PIKAZA, 1998, p. 343.

⁹⁵⁰ SANTAYANA, George.

⁹⁵¹ SS, n. 23.

⁹⁵² LF, n. 55.

Portanto, experimentá-Lo é estar além das palavras, porque a glória divina está na luz dos olhos de quem ama tal mistério. A fé traz a presença divina do Ressuscitado e amplia as possibilidades da razão, porque se vive mais sob a regência exclusiva da imanência. A inteligência, iluminada pela Divina presença, anda sobre as águas e arrisca passos sobre o nada para trazer à realidade o que ainda não existe. Ela ultrapassa os limites da razão, sem a segurança dos sentidos, ou seja, sustentada apenas na confiança. A fé contempla a gratuidade dos justos da história como fim do mundo, em sua dupla acepção: termo dos tempos corruptos e início do tempo definitivo. E, mesmo que a história prossiga em seu ciclo de rivalidade e de morte, a fé teologal permite contemplar o “invisível”, que apresenta o reverso da história, com sua esperança escatológica. O conhecimento da fé, nos ensina a Encíclica *Gaudium et Spes*⁹⁵³, constitui dom do Espírito Santo e permite contemplar e saborear a beleza do plano divino.

5.4 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO TRAZ DE VOLTA A ESPERANÇA A HUMANIDADE PÓS-MODERNA

Diante de todo o cenário de catástrofe decorrente deste atual mundo fragmentado, embora um sentimento de orfandade se apodere de nós, surgem motivos para esperar o desenvolvimento de uma etapa mais avançada da consciência espiritual da humanidade. Mesmo em meio às ruínas da destruição urbana e ecológica, brotam sinais de esperança e de verdadeira solidariedade, compaixão, da humanidade ferida pelo totalitarismos do século passado. Aliás, não somente os sistemas políticos, mas, também, as ideologias religiosas e maiorias que viveram ocultando os deserdados da terra veem surgir entre suas ruínas sobreviventes que transpiram dignidade e compaixão. É necessário que a teologia possa respirar este ar fresco e vital que procede da Sabedoria de Deus, que passa através do clamor dos inocentes e dos justos de cada época da história.

Olhando os dias de hoje, é possível contemplarmos a mudança que aconteceu graças à crucifixão e ressurreição de Jesus, compreendida pelos primeiros cristãos como evento escatológico que, efetivamente, passou a constituir o centro da esperança. Se o cristianismo tem ainda algo a dizer à humanidade, nesta hora do

⁹⁵³ GS, n. 15.

pluralismo cultural e religioso, é precisamente a verdade cordial do amor universal. Um amor de gratuidade que resgata a todos, a começar pelas vítimas e que inclui os verdugos, convidando-os à conversão do coração e à mudança de rumo, ou seja, à substituição de seus passos de depredação por passos de vida nova⁹⁵⁴.

A memória viva do anúncio de Jesus de Nazaré e de sua entrega até a morte foi legada pela comunidade messiânica, formada em torno de Jesus, às comunidades cristãs que, ao longo dos séculos, seguem vivendo de seu Espírito. Podemos dizer que dois frutos foram gerados. Primeiro, uma esperança que não espera nada e, no entanto, ignora o dia e a hora, porém vigia. Segundo, um amor que não é correspondido porque não tem medida, mas só sabe ser pura doação. Mesmo com cores tão diversas, apenas aspira estar unida a Cristo, seu Esposo:

“Espera, ó minha alma, espera. Ignoras o dia e a hora. Vigia cuidadosamente, tudo passa com rapidez, ainda que tua impaciência torne duvidoso o que é certo, e longo um tempo bem curto. Considera que quanto mais pelejares mais provarás o amor que tens a teu Deus e mais te alegrarás um dia com teu Bem-Amado em gozo e deleite que não podem ter fim”⁹⁵⁵.

O conceito de esperança, baseado sobre a fé no Novo Testamento e na Igreja primitiva, nos remete a Jesus morto na Cruz, o qual nos traz uma novidade: “o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com Deus vivo e, desse modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos da escravidão e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo”⁹⁵⁶. A Carta aos Hebreus diz que os cristãos não têm, aqui neste mundo, colocar uma morada permanente, mas buscam uma futura (cf. Hb 11,13-14; Fl 3,20). A este respeito, a Encíclica *Spe Salvi* afirma que “isto não significa de modo algum adiar para uma perspectiva futura: a sociedade imprópria; eles pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada”⁹⁵⁷. Já se faz presente em nós as coisas que se esperam, a totalidade da vida verdadeira. Por outro lado, a participação do futuro de Deus depende de nós, de nossa vivência no presente de Deus, através de gestos e realizações que o aproximam daqueles valores presentes no reino definitivo: a fraternidade, o amor, a construção da paz, a promoção da concórdia entre os povos, o trabalho justo e assim sucessivamente.

⁹⁵⁴ Ibid., p. 27.

⁹⁵⁵ SANTA TEREZA DE JESUS. Excl., 15,3.

⁹⁵⁶ SS. n. 4.

⁹⁵⁷ Ibid., n. 4.

É importante ressaltar que a fé não é somente a inclinação da pessoa para as realidades que hão de vir, embora, aparentemente, estejam ainda totalmente ausentes. Ela nos dá algo. Ela antecipa a realidade esperada, atraindo o futuro para dentro do presente. Somente o fato de este futuro existir muda o presente que, por sua vez, é tocado pela realidade futura. A “fé é a substância da esperança”⁹⁵⁸. O Evangelho de João 16,22 diz: “Eu hei de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria”. A Igreja venera a cruz com as palavras do poeta Venanzio Fortunato, cantando: “*O crux, ave, spes única* - Salve, ó Cruz, única esperança”⁹⁵⁹. Reconhecemos, com gratidão, que a “vida entregue dos justos tenha se convertido em bálsamo que consola as vítimas, em clamor que impede os verdugos à conversão, redimido assim a humanidade de sua finitude e de sua culpabilidade, para conduzi-la ao banquete superabundante da Sabedoria divina”⁹⁶⁰.

Para finalizar, a esperança nos faz olhar para frente, crendo que só a partir do Crucificado “é que a nossa sociedade atual pode encontrar alicerces sólidos e duradouros”⁹⁶¹. Embora, com o passar do tempo, a nossa morada vá se destruindo, existe uma habitação eterna que Deus já inaugurou em Cristo, no seu corpo⁹⁶². Convém ressaltar que a fé, a esperança e a caridade fazem-nos abraçar as preocupações de toda a humanidade, no nosso caminho rumo àquela cidade cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus, porque a esperança não engana, não nos decepciona. A esperança cristã é a nossa expectativa dos bens escatológicos: a ressurreição do corpo⁹⁶³. O Apóstolo Paulo nos ensina que a esperança cristã se nutre do amor⁹⁶⁴. Portanto, a verdadeira e grande esperança da humanidade, que resiste de todas as desilusões, só pode ser Deus. O Deus que nos amou e ficará conosco até o fim⁹⁶⁵.

⁹⁵⁸ Ibid., n. 10.

⁹⁵⁹ Hino “*Vexilla Regis*” – CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Vozes 1993. n. 617.

⁹⁶⁰ Ibid., p. 450.

⁹⁶¹ LF, n. 56.

⁹⁶² Cf. 2Cor 4,16; 5,5.

⁹⁶³ Cf. 1Ts 1,3; 1Cor 13,13; Hb 11,10; Rm 5,5.

⁹⁶⁴ Cf. Rm 5,5.

⁹⁶⁵ Cf. Jo 13,1; 19-30.

5.5 A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO REDIMIU NO AMOR A HUMANIDADE

Em nossa civilização, dominada pela técnica, para que os seres humanos possam nela sobreviver, sem desumanizar-se totalmente, faz-se necessário um coração. Se, de fato, quisermos evitar que a humanidade caia em uma era glacial, teremos que dar espaço às razões do coração. Os cientistas há tempo buscam desenvolver computadores que pensam, contudo, ninguém concedeu a ideia de desenvolver um computador com potencialidade de amar. Os cientistas projetam, hoje, relógios atômicos cuja margem de erro seria a de uma fração de segundo em dois milhões de anos. Até que ponto a técnica supera a vida?

Hoje, observa-se um aumento muito mais rápido da inteligência e das possibilidades cognitivas do ser humano do que a sua capacidade para amar. Esta última, por sua vez, parece que não tem muita valia, embora saibamos que a felicidade ou a infelicidade não depende tanto do conhecimento ou do desconhecimento, mas sim do amor ou do desamor. Talvez, não seja tão difícil compreender porque estamos tão ansiosos para aumentar os nossos conhecimentos e tão pouco interessados em aumentar a nossa capacidade de amar. Conhecimento se traduz automaticamente em poder, enquanto que o amor se traduz em serviço. Paulo lembra à comunidade de Corinto que: “O conhecimento incha, mas o amor é que constrói”⁹⁶⁶. Portanto, quem poderá salvar, hoje, a nossa civilização? Em que consiste a redenção neste contexto? Assim como na comunidade de Corinto, a Sabedoria da Cruz, na luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da Verdade.

É indubitável que a humanidade é redimida pelo amor. “Isto vale no âmbito deste mundo interior. Quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de redenção que dá um sentido novo à sua vida”⁹⁶⁷. O Evangelho de João narra: Deus é amor. Para o Apóstolo, o amor de Deus é objeto de testemunho de fé. Jesus é a revelação concreta de fé: “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”⁹⁶⁸. O verdadeiro amor não se conhece por aquilo que exige, mas por

⁹⁶⁶ 1Cor 8,2.

⁹⁶⁷ BENTO XVI, 2008, p. 42.

⁹⁶⁸ Jo 3,16.

aquilo que oferece. Paulo escreve: “Deus demonstra seu amor para conosco, pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores”⁹⁶⁹.

O amor de Deus é fundamental na vida humana e apresenta questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós: “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós, Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivamos por Ele”⁹⁷⁰. O amor do Pai pelo Filho é de tal modo intenso que podemos pensar em um amor que supera os limites do tempo: “Deus ama seu Filho antes da criação do mundo”⁹⁷¹. O Pai ama Jesus não só porque Ele é seu Filho unigênito, mas também porque Ele é o Caminho do seu amor no mundo. Deus ama em Jesus a humanidade pecadora e esta terá a salvação quando decidir acolher o Enviado do Pai, isto é, o próprio Jesus, dom de Deus ao mundo.

O amor da misericórdia divina recebe sua revelação máxima por ocasião da morte de Jesus. E, na ressurreição, revela-se a plenitude daquele amor que o Pai nutre por Ele, precisamente porque aceitou a cruz como caminho para a glorificação⁹⁷². É um amor de genoridade, sem limites. O verbo “amar”, no presente, não determina tempo. É a *ágape* eterno, conhecido no tempo terrestre em Jesus de Nazaré. Amar é, portanto, obra de uma vida e, quando se chegar ao fim de uma existência, o que tiver sido construído no amor permanecerá eternamente. Na cruz, podemos ver que é o amor que dá a vida gratuitamente. São Francisco de Sales ressalta: “É a caridade que dá peso a tudo o que se faz”⁹⁷³.

Por tais razões, o amor nos constitui e nos torna humano. O ser humano precisa do amor. Necessita daquela certeza absoluta, plena, que o faz exclamar: “Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor”⁹⁷⁴. Bento XVI argumenta e desafia se existe este amor absoluto com a sua certeza absoluta, pois é somente desta maneira que “o homem está redimido, independentemente do que lhe possa acontecer naquela circunstância. É isto o que se entende quando afirmamos: Jesus Cristo redimiu-nos”⁹⁷⁵.

⁹⁶⁹ Rm 5,8.

⁹⁷⁰ 1Jo 4,9.

⁹⁷¹ Jo 17,24.

⁹⁷² KLOPPENBURG, Boaventura, OFM. **Ágape o amor do cristão**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 49.

⁹⁷³ SALES, São Francisco. **Tratado do amor de Deus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 644.

⁹⁷⁴ Rm 8,38-39.

⁹⁷⁵ BENTO XVI, 2008, p. 42.

É possível dizer que, com a paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo, todo o sofrimento humano encontrou uma nova situação. A redenção⁹⁷⁶ não se inicia com Jesus. O Deus de Israel sempre foi um Deus redentor⁹⁷⁷. Jó dizia: “O meu Redentor está vivo”⁹⁷⁸. Isto significa dizer: “Sem a redenção, não teria podido revelar-lhe a plenitude do seu significado. Na cruz de Cristo não só se realizou a redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido”⁹⁷⁹. Jesus, na cruz, mostra concretamente que Ele é um Deus que perdoa, liberta e redime. Cristo, sem nenhuma culpa, tomou sobre si todo o mal.

Sem dúvida, o custo da redenção humana foi alto⁹⁸⁰. Deus não salvou a humanidade através de vítimas, mas pelo próprio sangue de seu Filho (Rm 3,25). “Suporta-a como vítima entre as vítimas”⁹⁸¹. Dito de outro modo, tal resgate não se deu por meio de ouro ou prata, mas pelo sangue precioso de Jesus (1Pd 1,18s). Contudo, não se trata de um preço pago a alguém. Sobre essa redenção, vai dizer

⁹⁷⁶ A noção da redenção (apolytrosis) exprime-se no hebraico pelos temas gahal e padah. O verbo gahal foi traduzido pela LXX, 90 vezes por “resgatar”, 45 vezes por “por em liberdade”, 41 vezes por “libertar, salvar”. A palavra gahal nunca foi traduzida com o sentido de libertar com pagamento de resgate. Com frequência, na Bíblia, Deus vem apresentado como aquele que liberta, o goél, o amigo e o parente que intervem pela libertação de seu povo, no primeiro Êxodo (Ex 6,6-7; Dt 7,6-8; 9,26) e no novo Êxodo (Is 41,14; 43,14; 46,6; 51,5-8; 52,3-9). Trata-se sempre de uma libertação potente e eficaz pela ação de Deus, de modo que não se fala do preço de resgate (Is 52,3-9). Mais tarde, a libertação torna-se objeto da esperança escatológica, quando virá a redenção plena e definitiva (Is 59,20; Sl 130,7-8). ARTUSO, Vicente. Carta aos Romanos. Londrina: [s.n.], 2008. Apostila.

⁹⁷⁷ No Novo Testamento, a palavra redenção aparece em: “termos comerciais de compra e de venda (cf. 1Cor 6,20; 7,23; Gl 5,13; Ap 5,9; 1Tm 2,6). Trata-se de uma metáfora e uma imagem, não de uma descrição realística. Os termos indicam a ligação entre a justificação do homem e a obra redentora de Cristo” (ARTUSO, 2008). Assim como no Deutero-Isaías, a redenção está ligada ao perdão dos pecados (cf. Is 43,22-28; 44,21s; 48,9s; 50,1-3; 54,6-8), da mesma forma, no Novo Testamento a redenção promove, a libertação dos pecados, que acontece através da conversão (cf. Cl 1,14). Paulo diz, em sua Carta aos Efésios 1,7, que é pelo sangue de Jesus que temos a redenção. É exatamente esta a ideia presente na Primeira Carta aos Coríntios 1,30 “Paulo diz que Jesus Cristo se tornou para nós justiça, santificação e redenção. Parece então claro que o cristianismo primitivo entende a experiência do perdão e da conversão como realização-êxodo em Cristo Jesus” (ARTUSO, Vicente. Carta aos Romanos. Londrina: [s.n.], 2008. Apostila).

⁹⁷⁸ Jó 19,25, (cf. CASAGRANDE, 2015).

⁹⁷⁹ SD, n. 19.

⁹⁸⁰ A redenção é sem dúvida obra do poder de Deus “Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que lahweh te resgatou” (Dt 15,15). Segundo Peña (PEÑA, 1997, p. 200), “resgatando seu povo do Egito, Javé se revelou seu go’el.” A uma ação concreta como pode ser destacado (cf. Sl 19,15; 8,35; Is 44,6; 48,17 etc.), lahweh se coloca como defensor do fraco e desamparado como apresenta em Pr 23,11: “Pois o seu vingador é forte, disputará a causa deles contra ti”. Não se pode perder de vista que, ao agir como go’el na situação de criador e rei lahweh, autor da criação e Senhor de tudo e de todos, Ele não resgata alguém estranho, ou algo que lhe seja alheio; pelo contrário, Ele “reivindica sempre algo que pertence, retoma uma possessão original, refazendo um antigo vínculo de domínio” (PEÑA, 1997, p. 201). Mais tarde a “libertação torna-se objeto da esperança escatológica, quando virá a redenção plena e definitiva (Is 59,20; Sl 130,7-8)” (ARTUSO, Vicente. Carta aos Romanos. Londrina: [s.n.], 2008. Apostila).

⁹⁸¹ MOLTSMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 132.

Agostinho: “O sangue de Cristo dado por nós como preço do resgate, preço que não enriqueceu mais o demônio quando o recebeu, mas ao contrário, com ele ficou atado”⁹⁸². A redenção operada por Cristo foi um ato de amor supremo⁹⁸³ (cf. Ef 5,2): “Não pôs seus próprios pecados sobre os ombros de outros, fossem homens ou animais; ao contrário, sustentou os pecados dos outros sobre seus próprios ombros”⁹⁸⁴. Ele, “sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo”⁹⁸⁵. São Leão Magno dizia: “Trema a natureza humana perante a execução do Redentor, quebrem-se as rochas dos corações infieis e aqueles que estavam encerrados nos sepulcros de sua mortalidade saiam para fora, levantando a pedra que estava sobre eles”⁹⁸⁶. A cruz nos revela quanto Deus é admirável. De acordo com São Boaventura:

Ela manifesta a sua suma e imperscrutável sapiência, a sua suma e irrepreensível justiça, a sua suma e inenarrável misericórdia. A sua sapiência frustrou a sagacidade do demônio, a sua suma justiça recebeu o preço da nossa redenção, a sua suma misericórdia entregou seu Filho para nos salvar⁹⁸⁷.

Tenha-se presente que Deus é aquele que assume a dívida do outro, em sentido redentor, sentido de gratuidade. Ele resgata a preço de sangue e salva por amor. E faz desse povo um povo santo, com pertença totalmente ao Senhor. Não é uma qualidade que possuísse por si mesmo, mas uma condição de vida particular a ele conferida por sua eleição, levando-o a romper com as outras nações.

O Pai manteve, até as últimas consequências, a sua promessa de aliança com a humanidade. E o fez por meio do seu Filho, que participa até o último instante da nossa situação de pecado e de morte. É o próprio Filho de Deus quem assume o papel de cordeiro imolado: “Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). É na cruz que o sacrifício de Jesus é consumado. Por meio dele, o próprio Deus restabelece a perfeita comunhão com o seu povo, libertando-o do pecado e devolvendo a paz que a humanidade havia perdido no paraíso: “O sangue da Nova Aliança não serve para afastar a ira de Deus em face da humanidade, mas, ao

⁹⁸² AGOSTINHO, 1984. p. 423.

⁹⁸³ Cf. Ef. 5,2.

⁹⁸⁴ CANTALAMESSA, 2011.

⁹⁸⁵ 1Pd 2,24.

⁹⁸⁶ MAGNO, Leão. Sermo 66,3; PL 54,366.

⁹⁸⁷ BOAVENTURA, São. *Itinerarium Mentis in Deum*. Trad. Jerônimo Jerkovic. In: De BONI, Luis Alberto, org. Obras escolhidas de São Boaventura. Edição Bilingue (Português/Latim). Porto Alegre: EST, SULINA E UCS, 1983. Três Caminhos - Cap. III § 3.

contrário, mostra até que ponto chegou o seu amor pelo homem: a ponto de dar, no seu Filho, a sua vida (o seu sangue) por nós, homens, e pela nossa salvação”⁹⁸⁸.

Na Epístola aos Hebreus, várias vezes, o sacrifício da cruz é mencionado. Nela, são assinalados como imperfeitos todos os demais sacrifícios antigos. Segundo consta, o sacrifício único de Jesus opor-se-ia aos sacrifícios da Antiga Aliança, repetidos indefinidamente, porque impotentes para causar a salvação. Nesse sentido, pode-se dizer que o sacrifício da Nova Aliança é justamente a cruz, isto é, o Filho dá a sua vida pela salvação dos homens. Esse sacrifício é o próprio Cristo, “de uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo”⁹⁸⁹. Essa oferenda única de Cristo coloca-se como centro da história da salvação. Jesus é puro dom de Deus às criaturas. O sacrifício oferecido a Deus para a humanidade é o seu próprio Filho - dom supremo. “Ninguém tira minha vida, mas eu a dou livremente, como bom pastor”⁹⁹⁰. A redenção operada por Cristo foi um ato de amor⁹⁹¹.

De acordo com a Epístola aos Hebreus, Cristo “entrou uma vez por todas no Santuário, não com o sangue de bodes e de novilhos, mas com o próprio sangue, obtendo uma redenção eterna” (Hb 9,12). Na condição de único sacerdote da nova e eterna Aliança, Ele “não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro, e sim no próprio céu, a fim de comparecer, diante da face de Deus a nosso favor” (Hb 9,24). No céu, Cristo continua exercendo esse ministério: “E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas” (Hb 10,10). É preciso ter sempre em mente que Jesus Cristo “é o centro e o ator principal da liturgia que honra o Pai nos Céus”⁹⁹².

Impróprio seria esquecer que Deus se faz vítima a ser sacrificada, em Jesus Cristo, e depois elevada à dignidade divina. Nesse sentido, deve-se dizer que é o próprio Deus quem se sacrifica pela humanidade, entregando à morte seu Filho unigênito (cf. Jo 3,16). Por tais razões, “o sacrifício não mais se destina a aplacar a divindade, mas a aplacar o homem, fazendo-o renunciar a sua hostilidade nas relações com Deus e com o próximo”⁹⁹³.

⁹⁸⁸ SERENTHÃ, 1986, p. 428.

⁹⁸⁹ Hb 7,27.

⁹⁹⁰ Jo 10,18.

⁹⁹¹ Cf. Ef. 5,2.

⁹⁹² CalC, n. 662.

⁹⁹³ CANTALAMESSA, 2010.

Paulo escreve: “Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça, pelo fato de ter deixado sem punição os pecados de outrora, no tempo da paciência de Deus; ele queria manifestar a sua justiça no tempo presente para mostrar-se justo e para justificar aquele que é pela fé em Jesus” (Hb 3,25-26). O propiciatório era um lugar de ouro, no qual se fazia a expiação. Na festa anual da expiação, também acontecia a aspersão; no decorrer, os pecados do povo israelita eram perdoados (cf. Lv 16). O Apóstolo Paulo vê, nesse rito propiciatório, uma imagem semelhante à do sacrifício de Cristo. Cristo nos oferece o perdão de Deus por meio da fé, única que nos permite participar do benefício desse perdão e dessa salvação.

Cristo é o instrumento propiciatório. É preciso insistir que o sangue de Cristo cumpriu, na realidade, a purificação do pecado que esse rito só podia significar. Ele é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima. No Novo Testamento, não há alusão à expressão “bode expiatório” para indicar Cristo, a vítima inocente. Porém, sem dúvida, lembra Girard, “dispõe de uma expressão igual e superior a bode expiatório que é Cordeiro de Deus⁹⁹⁴, que se ofereceu e carregou sobre si as nossas iniquidades, as nossas dores, os nossos sofrimentos, as nossas enfermidades e os pecados de toda a humanidade (cf. Is 53,4). A expiação não é uma possibilidade que esteja ao alcance dos seres humanos, mas unicamente de Deus⁹⁹⁵. Ele redimiu toda a humanidade.

Recorrendo à história da criação, Paulo vai dizer que a vinda do pecado acabou por instituir um regime especial de escravidão. Por meio de sua prática, nos tornaríamos escravos do próprio pecado (cf. Rm 6,6), tendo como salário a morte (cf. Rm 6,23). Olhando para a cruz de Cristo, vê-se “alguém pagou alto preço pelo vosso resgate” (1Cor 6,20; 7,23), o próprio Jesus. É o que nos revela a Primeira Carta a Timóteo 2, 16: “Se deu em resgate por todos”. Portanto, “libertar as pessoas da servidão com o pagamento de um preço é exatamente o tipo de coisa que o mundo antigo considera redenção. Paulo vê a salvação como um processo de redenção”⁹⁹⁶.

Lê-se na Epístola aos Hebreus 9,22 que, “sem efusão de sangue não tem remissão”. Deus não fica satisfeito com o derramamento do sangue, mas Ele é um Deus que não pode aceitar que a humanidade permaneça na desordem do pecado,

⁹⁹⁴ GIRARD, 1999, p. 192.

⁹⁹⁵ Isto foi mostrado convincentemente por HOFFMANN, Norbet. *Sühne – Zur Theologie der Stellvertretung*. Einsiedeln: [s. e.], 1981.

⁹⁹⁶ HAWTHORNE, 2008, p. 1050.

motivo que o leva a empenhar-se em primeira pessoa a apagá-lo, aceitando todas as suas consequências, até dar a vida (o sangue). Tenha-se em mente que o sangue de Jesus Cristo é o ponto principal do conceito de redenção no Novo Testamento⁹⁹⁷. É sabido que Cristo, ao morrer na cruz, deu seu sangue inocente com o objetivo de retirar nossos pecados e nos levar à reconciliação com Deus⁹⁹⁸.

Paulo ressalta que “Jesus Cristo se deu em resgate por todos”⁹⁹⁹. Foi Cristo quem substituiu toda a humanidade, tomou o lugar dos homens e morreu para libertá-los. Dizer que o “resgate foi pago é forçar as palavras além do que elas se destinam a transmitir. O termo indica que a redenção era cara, não que havia alguém, como Satanás ou demônio, que exigia o pagamento de um preço”¹⁰⁰⁰. Essa explicação é dada por Santo Anselmo de maneira racional. Ele apresenta uma excelente dedução no que se refere à cruz de Cristo, eliminando qualquer que seja o direito de Satanás e seus “demônios sobre a humanidade ligada ao pecado do homem: Cristo morre não para pagar algo que seja devido ao demônio, mas para restabelecer os direitos de Deus, a honra de Deus (*honor Dei*) lesada pelo pecado”¹⁰⁰¹.

De igual forma, temos, em Cristo, a redenção eterna: “O véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima para baixo” (Mc 15,38). Temos acesso ao lugar do Santo dos Santos pela sua paixão, morte e ressurreição. Esse era também o lugar sagrado onde estava a Arca da Aliança (cf. Hb 9,4). Agora, está acessível a todos os povos. O perdão dos pecados para os judeus tinha um lugar localizado. Nós somos justificados pela fé mediante o sangue de Jesus derramado. Paulo liga a redenção à justificação quando diz: “São justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus”¹⁰⁰². O mesmo Senhor trouxe a absolvição (justificação) e também a libertação (redenção): “Pela sua santíssima Paixão no madeiro da cruz mereceu-nos a justificação, ensina o concílio de Trento, sublinhando o caráter único do sacrifício de Cristo como princípio de salvação eterna (Hb 5,9)”¹⁰⁰³.

Em Gálatas, o Apóstolo Paulo uniu a redenção com a libertação da lei: “Cristo nos redimiou da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” (Gl 3,13). Por tais razões, para

⁹⁹⁷ Cf. 1Cor 10,16; 11,27; Ef 2,13; 1Pd 1,2; Ap 7,14; 12,11.

⁹⁹⁸ Cf. Hb 5, 8; Fp 2, 8; cf. Lv 16.

⁹⁹⁹ 1Tm 2,6.

¹⁰⁰⁰ HAWTORNE, 2008, p. 1050.

¹⁰⁰¹ apud SERENTHÀ, 1986, p. 436.

¹⁰⁰² Rm 3,24.

¹⁰⁰³ CaIC, n. 617.

libertar a humanidade da maldição divina que a violação da lei fazia pesar sobre eles, Cristo se fez solidário dessa mesma maldição. A redenção é, pois, obra do poder de *lahweh* (Dt 15,15) ou de seu amor (Sl 44,27).

A encarnação existe por causa da redenção e para levar a criação à plenitude: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque são filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai”¹⁰⁰⁴. Deus, na encarnação do seu Filho Jesus, tem o propósito da redenção dos que estavam sob a lei. Tornando-os filhos, fez com que os escravos adquirissem a liberdade. A redenção tem significado de preço pago e libertação dos pecados: “A redenção não é algo exclusivamente negativo (libertação do pecado); está intrinsecamente ligada ao dom da vida, da aliança com Deus”¹⁰⁰⁵. Nele e por Ele é que todas as coisas foram feitas.

É importante frisar que Jesus Cristo, o Filho de Deus, como homem, “permitiu ao Espírito Santo, que já tinha penetrado até ao mais profundo a sua humanidade, transformá-la num sacrifício perfeito mediante o ato de sua morte, como vítima de amor na cruz”¹⁰⁰⁶. Em Jesus, de maneira especial na sua Páscoa, “Deus revela definitivamente o seu parentesco conosco: por isso, a morte é redenção, e a obra de salvação realizada por Cristo pode ser qualificada como redentora”¹⁰⁰⁷.

A Encíclica *Dominum et Vivificantem* ressalta: “A redenção é totalmente operada pelo Filho, como o Ungido, que veio e agiu com o poder do Espírito Santo, oferecendo-se por fim em sacrifício supremo no madeiro da cruz”¹⁰⁰⁸. Eis o amor disposto ao sacrifício do amado. O Espírito Santo atuou de forma especial nessa autoadoção absoluta do Filho do Homem para transformar o sofrimento em amor redentor. Não se pode perder de vista que esta redenção segue, sem cessar, operando nos corações e nas consciências humanas na história do mundo inteiro através do Espírito Santo.

João associa o dom do Espírito Santo à água que sai do lado transpassado, ou seja, do coração lancetado do Redentor (cf. Jo 5,6-7). Essa água tem poder de “transformar o imenso deserto desta vida: lança-se no grande Mar Morto, que é este

¹⁰⁰⁴ Gl 4,4-6.

¹⁰⁰⁵ SERENTHÀ, 1986, p. 433.

¹⁰⁰⁶ DEV, n. 40.

¹⁰⁰⁷ SERENTHÀ, 1986, p. 432.

¹⁰⁰⁸ DEV, n. 24.

mundo pecaminoso, e no pequeno Mar Morto, que é todo ser humano destituído da graça, transformando-os em lugares palpitantes de vida”. O Espírito Santo transforma o caos em cosmos, *Veni Creator Spiritus*. Vem, Espírito Criador! “Espírito que vem da cruz de Cristo; o caos não é mais o caos físico, mas o moral, do mal e do pecado; o cosmos não é mais o material, mas a Igreja que é o cosmos do cosmos, isto é, o ornamento do mundo”¹⁰⁰⁹. Se, de fato, o pecado rejeitou o amor, gerando na humanidade e em toda a criação o sofrimento, o “Espírito Santo entrará no sofrimento humano e cósmico com uma nova efusão de amor, que redimirá o mundo”¹⁰¹⁰.

Neste sentido, deve-se dizer que, em Jesus Redentor, concretiza-se o sofrimento de Deus, manifestando o seu Amor eterno. O Espírito Santo, o Paráclito, convence a humanidade quanto ao pecado e revela, sobretudo, no mais íntimo das consciências humanas, que o pecado é vencido pelo sacrifício do Cordeiro de Deus devido ao fato de que Ele próprio tornou-se até a morte o servo obediente e que, por tal razão, repara a desobediência do ser humano: “Em Cristo, sofre um Deus rejeitado pela sua própria criatura”¹⁰¹¹.

O Amor do Pai e do Filho é a sagrada fonte de todo o bem, do Espírito Paráclito, que se derrama dos abismos da Trindade, como rio de amor, e invade nosso ser. Ele reconstrói toda a ruína humana e replanta todo o terreno baldio da alma. O seu fogo é doce chama que se espalha, que busca os corações de pedra para tocá-los e os transforma em um coração de carne (cf. Ez 36,26), capaz de amar: “Como suave aragem, irrompe, e com o sopro nos conforta com o teu amor deífico. Por ti, a ti nos hunamos por ti nos prendamos com o vínculo do amor”¹⁰¹². Com tão grande amor amaste o mundo: “É o amor até o fim (Jo 13,1) que confere seu valor de redenção e de reparação, de expiação e de satisfação ao sacrifício de Cristo. Ele nos conheceu e amou na oferenda da sua vida”¹⁰¹³. A cruz do Filho é revelação do amor do Pai¹⁰¹⁴ e a efusão de seu comum Espírito no coração da humanidade¹⁰¹⁵. Portanto, é na cruz que se dá a sua redenção. O amor tornou-se incondicional para com todos os homens de todos os tempos.

¹⁰⁰⁹ Ibid., p. 45.

¹⁰¹⁰ DEV, n. 39.

¹⁰¹¹ Ibid., n. 41.

¹⁰¹² CANTALAMESSA, 1998, p. 157.

¹⁰¹³ CaIC, n. 616.

¹⁰¹⁴ Cf. Rm 8,32; Jo 3,16.

¹⁰¹⁵ Cf. Rm 5,5.

Os fiéis não experimentam a plenitude da redenção nesta vida. O amor visa a eternidade. Para Paulo, os que receberam o Espírito aguardam “a adoção, a libertação para o nosso corpo”¹⁰¹⁶. Porém, “as escolhas da vida aqui e agora não serão esquecidas na ressurreição no fim dos tempos. A redenção se estende àquele tempo. Isso é lembrado também na referência paulina a ser marcada com um sinete pelo Espírito Santo”¹⁰¹⁷. Portanto, “fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4,30). Paulo nos recomenda, a caridade por ser a maior de todas as virtudes. Ela, “é o vínculo da perfeição”¹⁰¹⁸ que nos assegura e purifica a capacidade humana de amar, elevando-a à perfeição sobrenatural do amor divino. O amor é tão poderoso que cumpre todos os requisitos da lei. O amor é solo onde são cultivadas, pelo Espírito, todas as demais virtudes espirituais. Ele é o mais nobre produto do desenvolvimento espiritual. Aquele que ama, paulatinamente, vai se tornando semelhante a Deus, sendo inspirado por Ele.

Paulo orienta os redimidos para que contemplem o Crucificado Ressuscitado com uma postura de adoradores, “que é o penhor da nossa herança, para a redenção do povo que Ele adquiriu para seu louvor e glória” (Ef 1,14). Esse povo é propriedade do Senhor: “Se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos” (Ex 19,5). É necessário ter um espírito pobre. O verdadeiro espírito procura em Deus a amargura e não as delícias e prefere o sofrimento ao consolo, a privação ao gozo, a aridez e as aflições às doces comunicações celestes, sabendo que isto é seguir a Cristo e renunciar-se. O verdadeiro espírito sustenta que a renúncia, segundo a vontade divina, consiste em morrer para sua natureza, aniquilando-a, em tudo quanto a vontade julga ser valioso na ordem temporal, natural e espiritual. Quando a alma fica desfeita em nada, isto é, na suprema humildade, estará realizada a união espiritual entre a alma e Deus. A união consiste numa viva morte de cruz, sensitiva e espiritual, interior e exterior. Quanto mais perfeita for a crucifixão ativa e passiva, tanto mais íntima será a união com o Crucificado.

Para concluir, somente o amor redime e salva. Enquanto que a ciência e a sede de conhecimento, sozinhas, levam à perdição. Agora, que a civilização aprendeu a explorar os espaços do cosmos fora da terra e as partículas subatômicas dos

¹⁰¹⁶ Rm 8,23.

¹⁰¹⁷ HAWTHORNE, p. 1051.

¹⁰¹⁸ Cl 3,14.

elementos da terra, só a Sabedoria da Cruz de Cristo poderá dar à humanidade o suplemento de alma e coração que lhe permitirá não se esterilizar por causa do próprio conhecimento, mas fazê-lo servir à humanização do planeta e ao melhoramento da qualidade de toda a humanidade. Está claro que o amor é a nova lei do cristão, escrita verdadeiramente pelo próprio dedo de Deus, mas, desta vez, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, os corações humanos, purificados pelo sangue de Cristo; que o Espírito Santo é o princípio que dá a vida à Nova Aliança. Só “Deus é amor” (1Jo 4,8).

5.6 O ENCONTRO COM A SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO GERA NOVAS CRIATURAS EM TODOS OS TEMPOS

Não há novas estruturas se não há criaturas novas que mobilizem e suscitem nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas. Assim, façamos algumas reflexões pautadas no campo do saber e da vida moral. Iniciamos nosso trajeto no Evangelho segundo S. João (1,9), que diz: “ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo”. Deus está no fundo da interioridade humana. Por isso, pode não ter a sua presença reconhecida, ainda que o deseje, como relembra o Apocalipse de João (3,19): “Eis que estou à porta e bato”. A presença divina na subjetividade humana é o ponto de partida para a experiência de Deus como Pai e a ascensão humana à filiação divina. Quando o ser humano decide abrir a porta, isto é, reconhecer a presença de Deus no interior da consciência, pode dizer como o salmista: “na tua luz vejo a luz” (Sl 36,9). O Cristo crucificado ressuscitou e ressuscitado permanece entre os seres humanos. Quem crer hoje, assim como ontem, fará a experiência do Cristo como dom de Deus à humanidade, tal como os primeiros cristãos o fizeram.

David Tracy, ao falar do processo da transcendência do amor, propõe uma aplicação criativa sobre a transformação que acontece na subjetividade pelo impacto da revelação, em Cristo, de Deus amor:

A realidade de Deus como amor libera o *Self* para arriscar-se na autotranscendência cristã de uma fé que trabalha pelo amor. A experiência da graça como gratuidade (*giftiness*) libera o eu para que seja capaz de viver uma confiança fundamental, que é o primeiro fruto da dádiva. O dom da confiança ilumina a já sempre presente realidade afortunada do finito, criado, afortunado. No seio dessa manifestação-orientação, acima de tudo, surge o poder de tal gratuidade como confiança: confiança na radical imanência de

Deus em toda realidade, confiança na razão e em seus múltiplos caminhos, confiança no *eros* profundo em cada *Self* como parte de todas as suas buscas da verdade, do bem, da beleza e da bem-aventurança¹⁰¹⁹.

Com essa confiança, o cristão é chamado a viver uma vida de discipulado na “imitação do Cristo”¹⁰²⁰, assim como o Apóstolo Paulo, que estabelece a mensagem de reconciliação fundamental na morte sacrificial de Jesus e afirma que a reconciliação resulta em não viver mais para si mesmo, mas para Cristo, e, assim, para os outros. Paulo reconhece: “Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”¹⁰²¹. A comunhão acontece pela fé. Cristo torna-se, de certo modo, o sujeito de todas as ações do cristão. Implica uma conversão permanente. O Apóstolo adota, consistentemente, a presença dinâmica do amor-divino, ativo, para restabelecer o relacionamento divino-humano. Ele chama e habilita as pessoas para manifestarem umas às outras essa mesma reintegração social. Essa obra de reconciliação se estende à toda a criatura.

São surpreendentes as consequências produzidas, nas pessoas, em virtude da mudança do coração e do novo espírito. A vida ressurrecta indica, de modo contundente, que a experiência divina no espírito e no corpo dos filhos de Deus os levam a amar a Verdade. Podemos citar, como exemplo, Charles de Foucauld, que faz uma experiência profunda com o Ressuscitado, na gruta de Belém, no Natal de 1888, e por tal razão, ressalta: “o primeiro efeito do amor é a imitação”¹⁰²². O Monge não se sentia mais capaz de imitar a vida pública de Jesus na pregação. Deveria, portanto, imitar a vida escondida do trabalhador humilde e pobre de Nazaré¹⁰²³, uma vez que imitar não é uma repetição mecânica de esquemas aprovados por uma personalidade passiva ou voluntariosa. Trata-se de um esforço moral criativo, que se exige da parte que compete ao ser humano realizar¹⁰²⁴. A imitação de Jesus, como caminho de glória, implica tê-lo como modelo humano fundamental, isto é, ordenar-lhe o pensamento, a palavra e a ação.

Essa dinamicidade da devoção foucauldiana é um enigma humano e teológico que ele põe como referência sacerdotal e como inspiração de como se vive a fé e se

¹⁰¹⁹ TRACY, David. *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Culture of Pluralism*. New York: Seabury, 1981. p. 411. Tradução nossa.

¹⁰²⁰ KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Paumape, 1979, Livro terceiro, cap. 56.

¹⁰²¹ GI 2,19b-20.

¹⁰²² FOUCAULD, Charles. *Méditation: retraite à Nazareth 8 novembre 1897 – La dernière place*. Paris Nouvelle Cité, 2002. p. 119. Tradução nossa.

¹⁰²³ Ibid., p. 119.

¹⁰²⁴ NADEAU, Marcel. *L'expérience de Dieu avec Charles de Foucauld*. Paris: Fides, 2004.

faz teologia na prática. A glória terrena é deixada em favor da glória divina na qual ele se abandona. É um digno exemplo da *fides informata*. A busca o leva a perceber mais intensamente que a natureza do apostolado que deve realizar põe a si mesmo como pregação antes que qualquer palavra seja pronunciada. A vida é o texto exposto ao olhar alheio, é onde a evangelização começa e termina. A glória da vida consagrada está na luz de seu rosto.

O fascínio de Foucauld por Jesus de Nazaré exigiu-lhe uma entrega ainda maior, na qual o amor a Deus e ao próximo estivessem conectados por uma circularidade incessante. Após o abade geral dos trapistas dispensá-lo do voto monástico, desliga-se da ordem e vai a Nazaré aprofundar a contemplação e o seguimento de Jesus. Charles de Foucauld leva a experiência de Deus à radicalidade da epifania, isto é, ser o *alter Christi* para o próximo na graça e na virtude. Recorde-se o Monge: “Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade. Qualquer que me veja deve dizer: ‘porque este homem é bom, sua religião deve ser boa’ [...]. Se assim é o servo, como será o Senhor!”¹⁰²⁵.

A vida no Espírito, para Foucauld, traçou um retrato de Jesus que o seduziu. Ele recebe a Presença que o excede. Indo além do literalismo, abandona-se em Deus como o sentido da existência. Sua vida revela que, quando Deus é o primeiro, a letra absolutizada retorna à condição testemunhal, porque experimenta a Deus na luminosidade de sua presença e sem a mediação da linguagem. Este testemunho desmascara as declarações autoritárias sobre Deus, porque revela que quem está por detrás é o próprio ser humano hipostasiado de divino nos conceitos que cria. Ele reage à idolatria conceitual pondo a fé sob o risco da interpretação, reduzindo a importância dos conceitos teológicos à condição mediadora. Para ele, os atos cristãos refletem os ensinamentos. Convém recordar suas palavras: “opere a santificação do mundo, [...] sem palavras, em silêncio [...] leve o Evangelho não de boca, mas no exemplo, não anunciando-o, mas vivendo-o”¹⁰²⁶. Na lógica de Charles de Foucauld, se não renovamos o Evangelho, Jesus não vive em nós”¹⁰²⁷.

¹⁰²⁵ FOUCAULD, Charles. **Carnets de Tamanrasset** (1905-1916). Paris: Nouvelle Cité, 1986. p. 188-189. Tradução nossa.

¹⁰²⁶ FOUCAULD, Charles. *Meditations sur la visitation 1898* apud *Fraternité Seculière Charles de Foucauld en Afrique. Vivons l'Évangile avec Charles de Foucauld*. Cotonou (Benin), 1998. Disponível em: <http://www.charlesdefoucauld.org/docs/3-vivonsevangile_fr.pdf>. Acesso em: 29/12/2016. Tradução nossa.

¹⁰²⁷ FOUCAULD, Charles. *A l'abbé Caron, 11 mars 1909 - XXV lettres inédites* – Paris: Bonne Presse, 1947. Apud *Fraternité Seculière Charles de Foucauld en Afrique. Vivons l'Évangile avec Charles de Foucauld*. Cotonou (Benin), 1998. Disponível em:

Viver em Cristo, na visão de Thomas Merton, é um mistério tão profundo que “equivale o mistério da Encarnação e a Ele se assemelha. Pois assim ao mistério em uma só Pessoa as duas naturezas, divina e humana, assim também, fazendo-nos amigos seus, Ele habita em nós, unindo-nos intimamente a si”¹⁰²⁸. Só com essa amizade, as portas abrem-se realmente às potencialidades das condições humanas. Só com essa amizade, experimentamos o que é belo e o que verdadeiramente nos liberta. A habitação de Cristo, no homem e na mulher, exige uma resposta que deverá ser dada através da fé e do amor e de uma união sobrenatural da alma humana com o Ressuscitado, que nos dá uma participação na sua filiação divina e na sua natureza. Tal ato de fé deverá passar, no entanto, por uma misteriosa morte em si mesmo em vista do novo nascimento (cf. Jo 3,7).

Nesse sentido, o nascimento a partir da carne pode garantir somente uma vida efêmera, que acabará quando Deus retirar o alento vital (cf. Sl 104,29). O sacrifício deverá ser o do *ego*, da velha criatura, superando o ressentimento, almejando a justiça. Nesse processo, a consciência de um Cristo que perdoa é de suma importância, visto que o Crucificado sem ressentimento aumenta nossa fé. É a instituição do Reino e do perdão. Vai além de um não conhecimento, de um conhecimento insuficiente, de um conhecimento estribado na cultura e na razão apenas, ou seja, em direção a um conhecimento experiencial, que aguça a fé e sacia a sede, que envolve todo o nosso ser e proporciona a todos uma progressiva tomada de consciência a respeito dos efeitos da salvação, do que significa ser cristão.

Uma nova criatura começa a existir sob o impulso da graça divina. Os textos do Novo Testamento e a doutrina da Igreja explicam que a sabedoria proveniente dessa união espiritual do ser humano com Cristo, em uma nova criatura, não vem do sangue, nem da vontade da carne, nem tampouco da vontade humana, mas exclusivamente de Deus (cf. Jo 1,13). O acolhimento desta vida é virginal, vai ensinar a Igreja: “é totalmente dada pelo Espírito Santo, ao homem. O sentido sponsal da vocação humana em relação a Deus, realizado perfeitamente na maternidade virginal de Maria”. Jesus retoma a história de Abel para revelar que, desde sempre, a salvação é para todos. A vida prometida para a escatologia só pode ser alcançada mediante

<http://www.charlesdefoucauld.org/docs/3vivonsevangile_fr.pdf>. Acesso em: 29/12/2016. Tradução nossa.

¹⁰²⁸ MERTON, Thomas. **Novas Sementes de Contemplação**. Rio de Janeiro: Fesus Ltda, p. 159. Tradução nossa.

uma infusão do Espírito de Deus. A aquisição da nova vida, recebida pela geração natural, pelo contrário, é nascer outra vez, mas a partir da origem divina.

Esta união das duas naturezas na Pessoa do Verbo, em Cristo, é uma união ontologicamente perfeita e indestrutível, união de essências em uma entidade Pessoal que é o Deus Eterno. Por sua vez, esta união da alma humana com Deus em Cristo não tem esse caráter ontológico ou inseparável. É, pelo contrário, uma união accidental. Entretanto, é muito mais que uma união moral ou um consentimento de corações. Essa união do cristão com Cristo não é mera afinidade, semelhança de inclinações e sentimentos humanos, um consentimento mútuo das mentes e das vontades. Essa união possui uma qualidade sobrenatural, portanto, mistério. É uma união mística em que o próprio Cristo se torna a fonte e a metáfora baseada na Escritura. Ele respira divinamente em nós, insuflando seu Espírito em nós. De fato, o Espírito Santo é o mistério da inspiração secreta do amor e o transmitimos aos outros na expansão externa de nossa caridade. Em outras palavras, a nossa vida em Cristo é dotada de um duplo ritmo: o de dar e o de receber. Aqui, aprendemos os modos da Sabedoria da Cruz de Cristo. Recebemos de Deus, no Espírito, e, no mesmo Espírito, damos de volta nosso amor a Deus, através de nossos irmãos.

Para finalizarmos, destacamos, por sua vez, a poderosa ação do Ressuscitado, a cruz de Cristo. Ela constitui o percurso escatológico do homem novo e da mulher nova. De fato, a reprodução do caminho do amor paradoxal de Cristo, no fiel, ainda no mundo e na história, exprime o nível mais radical e mais íntimo de sua qualificação cristológica. Isso significa que os fiéis não estão somente unidos a Ele, mas que, graças a Ele, podem realizar o projeto antropológico definitivo, predestinado pelo Pai em Cristo enquanto peregrinos neste mundo. Em outras palavras, a participação do mistério da Sabedoria da Cruz de Cristo faz com que a criatura humana experimente, a partir de agora, ainda nesta vida, a dimensão do Ressuscitado, daquele que foi crucificado.

5.7 ANÚNCIO DA SABEDORIA DA CRUZ DE CRISTO NA PÓS-MODERNIDADE

Em meio a crise da modernidade, os intelectuais declaram que não existem verdades absolutas, que a moral é relativa. Estamos vivendo em uma sociedade líquida, na qual não existem mais pontos fixos, valores incontestáveis, nenhuma rocha

no mar à qual possamos nos agarrar ou contra a qual colidir, tudo parece flutuante. Um mundo atravessado pela morte de Deus, com uma consciência marcada por uma violência sistemática que resultou num triste cenário:

O que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? Não estaremos errando como num nada infinito? O vazio não nos persegue com seu hálito?¹⁰²⁹

Como podemos construir a comunidade messiânica neste tempo? A promessa nos foi feita. Ela não é só a terra. É uma leitura subjetiva, um espaço que representa o messiânico, que deverá ser construído, que obriga e religa a presença do outro em mim. A solução não está dada, temos que construir a história. Ela não depende só do Divino, mas acontece a partir da saída de mim mesmo e da ida ao encontro do outro. Na medida em que eu assumir o novo nascimento, posso acelerar o processo da história e assim passa o Divino. Ele atua na história através da mediação humana e mantém sua criação, para que não vivamos como se Deus fosse mágico. Ele derrama seu Espírito, nós o recebemos, mas temos que agir. Temos que passar a fronteira da experiência para a vida prática. Movidos pela graça e com atitudes cristãs, veremos o mundo melhor. Se, de fato, atuarmos, a paz reinará e mudanças efetivas acontecerão. É hora de praticarmos o que a graça nos impulsiona. O original não é o pecado, mas a graça. Alguém nos amou primeiro.

Depois de todo esse percurso, temos que nos apressar e colocar em prática o título da tese: *A Sabedoria da Cruz de Cristo na Pós-modernidade*. A experiência com o Crucificado Ressuscitado abre a comunicação com Deus, seguindo um itinerário permanente do conhecimento humano. Jesus torna-se, assim, o critério pelo qual Deus cria e desenvolve a jornada humana em seu anseio pela libertação e atua como o guia confiável de sua jornada de significado. Sua ação de salvar com um ato de amor é, agora, o único meio de acesso à paternidade divina. Assim sendo, através do Crucificado Ressuscitado, a sabedoria humana pode acessar a Sabedoria Divina. Em vista disso, com a exaltação do Messias crucificado, inicia-se um novo mundo, como resposta comunicativa do Pai à humanidade. A morte de Jesus na cruz mudou

¹⁰²⁹ NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Escala, 2006. Livro III, 125 – O insensato.

a história da humanidade no sentido escatológico, porém, a história, na sua contemporaneidade, cabe a nós construirmos.

Estamos diante da pós-modernidade, de uma cultura riquíssima, mas também de um período dotado de muitas instabilidades, com riscos nos sistemas globais espirituais. É impossível não ver a força ideológica e econômica do capitalismo neoliberal em nível universal e nacional. Trata-se de um período no qual ainda é possível constatar diversos problemas, tais como: saúde, desemprego, analfabetismo, falta de moradia, violência, educação precária, fome e etc. Acabamos produzindo uma racionalidade burguesa, um produto da razão do iluminismo do século XX. Boaventura destaca que a grande maioria da população mundial não é sujeito de direito humano, mas constitui objeto de discurso de direito humano¹⁰³⁰. Se fosse o contrário, ou seja, se ela fosse sujeito, cremos que a nossa história seria construída por um outro viés. Nela, o valor do trabalho seria certamente recituado e concorreria para a busca da dignidade humana.

Em cada época, a história lançou mão de certos expedientes e armas para lutar: o comunismo, o capitalismo, o socialismo e etc. Hoje, surgiram outras gramáticas, entre elas, os direitos humanos, fruto da pós-modernidade, contra a ideologia do totalitarismo. Ao falar dos direitos humanos, queremos dizer direito à moradia, ao trabalho, à escola, à saúde, ao lazer, em outras palavras, a uma vida digna. Se defendemos a vida ainda no ventre materno e, depois, nos colocamos a favor a pena da morte, entramos em contradição. É preciso agir com coerência. Defender uma vida digna é também defender o sagrado direito a uma família. Assim dito, falar hoje de direitos humanos significa ampliar a semântica, para além do campo do neoliberalismo, que entende que os direitos humanos devem estar vinculados somente à população carcerária. O cumprimento dos direitos humanos não está na contramão do transcendente, mas constitui uma via de acesso a Ele. Em uma sociedade na qual a liberdade e o direito humano existem para todos, não existe espaço para o individualismo possessivo e o materialismo egoísta. A gramática humana significa, pois, uma maneira de apostar no transcendente.

Além da sociedade desigual, na atualidade, outra gramática também se faz presente. Trata-se das mutações da sensibilidade, exemplificadas através das ideologias de gênero, afirmação da mulher, crises nas instituições tradicionais e

¹⁰³⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 14.

produção da violência, entre outros. Para se atingir uma sociedade mais igualitária será necessária uma maior participação. No entanto, é sabido que quem fizer esse caminho enfrentará as cruzes e experimentará o sacrifício. A Cruz que tem sentido é a cruz que brota do sofrimento, na busca por tornar a sociedade mais justa.

Conforme observamos ao longo dessa pesquisa, a comunidade de Corinto não foi simplesmente o resultado de uma combinação sócio-histórico-cultural e ocasional, mas a declaração necessária da personalidade do cristão. Para mostrar que o núcleo da sua constituição foi o critério divino, constituído pela via do Cristo crucificado, vemos que os cristãos são originários da subversão dos valores mundanos. Eles não foram o que o mundo apreciava e considerava, uma elite social e cultural, sábia, rica e nobre. Seguindo na contramão dos critérios humanos, os humildes e desprezados pelo mundo foram os chamados e escolhidos por Deus. Paulo, por sua vez, mostra à comunidade a superioridade da Sabedoria Divina, a forma em que o Crucificado expõe a vaidade das pretensões da sabedoria humana em sua busca de validade e segurança. A figura do ser humano que emerge da mensagem da cruz é chamada, reconhecida e amada independentemente da sua qualidade. A origem do cristão é, portanto, Cristo crucificado, a Sabedoria do Pai. Ele está sujeito à dinâmica Divina. Essa dinâmica só se completará na vida do cristão na medida em que houver uma adesão pessoal à Sabedoria.

A origem da cruz tem como premissa a realidade da fé. Ela ultrapassa os limites humanos. Para o Apóstolo, a cruz significa salvação, poder e Sabedoria de Deus. Salvação na radicalização extrema da obra da cruz, o clímax da ação divina em favor da humanidade e a sua proclamação final e abrangente através do qual Cristo crucificado, para a obra de Deus, tornou-se Sabedoria, justiça, santificação e redenção (1Cor 1,30). Paulo usa a experiência não só da cruz em si mesmo, mas de todo o contexto de crucifixão, esse amor que desafia toda a humanidade e, em Cristo, dá-se origem a uma nova vida. É o Crucificado que ressuscita e dá sentido à cruz. Nele, encontra-se em movimento a força que resulta em graça, diminuindo o sofrimento humano. Sendo assim, a cruz se torna elemento necessário na vida humana como experiência de salvação. Por isso, não é possível tirar a cruz do cristão. Aliás, o cristianismo seria inviável sem a cruz. O Redentor sofreu em lugar da humanidade e em favor da humanidade e o sofrer com Cristo, na vida do cristão, é completar no próprio corpo o que está faltando à paixão do Senhor.

Certamente, o Crucificado é o remédio e a expiação pelos pecados passados, fornecendo base para a identidade cristã e seu poder transformador para remodelar também a sua existência, no presente e no futuro. Como resultado, a comunidade de Paulo não é uma realidade humana, mas uma obra de Deus, cujo dinamismo de transformação da realidade de fraqueza é operado em virtude de sua própria constituição divina. Os crentes podem agir na história como aqueles que testemunham a força divina da qual só podem participar, mas cuja paternidade não têm o direito de possuir o título (1Cor 3,5).

Por conseguinte, a comunidade cristã não é o fruto dos esforços humanos, mas a consequência necessária da percepção correta do eu crente que deixa o fundador cristologicamente trabalhar o seu interior. O resultado obtido para o cristão de tal unidade é o mesmo do Apóstolo Paulo, que permitiu com que o Cristo crucificado fosse todo o horizonte de sua vida.

O caminho no hoje pós-moderno, logo, é o mesmo que Paulo e os outros apóstolos fizeram, ou seja, eles rastrearam os passos de Cristo, o Filho obediente. Inspirado em Paulo, que fez sua experiência com o Crucificado Ressuscitado e transformou a cruz em poder e Sabedoria de Deus, apontamos a linguagem da Sabedoria da Cruz de Cristo, princípio divino que ainda hoje é oferecido ao cristão pós-moderno como único paradigma. Na Cruz de Cristo, foi patenteado para toda a humanidade o paraíso desejável.

Essa via do Gólgota que é proposta, retornando ao essencial, conduz ao segredo de toda a existência. Um Deus morreu em meu lugar. O Amor divino envolve a toda criatura humana. Portanto, mostra-se dotado duma singular eficácia, para esclarecer o espírito e o coração daqueles que haviam perdido a esperança e, portanto, têm sede de verdade e de amor. Ele atua como meio de superação, capaz de saná-los e dar sentido a vida. Essa via é reservada não apenas a um pequeno número, mas, ao contrário, coloca-se ao alcance de todos. O contraste entre a sabedoria humana e o poder transformador da cruz, na perspectiva paulina, como Sabedoria de Deus, fornece o antídoto necessário para o mundo caído e pecador e se abre a uma nova maneira de ser, na qual se dá a humanização do humano.

Buscamos, com essa pesquisa, reacender a fé cristã, fazendo memória do Crucificado, que foi escândalo e loucura no seu tempo e continua sendo no hoje pós-moderno, nesse solo fértil da racionalidade. Seguimos o modelo do Apóstolo Paulo que, para conter o escândalo racional da comunidade de Corinto, fez o percurso da

via divina e apresenta a Sabedoria da Cruz de Cristo. Pois o Evangelho da cruz pertence aos parâmetros divinos, isto é, de Cristo crucificado, que só o Espírito de Deus pode revelar. O Apóstolo apresenta o anúncio da Sabedoria da Cruz, que nos remete, sobretudo ao Outro, que não é senão doação perpétua. Destacamos o Deus que chega através de Jesus. Sua bondade é sem limites. Ele oferece seu amor compassivo a todos, sem olhar os méritos de ninguém.

Em vista disso, seguir o Crucificado significa doação e entrega, e isso inclui a renúncia e o compromisso como projeto paradoxal ao mundo. O projeto de Jesus inclui a renúncia de si e a ida ao encontro do outro, com compaixão. Desse modo, a proposta evangélica é a solidariedade, é sair de si e fazer o outro feliz. Para isso, requer-se entrega e, aqui, está a cruz, o seguimento por amor. Jesus saiu de si mesmo e foi ao encontro do outro, essa é a sua *Kenósis*. O cristão é chamado a fazer o mesmo caminho do Mestre, embora possa haver sofrimento e até mesmo perseguição. Essa é a mística da cruz. A Sabedoria (saborear) vai dar significado a vida da pessoa e ela vai descobrir nova luz, vai ver que a vida tem sentido na entrega e não no individualismo. A cruz é o compromisso do dia a dia assumido com amor. Ajudar o Crucificado a carregar a cruz e caminhar enfrentando os desafios, isto é Sabedoria.

5.8 GESTO MESSIÂNICO NO MUNDO PÓS-MODERNO

Há uma expectativa da chegada do Messias. Ele está sempre a caminho. Todavia, não houve ainda a consumação do ponto de vista escatológico. No entanto, é possível vislumbrar uma antecipação desta vinda. O “Messias chegará quando tirares o pão de tua boca e o deres a quem tem fome”¹⁰³¹, como no exemplo da mulher de Sarepta que tira o pão da própria boca e da boca do filho e o dá ao profeta Elias. Trata-se de um gesto messiânico. O messianismo não passa por Elias - ele estava triste -, mas passa pela viúva, que só tinha um pouco de farinha. Ela está realizando, com o gesto de partilha, o gesto messiânico. O Reino de Deus segue através da viúva de Sarepta¹⁰³². Temos raízes hebraicas, assim como Jesus, que, na cruz, dá a sua vida pelos demais. É o início de um mundo novo, é o *Káiros*, o que permite a vida

¹⁰³¹ Apud LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'Être, Au Au-delà de l'Essence*. Paris, Le Livre de Poche, Biblio Essais, 1990, p. 93. Tradução nossa.

¹⁰³² Cf. 1Rs 17,16.

nova. O Messias passa pelo pão partilhado. Somos chamados a construir não somente uma família, mas a humanidade.

Partindo dessa perspectiva, desdobra-se um horizonte de temporalidade que sublinha a posição da comunidade na esfera escatológica para um tempo distinto daquele que conhecemos¹⁰³³. Paulo apresenta uma temporalidade distante do *Kronos*, que o Apóstolo chamará de *Káiros*. Enquanto *Kronos* é o tempo circular do eterno retorno grego, *Káiros* é o tempo linear da espera apocalíptica judaica levada à Páscoa do Ressuscitado. A comunidade cristã experimenta o Ressuscitado em sua espera da Parusia. Nesse sentido, será a vivência da comunidade crente que tornará relevante o calendário cronológico do Dia do Senhor.

Para Paulo, é preciso viver a temporalidade em contínuo serviço, ou seja, dentro da dimensão *Kenótica*. Nesta dimensão, o cristão experimenta um segundo nascimento que, paradoxalmente, ocorre no mundo *Kronológico*. No entanto, embora seja possível vislumbrar a presença de dois tempos concomitantes, deve-se sublinhar que viver o tempo messiânico é andar contra a corrente do tempo cronológico. O Apóstolo participa da *Kenosis* de Deus, vivenciando o Evangelho de Jesus em sua vida. O tempo, para Paulo de Tarso, muda a compreensão da temporalidade¹⁰³⁴. A este respeito, segundo Agamben, o tempo que o Apóstolo vive não é o *schaton*, não se trata do fim do mundo. O tempo messiânico não é o fim dos tempos, mas o tempo do fim. É o tempo que se contrai e começa a terminar, é o tempo que resta entre o tempo e o seu fim¹⁰³⁵. Para quem vive na luz, o dia do Senhor já chegou, não se trata do *Kronos*, mas de uma vivência messiânica, o *Káiros*. Com o *kronos*, tem-se uma vivência de aparência, enquanto o *Káiros* é real.

A origem do *Kronos* é a Atenas dos filósofos gregos, do *ego*, do eu; por outro lado, Jerusalém é o Tu, símbolo de outra ética, de outra temporalidade, de outro rosto¹⁰³⁶. O rosto da história que nos mantém a promessa do Messias são aqueles que mantêm a alteridade como a viúva de Serepta. Para o judaísmo, o Tu também foi escravo no Egito. Para os judeus, o estrangeiro é o outro e essa relação com o outro tem relação com o Divino. Não há próximo se não há Divino. Na medida em que eu

¹⁰³³ KOESTER, Helmut. *Paul and His World. Interpretine the New Testament in Its Context*. Minneapolis: Fortress, 2007, p. 63.

¹⁰³⁴ Cf. 1Cor 7,29.

¹⁰³⁵ AGAMBEN, Giorgio. *El Reino y la Gloria. Por una Genealogia Teológica de la Economía y el Gobierno*. Valencia: Pre-Textos, 2008, p. 344.

¹⁰³⁶ COHEN, Herman. *El Próximo. Cuatro Estudios sobre la Correlación de Ser Humano según la Doctrina del Judísmo*. Madrid: Anthropos, 2004.

me aproximo do outro, essa correlação me aproxima do Ressuscitado. Apenas um gesto para romper com a fatalidade, um gesto messiânico, abre possibilidade, acelera tempo messiânico.

É possível realizarmos um gesto de solidariedade. Em 2003, fundamos a “Associação Sagrada Família”, com sede em Araongas-PR, para vivenciar uma experiência redentora, ou seja, aquela que passa pela vida do outro, num pequeno gesto messiânico que imita o Deus encarnado. Hoje, estão inclusas centenas de famílias com baixa renda. Elas são assistidas, semanalmente, com verduras, frutas e legumes que são reciclados diariamente, dentro dos critérios da segurança alimentar, garantindo o direito humano à alimentação adequada e à soberania alimentar. Vemos o Pão Nosso de cada dia na mesa dessas famílias carentes, que chegam através das cestas recicladas. É possível concretizar uma existência cristã despojada em tempos fragmentados, para poder dar razão à nossa esperança.

A missão Sagrada Família disponibiliza a “Casa de Apoio às pessoas com câncer”, ou seja, àquelas que fazem quimioterapia no hospital do nosso município. Dessa maneira, a misericórdia de Deus é revelada, os enfermos são acolhidos e amados. Por meio desta obra, deixam-se sinais visíveis da antecipação da vinda do Messias, levando aos referidos irmãos o bálsamo curador e cuidador que é Jesus.

O gesto de doação contrai o tempo, exige novo modo de sociedade, uma experiência com o rosto do outro, que se traduz em construção messiânica. A antecipação messiânica é nossa responsabilidade. O Reino de Deus já está atuando no meio de nós. A cruz é o último limite do esvaziamento de Jesus, por isso, o Pai o exaltou. Como ter acesso à fonte original? Primeiro, viver a prática, assim como os seus discípulos o mantiveram vivo em sua comunidade. Paulo, sem conhecer o Galileu pessoalmente¹⁰³⁷, deu testemunhou do Ressuscitado, inspirado pelo *Ruah* Divino.

A conotação escatológica na comunidade de Corinto acontece precisamente através da Sabedoria da Cruz de Cristo, em um plano sobre-humano. E o ponto de intersecção entre as duas dimensões só pode ser encontrado na presença do Ressuscitado. Por isso, a cruz de Cristo, como uma ação poderosa do Ressuscitado, é o caminho escatológico da “nova criatura” neste mundo. Isto implica que os crentes

¹⁰³⁷ Cf. 1Cor 15,8.

não apenas se juntaram ao Ressuscitado no seu estado de vida, mas que, graças a sua própria iniciativa, o Ressuscitado torna o projeto antropológico.

Nossa identidade ajuda a identificar Deus que acompanha seu povo no deserto da história. Ele passa pela história em busca de mãos generosas, que dão pão a quem tem fome e fome de justiça a quem tem pão. Deus é um Deus nômade, buscando horizonte de esperança, com possibilidade de sobreviver em meio a um deserto causado pelas guerras, pela era atômica, pela pobreza, pela fome, pela corrupção. As vítimas deste cenário são pessoas pelas quais Deus passa e a redenção acontece. Temos que reconstruir o tecido social. O Papa Francisco disse que a Igreja deveria ser uma tenda de campanha em meio a guerra¹⁰³⁸. A Igreja não é uma sociedade humanitária. Ela está inspirada em uma vivência do Crucificado. A vivência messiânica não nos tira da história, mas nos coloca dentro dela para que possamos mudar seu mecanismo. Não se trata de abstrair-se do mundo, nem da história. Usemos as coisas temporais, mas desejemos as eternas¹⁰³⁹.

O *Kairós* não dispõe de outro tempo, mas do *Kronos* contraído e abreviado. Dentro dessa experiência mística, abrindo o espaço ao Deus que serve, Ele não quer ser como o *Kryrios*, mas como servo. Jesus termina a parábola do bom samaritano dizendo: quando eu voltar eu te restituirei¹⁰⁴⁰. É nessa realidade que o projeto de Deus se revela. Através do gesto do bom samaritano, faz com que o *Káiros* se antecipe. Essa é uma grande oportunidade para recuperar a essência do Ressuscitado. Assim como nos adverte o Apóstolo Paulo, a Sabedoria da Cruz, escândalo para os judeus, e totalmente contrária àquilo que os gregos esperavam, em vez de manifestação gloriosa, constitui loucura.

É bem verdade que o mundo busca uma explicação que a razão não pode dar e que só pode ser encontrada na aliança divino-humana, que excede toda a explicação. A razão, por sua vez, reconhece que a sua origem está marcada por um dom original, que a liberta dos condicionamentos genéticos, mas abre um abismo infinito que só a fé pode recompor. Mesmo assim, ninguém voltará para casa, porque o paraíso perdido só pode ser reencontrado na história. Porém, a humanidade não

¹⁰³⁸ LS, 2015.

¹⁰³⁹ Cf. Jo 17,14-16. Das homilias sobre os Evangelhos, de São Gregório Magno, papa. OFÍCIO DIVINO. Renovado Conforme o Decreto do Concílio Vaticano II e Promulgado pelo Papa Paulo VI. Liturgia das Horas. Segundo o Rito Romano III. Tempo Comum 1ª -17ª semana. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 1733.

¹⁰⁴⁰ Cf. Lc 11,35.

está simplesmente entregue ao abandono. Do futuro, Deus traz o inédito e o inesperado que só a fé, a esperança e o amor podem sustentar. Nesse sentido, deve-se dizer que a experiência com Deus não está fechada no passado, porque Deus não escreve simplesmente um livro, mas uma história de amor.

Como remate, é importante afirmar que o sonho duma vida plena não se desfez. Deus abre à humanidade, a partir do Gólgota, uma via divina inédita, ou seja, um caminho para a árvore da vida (cf. Pr 3,18), no qual pode ser transformado qualquer obstáculo temporão que se interponha à plenitude da realização humana definitiva¹⁰⁴¹. Os efeitos iniciados no Gólgota permanecem. Eles sofrem o efeito do Ressuscitado para assegurar aos fiéis qualificados como amados por Deus. Isto abre o caminho para redenção, para que possamos nos encontrar face a face com a beleza infinita da Sofia Divina¹⁰⁴². A criatura terá parte na plenitude sem fim, na nova Jerusalém celeste, cidade dos eleitos, onde se cumpre o desígnio salvífico de Deus, quando serão celebradas suas núpcias com o Cordeiro. Nesta nova Jerusalém, cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar, será inserida na glória do Crucificado, na irradiação do amor do Pai. Enfim, terá chegada a hora do retorno da humanidade à casa do Pai, depois da dispersão do exílio.

¹⁰⁴¹ GIORDANO, 2010, p. 216.

¹⁰⁴² Cf. 1Cor 13,12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trajeto, creio ter atingido o objetivo desta pesquisa e, por isso, vale um olhar retrospectivo para o caminho percorrido, de maneira que seja possível compreender o sentido da “Sabedoria da Cruz de Cristo na pós-modernidade”. Como explicitado na introdução, temas como “Sabedoria”, “Cruz”, “Cristo” e “pós-modernidade” constituíram objeto de estudo da presente tese. Alguns aspectos foram considerados para delinear, com mais objetividade, o conteúdo da pesquisa. Diante da situação em que a humanidade se encontra, mudanças profundas e rápidas estendem-se, progressivamente, ao mundo inteiro. Vivemos em uma sociedade líquida, na qual não existem pontos fixos, valores incontestáveis, tudo parece flutuante. Uma vez que as relações se tornam líquidas, enfraquece-se a solidariedade e estimula-se a insensibilidade em relação ao outro. É impossível não se dar conta de que, neste mundo pós-moderno, a humanidade opõe-se à Sabedoria da Cruz de Cristo. Assim dito, nesta pesquisa doutoral, formulou-se a seguinte hipótese: buscar, dentro da perspectiva paulina, inspiração para abirmos uma janela e lançarmos um olhar panorâmico sobre a pós-modernidade e apresentarmos um caminho de superação ao cristão pós-moderno, capaz de saná-lo, através da Sabedoria da Cruz de Cristo. A pergunta que norteou a nossa tese foi: Como a sociedade pós-moderna poderá ser iluminada pela Sabedoria da Cruz de Cristo para transformar a mística do pós-moderno, que não quer saber da mística da cruz? Uma possível resposta à questão foi dada nas quatro partes da tese de tal maneira que cada uma lhe acrescentou um dado fundamental.

Na primeira parte, para alcançarmos nosso objetivo de nossa tese, concentramo-nos na origem do tema pós-moderno. Sua compreensão constitui, atualmente, uma chave para a humanização do sujeito deste momento histórico. Fez-se necessário identificar algumas das características do que vem a ser o pós-moderno. Sabemos que, de tempos em tempos, a sociedade passa por mudanças em sua estrutura social, política, religiosa, no campo das artes, bem como em suas instituições, tendo que se reorganizar a fim de se adequar à nova visão de mundo. Vimos que se trata do tempo das novidades, no qual o novo coordena e as verdades são oscilantes. Observou-se o papel exercido pelas religiões, sobretudo cristãs, durante esse período; percebeu-se uma autonomia do cristão em relação às instituições; abriu-se um caminho para a disseminação de uma nova cosmovisão

aliada ao surgimento de novas crenças e movimentos espirituais que buscam suprir necessidades individuais que passaram a existir por conta das incertezas causadas pelas transformações sociais. Com a secularização, o mundo moderno, emancipado, autônomo e livre, adquiriu espaço crescente.

A humanidade nunca deteve tanto poder como neste mundo pós-moderno, embora o poder não seja garantia de segurança, de paz, de bem-estar, de plenitude de valores. Se o poder não for bem exercido, compromete tal garantia. Basta lembrar as bombas atômicas, lançadas em pleno século XX, o nazismo, o comunismo e outros regimes totalitários. Observamos que não faltam conhecimentos científicos, dispomos de novos e quase divinos poderes, porém, com um conjunto de valores míopes no manejo desses poderes. Pode-se dizer que vivemos num tempo de meios quase perfeitos e de fins muito confusos. A sabedoria humana tem demonstrado sua fraqueza e sua irrelevância para com o verdadeiro destino humano. Ela tem se esquecido da fonte originária de toda a Sabedoria que é Deus. O drama humano sobre o sentido da vida tem se intensificado. Muitos cristãos pós-modernos alegam ter perdido o sentido da vida. O sentido não é fim, mas a direção, o rumo seguido. O fim tem de estar no caminho. E ter para onde ir bem como ter um projeto fundamental consiste em ter um lugar seguro para chegar, uma meta a alcançar. Em vista disso, a ausência de Deus pode ser a grande oportunidade de se descobrir a face do Deus de Jesus crucificado, que está ausente como poder, porém presente como fraqueza, amor e misericórdia.

Na segunda parte, refletiu-se que o verdadeiro humanismo só acontece quando aberto ao Absoluto. Por isso, destacou-se o sentido da Sabedoria Divina, neste tempo fragmentado. Deus exerce o seu dom mais decisivo em relação à vida humana: dando-se aos seus filhos como possibilidade de lutar com esforço para vencer as trevas do erro. Partimos da sabedoria do oriente e, em seguida, adentramos na sabedoria grega, responsável por exercer considerável influência sobre a sabedoria de Israel. Vimos que os Livros Sapienciais se tornaram um mundo à parte, uma propriedade exclusiva de Deus, na qual o Senhor preparou o ambiente, guardando o seu mistério - o que o Novo Testamento veio desvendar. Apresentamos a Sabedoria como a arte do bem viver e destacamos Cristo como a verdadeira Sabedoria, sendo ela mesma um dom de Deus. Identificamos o anúncio da Sabedoria da Cruz de Cristo que nos remete, sobretudo, ao Outro, que não é senão doação

perpétua. Destacamos o Deus que chega através de Jesus. Sua bondade é sem limites. Ele oferece seu amor compassivo a todos, sem olhar os méritos de ninguém.

Demonstrou-se que a teologia, como ciência de fé, deve identificar, dentro dos limites históricos de cada época, a automanifestação de Deus em Jesus Cristo e sua presença graciosamente em cada geração. Haja vista que o verdadeiro humanismo ocorre quando aberto ao Absoluto. Portanto, o objetivo desse capítulo foi apontar o Inefável como resposta, abrindo o caminho não pela sabedoria dos discursos, mas pelo misterioso poder da Sabedoria da Cruz de Cristo, escondido no mundo. Deus exerce o seu dom mais decisivo em relação à vida humana: dar-se aos seus filhos como a condição de possibilidade de vida, aniquilando as trevas da sabedoria humana. Por isso, o mistério do Deus escondido está aberto a cada geração, e de maneira especial neste tempo pós-moderno. Portanto, foi possível sustentar que o Cristo crucificado morre pela causa do Reino, pela salvação da humanidade. A cruz, por conseguinte, é a revelação da Sabedoria de Deus aos olhos humanos, porque é fruto do amor. O Tudo que quase se esvai no nada do *intellectus* frágil.

Descobrimos que o cristianismo não é sacrificial, mas superação. Jesus, na cruz, desmascara o mecanismo vitimário e seu caráter e dá possibilidade de troca que vai depender dos verdugos e das vítimas sem ressentimentos. Encontramos a cruz que, a nós, parece uma loucura, porém, nela, reside a Sabedoria suprema de Deus encontrando um caminho para salvar o mundo. Nesse Cristo crucificado, que a nós parece fraqueza e impotência, reside a força salvadora de Deus. Na cruz, cumpriram-se os desígnios de Deus. Era necessário que Cristo padecesse. Com Deus, tinha que ser assim, pois, em sua loucura incrível, ele ama seus filhos até o extremo. Vimos Deus que passa pelo outro. Jesus sofreu e morreu pelo outro, consumiu-se e esvaziou-se pelo outro. A cruz expressa o amor ilimitado de um Deus que, em função desse próprio amor incondicional, dá-se de si mesmo, a ponto de se esvaziar, revelando-se na fraqueza.

Afirmou-se, inspirado no tesouro da experiência cristã, que, em Jesus, a misericórdia de Deus é revelada: os enfermos recuperam a saúde, os possuídos pelo demônio são libertos. Eles são integrados e formam uma nova sociedade. Deus vai chegando, não como Deus dos justos, mas dos que sofrem, doentes e pecadores. O que é decisivo é o encontro com o Médico dos médicos. Na raiz desta força curadora e inspirando toda a sua atuação está sempre seu amor compassivo. Curar, para Jesus, constitui sua forma de amar. Ele cura gratuitamente.

Apresentou-se ao mundo pós-moderno a Sabedoria de Deus que fala através dos pequenos da história. O autêntico amor parte do princípio da alegria em dar sem esperar nada em troca. Portanto, o pobre deverá ser estimado de alto valor. Demonstrou-se que Deus encolheu seu poder humildemente, abandonando qualquer impulso de manipular eventos ou pessoas. Deu sequência descendo até o povo de Israel e teve seu ponto mais alto entregando seu Filho único para a morte de cruz. A Sabedoria de Deus é a *Kenósis*, portanto, a Sabedoria do amor.

Na terceira parte, buscou-se uma nova atualização sobre o Apóstolo Paulo, sua vida e suas cartas, a fim de reaprender o que ele ainda tem a nos ensinar. Vimos que a nossa sabedoria se deriva da Sabedoria da Cruz. Paulo foi o primeiro na história da humanidade, depois da sua experiência com o Ressuscitado, a traçar um orgânico pensamento cristão, centrado exatamente no paradoxo da cruz. Vimos refletido nele, em sua Primeira Carta aos Coríntios 1,17-25, o conteúdo como orientação para a nossa tese, ocupando, portanto, um lugar de destaque nesta pesquisa. Nesta parte, procurou-se realizar um breve retrato de Corinto, na época de Paulo, de modo a estabelecer uma conexão com o mundo pós-moderno.

Vimos que, embora os militares romanos usassem a crucifixão como um instrumento de tortura para aterrorizar os povos subjugados, a fim de submetê-los ao regime imperial romano, Paulo coloca a cruz, algo até então até desprezível aos gregos e aos judeus, no centro de sua pregação: Cruz enquanto sinal de salvação. Com base nisso, pesquisamos a Sabedoria da Cruz em 1Cor 1,17-25, no qual Paulo apresenta à comunidade de Corinto e à toda Igreja a dimensão da Sabedoria de Deus. Nesse sentido, partimos do momento em que Paulo entra em Corinto, depois de sua missão em Atenas. Na cidade grega, o Apóstolo que pensava ser possível converter os pagãos com suas próprias forças, usando seus argumentos, experimenta em si mesmo a cruz, a fraqueza, o receio e o tremor. Ele descobre, então, que ambos, esforço e razão humanos, sozinhos, não são capazes de abraçar e entender a Sabedoria de Deus.

Assim, trilhamos o caminho de Paulo, que entra em Corinto com a consciência de anunciar Cristo crucificado. O Apóstolo o anuncia com a sua própria vida, com seu trabalho e funda a comunidade de Corinto. Desse modo, achamos oportuno realizar um breve levantamento a respeito dos conflitos e divisões presentes nessa comunidade, relatados na Primeira Carta aos Coríntios, escrita quando Paulo estava em Éfeso. Vimos que, com base nas informações obtidas, o Apóstolo orienta a

comunidade de Corinto por meio de carta. É nessa Epístola aos Coríntios que ele insere o mistério da cruz sob uma nova perspectiva. Ele mostra que, a partir de Cristo, a cruz assume um novo significado. Paulo dá, pois, um novo enfoque à cruz de Jesus e instrui a comunidade de Corinto e a toda a humanidade acerca da verdade que mudou toda a história.

Em Paulo, buscamos entendimento para decifrar, em Cristo, o imenso mistério que transforma a nossa vida. O Apóstolo, fascinado por Jesus, não quis saber de outra coisa a não ser o próprio Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Não é de se estranhar que o momento em que Jesus é levantado do patíbulo é exatamente o instante em que somos seduzidos de forma mais irresistível. Somos cativados por Cristo crucificado. Vimos o quanto Deus amou este mundo, a ponto de entregar seu Filho único para salvá-lo. Como já ressaltamos, Paulo coloca a linguagem da cruz, algo até então desprezível aos gregos e aos judeus, no centro de sua pregação. Cruz enquanto sinal de salvação. Ele experimentou esse amor em si mesmo de uma maneira tão extraordinária que já não era mais ele quem vivia, mas era Cristo quem vivia nele.

Dando continuidade ao nosso estudo, fizemos uma exegese do *corpus* essencial de nossa pesquisa – 1Cor 1,17-25. Abordamos o texto na sua fonte mais primitiva – no nosso caso, escrito originalmente em grego. Fez-se necessário proceder inicialmente a sua tradução. Em seguida, fizemos uma análise linguístico-sintática do texto, uma breve avaliação de sua constituição literária de modo a evidenciar algumas de suas particularidades composicionais e buscamos ressaltar o caráter teológico do texto. Posteriormente, efetuamos uma análise literária do texto e destacamos o tema dos partidos. Fizemos uma delimitação do texto, optando por iniciar no v. 17, por conter um verbo de transição inserindo novo tema, por não ter havido cortes linguísticos. Apresentamos uma análise estilístico-literária destacando as formas das cartas de Paulo: a estrutura retórica, análise discursiva e elementos estilísticos. Destacamos a análise teológica, revelando uma teologia da cruz, amadurecida em Paulo, que fundamenta tanto a atuação das comunidades quanto a atividade apostólica dos cristãos. E, finalizamos essa parte com a análise teológica, ressaltando o tema central que guia todo o discurso dos vv. 17-25 que é o da cruz de Cristo. Observamos um erro bastante comum em uma análise superficial da teologia paulina que é o supervalorização da cruz por si mesma. Esta visão se mostra perigosa, uma vez que a cruz, em seu primeiro significado, é sinal da pena capital romana e não da

salvação e libertação da humanidade. Sua força está na sua ligação com o grande sinal revelador de Deus: O Cristo.

Na quarta parte, demonstrou-se a Sabedoria da Cruz de Cristo que Paulo de Tarso apresenta à comunidade de Corinto como mensagem de salvação, para iluminar as questões acerca do sentido da vida e do sofrimento. O Apóstolo trouxe sempre diante de si a verdade arrebatadora, a cruz de Jesus que foi estaqueada no âmbito do mundo pecador, verdade esta que serve para que o cristão pós-moderno se fortaleça mesmo no sofrimento tomando a cruz enquanto fonte de Sabedoria. Embora o cristão pós-moderno não goste da linguagem do sacrifício, pois lhe parece uma linguagem estranha, a mensagem paulina irá fortalecer as pessoas que sofrem tornando a cruz fonte de Sabedoria. Essa linguagem é paradoxal: de um lado, escândalo para os judeus e loucura para os gregos; porém, para os que creem, a cruz é uma superação do sofrimento à luz da fé. O sofrimento, quando associado ao mistério de Cristo, se torna fonte de espiritualidade. O sacrifício é importante quando ligado ao amor. O amor é a fonte. Deus é amor (1Jo 4,8). Portanto, esse sacrifício tem valor de transcendência, torna-se oportunidade para a experiência de Deus. À luz da cruz de Cristo, o cristão supera as dificuldades e, Nele, encontra sentido. A linguagem da cruz transforma-se em poder e Sabedoria de Deus. Se a pessoa que é crucificada pelo sofrimento crer em Deus, terá sentido na vida, terá força para superá-lo, da mesma maneira que Cristo fez a experiência da *Kenósis*.

No seu discurso em Atenas, Paulo recorreu à sabedoria grega para falar da ressurreição. Entretanto, não abordou o tema da cruz. Assim como os romanos, os gregos não acreditavam na cruz. Sabemos, porém, que a cruz sem a ressurreição é loucura, mas, com a ressurreição, ela é poder e Sabedoria de Deus. O projeto da ressurreição não pode estar desligado do mistério da cruz.

Diante do exposto, era de se esperar que Paulo fracassasse. No entanto, ele conseguiu encontrar um novo sentido e foi capaz de superar o primeiro insucesso. Ele viu que a sabedoria desse mundo estava fechada a Deus – assim como está igualmente fechado a Deus o mundo pós-moderno. Vimos, no decorrer desta parte de nosso trabalho, que o mundo pós-moderno, com alguns contravalores evangélicos, se fechou para o transcendente. Paulo não quis saber mais da eloquência da sabedoria humana, mas da Sabedoria da Cruz de Cristo. Muitos da comunidade de Corinto, assim como no hoje pós-moderno, se fecharam para Deus e julgaram a cruz de Cristo

como sinal de loucura, visto que não conseguiram vislumbrar a dimensão da transcendência, do sair de si mesmo e da ida ao encontro com Deus.

O Apóstolo sempre recorda à comunidade de Corinto e à toda a Igreja que o Ressuscitado é e sempre será Aquele que foi crucificado, e que, só na aparência, o escândalo da cruz tem aspecto de fracasso, dor, sofrimento e derrota. Na realidade, a grandeza reside exatamente aí. A cruz expressa o amor ilimitado de um Deus que, em função desse próprio amor incondicional, dá-se de si mesmo, a ponto de esvaziar-se, revelando-se na fraqueza. Deus que, no seu infinito amor, se esvazia de si mesmo, a ponto de culminar na sua própria morte. Essa total gratuidade de Deus é que constitui a Sabedoria. Quando colocamos o amor de Deus nos projetos humanos, tais projetos ganham sentido.

Sublinhou-se o mundo de hoje, dotado de correntes anticristãs com propostas para que o valor da cruz seja dissipado, para que seu significado seja esvaziado, negando que a humanidade possa encontrar nela as raízes da sua nova vida. Todavia, o mundo pós-moderno deveria tomar outra direção, ou seja, aquela tomada pela comunidade de Corinto. Conforme visto, os coríntios, para contrapor a sabedoria humana, acolheram a proposta do Apóstolo Paulo, que propõe a escandalosa cruz de Cristo como poder de Deus para os que estão sendo salvos, para nós. De acordo com o objetivo desta tese, deveríamos seguir o modelo de Paulo, a fim de buscarmos os benefícios da cruz para a humanidade pós-moderna. O exemplar Apóstolo coloca no centro de sua teologia o Cristo crucificado. Aí se encontra a fonte de significação que dá sentido às perguntas da humanidade desprezada, independentemente de qualquer época da história.

Vimos que o Império Romano, no tempo de Paulo, oprimia, crucificava e roubava os fracos. Tudo girava em torno do poder. Para romper com esse sistema, a comunidade de Corinto precisaria vivenciar a partilha, sendo irmãos e buscando uma nova humanização, uma vida de comunidade. Para o Apóstolo, era preciso priorizar as relações humanas, a compaixão e a solidariedade, de modo a tornar Deus presente, através de Cristo. O anúncio da cruz, como centro da Sabedoria, tornaria tal comunidade uma sociedade alternativa, distinta daquelas enquadradas no sistema imperial romano e na civilização grega. Paulo, de maneira extraordinária, muito antes de Marx e Engels, de Habermas, já tinha como objetivo a prática da reflexão dos marginalizados e dos fracos. O Apóstolo, de alguma maneira, estava demolindo o que

escondia a face de Jesus, o Crucificado. Paulo soube fazer a leitura da história e ver as oposições sociais: ricos e pobres, fracos e poderosos, sábios e iletrados e etc.

No caminho por nós percorrido, foi possível constatar a necessidade de se resgatar a solidariedade, para que seja quebrado o individualismo possessivo e o materialismo egoísta, de modo a se dar espaço ao transcendente. A gramática dos direitos humanos significa, de alguma forma, apostar no transcendente e estabelecer um reencontro com a ação racional. Não seria possível um mundo humano sem a presença de Deus, sem o Evangelho. Daí a importância de se apresentar a Sabedoria da Cruz de Cristo, marcada pelo dinamismo da gratuidade, para vivenciar a redenção no coração da história violenta da humanidade. Por meio dela, a humanidade poderá participar da natureza divina e exercitar as virtudes teológicas.

Ao concluir esta pesquisa, sabemos que outras necessidades cristãs fazem fila à nossa porta, exigindo reflexão intelectual e iniciativas pastorais, sem que nosso trabalho tenha dado conta de atendê-las. Poderíamos apontar diversos temas que reclamam atenção e pedem teologia: (1) No hoje pós-moderno, dominado pela técnica, se quisermos evitar que a humanidade caia em uma era glacial, teremos que dar espaço às razões do coração. É preciso colocar a razão teológica para funcionar. Antes de ser ciência, a teologia é sabedoria, no sentido duplo: de saber das coisas últimas e do saber saboroso. É por isso mesmo que Teresa Martin, carmelita descalça de Lisieux (Santa Terezinha), uma jovem, uma mulher contemplativa, sem nenhum título acadêmico, foi-lhe atribuído o título de “doutora da Igreja”. Não teve o amor da ciência, mas teve a ciência do amor divino, nas palavras do Papa João Paulo II, que a intitulou no rol dos Doutores e Doutoradas da Igreja; (2) Não podemos perder de vista o tema central da teologia: o mistério de Deus. Sempre buscamos a união na leitura, a especulação com devoção, a investigação com a admiração, a atenção com a alegria, a atividade com a piedade, a ciência com a caridade, a inteligência com a humildade, o estudo com a graça divina. A pesquisa deverá ser feita com a Sabedoria que vem de Deus. Os cientistas, há tempo buscam, desenvolver computadores que pensam. No entanto, ninguém pensou em computador com potencialidade de amar. O verdadeiro amor não se conhece por aquilo que exige, mas por aquilo que oferece; (3) A teologia necessita estar largamente aberta à realidade humana. Com a globalização, a dor do povo se torna a dor de todos, suscita a solidariedade coletiva. Temos uma oportunidade de descobrirmos que somos uma família humana, ligada ao bem e ao mal. Isto nos ajuda a superar as barreiras de raça, cor e religião e a

reconhecer que os furacões e os terremotos e outros desastres que atingem a humanidade não são castigo de Deus. Servem de alerta, advertência quanto ao fato de que a ciência e a tecnologia não são suficientes para salvar; (4) Deve-se refletir sobre a fé. O teólogo guarda a raiz de sua natureza: a fé. Para dar-lhe elaboração científica, utiliza, para isso, os instrumentos críticos da história, da filosofia e das ciências humanas em função dos novos questionamentos apresentados pela situação histórica da Igreja e do mundo. O teólogo deve ser expressivo emissor da palavra no seio da comunidade com vistas à sua felicidade radical; deve ser o criador de linguagem inédita para a inspiração da comunidade de fé e da sociedade. Sob a assistência do Espírito Santo, o teólogo, antes de falar de Deus, deverá fazer sua experiência com Deus e fazer uma teologia genuflecta.

Acredita-se que o estudo apresentado tenha contribuído com o povo de Deus. Ficou registrada a imprescindibilidade da Sabedoria da Cruz de Cristo na vida do cristão como experiência de salvação. Assim, finalizamos este estudo, cientes de que não vimos tudo e talvez nem tenhamos visto da forma mais apropriada. O desafio de adentrar no mistério Sabedoria da Cruz de Cristo é muito grande. Trata-se de uma tarefa por demais dificultosa. Contudo, foi com muita dedicação que fizemos a nossa pesquisa e acreditamos que nosso esforço tenha tido um saldo positivo. Por tudo, damos graças.

REFERÊNCIAS

I FONTE: BÍBLICA

A BÍBLIA de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento. Tradução de J. Ferreira de Almeida. Revista corrigida. São Paulo: CPAD, 1995.

_____. A BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. NOVA Bíblia dos Capuchinhos. Lisboa: Difusora Bíblica, 1998.

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed., rev. São Paulo: Paulus, 1985.

BIBLEWORKS, LLC. Bible Works for Windows. Versão 7.0.012g. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2006. 1 CD-ROM.

CHAVE Bíblica. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

O NOVO Testamento Grego: com introdução em português e dicionário grego português. 4. ed. rev. Burueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

NOVO Testamento. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1987.

II FONTE: PATRÍSTICA

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

AQUINO, Tomás. **Oração de São Tomás de Aquino pedindo a sabedoria**. Disponível em: < http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?num=2744>. Acesso em: 16/03/2016.

_____. **Suma Teológica**. Súmula contra os gentios (Summa Contra Gentiles). Da coleção os pensadores. L. I-IV. Cap. I. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Suma Teológica**. Teologia –Deus –Trindade. V. 1. Parte I – Q 1-43. A. 6. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Suma Teológica**, II-II. Q. 45 e q. 46. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Suma Teológica**. São Paulo: Paulus, 2005. II-IIae., q. 4-1.

_____. **Suma Teológica**. T LLa LLae, q. 18, a 4. São Paulo: Loyola, 2006.

GREGÓRIO De Nissa. Patrística: **A criação do homem/A alma e a Ressurreição/A grande catequese**. São Paulo: Paulus, 2011.

IRENEU de Lião. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.

JUSTINO De Roma. I e II Apologias. **Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995.

SANTO ATANÁSIO. Patrística. **Contra os pagãos - a encarnação do verbo - Apologia ao imperador Constâncio - Apologia de sua Fuga - Vida e conduta de São Antão**. São Paulo: Paulus, 2010.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. **Comentário sobre as cartas de São Paulo**: Paulus, 2010.

III FONTE: MAGISTÉRIO

BENTO XVI. Carta Encíclica ***Spe Salvi*** do sumo Pontífice Bento XVI sobre a esperança cristã. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (A voz do Papa; 192).

_____. Carta Encíclica ***Deus Caritas Est*** do sumo Pontífice aos bispos, e aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. Carta Encíclica. ***Caritas In Veritate***. Do sumo Pontífice aos bispos, e aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. Exortação apostólica pós-sinodal ***Verbum Domini***. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Audiência Geral de 25 de outubro de 2006: **Paulo, perfil do homem e do Apóstolo**. Disponível em <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061025.html>portuguese. Acesso dia 11-07-16.

_____. Audiência Geral, quarta-feira, 29 de outubro de 2008. **Escândalo da cruz, sabedoria do cristão**. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 15 set. 2010.

_____. Audiência Geral. Quarta-feira, 29 de Outubro de 2008. São Paulo (10). **A importância da Cristologia - A teologia da Cruz** – Disponível em> https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029.html.< acesso dia 26-07-2016.

_____. Audiência Geral, de 27 de agosto de 2008: **São Paulo (2), A vida de São Paulo antes e depois de Damasco**. Disponível em:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080827.htmlportuguese>Acesso em 08-07-2016.

_____. Audiência Geral, Quarta-feira, 16 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 16.05.12.

_____. Audiência Geral, Quarta-feira, 27 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 27.06.12.

_____. **Le pape Benoît XVI s'adresse aux pèlerins francophones**. Disponível em: <Résurrection et Christologie pauliniennehttp://eucharistiemisericor.free.fr/index.php?page=0511082_francophone>. Acesso em 16/02/2012.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1993.

CATECHISMUS Romanus. **Ex Decreto Concilii Tridentini Ad Parochos**.

CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ. **Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização**. 3 de dezembro de 2007, n. 7. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc-concfaith-doc-20071203-nota-evangelizzazione-po.html>. Acesso em 11 de maio de 2015.

Doutrina Católica antes do vaticano segundo: **Primeiro Concílio de Nicéia** – ano 325. Disponível em: <http://doutrinacatolica-antes-vaticano2.blogspot.com.br/2014/05/concilio-de-niceia-ano-325.html?m=1>. Acesso em: 15/01/2017.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica **Salvifici Doloris**. Sobre o sentido cristão do sofrimento humano. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. Declaração: **Nostra Aetate** sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, n. 4. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo: **Dominum et Vivificantem**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Redemptor Hominis** (4 de março de 1979). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>Acesso em 19-07-2016.

_____. Carta Encíclica **Fides et Ratio**, 14 de setembro de 1998. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. **Discurso aos representantes da ciência, da cultura e dos estudos superiores na Universidade das Nações Unidas, em Hiroshima** (25 de fevereiro de 1981).

_____. Carta Apostólica **Centesimus Annus**, sobre a doutrina do pecado original. São Paulo: Paulinas, 1991, n. 25, § 3.

_____. Exortação pós-sinodal sobre a **Reconciliação e a Penitência** na missão da Igreja de hoje. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Encíclica *Ut unum sint***. n. 102. Disponível: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html>. Acesso: 29-08-2016.

_____. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. **Conclusões da Conferência de Puebla**. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.

PAULO III, Papa. **Concílio de Trento**. Disponível em: <http://www.montfort.org.br> > bra > concílios. Acesso: 22-03-2017.

PAULO VI. Constituição Pastoral ***Gaudium Et Spes***. Sobre a Igreja no mundo atual (7 de dezembro de 1965). Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em 30-08-2016. Cap. II. n. 36.

_____. Carta Encíclica ***Populorum Progressio***: Sobre o desenvolvimento dos povos. n. 42. Disponível em: <http://www.vatican.va>>. Acesso em: 27/03/2016.

JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONSTITUIÇÃO Dogmática. ***Lumen Gentium sobre a Igreja***. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO Pastoral. ***Gadium et Spes*** - sobre a Igreja no mundo atual. In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica ***Laudato Si*** – Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. ***Misericordiae Vultus***. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Bispo de Roma servo dos servos de Deus. 11 de Dezembro de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.vatican.va/roman-curia/congregations/cfaith/documents/rc-concfaith-doc-20071203-nota-evangelizzazione-po.html>>. Acesso em 13 maio de 2016.

_____. **Texto completo da homilia do Papa na Vigília Pascal 2017. 15 de abril de 2017**. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19908?l=portuguese>>. Acesso em: 27.04.2017.

_____. Exortação ***Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Carta Encíclica ***Lumen Fidei***. Sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. (ZENIT – Cidade do Vaticano.13, Mar. 2017) -Disponível em: <<http://info@zenit.org>> Acesso em 20/03/2017.

OFÍCIO DIVINO. Renovado Conforme o Decreto do Concílio Vaticano II e Promulgado pelo Papa Paulo VI. **Liturgia das Horas**. Segundo o Rito Romano III. Tempo Comum 1ª -17ª semana. São Paulo: Paulinas, 2000.

LITURGIA das horas II: segundo o rito romano. Petrópolis: Vozes, 2000.

O NOVO CATECISMO. A Fé para adultos. São Paulo: Heder, 1969.

MAGNO, Leão. Sermo 66,3; PL 54,366.

NUEVO CATECISMO PARA ADULTOS. **Versión íntegra del Catecismo Holandes**. Barcelona: Herder, 1969.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIO IX. **Ineffabilis Deus**. Dogma da Imaculada Conceição. Disponível em: <http://www.nospassosdemaria.com.br>> Acesso: 22-9-2017.

RATZINGER, JOSEPH. **Libertatis Conscientia**. Sobre a Liberdade Cristã e a Libertação, 22 de março de 1986. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.htm> Acesso em 19-07-2016.

IV: ESTUDOS ESPECÍFICOS

ÁLVAREZ, Carlos Mendonza. **Deus ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: Realizações, 2016.

_____. **O Deus escondido da pós-modernidade**. São Paulo: Realizações, 2011.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo (I)**. São Paulo: Loyola, 1989.

BARRETT, Charles Kingsley. **The Gospel According to St. John**. S.P.C.K. Londres, 1965.

_____. **The First Epistle to the Corinthians**. HNTC. New York: Harper & Row, 1968.

BAUMANN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.

_____. **Luz do mundo**. Uma conversa com Peter Seewald, São Paulo, Paulinas, 2011.

BERNARDINO, Angelo di; Andrade Cristina. **Dicionário Patrístico e de Antiguidade Cristãs**. São Paulo: Paulus, 2000.

BIRMAN, Joel. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial-rj/download/5c-Birman-02230503-port.pdf>. Acesso em 25-01-2016.

BOAVENTURA, São. **Itinerarium Mentis in Deum**. Trad. Jerônimo Jerkovic. In: De BONI, Luis Alberto, org. Obras escolhidas de São Boaventura. Edição Bilingue (Português/Latim). Porto Alegre: EST, SULINA E UCS, 1983.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**. Volume I. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo, 2014.

BONHOEFFER. Dietrich. **Resistência e submissão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

BRADLEY, Keith R. **Slaves and Masters in the roman Empire**. A Study in social Control. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto**: Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: 2008.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa**. As novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **A missão evangelizadora no contexto atual**. Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER Joseph A.; MURPHY Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 2007.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: EPU, 1962.

CASAGRANDE, Vera Lúcia M. **O Meu Redentor Está Vivo**. Arapongas-Pr: Sagrada Família, 2014.

CASAGRANDE, Vera Lúcia M.; ARTUSO, Vicente; CATENASSI, F. Z.; As estruturas retóricas paulinas em traduções em português um estudo de 1 Coríntios 1,17-25. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXV. Nº 89. Janeiro: 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3463289/As estruturas retóricas paulinas em](https://www.academia.edu/3463289/As_estruturas_retóricas_paulinas_em)

traduções em português um estudo de 1 Cor³%ADntios 1,17-25>. Acesso em: 06-07-2017.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Org.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COZELMANN, Hans. **Paulus und die Weisheit**, NTS 12.

DI BERARDINO, Ângelo (org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. São Paulo/ Petrópolis: Paulus/ Vozes, 2002.

DUNN. James D.G. **Christology in the Making**. Philadelphia, Westminster, 1980.

_____. **The theology of the Apostle Paul**. Grand Rapids, MI 1998.

_____. **The theology of Paul the Apostle**. Michigan: Eerdmann Publishing Co., 2006.

DUQUOC, Christian. **Le Déplacement de la Question de Dieu à Celle de Sa Localisation**. Concilium, n. 242. p. 19. 1992 [T. do A.].

EICHER, Peter. Cruz/Sofrimento. In:_____. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FERRATER, Mora José. In Niilismo. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

FIORES, Stefano de. GOFFI, Tullo. Cruz. In:_____. **Dicionário de Espiritualidade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FITZMYER, Joseph A. **Crucifixion in Ancient Palestine, Qumran Literature, and the New Testament**. In: AdvanNe the Gospel: New Testament Essays. New York: Crossroad, 1981.

GIANETTI, A. Eduardo. **Dicionário das Citações**. São Paulo: Companhia das letras. 2008.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1994.

GILLINGHAN, Riichard. "**Práxis and the Contento of Theology in Gustavo Gutiérrez's Theological Methodology: a Comparative Critiqué**". Quodlibet. On Line Journal of Theology et Philosophy, v. VII, n. 2, abril. 2005. Disponível em <http://www.quodlibet.net>.

GIORDANO, Maria Tereza. **La Parola Della Croce: L'Itinerario Paradossale dela sapienza divina In ICor 1,18-3,4**. Roma: Editrice Ponificia Università Gregoriana, 2010.

GIRARD, René. **Eu vi Satanás cair do céu como um raio**. Lisboa: Grasses e Fasquelle, 1999.

HAUGHT, John F. **Mistério e Promessa**. Teologia da Revelação. São Paulo: Paulus, 1998.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HENGEL, Martin. **Mors turpissima crucis in der antiken welt und die Torheit des Wortes vom Kreuz**. Tubinga: Mohr, 1976.

_____. **Crocifissione ed espiazione**, Paideia, Brescia 1988.

_____. **Crucifixion**. Londres: 1977.

_____. **La crucifixion dans l'Antiquité et la folie du message de la Croix** (ed. Orig. fr.). Paris, 1981.

_____. **Crucifixion in the Ancient Word and the Folly of the Message of the Cross**. Philadelphia: Fortress, 1977.

HORSLEY, Richard A. "**Paul's Assembly in Corinth: An Alternative Society**," in *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches* (ed. Daniel N. Schowalter and Steven J. Friesen; Harvard theological Studies 53, Cambridge, Mass, and London: Harvard University Press, 2005.

HURTADO, Larry W. **Convert, Apostate or the apostle nations. The conversion of Paul in recente scholarship**. Vol. 22. n. 3. 1993.

JENNI, Ernst; WESTERMANN. **Diccionario Teologico Manual Del Antiguo Testamento**. Ediciones Crsitiandad: Madrid, 1990.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. 15. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

LACOSTE, Jean-Yves. Paixão. In:_____. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

LANCEROS, Patxi, ORTIZ-OSÉS, Andrés. **Diccionario de Hermeneutica. In: Nihilismo**. Universidad de Deusto Colección, 2004.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIFTIN, Duane. **St. Paul's theology of proclamation: 1 Corinthians 1,4 and Greco-Roman rhetoric**. Cambridge: Cambridge University, 1994.

LYOTARD, François-Jean. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1994.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. **Ciência e Sabedoria**: um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **O Deus Crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

MORRIS, Leon. **I Coríntios**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1981.

MURPHY O'CONNOR, Jerome. **São Paulo e a Moral do nossos Tempos**. São Paulo: Paulinas, 1972.

_____. **St. Paul's Corinth**: Texts and Archaeology, GNS, 6, Wilmington, DE, Michael Glasier, 1983.

_____. Primeira Carta aos Coríntios. In: BROWN, Raymond E.; FITZ-MYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Editores). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Academia Cristã/Paulus: Santo André, 2011.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PASSOS, João Délcio; SANCHEZ, Wagner L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

PIKAZA, Xabier. O. de M., e SILANES, Nereo. **Dicínio Teológico o Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998.

QUEIRUGA, André Torres. **Um Deus para hoje**. São Paulo: 1998.

ROSSANO, Pietro. **Le Lettere di San Paolo**. Roma: Paoline, 1978.

_____. **Nuovissima Versione Della Biblia**. Le Lettere Di San Paolo. n. 47. Torino: Edizione Paoline. 1985.

SANDERS, Guy D. R. **Urban Corinth: na introduction**. In: SCHOWALTER, Daniel N.; FRESEN, Steven J. Urban religion in Roman Corinth: interdisciplinary approaches. Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005.

SANTOS, F. Jair. **O que é pós-moderno**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

SCHNELLE, Udo. **Paulo vida e pensamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2010.

STEIN, Edith. **A Ciência da Cruz**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

THISELTON, Anthony C. **The First Epistle to the Corinthians**. Grand Rapids: Herdmans, 2000.

VAN THUAN, François X. N. **Testemunhas da Esperança**. São Paulo: Cidade Nova, 2014.

WALTERS, J. **Civic identity in Roman Corinth and its impact on Early Christians**. In: SCHOWAL – TER, D. N.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**. Manual de Metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

V: LITERATURA DE APOIO

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **El Reino y la Gloria**. Por uma Genealogia Teológica de la Economía y el Gobierno. Valencia: Pre-Textos, 2008.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Inf. 2, 28. Disponível <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb0002a.pdf>. Acesso dia 11-06-16.

ALISON, James. **Jesus, the Forgiving Victim**. Listeningn for the Unheard Voice, 2012. Disponível em: <http://forgivingvictim.com/home/the-course/introduction/>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

ALVES, Rubem Azevedo. **A theology of human hope**. New York: Corpus Books. 1969.

ANDERSON Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____. **Rhetorica**, 1358 b. 3. Tome I: livre Tome II: livre III, Texte établi par M. Dufour – al., CUFr., Paris 1932.

ARTUSO, Vicente. **Carta aos Romanos**. Londrina: [s.n.], 2008. Apostila.

AUNE, David E. **Romans as a Logos Protreptikos**. The Romanans Debate. Ed. Donfried.

BAIRD, Robert Willian. **One Against the Other. Intra-Church Conflict in: 1 Corinthians. in The Conversation Continues: Studies in Paul & John In Honor of J. Louis Martyn** (ed. Robert T. Fortna and Beverly R. Gaventa; Nashville: Abingdon Press, 1990.

BALTHASAR, Hans Urs von. **Cattolico – Aspetto del Mistero**: Madri, ed Encuentro, 1988.

_____. *Mysterium Paschale, in Mysterium Salutis*, III, 2, Einsiedeln, 1969.

_____. *Pâques, le Mystère*, Cerf. Paris, 1996.

BANKS, Robert J. *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Historical Setting*. Eerdmans: Grand Rapids, 1980.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo (II)*. São Paulo: Loyola, 1991.

BARBOUR, Robin. *Wisdom and the Cross in 1 Corinthians 1 and 2*. In: *Theologia Crucis, Sigmus Crucis: Festschrift für Erich Dinkler*. C. Andresen & G. Klein (orgs.). Tübingen, J.C.B. Mohr, 1919.

BARCLAY, William. *The Letters to the Corinthians*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e Simulação*. Lisboa: Relógio D' Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMGARTEN, Jorg. *Paulus und die Apokalyptik D. Auslegung apokalypt Ueberlieferungen in den dechten Paulusbriefen (Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testamento)* (German Editon). Neukirchen: 1975.

BAUMGARTNER, Isidor. *Psicologia Pastoral. Introducción a la praxis de la pastoral curativa*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997.

BEAUCHAMP, Paul. *Le salut corporel des justes et la conclusion du livre de la Sagesse*, Bib 45, 1964.

BECKER, Jürgen. *Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã Ltda, 2007.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Quand un tissu social se déchire*. In: H. A. M. Mullre & D. Villepelet, *Risquer la foi dans nos sociétés. Églises d' Amérique latine et s'Europe em dialogue*.

_____. *Religião: crer ou consumir? Revista Vida Pastoral*, jul./ago. 2000.

BENOIT, Pierre. *Paixão e Ressurreição do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BERGOGLIO, Jorge Mario; SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e terra*. São Paulo: Paralela, 2013.

BERGSON, Henri. *Les deux sources de la morale et de la religion*. 164. ed. Paris: PUF, 1967.

BERNSTEIN, Richard J. *Habermas and modernity*. Oxford, 1985.

BETZ, Hans Diert. **Der Apostel Paulus und die sokratische Tradition**. Mohr, Tübingen, 1972.

BIGO, Pierre; D' Avila, Fernando Bastos. **Fé crista e compromisso social**. São Paulo: Paulinas, 1982.

BIGUZZI, Giancarlo. **Composizione di 1Cor 1-4**. Roma: [s.n.]. Apostila, 2001.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 2006.

_____. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial-rj/download/5c-Birman-02230503-port.pdf>. Acesso em 25-01-2016.

BLANK, Josef. **El Evangelio Segun San Juan**. Barcelona: Herder.

BLINZLER, Josef. **Der Prozess Jesu, Regensburg**. 1960.

BLOCH, Ernst; FACKENHEIM, Emil L.; MOLTMANN, Jurgen; CAPPS, W.H. **El futuro de la esperanza**. Salamanca: Sígueme, 1973.

BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados?** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Hablemos de la outra vida**. Santander: Sal e Terrae, 1978.

_____. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002.

_____. **Paixão de Cristo paixão do mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOISMARD, Marie-Emile. **El Prólogo de San Juan**. Madri: Fax, 1967.

BOMBANATTO, Vera Lúcia. **Seguimento de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2002.

BORN, Adrianus Van Den (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORTOLINI, José. **A primeira Carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Como ler o Evangelho de João**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BOSCH, Jordi Sánchez. **Escritos paulinos**. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

BOSENIUS, B. **Die Abwesenheit des Apostels als theologisches programm. Der zweite Korintherbrief als Beispiel für die Brieflichkeit der paulinischen Theologie.** In TANZ 11. Tübingen: 1994.

BRADLEY, Keith R. **Slaves and Masters in the roman Empire.** A Study in social Control. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987.

BRIGHT, John. **História de Israel.** 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BROCKE, Christoph vom. **Thessaloniki. Stad des Kassander und Gemeinde des Paulus:** eine frühe christliche Gemeinde in ihrer heidnischen Umwelt. Tübingen: 2001.

BROWN, Raymond Edward. **The Death of the Messiah.** Nova York, 1994.

_____. **Introducción a la Nuevo Testamento.** Salamanca: Sígueme, 2001.

_____. **Introdução ao Novo Testamento:** São Paulo, Paulinas, 2004.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1965.

BULHÕES, Maria Amélia. **Identidade, uma memória enfrentada.** In: SOUSA, Edson Luiz André (Org.). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento.** Santo André-SP: Academia Cristã, 2008.

_____. **Das Verhältnis der urchristlichen Christusbotschaft zum historischen Jesus.** Exegetica, 1960.

BÜNKER, Michael. **Briefformular und Rhetorische.** Disposition in 1. Korintherbrief. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1984.

BRUCE, Frederick Fyvie. **1 and 2 Corinthians.** NCB. Eerdmans: Grand Rapids, 1970.

CANTALAMESSA, Ranieiro. **O Canto do Espírito:** meditação sobre o Veni Creator. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Audiência Geral de 25 de outubro de 2006: **Paulo, perfil do homem e do Apóstolo.** Disponível em <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061025.html>portuguese. Acesso dia 11-07-16.

_____. **Jesus deu sentido e fecundidade à dor.** Domingo, 20 de janeiro de 2008. (ZENIT.org).-Disponível em: <http://www.zenit.org>>article 16053?l=portuguese. Acesso em: 28 de nov. de 2012.

_____. **Quem busca Jesus sem a cruz encontrará a cruz sem Jesus.** Disponível em: <<http://www.zenit.org>>article-16053?l=portuguese. Sexta-feira, 7 de setembro de 2007. Acesso em: 5 set. 2010.

_____. **Temos um grande sumo Sacerdote.** Sexta-feira, 2 de abril de 2010. (ZENIT.org).-Disponível em: <http://www.zenit.org>>article-16053?l=portuguese. Acesso em: 15 set. 2011.

_____. (ZENIT – Cidade do Vaticano, 14 Abril, 2017). **Pregação da Sexta-feira Santa de 2017**, na Basílica de São Pedro. Disponível em: <<http://pt.zenit.org/articles/texto-completo-da-pregação-da-sexta-feira-santa-2017-do-pe-ranieiro-cantalamesa-ofmcap> > =portuguese>Acesso em: 16/04/2017.

CARDEDAL, Olegario González de. **Jesucristo Redentor del hombre.** Esbozo de una soteriología crítica, em Semanas de estudos trinitários, XVIII: Cristo, Redentor del hombre: Salamanca: 1989.

CASAGRANDE, Moacir. O seguimento de Jesus na inserção espiritualidade. **Revista Convergência**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 306, p. 496-511, out., 1997.

CASSIRER, Ernst. **The philosophy of Enlighenmet.** Princepton. Nova Jersey, 1951.

CASTIÑEIRA, Ángel. **A experiência de Deus na pós-modernidade.** São Paulo: Loyola, 2005.

CENTRE DE MYSTIQUE CHRETIENNE. Texto anônimo. Disponível em: <<http://www.cmchr.net/En-Ta-Presence.html>>. Acesso em: 16/03/2016.

CERFAUX, Lucien. **The Church in the Theology of St. Paul.** New York: Herder, 1959.

_____. **Cristo na Teologia de Paulo.** Santo André: Academia Cristã, 2012.

CLARAVAL, Bernardo de. **Tratado do amor de Deus**, cap. VIII-X; Na inauguração da Segunda Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II (29 de setembro de 1963) | Paulo VI. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html

CLAUDEL, Paul apud DELUMEU. Jean. L'Espérance chrétienne. Revue-Theologicum.fr, Paris, 2012. Disponível em : <<http://www.catho-theo.net/spip.php?article228>>. Acessado em: 01/06/2016.

CIAMPAS, Roy E.; RONER, Brian S. **The First Letter to the Corinthians (The Pillar New Testament Commentary).** Grand Rapids, Mi: Eerdmans, 2010.

COHEN, Herman. **El Próximo.** Cuatro Estudios sobre la Correlación de Ser Humano según la Doctrina del Judísmo. Madrid: Anthropos, 2004.

_____. **“La Religion dans les Limites de la Philosophie”.** Paris: Cerf, 1990.

- COHN, Haim Herman. *The Trial and death of Jesus*. Londres: 1972.
- COLLINS, Raymond F. *First Corinthians*. Collegeville: The Order of St. Benedict, 1999.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. Introdução às Teorias do Contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- CONGAR, Yves Marie-Joseph. *El Espíritu Santo*. Barceloma: Herder, 1983.
- CONY, Carlos Heitor. “A internet e a roda”, em a Folha de São Paulo, 20 de maio de 2010.
- COSTARD, Larissa. *A "utopia estético-política da arte": a arte como parte da estratégia revolucionária na obra de Mario Pedrosa*. Niterói, UFF, 2010.
- COZELMANN, Hans. *Paulus und die weisheit*. NTS 12.
- COUSAR, Charles B. *A Theology of the Cross*. Minneapolis: Fortress, 1990; LUZ, U. Theologia Crucis als Mitte der Theologie im Neuen Testament. EsT 34, 1974.
- CRENSHAW, James L. *Old Testament wisdom*. Atlanta: John Knox, 1981.
- CROATTO, Severino. *Liberación y libertad*. Pautas Hermenéuticas: Lima: CEP, 1978.
- CROSSETTE, Barbara. “País rico se medica em excesso, diz ONU”, em FSP, 22 de fevereiro de 2001.
- CULMONT, F. *Die orientalischen Religionen im römischen Heidentum* (Damstadt: 1975).
- CULLMANN, Oscar. *Immortality of the Soul or Resurrection of the Resurrection of the Dead?* London: Epworth, 1958.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEINES, Roland. Die Pharisäer. *Lhr Verständnis im Spiegel der christlichen und jüdischen Forschung seit Wellhausen und Graetz* (Wunt 101; Tübingen: Mohr [Siebeck], 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum: sobre as sociedades de controle*. In: DELEUZE, Gilles Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELLING G. *Die Bewältigung der Diaspora-Situation durch das hellenistische Judentum*. Berlim: 1987.
- DIDAQUÉ. Petrópolis: Vozes, 1983.

DREIFUSS, René Armand. **A época das perplexidades** - Mundialização, globalização e planetarização: novos desafios. Petrópolis: Vozes, 2004.

DRIVER, John. ***Understanding the Atonement for the Mission of the Church***. Scottdale, PA, Herard, 1986.

DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

DUMÉRY, Henry. ***Ineffable***. In: Encyclopaedia Universalis en ligne, 2012. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/ineffable/>>. Acesso em: 27/03/2016.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUNN, James G. **Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

_____. ***Paul's Understanding of the Death of Jesus as Sacrifice***. In: Sacrifice and Redemption: Durharn Essays in Theology. S. W. Sykes (org.). Cambridge University Press, 1991.

DUPONT, Jacques. ***Lés Béatitudes***. Bruxelas: Lovaiana, 1958.

DUPUY, Jean Pierre; DEGUY, Michel (orgs.). ***René Girard et le Problème du Mal***. Paris: Grasset, 1982.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EBNER, Martin. ***Leidenslisten und Apostelbrief***. fzb 66. Würzburg, 1991.

ELLIS, Earle E. ***Prophecy and hermeneutic in early Cristianity***. New testament essays. Tübingen: Mohr, 1978.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Para entender pós-Modernidade**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

EVANGELHOS APÓCRIFOS. – **Assunção de Moisés**. Disponível em <<https://docs.google.com/document/edit>>. Acesso em 13/05/2016.

FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988.

_____. **Paulo Apóstolo dos gentios**. 5. ed. São Paulo: Paulinas. 2008.

FEATHERSTONE, Mike. “***In Pursuit of the Postmodern***”, *in theory Culture and Society*, S (2-3), junho de 1988.

FERREIRA, Antonio Joel. **Primeira Carta aos Coríntios**. A Sabedoria Cristã e Busca da Sociedade Alternativa. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FÍLON DE ALEXANDRIA. Leg. All. 1,43.

FITZMYER, Joseph. A. **Crucifixion in Ancient Palestine, Qumran Literature, and the New Testament**. In: *Advance the Gospel: New Testament Essays*. New York: Crossroad, 1981.

_____. **Reconciliation in Pauline Theology**. In: *To Advance the Gospel: New Testament Studies*. New York: Crossroad, b - 1981.

_____. **First Corinthians**. New Haven and London: Yale University Press, 2008.

FORTE, Bruno. **Inquietudini della trascendenza**. Brescia: Morcelliana, 2005.

_____. **La bellezza: uma via per l'unità? Studi ecumenici**, Veneza, n. 26, 2008.

_____. **A teologia como memória e profecia: Introdução ao sentido e ao método da teologia como manual da história**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FORTEA, José Antonio. **Svmma Daemoniaca** - Tratado de demonologia e manual de exorcistas. São Paulo: Palavra & Prece, 2010.

FREYNE, Sean. **Galilee, Jesus and the Gospels. Literary Approches and Historical Investigations**. Philadelphia: Fortress Press, 1988.

FRIEDRICH, Gerhard. **Verkündigung des Todes Jesu im Neuen Testament**. BThST 6. Neukirchen: 1982.

FRIESEN, Steven J. **Urban religion in Roman Corinth: interdisciplinary approaches**. Massachusetts: Harvad Theological Studes: 2005.

FRITJOF, Capra. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2000.

FROMM, Eric. **Anatomía de la destructividad humana**. Madrid, 1980.

FOUCAULD, Charles. **Méditation: retraite à Nazareth 8 novembre 1897 – La dernière place**. Paris Nouvelle Cité, 2002.

_____. **Carnets de Tamanrasset (1905-1916)**. Paris: Nouvelle Cité, 1986.

_____. **Meditations sur la visitation 1898 apud Fraternité Seculière Charles de Foucauld en Afrique. Vivons l'Évangile avec Charles de Foucauld**. Cotonou (Benin), 1998. Disponível em: <http://www.charlesdefoucauld.org/docs/3-vivonsevangile_fr.pdf>. Acesso em: 29/12/2016.

_____. **A l'abbé Caron, 11 mars 1909 - XXV lettres inédites** – Paris: Bonne Presse, 1947. Apud Fraternité Seculière Charles de Foucauld en Afrique. Vivons l'Évangile avec Charles de Foucauld. Cotonou (Benin), 1998. Disponível em:

GANOZY, Alexandre. **Dieu, grace pour le monde**. Paris: Desclée, 1986.

GARLAND, David E. **1 Corinthians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

GARMUS, Ludovico. Os últimos momentos de Jesus no alto da Cruz. **Grande Sinal: Revista de Espiritualidade**. Petrópolis, v. 62, n. 2, pp.149-160, mar. 2008.

GARNSEY, Peter. **Famine and Food Supply in the Graeco Roman World**. Cambridge University Press: 1988.

GÄRTNER, Bertik. **The Aeropagus Speech and Natural Revelation**. Uppsala: Gleerup, 1955.

GEFFRÉ, Claude. **Pâques ou la victoire de la foi**. Disponível em: <http://www.dominicains.fr/menu/nav_magazine/Communautes/Couvents-de-France/Couvent-SaintJacques/Homelies-du-couvent-Saint-Jacques/Paques-ou-la-victoire-de-la-foi>. Acesso em: 10/06/2017.

_____. **Dieu mystère de gratuité**. In: HOUZIAUX, Alain (dir.). Dieu, c'est quoi finalement? Paris: L'Atelier, 2005.

_____. **Esquisse d'une théologie de la Révélation**. In: Paul Ricoeur et al. La Révélation. Bruxelles, Fac. Univ. de Saint-Louis, pp. 171—205, 1977.

_____. **La Modernité: um Défi pour le Christianisme et l'Islam**. Chemins du Dialogue, v. X, n. 18. Paris, 2001.

_____. **Le christianisme au risque de l'interprétation**. 2. ed. Paris: Cerf, 1988.

_____. **Livre et parole de Dieu dans chacune des religions monothéistes**. In: RICHARD-MOLARD, Georges (dir.). Colloque sur le Dieu unique.

_____. **Passion de l'homme passion de Dieu**. Paris: Cerf, 1991.

_____. **Um nouvel âge de la théologie**. Paris: Cerf, 1972.

_____. **“Théologie de l'Incarnation et Théologie des Signes des Temps”**. In: Joseph Doré e Jacques Fantino, Marie-Dominique Chenu. Moyen Âge et Modernité. Paris: Centre d'Études du Saulchoir, 1997.

_____. **Dieu: la affirmation de Dieu**. In: Encyclopaedia Universalis en ligne, 2010. Disponível em : <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/dieu-l-affirmation-de-dieu/>>. Acesso em: 09-02-2007.

GEHRING, Roger W. **Hausgemeinde und Mission**. Die Bedeutung antiker Häuser und Hausgemeinschaften –von Jesus bis Paulus, BWM 9. Giessen: Brunen Verlag, 2000.

GESCHÉ, Adolphe A. **O ser humano**. São Paulo: paulinas, 2003.

GESE, Hartmut. **Die Weisheit, der Menschensohn und die Urprünge der Christologie als consequente Entfaltung der biblischen Theologie**. SEA 39, 1979.

GETTY, M. A. 1 Coríntios. I., KARRIS, Robert J. (org.). **Comentário bíblico**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GIANETTI, Eduardo. **Dicionário das citações**. São Paulo, Companhia das letras. 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Sao Paulo: Paulus, 2004.

GODET, Frédéric. **Commentaire sur L'Évangile de Saint Jean**. Disponível em: <http://epelorient.free.fr/godet/godet_jean/godet_jean_59.html#htc167>. Acesso em 10/01/2012.

GRASS, Hans. **Ostergeschehen und Osterberichte**. Göttingen: 1961.

GRENZ, Stanley James. **Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida, 2008.

GRESHAKE, Gisbert. **Más fuertes que la muerte**. Lectura esperanzada de los novísimos. Santander: Sal e Terrae, 1981.

GRUEN, Wolfgang. **O ensino religioso na escola**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUARDINI, Romano. **Das Ende der Neuzeit**. Ein Versuch zur Orientierung. Basileia, 1950.

_____. **El servicio al prójimo em peligro**. Madri: Guadalarrama, 1960.

GÜNTHER et al, W. **Love**. NIDTT 2, 1968.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **El Dios de la vida**. Lima: CEP, 1989.

_____. **La Force Historique des Pauvres**. Paris, Cerf, 1986.

HAACKER, Klaus. **Zum Werdegang des Apostels Paulus**. ANRW 26.2. Nova Iorque: 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Mordernity: na incomplete preject**. In H. Foster, Hal (Org). Postmodern Culture. Londres e Sidney, 1985.

HALE, David B. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HAMERTON-KELLY, R. G. **Pre-existence, Wisdom, and the Sono f Man**. SNTSMS 21, Cambridge, University Press, 1973.

HAMILTON, Neil Quinn. **The holy Spirit and Eschatology in Paul**. Edinburg, 1957.

HANS, Jonas. **Le Concept de Dieu Après Auschwitz**. Paris, Payot Et Rivages, 1994.

HAHNER, Karl. **Teologia dall'esperienza dello Spirito, em Nuovi Saggi, San Paolo**. Roma, 1978.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HASSAN, Ibad. **The Questiono f Postmodernism**. In: H. Garvin (sob a dir. de), Romanticism, Modrnism, Postmodernism. Toronto, 1980.

HEIL, John Paul. **The rhetorical role of Scripture in 1 Corintians**. Atlanta: Society of Biblical Literatuere, 2005.

HOEFELMAUN, Verner. Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis, n. 25, pp. 21-33, 1990.

HOFFMANN, Norbert. **Sühne – Zur Theologie der Stellvertretung**. Einsiedeln: [s. e.], 1981.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. **The dialectic of Enlightenment**. Nova York, 1972.

HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2008.

HÜGEL, Friedrich von Baron. **The Mystical elemento Of Religion**. Vol I. 1823.

HURTADO, Larry W. **Convert, Apostate or the apostle nations**. The conversion of Paul in recente scholarship. Vol. 22. n. 3. 1993.

ILLICH D'Ivan. Esprit (Août-septembre 2010) Actualité d'Ivan Illich. (Tradução Érico Nogueira). **"A Actualité d'Ivan Illich"**, Esprit, ago.-set. 2010. Disponível em: <http://www.esprit.presse.fr/archive/review/detail.php?code=2010-8/9>. Acesso em novembro de 2016.

IWAND, Hans Joachim. **Christologievorlesung** (não foi publicado). Citado conforme B. Klappert, Diskussion um Kreuz und Auferstehung, 1967.

JAMESON, Frederic. **A virada Cultural** – reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Pós-Modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo. Ática, 2004.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. Pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus, 1983.

_____. **Jerusalém zur Zeit Jesu**. MW Books, 1961.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1994.

JÜNGEL, Ebehard. **Dieu mystère du monde**. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre théisme et athéisme. Tome 2. Paris: Cerf, 1983.

KARRIS, Robert J. (org.). **Comentário bíblico**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 196.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: companhia das Letras, 2002.

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Paumape, 1979.

KIM, Seyoon. **The Origin of Paul's Gospel**. Grand Rapids, Eerdmans, 1981.

KLOPPENBURG, Boaventura, OFM. **Ágape o amor do cristão**. São Paulo: Loyola, 1998.

KOUBETCH, Volodemer. **Da criação a parúsia – linhas mestras da teologia cristã oriental**. São Paulo: Paulinas, 2004.

KOESTER, Helmut. **Paul and His World**. Interpretine the New Testament in Its Context. Minneapolis: Fortress, 2007.

KUHN, H. Wolfgang. **Die Kreuzesstrafe während der frühen Kaiserzeit**. ANRW II 25/1. Berlim: 1982.

_____. **Jesus als Gekreuzigter, in der frühchristlichen Verkündigung bis zur Mitte** des 2...Aufl., EWNT 3, 1992.

_____. **Jesus als Gekreuzigter**. ZThK 72, Berlim: 1975.

KÜNG, Hans. **The Church**. London: Burns & Oates, 1968.

_____. **Introdução: o debate sobre o conceito de religião**. Concilium, 1986.

LADARIA, Luiz Francisco. **O Deus vivo e verdadeiro**. São Paulo: Loyola, 2005.

LADD, George Eldon. **Crucial Questions about the Kingdom of God**. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

LAMPE, Peter. *Theological wisdom and the “Word about the cross”*. The rhetorical scheme in 1Corinthians 1-4. Interpretation, New York, v. 44, 1990.

LASCH, Watson Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução por Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo, 2014.

LÉON-DUFOR, Xavier. *Passion* (Récits de la), DBS 6, 1960.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Autrement qu’Être, Au Au-delà de l’Essence*. Paris, Le Livre de Poche, Biblio Essais, 1990.

LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

LIEFELD, Walter L. *Salvation*. ISBE 4. 1967.

LIMA VAZ, Henrique C. **Escritos da filosofia III**. Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola. 2002.

LIPOVESTSKY, Gilles. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. *Filósofo e professor da Universidade de Grenoble*. Disponível e: ><http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/09.-Entrevista-a-Lipovetsky.pdf>> acesso em: 20-07-2016.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES Sébastien: **“Os Tempos Hipermodernos”**. Edições 70, 2011.

LIUDVIK, Caio. Filosofia da insurreição. **Revista Cult**, ed. 170.

LIVI, Antonio. Tommaso d’Aquino. Il futuro del pensiero cristiano. Milano, 1997.

LONERGAN, Bernard. *Pour une méthode en théologie*. Nova York: Herder and Herder, 1972.

LORASCHI, Celso. **Da Igreja de Atos dos Apóstolos à Igreja que sonhamos**. Londrina, 2010. Apostila apresentada na Semana Teológica do curso de teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Câmpus Londrina.

LÜDEMANN, Gerd. *Das frühe Christentum nach den Traditionen der Apostelgeschichte*: ein Kommentar. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1987.

LÜDEMANN, Die. ***Auferstehung Jesu***. Göttingen 1994.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. Vol. 1. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987.

LUZ, Ulrich. ***Theologia Crucis als Miltte der Theologie im Neuen Testament***. EvT 34, 1974.

LYOTARD, Jean-François. ***Defining the Postmodern. Complexity and the Sublime. Response to Kenneth Frampton, Brief Reflections on Popular Culture***. In: L. Appignanesi (sob a dir. de), *Postmodernism: ICA Documents*. Londres, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAIER, Paul L. ***Josefo Los Escritos esenciales***. Edición ilustrada de Antigüedades de los judíos y Las guerras de los judíos. Michigan, USA: Editorial Portavoz, 1992.

MAIER, Johann. ***Zwischen den Testamenten***. Geschichte und religion in der Zeit des Zweiten Tempels. (NEchtB Erg.band/AT 3; Würzburg: Echter 1990.

MARDONDES, José Maria. ***Para comprender las nuevas formas de la religión***. Navarra: Verbo Divino, 1994.

_____. ***Neoliberalismo y religión***. Pamplona, Espanha: Verbo Divino, 1998.

MARIANO, Belarmino Neto. **Geografia: textos, contextos e pretextos para o planejamento ambiental**. Guarabira: São Paulo, 2003.

MARTIN, Ralph P. ***Carmen Christi: Philippians 2:5-11***. ed. rer. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.

MARXSEN, Willi. ***Die Auferstehung Jesu von Nazareth***. Güterslon, 1968.

_____. **La resurreccion de Jesus de Nazaret**. Barcelona: Herder, 197.

McGRATH, Alister E. ***Luther's Theology of the Cross***. Oxford: Blackwell, 1985.

MEIER, John P. ***A Marginal Jew. Rethinking the Historical Jesus III***. ABRL. Nova Iorque: 2001.

MENASSE, Robert. ***El mayor error histórico há sido la "História"***. In Humboldt 117 (1996).

MERTON, Thomas. **Novas Sementes de Contemplação**. Rio de Janeiro: Fesus Ltda, 2004.

METTINGER, Tryggve N. D. **O Significado e a Mensagem Dos Nomes De Deus Na Bíblia**. São Paulo: Academia Cristã, 2008.

MILBANK, John. **Teología y Teoría Social**. Más Allá de la Razón Secular. Barcelona, Herder, 2006.

MITCHELL, Margaret Mary. **Paul and the Rhetoric of Reconciliation: An Exegetical Investigation of the Language and Composition of 1 Corinthians** (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992).

MOFFATT, James. **Love in the New Testament**. London: Hodder & Stoughton, 1929.

MOLTMANN, Jürgen; METZ J. B. **El dolor de Dios: una discusión teológica**. Apud: CORMENZANA, F. J. V. Jürgen Moltmann. El fin de la indiferencia. Sal terrae: revista de teología pastoral, t. 86/10, n. 1006, p. 852-853, nov./1997.

MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2009.

_____. **In der Geschichte des Dreieinigen Gottes**. Beiträge zur trinitarischen theologie. Zurück: Gütersloher Verlagshaus.

_____. **O Espírito da Vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Quem é Jesus Cristo para nós hoje?** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **El Dios crucificado**. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 311.

_____. **La pasión de Cristo y el dolor de Dios**. Selecciones de teología, Barcelona, v. 33, n. 129, p. 17-24, ene./mar. 1994.

_____. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

MONTOYA, Ángel Méndez. **El Festín del deseo**. Hacia una Teología alimentaria. México, Jus, 2001.

MORRIS, Leons. **The Apostolic Preaching of the Cross**. Eerdmans: Grand Rapids, 1955.

NADEAU, Marcel. **L'expérience de Dieu avec Charles de Foucauld**. Paris: Fides, 2004.

NIEBUHR, H. Richard. **O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. [Trad. de Antônio Carlos Braga]. São Paulo: Escala, 2006.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. [Trad. Delfim Santos Filho]. Lisboa: Guimarães, 1996.

_____. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NISHIDA Kitaro. **El Yo el Tú**. Apud. HEISIG, James W. Filósofos de la Nada. Um Ensayo sobre la Escuela de Kyoto. Barcelona: Herder, 2002.

NOETHLICH, Karl Leo. **Das Judentum und der römische Staat**. Minderheitetenpolitik im antiken Rom. Darmstadt: 1996.

ORTIZ, Jiménez A. **Teologia Fundamental**. La Revelación y la Fe en Heinrich Fries. Salamanca: Universidad Pontificia, 1988.

PASCAL Blaise. **Über dier Religion (Pensées)**, ed. E Wasmuth, 1946.

PANNENBERG, Wolfhart. **Jesus God and man**. 2. ed. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

_____. **Die Auferstehung Jesu**.- Historie und Theologie, ZTnK , 1971.

_____. **Grundzüge der Christologie**. Gütersloh, 1976.

PECORARO, Rosano. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jze, 2007.

PEDROSA, Mario. **Correio da Manhã**, de 26 de junho de 1966.

PEÑA, Juan Luis Ruiz de la. **La Pascua de la creación: escatología**. 3. ed. Madri: BAC/Manuales. 2000.

_____. **O dom de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PESCE, Mauro. **As duas fases da pregação de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1996.

PETERSON Erik. **Was ist der Mensch?**, in: Theologische Traktate, 1951.

PIERIS, A. KELANIYA-G. —Cristo más allá del dogma. Hacer cristología en el contexto de las religiones de los pobres (II)ll. **Revista Latinoamericana de Teología, El Salvador**, n. 53, 2001.

PIERUCCI, Antônio F. **O Desencantamento do mundo**. Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

PLATÃO. **Protágoras**. São Paulo: Matese, 1965.

POTTERIE, I. de la. **La passion de Jésus selon l'Évangelho de Jean**. Paris: 1986.

PRADO, José Luiz Gonzaga do. Paulo: o evangelizador se evangeliza. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis, v., n. 39, pp. 64-74, mês, 1993.

QUEIRUGA, André Torres. **Opción por los pobres: la justiça del Dios Cristiano**. Madri: Fundación Santa Maria, 1988.

_____. **Um Deus para hoje**. São Paulo: Paulus, 1998.

QUESNEL, Michel. **As Epístolas aos Coríntios**. São Paulo: Paulinas, 1983.

RAD, Gerhard von. **Wisdom in Israel**, Nashville: Abingdon, 1972.

RATZINZER, Joseph. **Die Geschichtstheologie des heiligen Bonaventura**. Munique, 1959.

REINMUTH, Eckart. **Narratio und argumentatio** – zur Auslegung der Jesus-Christus-Geschichte im Ersten Korintherbrief. In ZThK 92 (1995).

REISER, M. **Hat Paulus Heiden bekehrt?**. In ZThK- 1995.

RIESNER, Rainer. **Die Frühzeit des Apostles Paulus**. Tübingen: Mohr, 1994.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. A transmissão de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma economia. Mokron Books, 2000.

ROJAS, Enrique. **El hombre light**. uma vida sin valores. Madrid: Temas de Hoy, 1996.

ROSSI, Luis Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's**. Curitiba: Champagnat, 2011.

ROUANET, Paulo Sérgio. A Verdade e a Ilusão do Pós-Moderno. **Revista do Brasil**, v. 2, n. 5.

RUBIO, Afonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

RUSHANSKY, Efraim. **O Palco da História**. As Raízes Judaicas e o Cristianismo. 2. ed. Jerusalém, 2010.

SACCHI, Alessandro. **Lettere Paoline e altre lettere**. Torino: Elle Di Ci, 2002. (Logos: Corso di studi Biblici 6).

SADER, Emir e GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo II**. Que Estado para que democracia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SAINT DENYS L'AREOPAGITE. **Lettres de Saint Denys L'Aréopagite**. Les oeuvres complètes de (pseudo) saint Denis l'Aréopagite, Théologie (XII). Disponível em: <<http://docteurangelique.free.fr>>. Acesso em: 14/01/2016.

SALES, São Francisco. **Tratado do amor de Deus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANDERS, Guy D. R. **Urban Corinth: na introduction**. In: SCHOWALTER Daniel N.; FRESN, S. J. Urban religion in Roman Corinth: interdisciplinary approaches. Massachusetts: Harvard Theological Studies, 2005.

SANTA ROSA DE LIMA. **Viat mirabilis Louvain**, 1668.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. **História de uma alma**. 16. ed. São Paulo: Paulus, 1979.

SANTOS, Luciano, Gomes dos. O Mistério Pascal na obra do teólogo Hans Urs Von Balthasar. **Revista Convergência**, São Paulo, v. 41, n. 391, pp. 159-167, abr., 2006.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHANACKENBURG, R. **EL Evangelio Según San Juan**. Barcelona: Herder, 1980.

SCHEIZER, E. **Zum religionsgeschichtlichen Hintergrund der Sendungsformel Gal 4,4f., Röm 8,3f., Joh 3.16f., 1Joh 4,9**. In: Beiträge zur theologie des neuen Testaments. Zürrick/Zwingli, 1970.

SCHELER, Max. **Ordo amores**. 3. ed. Madrid: Caparrós, 2008.

SCHIMANOWSKI, Gottfried. **Weisheit und Messias**. WUNT 2/17, Tübingen, J.C. B. Mohr: 1985.

SCHNABEL, Eckhard. J. **Law and Wisdom from Bem Sira to Paul**. WUNT 2/16, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1985.

SCHNEIDER, Theodor (Org). **Manual de dogmática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. V. 2.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Church: The Human Story of God**. New York: Crossroad, 1990.

_____. **Función de la fé em la autocomprensión humana, em Las cuestiones urgentes de la teologia actual, Razón y Fe**. Madri 1970.

SCHÜTZ, J. Howard. **Paul and the Anatomy of Apostolic Authority – The New Testament Library**. University of North Carolina, Chapel Hill: 2007.

SÊNECA, L. Annaei. **Cartas a Lucílio**. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 2. ed. Livro XV, 95, 46.

SERENTHÀ, Mário. **Jesus Cristo, hoje e sempre**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1986.

SILESIUS, Angelus, apud GEFFRÉ, Claude. **Passion de l'homme passion de Dieu**. Paris: Cerf, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do Ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Valmor da. **Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus!**: teologia paulina. São Paulo: Paulinas, 2005.

SIEVERS, Joseph. **“Who Were the Pharisees?” in Hillel and Jesus**. ed. James H. Charlesworth and Loren L. Johns. Minneapolis: Fortress, 1997.

SLANE, Craig. **Bonhoeffer, o mártir**. Responsabilidade social e compromisso cristão moderno. São Paulo: Vida, 2007.

SLOYAN, Gerard S. **Jesus on Trial**. Filadélfia. 1973.

_____. **Por que Jesus morreu?** São Paulo: Paulinas, 2006.

SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1985.

SOLDER, José. **Existe o Pai Celeste?** Curitiba: Rosário, 1997.

SÖLLE, Dorothee. **Sufrimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPICQ, C. **Agape in the New Testament**. London: Herder, 1963.

STRABELI, Mauro. **Cartas dos Apóstolos: Primeira Carta aos Coríntios: explicação e atualização**. São Paulo: Paulus, 1998.

STRABO. **The Geography of Strabo**. Cambridge, Mass: Harvard University Press. London: Willian Heinemann, 1924.

STUHLMACHER, Peter. **Eighteen Theses on Paul’s Theology of the Cross**. In: Reconciliation, Law, and Righteousness. Philadelphia, fortes, 1986.

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. (Trad.) Pitro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

TAMBASCO, Anthony J. **In the Days of Paul. The Social World and Teaching of the Apostle**. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2006.

TEIXEIRA, M. Douglas. **Igrejas, seitas e agências**. Aspectos de um ecumenismo popular. Diógenes 1982.

TEMPLE, Willian. **Christus Veritas**. Londres, 1924.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Anntte. **O Jesus histórico**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

THEISSEN, Gerd. **Social Conflicts in the Corinthians Community**: Further Remarks on J.J. Meggitt, Paul, Poverty and Survival. JSNT, v. 25, n.3, 2003.

THOMASIUUS, Gottfried. **Christi Person und Werk**, 3 vol., Erlangen: 1853.

THRALL, Margaret E. ***The First and Second Letters of Paul to Corinthians***. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

TILLICH, Paul. ***La dimensão perdida***: indigência y csperanz. Desclée, 1970. Original Alemão, 1962.

_____. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Paulinas, 1988.

TILLIETTE, Xavier. ***La révélation de l'Essence. Notes sur la philosophie de Michel Henry***. In: BRETON, S. et al. *Manifestation et Révélation*. Paris: Beauchesne, 1976.

TOFFLER, Alvin. **O choque futuro**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1970.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma. Para compreender o mundo hoje**. [Trad. Gentil Avelino Tilton]. Petrópolis: Vozes, 2006.

TOYNBEE, Arnold. **A Study of History**. Vol. I-VI. Londres, 1947. MAIER, S. *Postmoderne*. HWP 7, 1989.

TOYNBEE, Arnold. IKEDA, Daisaku. **Escolha a vida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TOTH, Tihamer. **Creio em Jesucristo El Redentor**. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1942.

TRACY, David. ***The Analogical Imagination***: Christian Theology and the Culture of Pluralism. New York: Seabury, 1981.

UNNIK, Willen Cornelis van. ***Tarsus or Jerusalem. The city of Paul's Youth***. Sparsa Colletta I. NT.S 29. Leiden: 1973.

_____. ***Das Selbstverständnis der jüdischen Diaspora in der hellenistisch-römischen Zeit***, org. VAN DER HORTS, P. W. AGJU 17 (Leiden: 1993).

VATTIMO, Gianni. **A fragilidade da razão**. Pensiero debole e niilismo hermenêutico em Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. **Depois da Cristandade**. Por um cristianismo não religioso. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

_____. ***El fin del sentido emancipador de la historia***. Barcelona: Gedisa, 1986.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

VERGAUWEN, Guido. ***Wenn Die Arche Schiffbruch Erleidt. La Tâche de l'Université Face aux Limites du Savoir***. Universitas, n. 12. Friburg, dez. 2007.

VIEIRA, Paulo L. M. **A fé de Pedro e a ciência de Tomás**. Florianópolis: Xavier, 2006.

VOS, Johan S. **Die argumentation des Paulus in 1 Kor 1,10-3,4.**

WALTERS, James. **Civic identity in Roman Corinth and its impact on Early Christians.** In: SCHOWAL – TER, D. N.

WEIL, Simone. **La Pesanteur et la Grâce.** Paris: Plon, 1948.

WEIZSACKER, Carl Friedrick von. **Le Temps Press.** Paris: Cerf, 1987.

WEISS, Johannes. **Betrage zur pauliinischen Rhetark.** 1897.

WENGST, Klaus. **Pax Romana, pretensão ou realidade.** São Paulo: 1986, pp. 19-71.

WILCKENS, Ulrich. **Weisheit und Torheit.** BHT 26, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1959.

WINDISCH, Hans. **Die göttliche Weisheit der Juden und die paulinische Christologie.** In: Neutestamentliche Studien, Festschrift G. Henrici. A. Deissmann, H. Windisch (orgs.). Leipzig, Hinrichs, 1914.

WINTERS, Alicia. O Goel no Antigo Testamento. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana – RIBLA,** Petrópolis, n. 18, 1994/2.

WINDISCH, Hans. **Die göttliche Weisheit der Juden und die paulinische Christologie.** In Neutestamentliche Studien, Festschrift G. Henrici. A Deissmnn, H. Windisch (orgs.). Leipzig, Hinrichs, 1914.

WISEMAN, James. **Corinth and Rome I: 228 B.C.-A.D 267,** in ANRW n. 7.1. Nova Iorque: 1979.

WRIGHT, Georg Henrik von (Coord.). **Vermischte Bemerkungen Culture and Value.** Oxford, 1991.

XAVIER, Donizete José. **A teologia da Santíssima Trindade – Kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia.** São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005.